GERTRUDES DE HELFTA

MENSAGEIRO DA DIVINA MISERICÓRDIA

SANTA GERTRUDES DE HELFTA

O MENSAGEIRO DA DIVINA MISERICÓRDIA

Livros 1, 2 e 3

Advertência:

Trata-se de tradução livre de edição em língua espanhola para estudo e divulgação.
Há publicações em língua portuguesa.

Créditos do texto:

SANTA GERTRUDES DE HELFTA. ***El Mensajero de la Ternura Divina*.** Tradução de DANIEL GUTIÉRREZ VESGA (monge do Mosteiro de La Oliva). Monte Carmelo – Burgos, 2013. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/581302624/041-El-Mensajero-de-La-Ternura-Divina-I-BN>. Acesso 30/03/2025.

ÍNDICE

Breve biografia **4**

Prólogo **6**

Livro I: Personalidade e depoimentos sobre Gertrudes **11**

Livro II: Escrito por ela própria **74**

Livro III: Testemunhos de graças recebidas **145**

Breve Biografia

Santa Gertrudes de Helfta, a Grande (1256–c.1302)

Santa Gertrudes de Helfta, conhecida como "a Grande", foi uma mística, teóloga e monja beneditina alemã do século XIII. Nascida em 1256, provavelmente na região da Turíngia, foi entregue ainda criança ao mosteiro de Helfta, um centro intelectual e espiritual de excelência da época, onde foi educada pelas monjas, especialmente por Mechtilde de Hackeborn, também reconhecida como mística.

Aos 25 anos, Gertrudes passou por uma profunda experiência mística que transformou radicalmente sua vida. A partir desse momento, deixou de lado os estudos puramente acadêmicos para se dedicar totalmente à contemplação, à oração e à união mística com Cristo. Desenvolveu uma espiritualidade centrada no Coração de Jesus, antecipando, de forma surpreendente, a devoção que séculos depois seria propagada por Santa Margarida Maria Alacoque.

Escreveu (ou ditou) diversas obras espirituais, das quais a mais conhecida é o "Mensageiro da Divina Misericórdia" (Legatus Divinae Pietatis), uma coletânea de visões, orações e ensinamentos místicos que refletem sua profunda união com Deus e sua visão da alma como esposa de Cristo. Sua linguagem é marcada pela ternura e intimidade com o divino.

Santa Gertrudes é considerada uma das maiores místicas da Idade Média. Sua teologia não apenas edificou a vida monástica, mas também influenciou a espiritualidade cristã ocidental. Foi chamada de "a Grande" por sua profundidade espiritual e contribuição à mística cristã.

Faleceu por volta de 1302, e embora nunca tenha sido formalmente canonizada por um processo jurídico, seu culto foi aprovado e reconhecido pela Igreja. O Papa Bento XIV a chamou de "Santa Gertrudes, a Grande", um título único entre as santas mulheres.

Aprovação dos doutores

Este livro foi iniciado no ano do Senhor de 1289, sob o transbordante fluxo da graça divina. Posteriormente, foi examinado e aprovado por eminentes teólogos da Ordem dos Pregadores e dos Frades Menores, a pedido das superioras do mosteiro.

Ele foi lido e examinado primeiramente pelo irmão Henrique de Mulhousen, homem sábio e cheio do Espírito Santo. Também pelo irmão Henrique de Weriungerode, que residia no convento de Halle. O irmão Burch, que por volta do ano 1300 era leitor no convento dos Frades Menores de Halberstadt — de grande renome tanto por seu conhecimento quanto por uma graça especial de unção espiritual — também o examinou cuidadosamente.

Além disso, foi analisado com maior profundidade pelo irmão Nicolau, leitor em Hildesheim e prior de Halberstadt, por volta do ano do Senhor de 1301. Também o irmão Teodorico de Apola, que teve contato frequente com Gertrudes, deu sua plena aprovação às suas palavras e ao seu estilo.

Igualmente o Mestre Godofredo König, reconhecido mestre, ficou tão inflamado de zelo pela vontade divina ao ler as palavras de Gertrudes que, desde então, viveu toda a sua vida com admirável piedade e desejo de Deus. O mesmo ocorreu com o irmão Herman de Loweia, leitor em Leipzig da Ordem dos Pregadores, e outros da mesma Ordem, homens dignos de confiança, que, ao escutarem as palavras de Gertrudes, também deram claro testemunho sobre elas diante de Deus e de suas consciências.

Um outro, depois de ler e examinar cuidadosamente o livro, escreveu o seguinte:

"Confesso diante da verdade da luz divina que ninguém realmente possuidor do Espírito Santo de Deus ousaria rejeitar temerariamente estes escritos. Mais ainda, confortado pelo Espírito verdadeiro do único amante do gênero humano, comprometo-me a defendê-los contra qualquer um, até a morte."

PRÓLOGO

1. O Espírito Paráclito, distribuidor de todos os bens, que sopra onde quer, como quer e quando quer, busca com sabedoria o segredo para comunicar-se e estabelece a maneira mais apropriada de expressar suas comunicações para a salvação das almas, como se manifesta claramente nesta serva de Deus. Por muito tempo permaneceu nela, de forma contínua, a superabundância da ternura divina; no entanto, o Senhor determinou tempos específicos para manifestar-se. Por isso, o presente livro foi escrito em momentos distintos. Assim, uma parte foi escrita depois de oito anos de ter recebido a graça, e a outra, cerca de vinte anos depois.

2. O Senhor declarou, em ambos os momentos, que aceitava benignamente as duas partes. Após escrever a primeira parte, ela mesma a apresentou com humilde devoção ao Senhor e recebeu como resposta da sua bonísima misericórdia: "*Ninguém poderá afastar de mim a memória da superabundância da minha divina doçura*." Ela compreendeu, por essas palavras, que o Senhor queria dar ao livrinho o seguinte nome: "*Memorial da abundância da divina doçura*". O Senhor acrescentou: "*Se alguém desejar ler este livro com devoção e intenção de progresso espiritual, atraí-lo-ei a mim como se o estivesse lendo entre minhas mãos. Eu mesmo me unirei a ele nessa ação e, como costuma acontecer quando dois leem a mesma página, um percebe a respiração do outro, da mesma forma eu interiorizarei o anseio dos seus desejos e minhas*

entranhas de ternura se comoverão por ele. Soprando sobre ele o hálito da minha divindade, seu interior será renovado por meu Espírito." O Senhor disse ainda: "*Aquele que transmitir o conteúdo deste livro com a mesma intenção, derramarei sobre ele, com a doçura do meu Coração divino, tantos dardos de amor que suscitarão em sua alma doces alegrias da minha doçura divina*."

3. Enquanto escrevia a segunda parte — que cativava intensamente sua vontade —, certa noite ela se lamentava diante do Senhor a respeito disso; e Ele a arrebatou com sua costumeira ternura e lhe disse, entre outras coisas: "*Eu te fiz luz das nações, para que sejas minha salvação até os confins da terra*".

Ao perceber que Ele se referia a este livro — que mal havia começado a escrever —, ela exclamou admirada: "*Como, meu Deus, alguém pode receber a luz do conhecimento por meio deste livrinho, se nem sequer tenho o desejo de escrever muito, nem permitir que se publique o pouco que já escrevi?*"

O Senhor respondeu: "*Quando escolhi Jeremias como profeta, ele acreditava que não sabia falar, nem tinha o discernimento adequado, mas com a sua palavra corrigi povos e reinos. Do mesmo modo, tudo o que determinei iluminar com a luz do conhecimento e da verdade por meio de ti não falhará, pois nenhum homem poderá impedir minha determinação eterna, porque chamei aqueles que predestinei, e justifiquei os que chamei, da maneira que me agradava*."

4**.** Em outra ocasião, quando ela estava tentando obter do

Senhor durante a oração que ela seria capaz de resistir a escrever este livro, já que a obediência dos superiores não a obrigava a escrever com tanta força quanto em outras ocasiões, o Senhor respondeu gentilmente: "*Você não sabe que todo aquele a quem minha vontade está ligada está ligado acima de qualquer outra obediência? Portanto, se você sabe que é minha vontade, à qual ninguém pode resistir, que você escreva este livro, por que você está perturbada? Sou eu quem incita o escritor, vou ajudá-lo mais fielmente e vou manter incontaminado o que me pertence”*.

Com a sua vontade totalmente conforme ao prazer divino, disse ao Senhor: "*Querido Senhor, que título queres dar a este livrinho*?"

O Senhor responde: "*Este meu livro será chamado o Mensageiro da ternura divina, porque nele o transbordamento da minha ternura será previsto de alguma forma*".

Muito surpresa, ela diz a ele: "*Aqueles que se chamam mensageiros têm maior autoridade, que autoridade você se digna a conceder a este pequeno livro quando lhe dá esse nome?*"

O Senhor respondeu: "*Concedo, pelo poder da minha divindade, que quem o ler com reta intenção e tentar dar um bom exemplo para minha glória, obterá o perdão dos pecados veniais, obterá a graça de consolo espiritual e estará disposto a maiores graças*".

5. Então ela reconheceu que é agradável ao Senhor que ambas as partes do livro sejam unidas em uma. Ela pergunta, com

fervorosas orações, como uni-los, quando ele mesmo se dignou a separá-los em termos diferentes.

O Senhor respondeu: "*Como a beleza de uma criança preciosa muitas vezes atrai os olhos dos pais com ternura redobrada, decidi formar este livro com ambas as partes para que de ambas possa fluir esta expressão, a saber: Mensageiro do memorial do transbordamento da graça divina, porque a mensagem da minha bondade divina traz a memória dos meus eleitos*".

6**.** Como será visto a seguir, a presença da bondade divina foi constantemente derramada sobre esta serva. Às vezes ela diz que "apareceu" ou "apresentou-se" a ela, deve-se entender que ela frequentemente recebia graças especiais de maneira figurada de acordo com o motivo ou o momento mais oportuno para a compreensão de seus vizinhos, a quem esta mensagem era dirigida. No que parece diferente no que se segue, nota-se que Deus ama a todos e, quando visita um, quer que sua salvação chegue a todos, embora de maneiras diferentes. O misericordioso Senhor continuamente derramou Sua graça sobre esta Sua serva em dias comuns, bem como em dias de festa, por meio de imagens sensíveis ou iluminações superiores de conhecimento. Imagens de realidades corporais foram descritas neste pequeno livro para ajudar a compreensão humana de acordo com o discernimento e a capacidade dos leitores, dividindo-o em cinco livros.

7. O primeiro livro contém a apresentação de sua personalidade e os testemunhos de sua santidade. O segundo é o

que ela mesma escreveu por inspiração do Espírito de Deus e dos dons que recebeu, para dar graças por eles. O terceiro apresenta alguns testemunhos sobre os benefícios que recebeu ou lhe foram revelados. O quarto descreve as visitas com as quais ela foi consolada pela bondade divina em algumas festividades. Finalmente, no quinto, revela-se o que o Senhor se dignou revelar-lhe sobre os méritos de algumas almas que haviam morrido, acrescentando as consolações com as quais o Senhor se dignou prevenir seus últimos momentos.

8. Hugo (de São Vítor) diz: "*Eu suspeito de toda verdade que não é confirmada pela autoridade das Escrituras*". Mais adiante: "*Nenhuma revelação, por mais provável que pareça, pode ser tomada como certa se não for atestada por Moisés e Elias, isto é, sem a autoridade das Escrituras*." É por isso que anotei na margem as coisas que minha sagacidade modesta e meu senso destreinado poderiam trazer à mente em um momento, na esperança de que, se alguém de inteligência afiada e mais treinado visse, seria capaz de aduzir testemunhos mais certos e convincentes.

LIVRO I

PERSONALIDADE E DEPOIMENTOS SOBRE GERTRUDES

CAPÍTULO I
Fama de Gertrudes

a) Infância e adolescência

1. *Que abismo de generosidade, sabedoria e conhecimento de Deus! Quão insondáveis são suas decisões e quão insondáveis são teus caminhos!* Ele, que chama de maneiras tão surpreendentes, ocultas e variadas aqueles a quem predestinou, e justifica aqueles que são chamados gratuitamente, ou melhor, ele os dá tão justamente que parece tê-los achado santos a ponto de julgá-los dignos de compartilhar com ele todas as suas riquezas e delícias, deixou bem claro que havia escolhido por pura graça esta sua serva amada como um lírio branco no jardim da Igreja entre *os maciços de bálsamo,* entre a multidão de santos; pois uma menina de cinco anos de idade removeu do tumulto do mundo, introduziu-a na câmara da vida religiosa, vestiu-a de uma maneira tão transbordante que ela era encantadora como a candura primaveril de todas as flores, atraiu para si os olhos de todos, e fez-se amar por todos os corações.

Embora tivesse alguns anos e tivesse uma tez delicada, ela tinha a maturidade de uma idosa. Gentil, trabalhadora e eloquente; tão disponível que todos que a ouviram ficaram maravilhados. Admitida na escola, ela revelou uma visão tão viva e agudeza de inteligência que superou marcadamente as meninas de sua idade e todas as suas colegas em sabedoria e conhecimento.

Ela passou os anos de sua infância e adolescência com o coração limpo e uma ânsia alegre pelo estudo das artes liberais. O Pai das misericórdias a protegeu de toda aquela infantilidade que esta idade geralmente incorre. Que louvor e ação de graças sejam dadas a ele por isso.

2. Mas quando A*quele que a escolheu desde o ventre de sua mãe achou conveniente,* assim que ela foi desmamada, Ele a apresentou ao banquete da Ordem monástica, a chamou com sua graça, das coisas externas para a vida interior, dos exercícios corporais para a contemplação das coisas espirituais; Ele aperfeiçoou seu trabalho com revelações especiais, como ficará claro a seguir.

b) *"Conversão"*

Então ela reconheceu que havia vivido longe de Deus em uma *região de dessemelhança.* Enquanto se dedicava com zelo desordenado aos estudos liberais, até então negligenciara aplicar a agudeza de sua inteligência à luz do conhecimento espiritual. Ela desfrutou com verdadeira avidez dos estudos da sabedoria humana

e privou-se do mais doce sabor da verdadeira sabedoria. Em um instante, todas as coisas externas pareciam vis para ela. Com razão, porque Deus a trouxe com júbilo e alegria para o Monte Sião, isto é, para a contemplação de si mesmo, despojando-a do velho homem por suas obras e colocando-a no novo homem criado segundo Deus em justiça e verdadeira santidade.

c) Disponibilidade

Assim, convertida de gramática em teóloga, ela ruminou incansavelmente sobre todos os livros das páginas sagradas que tinha ou podia encontrar. Encheu o cesto do seu coração com grande zelo e, na medida do possível, em toda a extensão possível, com as palavras mais úteis e agradáveis da Sagrada Escritura, de modo que a palavra divina, cheia de edificação, lhe foi imediatamente oportuna. A todos os que chegavam a ela, ela respondia de maneira apropriada às suas necessidades e esclarecia qualquer erro com argumentos do texto sagrado tão convincentes que ninguém era capaz de refutá-los. Nesse tempo não se contentou com a admirável doçura e terno deleite que encontrou na contemplação divina e no estudo da Sagrada Escritura, que experimentou como um favo de mel nos lábios, melodia harmoniosa no ouvido e alegria espiritual no coração.

O que os espíritos menos dotados viam como escuro, ela explicou a eles com toda clareza e lucidez. Como as pombas colhem os grãos de trigo, ela coletou e escreveu muitos livros cheios de

doçura e frases dos santos para o uso comum de todos os que desejam lê-los. Ela também compôs muitas orações mais doces do que o favo de mel, e muitos outros escritos edificantes sobre exercícios espirituais, em um estilo tão correto que nenhum homem de letras pensou em censurá-los, mas se deleitou com eles por sua grande oportunidade. Tudo intercalado com doces palavras da Sagrada Escritura, nem teólogos nem doutores os acharam áridos. Em tudo isso, não há dúvida de que se vê um dom da graça espiritual. Agora, algumas das coisas apontadas podem ser elogiadas pelos homens como valores puramente humanos. Como adverte a Escritura no Livro da Sabedoria: "*Enganosa é a graça, enganosa é a beleza; a mulher que teme ao Senhor merece louvor".* Acrescentemos as coisas que realmente merecem ser proclamadas.

d) Aconchegante e firme

3. Ela foi um pilar muito forte da vida monástica, uma defensora incansável da justiça e da verdade. Dela se pode dizer o que o Livro da Sabedoria diz do sumo sacerdote Simão: "*Em sua vida, restaurou a casa do Senhor",* isto é, a vida religiosa, *e "em seus dias fortaleceu o templo"* do fervor espiritual, pois com suas exortações e exemplos ela levou muitos a um maior zelo pela devoção espiritual. Pode-se dizer que em seus dias emanaram *f*ontes de água, pois ninguém como ela produziu em nossos tempos com maior profusão verdadeiros ramos de doutrina salutar.

Ela era doce e penetrante na fala, fácil e persuasiva no discurso, eficaz e agradável, que muitos que ouviram suas palavras confessaram abertamente que o Espírito de Deus falou através dela enquanto experimentavam o surpreendente choque do coração e a transformação da vontade. Pois era a palavra viva e eficaz, mais penetrante do que uma espada de dois gumes, que chega até a divisão da alma e do espírito que nela habitava, que operava todas essas coisas.

Alguns, arrependidos de suas palavras, foram levados à salvação; para outros, ela iluminou a luz do entendimento para conhecer a Deus e seus próprios pecados; a outros, ofereceu a ajuda da graça da consolação, e até inflamou o coração de alguns com um amor mais intenso a Deus. Muitos estranhos que a haviam ouvido apenas uma vez, confessaram que haviam recebido grande consolo com isso. Embora ela possuísse em abundância esses e muitos outros dons que geralmente agradam aos homens, não se deve pensar que tudo o que se segue foi imaginado por ela para sua própria satisfação, como fruto de sua perspicácia e lucidez de espírito; ou ela teria escrito por causa de sua facilidade de fala ou habilidade de recursos literários. De modo algum: devemos crer com firmeza e sem a menor hesitação que todas estas coisas lhe vieram da própria fonte da sabedoria divina, como um dom gratuito infundido nela pelo mesmo Espírito que sopra onde quer, quando quer, naqueles que quer e no que quer, segundo as pessoas,

lugares e tempos mais oportunos.

4. Uma vez que as realidades invisíveis e espirituais só podem se apresentar ao entendimento humano através das coisas corpóreas e da semelhança das coisas visíveis, é apropriado representá-las por meio de imagens humanas e corpóreas, como mostra o Mestre Hugo (de São Vítor) em sua obra *Sobre o Mestre Interior*: "*Para ajudar as divinas Escrituras a contemplar as coisas deste mundo e condescender com a fragilidade humana, eles descrevem realidades invisíveis por meio de imagens de coisas visíveis e imprimem em nossas mentes a memória delas, com o encanto das imagens desejadas. É por isso que eles descrevem a terra que flui com leite e mel, mencionam as flores, os aromas e designam a harmonia das alegrias celestiais pelo canto dos homens e pelos trinados dos pássaros. Leia o Apocalipse de João e você verá Jerusalém adornada com ouro, prata, pérolas e descrito de mil maneiras com uma infinidade de pedras preciosas. Sabemos que onde nada pode faltar, nenhuma dessas coisas existe, porque não há imagens onde tudo é por semelhança*."

CAPÍTULO II

Testemunhos da Graça: Primeira Testemunha, Deus

1. Tudo o que está contido na imensidão dos céus, a redondeza da terra e a profundidade das profundezas, dai graças

ao Senhor Deus, doador do verdadeiro bem, para que vos cante um louvor eterno, imenso e inabalável, pois tudo o que brotou de seu amor incriado alcança em si a plenitude, pela abundância transbordante de sua piedade, como seu amor apaixonado a derramou no vale da fragilidade humana. Entre tantos outros, ele também voltou seu olhar para esta [sua serva] sobre quem derramou seus próprios dons. A Escritura ensina que toda palavra é confirmada pela boca de duas ou três testemunhas; como no nosso caso há muitas testemunhas, não há motivo para desconfiar, pois o Senhor a escolheu como instrumento especial para comunicar por meio dela os segredos de sua bondade.

2. A primeira e principal testemunha é o mesmo Deus que muitas vezes realizou por meio dela o que havia predito, deu a conhecer coisas secretas, deu a conhecer a muitos e fez com que muitas pessoas sentissem que não eram as únicas que podiam fazer o que ele havia predito. Pelos efeitos de suas orações, também por causa de seus méritos, ele ouviu o que lhe foi pedido e livrou das tentações aqueles que lhe imploravam com um coração humilde e piedoso. Vou dar como exemplo alguns dos muitos testemunhos que existem.

3. Em uma ocasião, Rodolfo, rei dos romanos, morreu, e ela, com as outras freiras, orou pela eleição de seu sucessor. No mesmo dia, e acredita-se que ao mesmo tempo em que a eleição estava sendo realizada em outra região, Gertrudes informou à abadessa do mosteiro que a eleição já havia sido feita, e

acrescentou que no mesmo dia da eleição do rei ele seria assassinado por seu sucessor. Os fatos confirmaram isso.

4. Igualmente, estando ameaçado nosso mosteiro por um malfeitor e em perigo iminente que parecia inevitável, [Gertrudes], após fazer oração, avisou à abadessa do mosteiro que todo o perigo havia desaparecido graças a Deus. Veio então o Procurador da corte para comunicar que o malfeitor havia sido condenado pelos juízes, como ela já havia sabido secretamente por revelação divina. A abadessa e todos os que conheceram esse benefício davam graças ao Senhor, cheios de júbilo.

5. Uma pessoa que estava angustiada por um longo tempo pelas tentações foi advertida em sonhos a confiar-se às orações desta serva. Tendo feito isso com fervor, ela imediatamente se enche de alegria ao se ver libertado por seus méritos e orações.

6. Outro fato também merece ser narrado: uma certa pessoa estava se preparando para receber a comunhão. Por causa de uma ocasião que se apresentara a ela alguns dias antes, ela estava atormentada com muitos pensamentos durante a missa, até que ela quase consentiu no pecado. Então ela se sentiu muito perturbada e não se atreveu a se aproximar da comunhão com aquele embaraço. Aparentemente impelida por inspiração divina, ela secretamente pegou um pedaço de pano (atadura) que tinha visto esta serva de Deus arrancar de um manto que cobria seus pés, aplicou-o com confiança em seu coração, enquanto orava ao Senhor que, por aquele amor que havia purificado o coração de seu

amado de todo apego humano. Ele se dignou a escolhê-la exclusivamente para si mesmo, a ter morada nela e a derramar seus dons espirituais, a se dignar por seus méritos, misericordiosamente libertá-la da tentação. Uma coisa admirável digna de aceitação e respeito! Assim que ela reteve aquele pedaço de pano aplicado e aderiu com todo o fervor ao seu coração, aquela tentação carnal e humana foi completamente removida. A partir de então, ela nunca mais foi tentada por nada assim.

7. Que ninguém se importe em acreditar nisso, quando o próprio Senhor diz no Evangelho: "*Todo aquele que crê em mim fará as obras que eu faço, e ainda maiores".* O Senhor que se dignou a curar aquela mulher hemorrágica apenas tocando a bainha de seu vestido, também foi, quando sua bondade assim considerou, capaz de livrar do perigo da tentação, pelos méritos desta sua escolhida, aquela alma por cujo amor Ele se dignou a morrer. Essas coisas bastam como um primeiro testemunho, embora muitas outras possam ser adicionadas.

CAPÍTULO III
Segundo testemunho: os homens

1**.** Serve também como segundo testemunho de certeza a sóbria e prudente narração de algumas pessoas que, sendo tão diferentes entre si, confessavam a uma só voz que tudo quanto

haviam conhecido dessa serva por revelação divina — ao invocá-la tanto para corrigir as faltas quanto para crescer no progresso espiritual — sempre se cumpria, como se ela tivesse gozado de uma eleição especial e tivesse sido privilegiada com graças mais elevadas. Assim, por exemplo, quando ela, solidamente fundamentada na humildade, se considerava indigníssima dos dons de Deus, consultava em ocasiões outras pessoas que julgava melhores do que ela, perguntando o que pensavam que o Senhor queria com certas graças que ela havia recebido d'Ele. Os consultados, muitas vezes com a garantia da piedade divina, afirmavam que era verdade não apenas o que ela dizia ter recebido, mas que o Senhor a havia cumulado com dons de graça ainda maiores.

Uma certa pessoa, bem experiente em vivências espirituais e atraída pela fragrância da boa fama, veio de terras distantes ao mosteiro, sem que ninguém a conhecesse naquele lugar. Com grande desejo, ansiava alcançar do Senhor, na oração, a oportunidade de encontrar-se com essa pessoa, para obter dela, por benevolência de Deus, algum proveito para sua alma. O Senhor lhe respondeu:

"Fica sabendo que a primeira que se sentar ao teu lado neste lugar é a mais fiel de todas e verdadeiramente minha eleita".

Após essas palavras, sucedeu de forma admirável que essa serva fosse a primeira a se sentar ali, embora quisesse ocultar-se por humildade, passando quase totalmente despercebida. A

visitante se julgou enganada, e prostrada no chão, com grandes gemidos expôs ao Senhor sua decepção. Foi-lhe confirmado com toda verdade que era ela mesma a quem o Senhor garantira ser a mais fiel em tudo.

Essa pessoa teve um encontro com Dona M. (refere-se a Matilde de Hackeborn), cantora do mosteiro, de feliz memória; suas palavras lhe causaram tanta doçura que pareciam impregnadas pelo mel do Espírito Santo. Perguntou ao Senhor por que exaltava aquela acima das demais e não fazia o mesmo com outra. O Senhor respondeu:

"São grandes as coisas que realizo nesta, mas ainda maiores serão as que realizarei naquela".

3. Outra pessoa que orava por Gertrudes e contemplava com grande admiração a delicada ternura que o Senhor lhe demonstrava, disse surpresa ao Senhor:

"O que encontras nela, ó Deus de amor, para que tanto a exaltes em Ti mesmo, e para quem inclinas teu coração com tanta ternura?"

O Senhor respondeu:

"É minha ternura totalmente gratuita que me obriga, como dom especial, a enxertar e manter em sua alma as cinco virtudes que mais me agradam:

– verdadeira pureza, como fruto do contínuo fluir da minha graça para ela;

– verdadeira humildade, diante da grandeza dos meus

dons; quanto mais atuo nela, mais ela se abaixa ao reconhecer sua própria fraqueza, até as profundezas de sua humildade;

– verdadeira bondade, que deseja a salvação de todos os homens para a glória de Deus;

– verdadeira fidelidade, com a qual oferece todas as suas boas obras com o mais puro amor, para minha glória e para a salvação universal;

– e o verdadeiro amor, com o qual me ama ardentemente, com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças, e ao próximo como a si mesma — por amor de Mim".

Em seguida, o Senhor mostrou em seu peito uma pérola preciosa, artisticamente decorada. Ela formava um triângulo semelhante a um trevo, e disse:

"Levarei sempre esta joia em honra à minha esposa. Através de seus três pétalos manifestarei as três coisas seguintes diante da corte celestial:

- Pelo primeiro, reconhecerá com todo esplendor que ela é a minha íntima, pois não há ninguém na terra que, por boa vontade e reta intenção, esteja mais unido a mim do que ela.
- No segundo, aparecerá com toda clareza que não há alma alguma a quem eu me incline com tanto deleite quanto a ela.
- No terceiro, considera que não há homem na terra tão fiel como ela, pois ordena com grande afeto todos os dons

que derramei nela para minha glória e louvor.”

O Senhor acrescentou:

“Em nenhum lugar da terra permanecerás com tanto afeto como no Sacramento do Altar e, consequentemente, no coração e na alma desta minha amada, para quem inclinei de forma comovente todo o júbilo do meu coração divino.”

4. Outra pessoa, por cujas súplicas ela se havia devotamente encomendado, recebeu esta resposta enquanto orava por ela:

“Sou todo dela, pois me entreguei ternamente aos seus abraços. O amor da divindade me uniu inseparavelmente a ela, como o fogo que funde o ouro e a prata para formar um metal precioso.”

Ela perguntou: “Então, Deus amantíssimo, o que fazes com ela?”

O Senhor respondeu: “As pulsações do coração dela fundem-se permanentemente com as pulsações do meu amor. Nisso encontro meu deleite transbordante. No entanto, contenho em mim a força dessas pulsações até a hora de sua morte. Naquele momento, ela sentirá por meio delas três grandes afetos:

- a glória, à qual o Pai a chama,
- o gozo, com o qual eu a receberei,
- o amor, com o qual o Espírito Santo a unirá a mim.”

5. Orando por ela em outra ocasião, a mesma pessoa

recebeu esta resposta:

"Ela é minha pomba sem fel, pois expulsa como fel todo pecado do coração. É um lírio no qual me recreio ao tomá-lo em minhas mãos, pois meu maior prazer é gozar com uma alma casta e pura. É minha rosa odorífera, ou seja, paciente e agradecida nas adversidades. É flor primaveril em que meus olhos encontram doçura, porque cultiva em si o desejo e o ardor pelas virtudes e pela perfeição completa. É melodia que soa como trombeta harmoniosa na minha coroa, da qual pendem todos os seus sofrimentos como sininhos de ouro que encantam os moradores do céu."

6. Enquanto lia em comunidade, no início da Quaresma, a leitura estabelecida, ela se deteve especialmente em destacar que se deve amar ao Senhor com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças. Uma irmã se comoveu tanto que disse ao Senhor:

"Ah, Senhor, meu Deus, como Te ama esta que com tanto fervor ensina, por suas palavras, como deves ser amado!"

O Senhor respondeu: "Desde a infância a levei e eduquei entre meus abraços, a guardei imaculada para mim até o momento em que se uniu a mim com toda a sua vontade. Então me entreguei incondicionalmente a ela com todo o meu poder divino para corresponder aos seus abraços. O ardente amor de seu coração por mim derrete incessantemente o íntimo do meu ser por ela. Assim como o fogo derrete a gordura, a doçura do meu Coração divino se

derrete ao calor do coração dela e destila continuamente em sua alma.”

O Senhor acrescentou: “Minha alma se compraz tanto nela que, ofendido muitas vezes pelos homens, me inclino docemente para ela e descarrego parte da minha dor em seu coração ou em seu corpo; ela se une à minha paixão, a recebe com tanta gratidão e a suporta com tanta paciência e humildade que, aplacado de imediato, perdoo por amor a ela um número incontável de pecadores.”

7. Certa vez, quando uma pessoa orava — a pedido de Gertrudes — para alcançar a correção de seus defeitos, recebeu esta resposta:

“Aquilo que à minha eleita parecem defeitos são, na verdade, progressos da sua alma, pois com a graça com que atuo nela, dificilmente a fragilidade humana poderia preservá-la do sussurro da vanglória, se minha graça não se apresentasse sob aparência de defeito. Assim como o campo bem adubado produz frutos mais abundantes, ela, pelo conhecimento de seus defeitos, produz frutos de graça mais doces.”

O Senhor acrescentou: “Eu lhe concedi um dom tão grande por cada um de seus defeitos que eles estão totalmente remidos aos meus olhos, e, com o tempo, vou transformando-os em virtudes. Então sua alma brilhará como uma luz radiante.”

Basta o que foi dito sobre o segundo testemunho. Em seus devidos lugares se acrescentarão muitas outras coisas.

CAPÍTULO IV
Terceira testemunha, sua própria vida

1. Em terceiro lugar, o testemunho mais evidente é a própria vida dela, na qual manifesta, com palavras e ações, que não busca a sua própria glória, mas sim a glória de Deus. Não apenas buscava isso, mas o fazia com tal ardor que, por essa causa, estava disposta a sacrificar sua própria honra, sua vida e até mesmo sua alma. Tal testemunho merece plena credibilidade, como diz o Senhor no evangelho de João: *"Aquele que busca a glória de quem o enviou é verdadeiro, e nele não há injustiça"* (Jo 7,18). Ó alma verdadeiramente feliz, cuja vida se torna evidente e é confirmada por tão grande testemunho da verdade evangélica! Pode-se dizer dela aquilo que está no livro da Sabedoria: *"O justo está seguro como um leão"* (Pr 28,1). Por amor ao louvor divino, promovia com tanta constância a justiça e a verdade em tudo, que desprezava totalmente qualquer oposição que surgisse por causa disso, contanto que conseguisse unicamente a glória de seu Senhor.

2. Era constante em recolher e escrever tudo o que acreditava que, em algum momento, poderia ser útil a alguém. Fazia isso com reta intenção, para a glória de Deus, sem jamais esperar reconhecimento de ninguém — apenas desejava a salvação das almas. Por isso, entregava com mais alegria tudo o que

escrevia àqueles de quem esperava maior proveito, e oferecia com mais generosidade aos que conheciam menos a Sagrada Escritura tudo quanto lhes pudesse ser útil, a fim de ganhar a todos para Cristo.

Interromper o descanso do sono, espaçar as refeições e renunciar a tudo o que dizia respeito ao conforto do corpo, para ela era mais alegria do que sacrifício. E isso ainda não bastava: frequentemente interrompia a doçura da contemplação sempre que a necessidade exigia atender alguém tentado, consolar o desolado ou ajudar caritativamente qualquer pessoa. Como o ferro lançado ao fogo se transforma totalmente em fogo, assim também essa serva, inflamada pelo amor de Deus, transformava-se por completo em amor e em desejo de que todos se salvassem.

3. Não conhecemos em nosso tempo ninguém que tenha tido colóquios de tal profundidade e intimidade com o Senhor da majestade como ela. No entanto, permanecia sempre imersa em profunda humildade. Por isso costumava dizer que era indigna e ingrata por tudo o que recebia gratuitamente da transbordante bondade do Senhor. Parecia-lhe que tudo quanto guardava e desfrutava sozinha estava escondido no lixo de sua baixeza. Mas, se o comunicava aos outros, então o considerava como uma pérola preciosa incrustada em ouro. Desse modo, estimava todos os outros como melhores do que ela; pensava que cada pessoa, com um único pensamento, podia dar mais glória a Deus por sua inocência e vida santa do que ela própria poderia oferecer com

todas as suas práticas ascéticas, devido às suas negligências e vida indigna.

Somente por isso sentiu-se obrigada a comunicar aos outros os dons que Deus lhe havia concedido, pois se considerava tão absolutamente indigna de todos eles que jamais pôde acreditar que os dons recebidos fossem para si mesma, mas sim para a salvação dos demais.

CAPÍTULO V
As virtudes: ornamento do céu espiritual [que é a alma]

1. Diz-se que toda palavra se firma pela boca de duas ou três testemunhas. Não se deve rejeitar a verdade quando ela se fundamenta em testemunhas tão verídicas e dignas. O incrédulo contestador deveria envergonhar-se, pois, se não mereceu receber aquilo que ela recebeu, despreza o que a bondade divina realizou nesta sua serva, escolhida como amada, sem motivo algum para duvidar que seja uma das eleitas, ou melhor, uma das bem-aventuradas, daquelas de quem escreve São Bernardo em seu comentário ao Cântico dos Cânticos:

"Penso que a alma santa é celeste não só por sua origem. Pode-se chamá-la de céu por imitar a vida celeste, já que vive como cidadã do céu… Por isso diz a Sabedoria: 'A alma do justo é trono da sabedoria'. E novamente: 'O céu é meu trono'. Se Deus é

concebido como espírito, não há por que duvidar de que seu trono seja espiritual. Esta interpretação é confirmada por aquela promessa da Verdade: ‘A ele, isto é, ao homem santo, viremos [meu Pai e eu] e faremos nele nossa morada’. Penso que o Profeta não se referia a outro quando escreveu: ‘Tu habitas no santuário, esperança de Israel’. E o Apóstolo afirma claramente que Cristo habita pela fé em nossos corações.”

Verdadeiramente, suspiro de muito longe por aqueles bem-aventurados de quem se diz: "Habitarei entre eles e caminharei no meio deles." Quão dilatada é essa alma, que prerrogativa têm seus méritos, que dignidade é acolher em si a presença divina e ser capaz de contê-la! E o que será da alma que possui espaçosas galerias à disposição de Sua majestade? Ela cresce até formar um templo santo para o Senhor. A grandeza da alma mede-se pela medida do amor que ela possui. Assim, a alma santa é um céu onde o sol é o entendimento, a lua é a fé e as estrelas são as virtudes.

Ou, dito de outro modo: o sol é a justiça ou o zelo de um amor ardente, e a lua é a continência. Não nos surpreende, portanto, que o Senhor Jesus more com tanto gosto nesse céu, pois — como Ele mesmo disse — não o criou simplesmente como os outros, mas lutou para adquiri-lo, entregou-se à morte para redimi-lo. Por isso, depois de tão intenso trabalho, comprometeu-se com um voto:

"Esta é minha morada para sempre; aqui habitarei…"

2. Mostrarei, conforme minhas possibilidades, que esta — como já disse acima — é uma dessas almas ditosas que, segundo São Bernardo, Deus escolheu como morada sua em preferência ao céu material, para sua própria glória. Exporei o que, ao longo de muitos anos, pude descobrir nela por meio de uma amizade espiritual.

São Bernardo diz frequentemente que o entendimento é um céu, isto é, que a alma bem-aventurada, na qual Deus se digna habitar, deve ter a beleza das virtudes como ornamento do sol, da lua e das estrelas. Portanto, manifestarei brevemente, conforme minha capacidade, o brilho daquelas virtudes que esta alma irradiava de si mesma, para que não reste dúvida de que o Senhor das virtudes tinha feito morada no mais profundo de seu coração, ao tê-la adornado exteriormente de maneira tão maravilhosa com a beleza de astros tão resplandecentes.

CAPÍTULO VI
A justiça ou zelo de uma caridade ardente brilhou nesta alma

1. A justiça ou o zelo de uma caridade ardente, que São Bernardo parece designar no texto citado acima pelo nome de sol, brilhou nesta alma de forma tão transbordante que, se a ocasião se apresentasse, ele teria se jogado espontaneamente no meio de um exército bem armado para defendê-la. Ninguém, por mais querido

que fosse um amigo, ela teria defendido com uma única palavra, mesmo contra seu inimigo mortal, se fosse contra a justiça. Além disso, ela teria admitido ter feito mal à sua própria mãe, se uma causa razoável o exigisse, em vez de admitir uma injustiça contra seu inimigo, por mais contrário que pudesse parecer para ela. Sempre que se apresentava uma oportunidade de dar uma advertência, ela dispensava todo rubor, uma virtude que era mais marcante nela do que as outras virtudes. Ela deixou de lado todo respeito humano desordenado e, com confiança depositada naquele que a armara de fé e a cujo serviço ela desejaria sujeitar o mundo inteiro, mergulhou a caneta de sua língua no sangue de seu coração e falou com tão terna afeição de piedade e graça de sabedoria, que a mente mais inveterada e perversa que poderia existir, se ele mantivesse uma centelha de piedade, não deixaria de ser movido por suas palavras para uma vontade e desejo de se tornar uma centelha de piedade e desejo de conversão. Se, portanto, ele acreditava que alguém havia se arrependido de suas exortações, ela o envolvia com tal afeição de piedosa compaixão, e assim o acolhia no terno seio da caridade, que se esforçava para se comunicar inteiramente com ela com o coração derretido, a fim de consolá-lo não tanto pelo derramamento de suas palavras, confesso, mas pelo terno derramamento de suas orações e desejos por ela. Ela sempre teve o cuidado de não atrair a amizade de alguém para si mesma por suas palavras, se essa amizade a afastasse de Deus um mínimo.

Toda amizade humana que não teve seu fundamento em Deus a afastou de si mesma como um veneno mortal. Ela não podia ouvir isso sem uma terna emoção de coração, uma palavra de familiaridade expressando algo muito humano, nem aceitar qualquer presente, por mais necessário que fosse. Ela preferiu não ter toda consideração e prestígio humano do que se permitir apropriar-se do coração de outra pessoa de maneira desordenada.

CAPÍTULO VII

Zelo pela salvação das almas

1. Tanto suas palavras quanto suas obras testemunhavam o zelo pela salvação das almas e o fervor pela vida monástica que consumiam seu espírito. Quando percebia alguma falta no próximo e, desejando corrigi-la, seu esforço não produzia efeito, ela sentia tanto por esse comportamento que não conseguia encontrar consolo até que, por meio de súplicas e orações ao Senhor — feitas por ela mesma ou por outras pessoas que pudesse mover a rezar — obtinha alguma emenda. Se por acaso, como costuma acontecer entre os homens, alguém lhe dissesse, tentando consolá-la, que não se preocupasse com quem não queria se corrigir, pois esse mesmo haveria de expiar o próprio mal, isso lhe causava tamanha dor como se cravassem uma espada no mais profundo do seu ser. Dizia que preferia a morte a consolar-se diante das falhas de alguém que já deveria começar nesta vida a sentir aquilo que,

depois da morte, seria um tormento eterno.

Quando encontrava nas Sagradas Escrituras algo proveitoso, mas difícil de entender para mentes menos preparadas, ela traduzia do latim para um estilo simples, com o objetivo de ser útil aos leitores. Dedicava assim todo o seu tempo, desde a manhã até o entardecer, a resumir os textos mais longos e esclarecer os mais difíceis, com o desejo de promover a glória de Deus e a salvação dos irmãos.

2. Quão meritória é essa tarefa, o descreve belamente Beda quando diz:

"Que graça mais elevada, que vida mais agradável a Deus do que conduzir diariamente os outros à graça do seu Criador e aumentar incansavelmente a alegria da pátria celeste, elevando o número de almas fiéis?" E São Bernardo complementa: "Isso é muito característico da contemplação autêntica e desinteressada: o espírito, inflamado ardentemente pelo fogo divino, é por vezes tomado por tal chama e paixão de ganhar para Deus outros que o amem assim, que com grande alegria interrompe o repouso da contemplação por causa do desejo de comunicá-la. Mas, uma vez satisfeitos os seus anseios, retorna a si mesmo com ainda mais ardor, quanto mais frutuosamente sabe que a deixou." Se, como ensina São Gregório, *nenhum sacrifício é tão agradável a Deus quanto o zelo pela salvação das almas*, não nos deve surpreender que o Senhor Jesus tenha se dignado habitar com prazer nesse altar vivo, do qual frequentemente se elevava até

Ele o suave aroma de uma oferta tão preciosa.

3. Certa vez, apareceu-lhe o Senhor Jesus, o mais belo entre os filhos dos homens. Estava de pé e parecia sustentar em seus reais e delicados ombros um enorme palácio, que, inclinado para Ele, ameaçava ruir. O Senhor lhe disse: "Vê com quanto esforço sustento minha amada casa, isto é, a vida monástica, que está em risco de ruína em quase todo o mundo, pois são muito poucos, em toda a terra, os que querem trabalhar com fidelidade em sua defesa e promoção, ou sofrer algo por ela. Olha para mim, minha amada, e compadece-te das minhas fadigas."

O Senhor acrescentou: "Todos os que, com palavras ou obras, promovem a vida monástica são como colunas ocultas que me ajudam a sustentar seu peso e o carregam comigo."

Essa serva, profundamente comovida com tais palavras, inflamou-se de compaixão pelo Senhor Deus, seu Amado, e começou a empenhar-se com todas as forças para promover a vida monástica, entregando-se, por vezes, a rigorismos da Ordem que ultrapassavam suas forças, a fim de dar bom exemplo. Permaneceu fielmente nesses exercícios por algum tempo.

Mas o bondoso Senhor, que não suportava por mais tempo os sofrimentos de sua amada, desejando conduzi-la ao repouso de uma contemplação mais doce — da qual, como já foi dito, ela não era privada nem mesmo durante os trabalhos, pela graça de Deus — serviu-se de muitos de seus amigos para comunicar-lhe que deixasse já essas fadigas e se entregasse, dali em diante,

unicamente a Ele, seu Amado, com todo fervor.

Ela suavizou consideravelmente seus esforços e entregou-se por completo, com ardente avidez, à serenidade da contemplação, dedicando-se inteiramente, nas profundezas do coração, Àquele que, voltado para ela, era por ela sentido como posse plena, pela efusão de Sua graça.

4. Cabe bem aqui acrescentar o escrito de uma pessoa devota de Deus que, por revelação divina, dirigiu a esta serva as seguintes palavras: "Ó amada esposa de Cristo, entra no gozo do teu Senhor! O Coração divino sente-se atraído por ti com inestimável ternura por todos os trabalhos que suportaste na defesa da verdade. Agora Ele deseja que descanses à sombra de sua quietíssima consolação, para assim satisfazer seu maior anseio — e o teu. Como uma árvore bem enraizada, transplantada junto à frescura das águas, produz frutos saborosos; tu também ofereces ao teu Amado, com a ajuda da graça, frutos docíssimos por tuas palavras e obras.

O fogo abrasador da perseguição não te fará murchar; permanecerás firme, regada pelos caudalosos rios da graça divina.

Em todas as tuas ações, buscas apenas a glória de Deus e não a tua; ofereces ao teu Amado os frutos saborosos de tudo o que queres fazer pelos outros ou promovê-los para o bem de todos.

Mas há mais: o próprio Senhor nosso Jesus Cristo supre em teu lugar, diante de Deus Pai, toda falha que lamentas em ti ou nos outros, e se dispõe a te recompensar por cada uma delas, como se

tu mesma as tivesses realizado completamente.

Toda a corte celestial exulta de alegria, congratula-se contigo, entoa hinos de ação de graças e louva o Senhor em teu nome."

CAPÍTULO VIII
Caridade compassiva

1. Junto com o zelo pela justiça, brotava nela um afeto tão grande de caridade compassiva, que, quando via alguém aflito pela tristeza ou ouvia falar que alguma pessoa distante estava sofrendo, procurava animar o espírito dessa pessoa, seja com palavras, seja por escrito. Fazia isso com tanto afeto que, como um enfermo que sente o ardor da febre e espera dia após dia ser aliviado ou libertado desse calor, ela suplicava a Deus hora após hora que concedesse seu consolo àqueles que sabia estarem sofrendo.

A ternura do seu afeto piedoso não se estendia apenas às pessoas, mas a todas as criaturas. Se via que passarinhos ou outros animais — obra do seu Senhor — sofriam com a fome, a sede ou o frio, ela se comovia profundamente, no íntimo do coração, e oferecia ao Senhor, como um tributo de louvor, os sofrimentos desses animais irracionais, com aquela dignidade extremamente perfeita e nobre que toda criatura encontra n'Ele. Fazia isso para que o Senhor, compadecido de suas criaturas, se dignasse a aliviar-lhes os sofrimentos.

CAPÍTULO IX
Admirável Continência desta Serva

1. Nela resplandecia também uma continência radiante, que São Bernardo comparava à lua. Confessava constantemente que, em toda a sua vida, nunca havia fixado o olhar de maneira curiosa no rosto de um homem a ponto de distinguir seus traços. O mesmo diziam aqueles que a conheciam: por mais santo e amigo que fosse o homem, mesmo após longo tempo de conversa com ele, ela se retirava sem tê-lo olhado nos olhos nem uma só vez.

E isso não se aplicava apenas ao olhar — o mesmo se podia dizer de sua maneira de falar, ouvir e de todos os seus movimentos corporais. Nela brilhava um candor de pureza tão admirável que suas irmãs de comunidade costumavam dizer, em tom de brincadeira, que ela poderia ser colocada nos altares entre as relíquias, tão puro era seu coração.

Isso não deveria nos surpreender. Entre as pessoas que conheço, nunca encontrei alguém que desfrutasse tanto da leitura da Sagrada Escritura, e, por isso mesmo, de Deus — que é o melhor guardião da castidade.

Diz São Gregório: "Quem provou das coisas espirituais, despreza tudo o que é carnal".

E São Jerônimo: "Ama as Escrituras, e não amarás os vícios

da carne".

Ainda que faltassem outros testemunhos, sua dedicação à *lectio divina* brilhava nela como um claríssimo sinal de pureza virginal.

Se, porventura, encontrava na própria Sagrada Escritura alguma passagem que, como às vezes acontece, despertasse recordações de imagens carnais, passava por elas como que escondendo-as, levada por seu pudor virginal. E se isso não era possível, seguia lendo rapidamente como se nada tivesse notado — embora não pudesse esconder nas faces o rubor do pudor castíssimo.

Se por acaso os menos instruídos lhe pedissem explicação sobre tais passagens, ela recusava-se com tanta delicadeza, que parecia que preferiria suportar que uma espada rasgasse seu corpo a ter que escutar tais coisas. Contudo, se a salvação das almas exigia que os tratasse, ela o fazia com plena liberdade, como se nenhum pudor a impedisse.

2. Certa vez, conversando com um ancião de reconhecida probidade sobre assuntos íntimos, este, ao constatar a pureza de seu coração, deu testemunho de que nunca conhecera pessoa na qual a comoção carnal estivesse tão ausente quanto nela.

Sem entrar em outros detalhes, ele via tudo isso unicamente como um puro dom de Deus nela, e não se admirava que Deus lhe houvesse revelado seus segredos de forma preferencial, conforme as palavras do Evangelho: "Bem-

aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" .

Disse Santo Agostinho: "A Deus não se vê com os olhos exteriores, mas com os do coração. Assim como a luz do dia só pode ser vista com olhos limpos (saudáveis), assim também a Deus, só se vê através da pureza de um coração que não acusa consciência de pecado, mas que atesta ser o templo de Deus santo." .

CAPÍTULO X
Brilho da sua confiança

1. Poder-se-ia demonstrar com importantes testemunhos o quanto nela sobressaía a virtude e o dom da confiança. Possuía, em todo momento, tal segurança de consciência, que nem as tribulações, nem as ofensas, nem os obstáculos, nem os próprios defeitos conseguiam obscurecer sua lucidez. Gozava sempre de uma confiança firme na misericórdia suavíssima de Deus. Nem mesmo perdia a paz quando o Senhor lhe retirava sua graça habitual; considerava indiferente desfrutar dela ou ficar privada dela.

Em algumas ocasiões, as contrariedades fortaleciam ainda mais sua esperança, pois tinha plena certeza de que tanto as coisas exteriores quanto as interiores cooperavam para seu bem (cf. Rm 8,28). Por isso, como quem aguarda com alegria o mensageiro que traz boas notícias esperadas, ela esperava com gozo uma

consolação divina ainda mais abundante, que acreditava ter sido preparada pela adversidade precedente.

Nunca foi vista deprimida ou abatida por seus defeitos; ao contrário, elevada pela presença da graça divina, estava totalmente disposta a acolher todos os dons de Deus. Se sentia-se envolta em trevas, como um tição apagado, logo, como se recobrasse o fôlego pela ajuda da graça, punha todo o seu empenho em se elevar a Deus pela intenção, e nesse movimento de retorno à sua interioridade, recebia em si a imagem de Deus. Como alguém que pisa sobre as trevas e é iluminado pela luz do sol, também ela se sentia iluminada pelo esplendor da presença divina, como se estivesse revestida de todos os adornos e embelezamentos próprios de uma rainha ornada com vestiduras de ouro, enfeitada com adornos variados (cf. Sl 44,10), para se apresentar diante do Rei imortal dos séculos (cf. 1Tm 1,17) e, assim, preparar-se e tornar-se digna da íntima união divina.

2. Havia tomado a firme decisão de recorrer frequentemente aos pés de Jesus, para que Ele a lavasse das manchas que percebia em si — manchas próprias de toda vida humana —, exceto, como foi dito, quando experimentava um fluxo mais abundante da clemência divina. Nessas ocasiões, aceitava livremente o beneplácito divino em tudo e se oferecia como instrumento para tornar presente toda a ação do amor em si e por meio de si, a ponto de não hesitar em entrar numa espécie de jogo, de igual para igual, com o Senhor Deus do universo.

3. Por essa confiança que possuía, como foi dito, tinha recebido tanta graça para se aproximar da comunhão, que, apesar de ter lido nas Sagradas Escrituras ou ouvido dos homens sobre o perigo daqueles que comungam indignamente, sempre comungava com alegria e firme confiança na bondade do Senhor.

Considerava tão insignificantes e quase nulos os próprios esforços, que nunca deixou de comungar por haver negligenciado orações ou outras práticas de preparação — pois acreditava que, assim como uma gota de água é diante do oceano, assim também é todo esforço humano diante desse dom gratuito e transbordante.

Embora reconhecesse que nenhum meio humano seria digno de tal preparação, confiando, no entanto, na imutabilidade da generosidade divina, ela cuidava, mais do que de qualquer outra preparação, de receber o Sacramento com um coração puro e um amor fervoroso.

Além disso, todo bem espiritual que recebia, ela o atribuía somente à confiança, considerando-o tanto mais gratuito quanto mais reconhecia tê-lo recebido verdadeiramente sem mérito próprio, como puro dom do Doador de toda graça.

4. Essa esperança, tantas vezes mencionada, alimentava nela com frequência o desejo da morte, sempre em união com a vontade divina. A todo momento, era-lhe indiferente viver ou morrer, com a esperança de, pela morte, alcançar a bem-aventurança, e pela vida, contribuir para o louvor de Deus.

Certa vez, enquanto caminhava, sofreu uma queda

importante. Imediatamente sentiu um imenso gozo em sua alma e disse ao Senhor:

"Que alegria para mim, meu amado Senhor, se esta queda me tivesse proporcionado a oportunidade de chegar até Ti!"

Quando, um pouco surpresas, lhe perguntamos se não temia morrer sem receber os sacramentos da Igreja, respondeu:

"De fato, desejo de todo o coração ser confortada por sacramentos tão salutares; mas me parece que a vontade e a preordenação do meu Senhor é a melhor e mais salutar preparação.

Partiria alegremente para Ele, segundo o Seu beneplácito, quer por morte repentina, quer precedida de preparação — com a segurança de que, seja qual for a morte com que eu parta, jamais me faltará a misericórdia do Senhor.

Tenho plena consciência de que, sem essa misericórdia, de forma alguma poderia salvar-me, seja por uma morte preparada longamente ou repentina."

5. Com esse mesmo espírito, saltava de alegria em qualquer acontecimento, mantendo o coração permanentemente ancorado em Deus. Em tudo demonstrava tamanha firmeza, que bem se podia aplicar a ela o provérbio:

"Quem confia no Senhor é forte como um leão."

O próprio Senhor dignou-se oferecer testemunho dessa fortaleza. Certa vez, uma pessoa pedia algo ao Senhor, sem receber resposta, o que a deixava surpresa. Finalmente, o Senhor

lhe respondeu:

"Demorei-me tanto em responder-te ao que desejavas, porque não confias suficientemente no que a minha bondade gratuita se digna operar em ti — como o faz essa minha serva tão amada. Ela, firmemente alicerçada na confiança, se entrega completamente à minha bondade em tudo. Por isso, nunca lhe negarei nada do que espera de mim."

CAPÍTULO XI

Humildade e outras virtudes

Humildade

1. Entre o brilho de tantas virtudes, radiantes como estrelas brilhantes, com as quais o Senhor a adornou para fazer sua morada, a humildade brilhou especialmente, o receptáculo de todas as graças e o guardião *(conservatorium)* de todas as virtudes. Ela mesma, guiada pela humildade, considerava-se tão indigna dos dons de Deus que nunca consentiu em receber qualquer presente para seu próprio benefício. Em vez disso, ela se considerava o canal pelo qual a graça fluía para os eleitos de Deus por preordenação secreta do próprio Deus, uma vez que se considerava totalmente indigna e acreditava que recebia todos os dons de Deus de forma mais indigna e infrutífera, grandes ou pequenos, exceto o que ela realizava por escrito ou em palavra para o benefício de seus

vizinhos.

Fê-lo por fidelidade a Deus e humildade para consigo mesma, porque muitas vezes pensava consigo: "Mesmo que depois disto sofra as merecidas dores do inferno, alegrar-me-ei se assim o Senhor receber nas outras almas os frutos dos seus dons". A ninguém considerava tão desprezível que os dons de Deus não produzissem mais frutos nele do que em si mesma. Ela não rejeitou ninguém, mas estava pronta em todos os momentos para oferecer a todos os dons que Deus lhe deu para o benefício dos outros. Examinando-se diante da verdade, ela acreditou ser a última entre aqueles de quem o profeta diz: Todas as *nações estão diante de ti como se não existissem.* E em outro lugar: *como poeira insignificante, etc.* Como a poeira insignificante escondida sob uma pena não aparece aos raios do sol, ela desapareceu para evitar a honra que poderia vir a ela de tais excelentes dons de Deus. Ela se referiu a essas graças apenas Àquele que, por sua inspiração, adverte aqueles a quem chama e, por sua ajuda, acompanha aqueles a quem justifica. Ela guardou para si apenas a culpa de ter sido ingrata, como se acreditava, a tais presentes gratuitos, dos quais se considerava indigna. No entanto, ela não podia ficar calada, para a glória do Senhor, sobre a bondade que Deus tinha com ela. Ela foi solícita em comunicar essas graças aos outros com a intenção de repetir em seu coração: "Não é apropriado que outros sejam privados de receber graças maiores por causa dessa bondade que Deus tem para comigo, do que aquelas que podem vir

de mim, mais vil e desprezível. "

2. Um dia, quando ela estava indo para uma caminhada, ela disse ao Senhor com o profundo desprezo que sentia por si mesma: "Eu tenho, Senhor, como um dos seus maiores milagres que esta terra me sustente sendo uma pecadora indigna". O Senhor é movido por essas palavras, que exalta todos os que se humilha, responde-lhe com imensa ternura: "A terra se oferece alegremente às tuas plantas, enquanto toda a grandeza do céu espera aquela hora mais feliz em que merecer receber-te em meio a danças de imensa alegria". Ó admirável doçura da bondade de Deus, que com maior dignidade eleva a alma, tanto mais profundamente ela desce na estima de sua vileza!

3. Ela desprezava tanto a vanglória que, se algum pensamento lhe vinha enquanto estava em oração ou em alguma outra boa obra, o aceitava com esta intenção: "Quem vê esta boa obra seja movido a imitá-la, para que o Senhor receba de você este fruto de louvor". Nessa ocupação, ela se considerava na Igreja como um espantalho na casa do pai de família, que não serve para nada além de ser pendurado em uma árvore na hora dos frutos, para que os pássaros possam ser afugentados e, assim, os frutos preservados.

Devoção

4. Quanto doce e fervorosa devoção resplandeceu nela deixou um testemunho muito claro em seus numerosos escritos

que são de grande utilidade. O próprio Examinador dos corações dignou-se a dar testemunho disso. Uma certa pessoa piedosa, que tinha experimentado grande devoção na oração, entendeu que o Senhor lhe dizia: "*Sabe que, com esta devoção que agora desfrutas, visito com muita frequência esta minha eleita, livremente escolhida para nela fazer a minha morada*".

5. Quão admiravelmente ela se regozijou no Senhor aparece claramente quando ela percebe o incrível cansaço causado pelas alegrias transitórias, pois, como diz São Gregório: "*Quando as coisas espirituais são provadas, tudo o que é carnal é insípido*". E São Bernardo: "Para aqueles que amam a Deus, tudo o mais é árido, porque os impede de des*frutar d'Aquele que apenas desejam*". É por isso que, cansada em uma ocasião de pensar no desprezo das delícias humanas, ela disse ao Senhor: "*Não encontro nada na terra que me deleite fora de ti, meu mais doce Senhor*". O Senhor diz-lhe em troca: "*E não encontro nada no céu ou na terra que me agrade sem ti, pois sempre te associo a todas as minhas delícias por amor. Desta forma, sempre me alegro em você com todas as coisas em que encontro minhas delícias, e quanto mais agradáveis elas são para mim, maiores são os frutos que produzem em você*".

Oração constante.

6. Sua frequência na oração e vigílias é demonstrada pelo fato de que ela nunca perdeu a hora marcada, exceto se estava

acamada por doença ou engajada na salvação de seu próximo para a glória de Deus. O Senhor a encheu de alegria em suas orações constantemente, com o conforto de Sua dulcíssima presença. Ela retornava [insistentemente] às práticas espirituais, das quais derivou mais do que as práticas corporais poderiam lhe oferecer.

Fidelidade na Observância

Ela encontrou tanta alegria na observância das normas da Ordem, como assiduidade ao coro, jejum e trabalho comum, que nunca as omitiu sem experimentar grandes contratempos. Como diz São Bernardo: "*Se alguém uma vez estiver intoxicado pelo sabor do amor, ele se alegrará com todo trabalho e dor!*"

Liberdade de espírito

7. Tal liberdade de espírito brilhou nela que ela nunca poderia suportar por um momento o que era contrário à sua consciência. O Senhor também a confiou a um devoto que queria saber durante a oração o que O mais agradava em sua escolhida. Ele respondeu: "*Sua liberdade de coração*." Surpreso com a resposta e estimando pouco essa qualidade, ele exclamou: "*Pensei, Senhor, que com sua graça ela já havia alcançado um conhecimento superior e um amor ainda maior*". O Senhor respondeu-lhe: "*É verdade que o que você pensou está acontecendo com ela; mas foi alcançado pela graça da liberdade, um dom tão grande que é diretamente alcançado por ela com a*

mais alta perfeição. Em todos os momentos eu a encontro pronta para receber meus presentes, porque ela nunca permite que seu coração se atenha a qualquer coisa que me impeça de ir até ela”.

8. Por causa dessa liberdade requintada, ela nunca suportaria reter o que não precisava. Com a devida permissão, ela o distribuiu muitas vezes a outros e cuidou para que fosse distribuído com mais generosidade aos pobres, sem preferência por grandes amigos sobre seus maiores inimigos.

9. O que ela decidiu fazer ou dizer, ela sempre fez. Nada a impedia minimamente do serviço de Deus e de sua solicitude pela contemplação. O próprio Senhor disse que isso O agradou muito.

A Presença de Deus

Em uma ocasião, a irmã M[1]., que era cantora do mosteiro, viu *o Senhor sentado em um trono elevado,* e [Gertrudes] andando ao redor dEle. Olhou para o seu rosto com grande intensidade e inalou com grande fervor os eflúvios que fluíam do Coração divino. Muito surpresa por isso, ela recebeu esta resposta do Senhor: "*Como você pode ver, a vida desta minha eleita é tal que ela sempre caminha na minha presença, deseja e tenta saber o que agrada ao meu coração. Quando ela percebe minha vontade em algo, ela imediatamente se entrega para realizá-la com grande solicitude e com toda tenacidade. Assim, ela busca tudo o que me agrada e o realiza fielmente. Desta forma, toda a sua vida reverte*

[1] Matilde de Helfta.

para minha glória e honra".

A [cantora]: "*Meu Senhor, se sua vida é assim, como é possível que às vezes ela julga com rigor os excessos e defeitos dos outros*?"

O Senhor responde com bondade: "*Visto que não pode tolerar a menor mancha agarrada ao seu coração, também não pode suportar os defeitos dos outros com equanimidade"*.

Pobreza

10. Em roupas e coisas de uso, ela atendeu a necessidade e a utilidade mais do que curiosidade ou prazer. Ela amava as coisas de sua pertença, na medida em que mais contribuíam para o culto divino. Por exemplo, o livro que ela lia com mais frequência, a tabuinha em que mais escrevia, os livros que os outros liam com mais prazer, ou diziam ser de maior proveito para eles, e outras coisas do tipo, que eram especialmente caras para ela, porque ela acreditava que assim oferecia ao Senhor uma adoração mais agradável.

Ela fez uso de todas as criaturas que o Senhor lhe havia concedido, não para seu próprio uso, mas para o louvor eterno do Senhor. Ela se alegrava admiravelmente quando dedicava algo para seu uso, como se estivesse apresentando-o no altar de Deus para sua honra, ou distribuindo-o em esmolas; pois quer ela dormisse, comesse ou recebesse qualquer outra coisa que lhe trouxesse conforto, ela gostava de dedicar tudo ao Senhor e, assim, receber o

Senhor em si mesma e Ele nela, de acordo com o mandamento, que diz: *O que fizestes a um destes meus humildes irmãos, a mim o fizestes.* Por causa de sua indignidade, ela se considerava a mais vil e inferior de todas as criaturas. Tudo isso foi-lhe concedido, considerou-o concedido pelo Senhor ao mais pequenino dos servos de Deus. O próprio Senhor manifestou por revelação divina o quanto gostava dessa maneira de agir.

Em uma ocasião, senti uma forte dor de cabeça devido a um certo trabalho que havia feito. Ela tentou aliviá-lo mantendo certas substâncias aromáticas em sua boca para a glória de Deus. O bondoso Senhor se inclina para ela com doçura e ternura, como se estivesse apreciando o cheiro daqueles perfumes. Ele se levanta depois de alguns momentos de inspiração suave e com um rosto sorridente diz a ela como se se alegrasse na presença de todos os santos: "*Acabo de receber um novo presente de minha esposa*". A alegria para ela era infinitamente maior quando concedia a um de seus vizinhos um benefício semelhante, como um avarento se alegra quando recebe cem moedas de ouro por uma pequena moeda.

11. De tal maneira ela compartilhou com o Senhor tudo o que era seu que às vezes muitas coisas foram oferecidas a ela para seu uso: comida, roupas e coisas semelhantes. Para recebê-los, ela estendia as mãos com os olhos fechados, porque se o Senhor tivesse predestinado alguma coisa para o serviço de sua serva, ela o receberia como dado por Ele mesmo. O que ela pegava, recebia

com alegria, como se o próprio Senhor o apresentasse com suas próprias mãos. Se era o melhor ou o pior, dava-lhe a mais agradável satisfação. Ela fez tudo com alegria com essa retidão de intenção. Às vezes ela se lembrava com compaixão da miséria dos pagãos e judeus por não poderem escolher as coisas, nem ter uma parte com Deus.

Discrição

12. A virtude da discrição brilhava de maneira especial nela. Um testemunho: embora ela se destacasse em seu conhecimento do significado e das palavras das Escrituras, a ponto de muitos procurarem seu conselho, ela respondeu imediatamente às mais diversas perguntas com tanta prudência que seus ouvintes ficaram surpresos. No entanto, quando se tratava do que deveria fazer, ela buscava com humilde discrição a opinião de outros muito mais inferiores e dava seu consentimento em todo o seu consentimento à opinião deles. Ele mal ouvia sua própria opinião, para seguir a opinião dos outros com prazer.

Outras virtudes

13. Seria supérfluo descrever aqui em detalhes como as outras virtudes brilhavam nela com claro brilho: obediência, abstinência, pobreza voluntária, prudência, fortaleza, temperança, misericórdia, concórdia, constância, gratidão, partilha agradável, desprezo pelo mundo, e muitas outras, porque a discrição, a mãe

de todas as virtudes, inundou sua alma.

Confiança

Acima de tudo, as virtudes anteriores foram envolvidas pela virtude da confiança, fundamento de todas as virtudes, às quais Deus não nega nada do que se deseja, se se trata das virtudes. A humildade mais digna, o nobre e solícito guardião de todos eles, como foi escrito acima, havia se enraizado profundamente em sua mente. Acima de tudo, aquela que é a rainha das virtudes, a caridade com Deus e com o próximo, ela estabeleceu solidamente seu trono em seu coração e em sua vida, como aparece claramente ao longo deste livro. Omito, por uma questão de brevidade, o que acho que poderia ser dito de cada uma de suas virtudes. Poderiam ser acrescentadas muitas coisas que vão além do que já foi dito, para edificação, sem cansar o gentil leitor. Basta dizer que essa serva era realmente um dos céus, se não o único, em que o Rei dos reis se dignou a habitar como em um trono coroado de estrelas.

CAPÍTULO XII

Força e eficácia de suas palavras

1. Num texto da liturgia que celebra a dignidade dos céus espirituais, diz-se dos Apóstolos: "*Estes, ó Cristo, são os céus em que habitais, trovejai nas suas palavras, lanças raios com os seus*

milagres, derramas o orvalho da tua graça". Mostrarei, de acordo com minhas possibilidades, que essas três qualidades também são encontradas nessa alma.

Ela colocou tanta força e eficácia em suas palavras que elas não podiam ser ouvidas com indiferença; elas sempre alcançaram o que queriam, fossem quais fossem seus desejos. As palavras dos Provérbios poderiam ser corretamente aplicadas a ela: "*As palavras dos sábios são como ferrões, como pregos fixados nas profundezas".* Mas a fragilidade humana às vezes se recusa a ouvir a verdade que brota do fervor de um espírito ardente. Em certa ocasião, ela repreendeu uma irmã com palavras muito duras, e ela, movida pela afeição que tinha por ela, tentou obter do Senhor moderar o ardor de seu zelo. O Senhor a instruiu: "*Quando eu morava na Terra, sentia impulsos ardentíssimos. Toda injustiça era insuportável para mim, nesse sentido ela se parece comigo*."

A irmã responde: "*Tu, Senhor, foste duro nas tuas palavras contra os ímpios, mas a coisa é que às vezes ela lidas com palavras duras até mesmo com quelas pessoas que parecem boas*."

O Senhor: "*Naquela época, os judeus pensavam que eram os melhores de todos os homens, e ainda assim foram os primeiros a se escandalizarem comigo*."

Deus se dignou a conceder que suas palavras derramassem o orvalho da graça sobre seus eleitos. Muitos declararam que às vezes eram movidos mais fortemente por uma única palavra de sua boca do que por longos sermões de pregadores eminentes. O

mesmo foi testemunhado pelas lágrimas sinceras daqueles que, tendo se aproximado dela em uma atitude tão rebelde que sua conversão parecia totalmente impossível, mas quando ouviram apenas algumas palavras dela, ficaram tão comovidos que prometeram cumprir todas as suas obrigações.

2. Muitos experimentaram a mesma graça não apenas em suas palavras, mas também em suas orações. Quando se recomendavam às suas orações, viam-se livres de grandes e obstinados males de maneira tão palpável que, com grande admiração, muitas vezes imploravam às irmãs que agradecessem a Deus e a ela.

Nem devemos omitir que alguns foram avisados em sonhos para manifestar suas tribulações a ela. Imediatamente eles ficaram aliviados. Isso, na minha opinião, não é muito diferente do esplendor dos milagres. Pois a libertação das almas não deve ser recebida com menos gratidão do que a cura dos corpos. Para provar mais claramente, como é evidente em muitos testemunhos, que o Deus Todo-Poderoso habitava nele, acrescentarei alguns fatos em que Seu esplendor brilha mais com mais luz.

CAPÍTULO XIII

Alguns milagres são propostos como exemplo

1. Em um mês de março, a severidade do frio foi tão

extrema que ameaçou a vida de homens e animais. [Esta serva] ouviu algumas pessoas dizerem que não havia esperança de colheita naquele ano, porque de acordo com a posição da lua a severidade do frio seria prolongada por muito tempo. Um dia, durante a missa em que iria receber a comunhão, ela rezou fervorosamente ao Senhor por esta e muitas outras causas.

No final da oração, ela recebeu esta resposta do Senhor: "*Esteja certo de que você foi ouvida em todas as causas pelas quais orou*".

Ela: "*Para que eu saiba disso com toda a certeza, e para que seja certo que eu lhe agradeça, mostre-me como a extrema dureza deste frio será temperada*."

Dito isso, ela não pensou nisso novamente. Quando a missa terminou, ela deixou o coro e encontrou a estrada inundada pelo degelo e pelo desaparecimento da neve. Todos avisaram que isso estava acontecendo contra as condições naturais da atmosfera e ficaram surpresos que tal evento ocorresse. Como não sabiam que a serva de Deus havia pedido isso, disseram que, infelizmente, não duraria muito, já que essa forma de acontecer as coisas não era natural. No entanto, essa bonança durou toda a primavera.

2. Novamente choveu mais do que era conveniente durante a colheita e orações foram feitas por medo de que as colheitas e outras frutas fossem perdidas. Um dia, essa serva juntou suas orações com outras pessoas com tanta intensidade e eficácia para aplacar o Senhor que obteve a promessa formal de que o Senhor

moderaria as condições atmosféricas, como de fato aconteceu. Naquele mesmo dia, apesar das numerosas nuvens de tempestade, começou a brilhar um sol que iluminou toda a terra com seus raios.

3. Mas ao anoitecer, enquanto a comunidade ia para o jardim depois do jantar para terminar um trabalho, o sol ainda brilhava em todo o seu esplendor e nuvens escuras pairavam no céu que ameaçavam chuva. Escutei esta servo que, com profundo coração, lamentava diante do Senhor: "*Senhor Deus do universo, não quero que te sintas obrigado a ouvir a minha vontade indigna, mas se a tua bondade transbordante se dignar a conter através da minha mediação esta chuva no ar contra a glória da tua justiça, que ela se dissipe imediatamente e a tua serenísima vontade se cumpra*".

Uma coisa admirável! Ela não havia terminado suas palavras quando começou a piscar e trovejar, e as gotas de chuva explodiram com um grande estrondo.

Ela ficou impressionada e disse ao Senhor: "*Que a chuva seja mantida em repouso, se for do seu agrado, Deus misericordioso, até que terminemos a obra que nos foi ordenada pela obediência*". O Senhor mais benigno manteve a tempestade em suspenso diante das súplicas deste sua serva, até que a comunidade terminasse o trabalho que lhe havia sido confiado. Quando terminou, e mal comunidade passou pelos portões, uma chuva tão impetuosa começou a cair, acompanhada de relâmpagos e trovões, que aqueles que permaneceram no jardim chegaram

bastante encharcados.

4. Em muitas coisas, ela obteve assistência divina de maneira milagrosa, quase sem pedir, como se estivesse brincando com o Senhor em suas palavras. Por exemplo, uma vez ela estava sentada entre a palha e deixou cair o furador, a agulha ou algum pequeno objeto que era difícil de encontrar entre a pilha de palha. Ouvido por todos, disse ao Senhor: "*Senhor, por mais que eu tente procurá-lo, de nada me servirá se tu não fizeres encontrá-lo*", e sem olhar, apenas estendendo a mão apanhou-o na palha como se o tivesse visto num terreno plano. Sua forma de agir em coisas como essas e outras como elas era muito frequente. Em tudo o que fazia, grande ou pequeno, sempre chamava em seu auxílio o Bem-Amado de sua alma e em tudo encontrava nele um protetor mais digno e fiel.

5. Finalmente, digamos, depois do exposto, que em outra ocasião de ventos tempestuosos e grande seca, ela orou ao Senhor e recebeu a seguinte resposta: "*A razão que às vezes me inclina a ouvir as orações de meus eleitos não é necessária entre você e eu, porque por minha graça sua vontade está tão unida à minha que só pode querer o que eu quero. Por essa tentação, portanto, quero obrigar alguns rebeldes a buscar minha proteção orando por essa situação. Não dou efeito às suas orações por esse revés, mas você receberá uma graça espiritual em seu favor"*. Ela ouviu a resposta e a recebeu com grande alegria. A partir de então, ela experimentou grande alegria em não ser ouvida quando não foi ouvida. Ela orou

por essas pessoas, se não estivesse em conformidade com o prazer divino. São Gregório ensina que não é um sinal de santidade nos eleitos que eles façam milagres, mas que amem o próximo como a si mesmos, como foi suficientemente provado acima

O que foi dito é suficiente para confirmar que Deus escolheu esta [Sua serva] para fazer Sua morada nela; o esplendor dos milagres não estava faltando para confundir as bocas daqueles que falam insolência contra a benevolência gratuita de Deus, e para reavivar a confiança dos humildes que esperam que todo o bem que será bom para eles seja cumprido pelo dom de Deus, eles contemplam em todos os eleitos.

CAPÍTULO XIV

Privilégios Especiais Concedidos a ela pelo Senhor

1. Ao que foi dito acima, é conveniente adicionar aqui alguns dados mais difíceis de encontrar do que se estivessem sob uma pedra enorme. Também colocarei outros testemunhos que recebi como verdadeiros de pessoas dignas de credibilidade.

2. Muitas pessoas freqüentemente lhe traziam certas dúvidas, especialmente se por um motivo ou outro se privassem de receber a comunhão. Com confiança na graça e na misericórdia de Deus, deu a cada um a resposta mais oportuna, convidou-os a aproximar-se do sacramento do Senhor e, por vezes, quase

obrigou-os a fazê-lo. Em uma ocasião, ela começou a temer, como as almas delicadas costumam fazer, se ela tivesse sido muito ousada em tais respostas. Ela então vai como estava acostumada com a bondade que lhe é manifestada pela piedade divina, revela seus medos com confiança e é consolada com a seguinte resposta: "Não tenha medo, consola-te, acalma-te, tenha certeza, eu, seu Deus, seu Senhor, seu amante, que a criei e a escolhi com um amor gracioso para habitar e me *alegrar em você, dou uma resposta certa sem a menor hesitação a todos aqueles que piedosa e humildemente me perguntam por intermédio de você. Tenham certeza de minha promessa: nunca permitirei a ninguém que eu julgue indigno do sacramento do meu corpo vivificante que te peça conselho. Portanto, orientarás a todos os que eu enviar a ti, cansados e atormentados, acesso seguro a mim; por seu amor e favor, nunca fecharei o acesso ao colo de seu pai, mas o abrirei amplamente para o abraço de minha mais terna afeição e não lhe negarei o doce beijo da paz"*.

3. Assim, enquanto orava mais fervorosamente por uma pessoa, e temia que ela esperasse receber mais por seus meios do que ela poderia obtê-la, o Senhor respondeu-lhe com ternura: "*O que quer que se espere de você, ela receberá de mim o mesmo sem a menor hesitação. Além disso, tudo o que você prometer a alguém em meu nome, eu certamente fornecerei, embora ele possa não experimentar o efeito porque a fragilidade humana o impede de fazê-lo. Operarei o bem desejado em sua alma, conforme a*

promessa que lhe fizeste”.

4. Depois de alguns dias, ela se lembra da promessa do Senhor acima mencionada e, sem esquecer sua indignidade, pergunta ao Senhor como é possível que Ele se digne a fazer obras tão admiráveis servindo-se dela, criatura tão vil.

O Senhor respondeu: "*Acaso não pertence à fé de toda a Igreja o que uma vez prometi apenas a Pedro: tudo o que ligares na terra será ligado no céu, e ainda hoje não se acredita que o mesmo pode ser feito por todos os ministros da Igreja? Então, por que você também não acredita que eu posso ou quero alguma coisa quando, pelo poder do amor, eu prometo a você com minhas palavras?" Ele toca a língua dela dizendo: "Olha, ponho as minhas palavras na tua boca e confirmo com a minha verdade todas as tuas palavras que, pela ação do meu Espírito, dizes a alguém em meu nome; se pela minha bondade prometeres alguma coisa a alguém na terra, certamente será ratificado no céu*."

Ela lhe diz: "*Senhor, eu não ficaria feliz se, em conseqüência disso, alguém tivesse que sofrer algum dano, ou se, impelido pelo seu Espírito, eu tivesse que comunicar a alguém um pecado que não pode ficar impune, ou outras coisas semelhantes*".

O Senhor respondeu: "*Sempre que você comunicar essas coisas por retidão ou zelo, envolverei essa pessoa em minha bondade para movê-la ao arrependimento e não ser punida*".

Ela respondeu: "*Senhor, se tu realmente falas pela minha boca, como digna a tua bondade me assegurar, como é possível*

que às vezes minhas palavras, ditas com tanto zelo por sua glória pela salvação das almas, tenham tão pouco efeito sobre alguns?"

O Senhor: "*Não se surpreenda que às vezes suas palavras ditas com tenacidade não dêem frutos. Eu mesmo preguei muitas vezes enquanto vivia como homem com o ardor do meu divino Espírito, e ainda assim minhas palavras não foram úteis para alguns, porque de acordo com minha divina ordenação todas as coisas acontecem no devido tempo”*.

5. Depois disso, depois de corrigir uma pessoa por uma falha, ela se refugiou no Senhor. Ela pedia fervorosamente que se dignasse a iluminar seu entendimento como a luz do dia. O conhecimento veio, de modo que, quando se tratava de seus interesses, ela só comunicava ao povo o que agradava à vontade divina.

O Senhor respondeu: "*Não tenha medo, minha filha, tenha certeza, eu lhe concedo como um privilégio especial que, se alguém, seja ele quem for e por qualquer motivo, vier a você com humildade e confiança, você discernirá seu problema à luz da minha verdade divina, da mesma forma que eu o teria julgado, de acordo com a natureza do assunto ou da pessoa. Tudo o que eu julgar ser de maior gravidade, você responderá em meu nome com maior rigor; e tudo o que eu considerar de menor importância, farei com que você responda com palavras mais gentis*”.

Então esta [serva de Deus] reconheceu sua indignidade e, *com um espírito humilde*, disse ao Senhor: "*Ó Senhor do céu e da*

terra, contenha para sempre o fluxo insuperável de sua bondade, pois eu, que sou pó e cinzas, sou a mais indigna de tal presente”.

O Senhor a acariciou com ternura e respondeu: "*Que é tão importante que te conceda discernir as causas da minha inimizade, quando te concedi experimentar tantas vezes os segredos da minha amizade?*" E acrescentou: "*Todo aquele que, na provação ou na tristeza, procura com humildade e sincera verdade o conforto nas tuas palavras, não ficará desiludido com o seu desejo, porque eu, o Deus que habita em ti, impelido pela ternura incoercível do meu amor, desejo fazer o bem a muitos por teu intermédio; a alegria que seu coração experimenta por isso brota do transbordamento de meu divino Coração*".

6. Em outra ocasião, ela orou por aqueles que lhe foram confiados e recebeu esta resposta do Senhor: "*Assim como nos tempos antigos aquele que se agarrava à borda do altar sentia a alegria de ter encontrado a paz; agora, uma vez que eu te escolhi com tanta condescendência para habitar em ti, todo aquele que confiantemente se confia em tuas orações será salvo por minha graça*."

Isso é bem confirmado pelo testemunho da Irmã Cantora M., de doce memória, para quem, enquanto orava por [Gertrudes] seu coração se mostrava como uma ponte muito sólida, protegida em uma extremidade pela humanidade de Cristo e na outra por sua divindade como paredes. Ela ouviu o Senhor dizer-lhe: "*Aqueles*

que se esforçam para vir a mim por esta ponte nunca serão capazes de cair ou se afastar". isto é, aquele que recebe suas palavras e obedece humildemente aos seus conselhos nunca se desviará.

CAPÍTULO XV

O Senhor a obriga a escrever

1. Ela entendeu que era a vontade de Deus que essas coisas fossem escritas para que pudessem ser conhecidas por outras pessoas. Surpresa, ela pensou em que utilidade haveria nisso, pois ela havia tomado a firme resolução de não comunicar isso a ninguém enquanto vivesse, e após a morte só poderia ser obtido que os fiéis inteligentes ficariam perturbados, já que não poderiam obter qualquer uso de seus escritos

O Senhor respondeu a estes pensamentos: "*Você acha que alguma utilidade poderia ser derivada do que lemos que Santa Catarina escreveu quando a visitei na prisão e lhe disse: 'Fique forte, filha, estou com você'; Visitei meu amado João e disse-lhe: 'Venha a mim, meu amado', e muitas outras coisas dessas e de outras, a menos que por isso a piedade dos homens aumente e minha ternura para com a raça humana se multiplique"*? O Senhor acrescentou: "*Por meio desses [escritos] o espírito de muitos pode ser estimulado a desejar os favores que ouvem que você recebeu, e*

enquanto meditam nessas coisas, cuidam de emendar suas vidas."

2. Deliberando, surpresa em outra ocasião, por que o Senhor a impeliu por tanto tempo em seu intelecto que escrevesse estas revelações, sabendo que algumas pessoas de mente estreita iriam caluniá-las e denegri-las, em vez de serem edificados por elas, o Senhor a instruiu com estas palavras: "*Eu derramei minha graça sobre você de tal maneira que exijo frutos abundantes. Quero que aqueles que receberam dons semelhantes e os têm em baixa estima por negligência, enquanto aprendem com você, reconheçam seus próprios dons e aumentem a gratidão, para que minha graça cresça neles. Se alguns de coração perverso quiserem denegri-los, que o seu pecado caia sobre eles, sereis livres. Portanto, o profeta disse em meu nome: "Porei contra eles uma pedra de tropeço".*

Compreendeu destas palavras que o Senhor muitas vezes incita os seus eleitos a realizar ações que por vezes escandalizam os outros, mas que os justos não devem se omitir sob o pretexto de ficarem em paz com os maus, porque a a verdadeira paz consiste em vencer o mal com o bem. É o que acontece quando um homem, sem se abster de fazer o que for para a maior glória de Deus, ele vence e apazigua os ímpios com benevolência e ações delicadas; desta forma, ganha-se o vizinho. Se ele não conseguir nada, ele não perde sua recompensa por isso. Hugo de São Vítor escreve: "*Os fiéis sempre encontrarão motivos para duvidar, e os infiéis, se quiserem, motivos para acreditar; portanto, os fiéis*

recebem a recompensa por sua fé, e os infiéis o castigo por sua infidelidade".

CAPÍTULO XVI

Testemunhos evidentes com quem o Senhor garantiu [seus escritos] por revelações a outros

1. Ao considerar sua baixeza e indignidade, [Gertrudes] se julgava indigna de tantas graças de Deus, que reconhecia ter recebido fielmente do Senhor. Por isso, recorreu à irmã M. (Matilde de Hackeborn), de feliz memória, conhecida e respeitada então pelas graças das revelações que havia recebido de Deus, e rogou-lhe com toda humildade que consultasse o Senhor sobre os dons relatados acima — não porque duvidasse deles, mas para se estimular a um maior agradecimento por tê-los recebido gratuitamente, e sentir-se confirmada com toda segurança, quando, por causa de sua baixeza, se sentisse tentada a ceder à dúvida.

A irmã Matilde, tal como esta serva lhe havia suplicado, entregou-se à oração para consultar ao Senhor. Contemplou então o Senhor Jesus como Esposo cheio de encantos e de grande delicadeza, mais belo que milhares de anjos, vestido com túnicas verdes, cujo interior parecia de ouro. Abraçava aquela por quem se rezava com sua direita cheia de ternura, de tal modo que seu lado esquerdo, onde está o coração, se unia à abertura da chaga do seu

Amado, a quem ela, por sua vez, abraçava por trás com a esquerda.

Cheia de admiração, a bem-aventurada Matilde quis saber o significado dessa visão. O Senhor lhe disse: "*O verde das minhas vestes, adornadas por dentro como de ouro, significa que toda ação da minha divindade germina e floresce por amor*." E acrescentou: "*Essa operação cresce e floresce com vigor nessa alma. Ver o seu coração unido à chaga do meu lado significa que uni o seu coração ao meu, de tal forma que, a cada momento, ela pode receber o fluxo da minha divindade*."

Ela insistiu: "*Senhor meu, concedeste a esta tua eleita tais graças para que, com a certeza do teu conhecimento, ela pudesse responder com segurança àqueles que a procuram em qualquer dificuldade, e assim, todos os que, por meio dela, buscarem o verdadeiro caminho da salvação o encontrem, como te dignaste prometer-lhe nas palavras que humildemente me revelou?*"

O Senhor respondeu com grande ternura: "*É verdade que lhe concedi privilégios especiais, para que todo aquele que crer que pode alcançar tudo por meio dela, o consiga sem a menor dúvida. E aquele que ela julgar digno de receber a comunhão, jamais será tido por indigno da minha misericórdia. Mais ainda, se ela encorajar alguém a comungar, eu o olharei com mais ternura. Ela avaliará e julgará como graves ou leves as faltas daqueles que a consultarem, segundo o meu divino discernimento.*

E assim como há três que dão testemunho no céu — o Pai,

o Verbo e o Espírito Santo — ela também deverá comprovar seu testemunho de três maneiras:

1. *Quando instruir alguém, o fará interiormente, sob o impulso do Espírito Santo.*
2. *Considerará se aquele com quem fala se arrepende ou quer se arrepender da sua falta.*
3. *Estimará se tem boa vontade.*

Se a pessoa reunir essas três atitudes, ela responderá sem hesitar, conforme sentir interiormente; e eu ratificarei tudo o que ela responder em nome da minha bondade."

O Senhor ainda acrescentou: "*Quantas vezes desejar falar com alguém, que ela o atraia primeiro com um profundo suspiro, como o sopro do meu Coração divino, e tudo o que disser será confirmado com certeza absoluta. Ela não errará, nem os que a escutam; ao contrário, reconhecerão nas suas palavras os segredos do meu Coração divino.*"

O Senhor insistiu: "*Que ele guarde fielmente esse testemunho das tuas palavras: se com o passar do tempo experimentar certo esfriamento da graça recebida, por causa das ocupações — como costuma acontecer — não desanime. Eu manterei firmes, por toda a sua vida, as graças dos privilégios anunciados*."

2. [Certa vez, a irmã Matilde] perguntou novamente ao Senhor se [Gertrudes] incorria em alguma falta ou de onde lhe vinha aquele constante empenho em fazer tudo o que lhe vinha ao

pensamento: rezar, escrever, ler, ensinar o próximo, corrigir ou consolar. O Senhor respondeu: "*Uni meu Coração de modo tão misericordioso e inseparável à sua alma, que, feita um só espírito comigo, ela concorda em tudo e acima de tudo com a minha vontade, assim como os membros do seu próprio corpo concordam com o coração. Quando o homem pensa no coração: 'faz isso', imediatamente a mão o faz; quando pensa: 'olha aquilo', imediatamente o olhar se volta para lá — da mesma forma ela está presente em mim, e eu ajo nela para realizar a cada instante o que quero fazer naquele momento. Escolhi-a para habitar nela. A vontade dela, o bom ato da sua vontade, está unida ao meu Coração como a mão direita à ação que executa — que é o que eu desejo; A sua inteligência é para mim como um olho, quando ela pensa no que me dá prazer; O ímpeto do seu espírito é para mim como uma língua, quando, impulsionada por esse espírito, diz o que eu quero dizer; A sua discrição é para mim como o olfato, pois inclino o ouvido da minha misericórdia para aquelas pessoas por quem ela se inclina pela bondade da compaixão; A sua intenção é para mim como os pés, quando ela se propõe a fazer aquilo que convém que eu a siga. Por isso, segundo o ímpeto do meu Espírito, ela deve sempre se apressar, para que, concluída uma obra, esteja pronta para a seguinte, conforme minha inspiração. Se cometer alguma negligência por fraqueza humana, sua consciência não deve se perturbar, pois em outras coisas minha vontade já a supriu.*"

3. Outra pessoa, experimentada no conhecimento

espiritual, que orava e dava graças a Deus pelos dons concedidos a esta serva, recebeu uma revelação semelhante às descritas anteriormente, sobre os privilégios e a graça de união com Deus que ela possuía.

Está confirmado com toda certeza que recebeu esses dons de Deus, pois seus testemunhos são fiéis e seguros. O sussurro divino é percebido pelo ouvido da sua inteligência como uma brisa suave, de forma que ninguém percebe quando há comunicação, assim como os romanos sabem pouco do que fazem os habitantes de Jerusalém naquele momento.

Essa pessoa contou, no relato da revelação, que lhe foi comunicado também que todas as graças já recebidas por Gertrudes eram bem poucas em comparação com aquelas que o Senhor ainda havia de infundir em sua alma. E acrescentou: "*Ela alcançará tal união com Deus, que seus olhos só poderão ver o que Deus quiser ver através deles; sua boca não poderá dizer senão as palavras que Deus quiser pronunciar por ela, e o mesmo acontecerá com os demais sentidos"*. Quando e como o Senhor realiza isso, só Ele sabe, assim como aquela a quem foi concedida a graça de experimentá-lo. Contudo, isso não passa despercebido àqueles que, com mais fineza de espírito, souberem reconhecer o dom de Deus nela."

4. Em outra ocasião, [Gertrudes] suplicava à irmã M. (Matilde) que rezasse por ela e pedisse ao Senhor, de modo especial, que lhe concedesse a virtude da mansidão e da paciência,

das quais sentia mais necessidade. Ao fazer esse pedido ao Senhor, a irmã M. recebeu a seguinte resposta: "*A mansidão que me agrada encontrar nela recebe seu nome da palavra latina commanendo (residir), porque desde que habito nela, convém que se comporte em todo momento como uma esposa atenta, que desfruta sempre da presença do seu esposo; se tiver que sair, deve tomar-me pela mão e me levar consigo. Assim, todas as vezes que julgar necessário afastar-se do terno repouso da sua fruição íntima para instruir os outros, que faça primeiro o sinal da cruz salvífica em seu peito, pronuncie meu nome e, então, fale com plena confiança na minha graça tudo o que tiver de dizer*."

Do mesmo modo, o Senhor disse: "*A paciência que me agrada nela recebe o nome de paz e conhecimento; por isso, terá tal zelo pela paciência que não perderá a paz do coração diante da adversidade, procurando sempre conhecer a causa do sofrimento: isto é, por amor, como sinal de verdadeira fidelidade*."

5. Outra pessoa, que desconhecia totalmente essa serva de Deus, mas havia se recomendado às suas orações, ao pedir por ela, recebeu do Senhor a seguinte resposta: "D*e tal maneira a escolhi para habitar nela, que vejo com grande alegria tudo o que os outros amam nela, pois é obra minha. Quem não conhece as coisas interiores — isto é, espirituais — ao menos ama nela os meus dons exteriores: sua habilidade, sua eloquência e outros semelhantes. Por isso, a afastei como exilada de seus familiares, para que ninguém a amasse por parentesco, e sim que somente eu fosse a*

causa do amor que os amigos lhe têm.”

6. Uma pessoa perguntou ao Senhor, a pedido dela, de onde vinha o fato de [Gertrudes] viver durante tantos anos com o sentimento da presença de Deus, quando parecia ter levado uma vida bastante descuidada, embora não tivesse cometido falta tão grave que ofendesse o Senhor.

Recebeu a seguinte resposta: “*Se nunca me apresento a ela com ira, é porque ela considera boas e justas todas as minhas obras, sem se perturbar com nenhuma delas; mesmo que o que aconteça lhe seja penoso, ela sempre suaviza sua dureza ao pensar que aconteceu segundo a minha providência. Como diz São Bernardo: ‘Aquele que se compraz em Deus não pode desagradar a Deus.’ Por isso, eu sempre me mostro propício a ela*.”

Ao compreender que o Senhor havia respondido assim por sua grande bondade, [Gertrudes], movida por isso, como costumava dizer, ofereceu ao mesmo Senhor fervorosas ações de graças por tamanha dignação, e acrescentou, entre outras coisas: “*Como é possível, meu amantíssimo Amado, que tua ternura se digne dissimular tanto mal que há em mim, quando não posso deixar de me agradar com tua ação perfeitíssima, meu Deus? Isso não é mérito meu, mas obra da tua santidade absolutamente perfeita*.”

Então o Senhor a instruiu com esta comparação: “*Quando um leitor vê que a escrita de um livro é tão pequena que lhe é difícil de ler, ele pega uma lupa, por meio da qual a letra parece*

maior; isso não se deve ao livro, mas à lupa. Assim também eu, com a abundância da minha bondade, supro qualquer defeito que encontre em ti."

CAPÍTULO XVII

Crescente familiaridade com Deus

1. Às vezes, ela não recebia visitas de Deus por um certo tempo sem sentir nenhuma tristeza por isso. Um dia ela aproveitou a oportunidade para perguntar ao Senhor por que isso aconteceu. O Senhor respondeu: "*Muito perto às vezes impede que os amigos se vejam com mais clareza. Por exemplo, quando um se junta ao outro, como acontece ao beijar ou abraçar, o prazer do olhar é prejudicado"*. Com essas palavras, ela entendeu que às vezes a privação da graça aumenta muito o mérito. Quando privada da graça, ela não se deixa levar pela indolência, mesmo que encontre dificuldades para agir.

2. Ela começou a pensar por que Ele a estava visitando agora com sua graça de maneira diferente do que antes. O Senhor acrescentou: "*A princípio, instruí-te com respostas para que possas comunicar minha vontade a outras pessoas; Agora só vos faço sentir o meu sopro em espírito quando estais em oração, porque seria difícil explicá-lo aos teus sentidos; como se eu reunisse as riquezas da minha graça no meu tesouro, para que cada um*

encontrasse em ti o que procura, como a esposa conhece todos os segredos do marido". Depois de ter vivido com ele por muito tempo, ela aprendeu a conhecer seus desejos através de suas maneiras de agir, e não seria prudente descobrir os segredos do marido, conhecidos apenas por meio da intimidade recíproca.

3. Essa serva havia experimentado o mesmo de certa maneira em si mesma, quando reconheceu que, quando orava com grande seriedade por alguma causa que lhe havia sido confiada, era impossível para ela saber a resposta do Senhor como havia feito nos tempos anteriores; agora bastava sentir graça em si mesmo ao pedir uma causa, pois experimentava a certeza da inspiração divina, como já havia recebido a resposta do Senhor.

Da mesma forma, se alguém buscasse conselho ou consolo nela, ela recebia instantaneamente a graça de responder com tanta certeza que estaria pronta para aceitar a morte pela certeza das palavras ditas, mesmo que ela não tivesse experimentado nada parecido antes em relação a seus escritos, palavras ou pensamentos. Se ele pedia alguma causa sobre a qual o Senhor nada lhe havia comunicado, ele aceitava com grande alegria que a sabedoria divina fosse tão inescrutável e tão inseparavelmente unida ao doce amor. Isso lhe deu segurança absoluta em confiar todas as coisas a ela, porque lhe agradava mais do que se ele pudesse conhecer todos os arcanos dos segredos de Deus.

LIVRO II

ESCRITO POR ELA PRÓPRIA

PRÓLOGO

1. No nono ano depois de receber aquela graça, entre fevereiro e abril, quando voltou no dia santo da Ceia do Senhor, enquanto esperava com a comunidade que o Corpo do Senhor fosse levado a uma mulher doente, foi arrebatada por um violento movimento do Espírito Santo, pegou uma tábua que tinha ao seu lado e, transbordando de gratidão, escreveu com a mão o que sentia em seu coração em diálogo íntimo com seu Amado, para sua glória, como segue:

CAPÍTULO I

A primeira visita do Senhor

1. O abismo da Sabedoria incriada chama o maravilhoso abismo da Onipotência para exaltar a maravilhosa Bondade que transborda Tua misericórdia e desce ao vale profundo da minha

miséria!

Eu tinha 26 anos quando, naquela segunda-feira tão feliz para mim, antes da festa da Purificação de Maria, minha Mãe castíssima, na segunda-feira, 27 de janeiro (1281), uma hora carinhosa depois das Completas, no início do crepúsculo, tu, Verdade e Deus resplandecentes, superiores a todas as luzes, mas mais ocultos do que o segredo mais íntimo, decidiu aliviar a densidade da minha escuridão e começou a acalmar gentil e ternamente aquela perturbação que um mês antes havias levantado em minha alma. Com esse embaraço, tu tentaste, pareceu-me, destruir a torre de minha vaidade e curiosidade em que meu orgulho havia crescido, que, oh tristeza, levava o nome e o hábito da vida religiosa. Assim encontraste o caminho para me oferecer sua salvação

2. Então, na hora marcada, quando levantei a cabeça no meio do quarto, depois de cumprimentar uma idosa de acordo com o costume da Ordem, vi um jovem gentil e delicado, de cerca de dezesseis anos, com aquela beleza desejável para minha juventude que atraiu meus olhos. Com um rosto atraente e uma voz doce, ele me disse: "*Sua salvação virá em breve. Por que você está consumida pela tristeza? Você não tem ninguém para aconselhá-la, para que não te perturbes?*" Enquanto eu falava, embora estivesse consciente de estar fisicamente no lugar mencionado, pareceu-me que estava no coro, onde estou acostumada a fazer minha oração morna. Lá ouvi as seguintes palavras: *Não tenha medo. Eu vos*

salvarei, vos livrarei. Quando ouvi isso, vi que tua terna e delicada mão direita segurava a minha como se prometesse ratificar essas palavras, e ele acrescentou: "*Você lambeu a terra com meus inimigos, provou mel entre espinhos, volte para mim e eu a embriagarei com o dilúvio dos prazeres divinos”*.

Enquanto eu dizia isso, olhei e vi entre ele e eu, ou seja, à tua direita e à minha esquerda, uma cerca de comprimento infinito, nem na frente nem atrás de mim estava o fim à vista. Ela parecia estar coberta por uma cerca viva de espinhos densos que de forma alguma me permitia livre acesso ao referido jovem. Nessa situação, senti tanta ansiedade e desejo tão ardente que quase desmaiei.

De repente, ele mesmo me pegou e, sem dificuldade, me levantou e me colocou ao seu lado, e eu reconheci naquela mão da qual ele havia recebido tal promessa, as joias preciosas daquelas feridas com as quais ele anulou todas as sentenças.

Louvo, adoro, bendigo e agradeço o melhor que posso à tua sábia misericórdia e à misericórdia da tua sabedoria, com que tu, meu Criador e Redentor, procuraste submeter o meu pescoço ao teu jugo suave e preparaste um remédio adequado à minha fraqueza. Desde então, pacificada por uma alegria espiritual inteiramente nova, resolvi seguir com força e determinação o doce *cheiro de seus perfumes,* e compreender quão doce é seu jugo e teu fardo, que pouco tempo antes me parecia insuportável.

CAPÍTULO II

Iluminação do coração

1. Salve meu Salvador, luz dos meus olhos. Agradeço-te por tudo o que existe na imensidão do céu, na redondeza da terra e nas profundezas do mar, pela graça incomparável de ter introduzido a minha alma no conhecimento e na consideração do mais íntimo do meu coração, que até então eu tinha negligenciado tanto quanto o mais baixo dos meus pés. Então percebi tudo o que em meu coração havia ofendido a extrema delicadeza de sua pureza: tanta desordem, tanta confusão, sem intenção de oferecer uma morada ao seu desejo. No entanto, nem isso nem minha vileza impediram que tu, amantíssimo Jesus, muitas vezes te dignasse a me favorecer com tua presença visível nos dias em que me aproximei do alimento vivificante de teu corpo e sangue, mesmo que eu não o percebesse mais claramente do que os objetos são vistos ao amanhecer. Essa tua condescendência benigna não deixou de atrair minha alma para ti para uma união mais íntima, uma contemplação mais viva e uma fruição mais saborosa.

2. Tais foram as disposições para fazer meus esforços nessa direção, na festa da Anunciação do Senhor a Maria, quando tu te desposaste com a natureza humana no ventre virginal. Tu, que antes mesmo de seres invocado respondes: "*Eis-me aqui,* antecipaste aquele dia enchendo-me, a mais indigna, de doces bênçãos, na véspera daquela festa em que o capítulo foi realizado

após as matinas, porque era domingo.

Não poderei expressar por escrito como me visitastes, ó Luz que vem do alto!, com as entranhas da tua misericórdia. Concedei-me, dispensador de todo o bem, imolar as vítimas de louvor no altar do meu coração, e alcançar de acordo com o meu ardente desejo: que eu e todos os teus eleitos possamos experimentar a doce união e a fruição que une, tão desconhecida para mim antes dessa hora.

Ao olhar para trás, para ver como era minha vida antes e depois (daquela experiência), confesso com toda a sinceridade que foi uma graça totalmente gratuita e imerecida. A partir daquele momento, tu me deste uma luz tão vívida de teu conhecimento que o doce amor de tua amizade me estimulou mais fortemente do que o castigo merecido de tua seriedade para me levar a me corrigir. Não me lembro de ter tido tal fruição fora daqueles dias em que me convidaste para as delícias de tua mesa real. Nem está claro para mim se isso foi ordenado por Tua sábia Providência ou causado por minha negligência calculada.

CAPÍTULO III

Alegre habitação do Senhor

1. Tu agiste em mim e moveste meu espírito naquele dia entre a Ressurreição e a Ascensão, quando desci ao jardim diante

de Prima e me sentei à beira do tanque. Contemplei o frescor do lugar, tão delicioso para mim; a transparência da água corrente; a exuberância das árvores que estavam lá; o esvoaçar dos pássaros e especialmente a facilidade dos pombos; mas acima de tudo o descanso secreto de uma aposentadoria solitária.

Comecei a pensar no que deveria fazer para que a fruição desses momentos fosse total em mim. Este desejo veio a mim: "Se ao menos um amigo próximo, amoroso, generoso e terno viesse me consolar em minha solidão!" Então tu, meu Deus, autor dos prazeres mais requintados, foi com tua providência a origem e o fim desta contemplação, me atraíste para ti dessa maneira e me ensinaste que se eu o retribuísse com gratidão como a água flui a torrente de suas graças; se crescesse na prática das virtudes como as árvores crescem e florescem com a vegetação das boas obras; ainda mais, se, desprezando as coisas da terra, eu voasse rapidamente pelo desejo para as coisas celestiais como pombas, e como elas, meus sentidos corporais voassem para longe do tumulto externo, me entregando totalmente a ti com meu pensamento, então eu apresentaria meu coração a ti como a morada mais agradável de tuas delícias.

2. Ocupada naquele dia em lembrar de tudo isso, ajoelhando-me à noite, abaixei-me para orar antes de ir para a cama. De repente, lembrei-me daquele lugar evangélico: *Aquele que me ama guardará minha palavra, meu Pai o amará, e nós viremos a ele e faremos nele nossa morada.* Imediatamente meu

coração de barro sentiu sua vinda e sua presença. Oh! Oxalá eu desejasse mil vezes que um mar inteiro transformado em sangue pudesse passar pela minha cabeça, que inundasse esta cloaca de extrema vileza, que tu, de dignidade incomensurável, escolheu habitar! Que meu coração, arrancado do meu peito, seja despedaçado em brasas para ser purificado e consumido no cadinho de tua escória, que eu possa oferecer-te uma morada, se não totalmente digna, então menos indigna! Pois a partir daquele momento te entregaste a mim, às vezes mais benigno, às vezes mais severo, conforme a emenda ou negligência de minha vida exigia. Devo confessar sinceramente que a emenda mais diligente, a que cheguei uma vez, mesmo que por um momento, mesmo que durasse toda a minha vida, nunca teria merecido uma manifestação tua, mesmo que severa, que nunca recebi pelos muitos crimes e, oh tristeza, por pecados tão graves. Tua grande ternura muitas vezes me leva a pensar que estás mais perturbado do que zangado com meus pecados, e cedes à virtude de sua paciência, para suportar com mais magnanimidade minhas faltas, do que aquela que tiveste em sua vida mortal com o traidor Judas.

3. Mesmo que eu vagasse em meus pensamentos e me deliciasse com as distrações, quando, infelizmente, depois de horas, dias e o que ainda temo, oh dor! depois de semanas voltastes ao meu coração, sempre notei nele que nem por um instante me deixastes até o presente desde aquela hora, quando há nove anos, exceto uma vez durante onze dias antes da festa de São

João Batista (que aconteceu, ao que me parece, em uma quinta-feira por uma conversa mundana, e durou até segunda-feira, que foi a vigília de São João Batista naquele ano). Durante a Missa: "*Não tenhas medo, Zacarias, etc.", tua* doce humildade e a admirável bondade de teu terno amor, eu me vi tão tola que não percebi que havia perdido um tesouro tão grande. Não me lembro de ter me arrependido disso ou de ter o menor desejo de encontrá-lo novamente. Agora me pergunto com surpresa que estranha loucura minha mente cegou, já que não me permitistes experimentar em mim o que São Bernardo diz: "*Nós fugimos e vós nos perseguis; te viramos as costas e vos apresentais a cara; implorais e sois desprezado; nenhuma confusão ou desprezo pode vos afastar de nós, mas vos mostrais infalível até que nos leve àquela alegria que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração do homem poderia alcançar*". A princípio, me concedeste a graça que eu não merecia, e embora fosse mais doloroso recair do que cair pela primeira vez, te dignaste a me conceder, sem mérito próprio, a alegria de tua presença salutar, que permanece até o presente. Que o louvor e a ação de graças sejam dados a ti que flui docemente do amor incriado e flui de volta para ti de uma maneira inconcebível para qualquer criatura.

4. Para preservar em mim um dom tão grande, ofereço-te aquela oração mais excelente que a extrema dor de sua agonia, testemunhada pelo suor de sangue, tornou tão intensa, a inocência e a simplicidade de sua vida tão devotas e o amor ardente da

Divindade tão eficaz. E assim que o poder dessa oração mais perfeita produza em mim a união perfeita convosco e me introduza em tua intimidade, para que, quando eu me ocupar com coisas externas para o benefício de meu próximo, eu possa me entregar a elas com medida, e quando eles tiverem feito o melhor possível para teu louvor, eu possa retornar a ti no mais íntimo do meu ser, como as águas impetuosas correm para as profundezas sem qualquer impedimento.

Que doravante me encontreis tão centrado em ti quanto te faças presente em mim, e assim me eleveis àquela santidade que a tua justiça uma vez permite à alma que, oprimida pelo peso da carne, sempre resistiu à tua misericórdia. Que eu possa dar meu último suspiro em teu abraço mais íntimo e teu beijo poderoso, para que minha alma possa chegar sem a menor demora onde viveis e se alegrar na glória, sem ocupar nenhum lugar e sem divisão possível em uma eternidade florida com o Pai e o Espírito Santo, Deus verdadeiro e imortal, para todo o sempre.

CAPÍTULO IV

Impressão das santíssimas chagas do Senhor

1. Nos primeiros dias em que recebi essas graças, acho que no primeiro ou segundo ano durante o inverno, encontrei em um livro uma breve oração com estas palavras:

"Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, concede que eu possa aspirar a ti com todo o meu coração, com pleno desejo, com uma alma sedenta, e respirar em ti a maior doçura e suavidade. Que meu espírito e as profundezas do meu ser anseiem por se juntar a ti, verdadeira alegria. Grava, Senhor misericordioso, as tuas chagas no meu coração com o teu precioso sangue, para ler nelas a tua dor e o teu amor. Que a lembrança dele permaneça no segredo do meu coração, para excitar em mim a dor de tua compaixão e acender o ardor de teu amor. Concede-me também que toda criatura seja desprezível para mim e que somente tu sejas a doçura do meu coração".

2. Gostei muito desta pequena oração e procurei rezá-la e frequentá-la com cada vez mais fervor e tu, que nunca rejeitas os desejos dos humildes, se fez presente para me conceder o que eu pedi naquela pequena oração. Então, pouco depois, naquele mesmo inverno, enquanto ia depois das Vésperas para o refeitório para o lanche, sentei-me perto de uma pessoa a quem de alguma forma descobri o segredo de tais favores. Acrescento de passagem, para o benefício daqueles que lêem este escrito, que muitas vezes sentia o fervor da devoção aumentar em mim ao fazer tais confidências, e não vejo claramente, Senhor meu Deus, se isso veio do Teu Espírito Santo ou foi apenas uma simples afeição humana. Ouvi alguém experiente em coisas espirituais dizer que revelar esses segredos pode ser de grande utilidade, não apenas para pessoas cuja amizade fiel conhecemos, mas também para aqueles que consideramos superiores pela dignidade de seu ofício.

Mas como não sei por que devo agir como disse,

recomendo-me a ti, meu fidelíssimo dispensador, cujo *espírito, que é mais doce que o mel,* dá consistência à solidez dos céus; se isso vem da afeição humana, é ainda mais digno que eu mergulhe no abismo da gratuidade, quanto mais condescendente te dignaste a amarrar ao barro de minha insignificância o ouro de sua inestimável grandeza, para que as pérolas de tuas graças pudessem ser colocadas em mim.

3. Na hora mencionada, eu me encontrava imersa na lembrança dessas coisas e senti como se, de forma divina, me fosse concedido, a mim, indigníssima, o que havia pedido na oração citada. Ou seja, percebi em espírito, como se estivessem gravados em um lugar real do meu coração, os estigmas dignos de devoção e adoração de tuas santíssimas chagas. Com elas curaste minha alma e me ofereceste o cálice do teu doce amor.

Mas minha indignidade ainda não havia esgotado o abismo de tua ternura; ao contrário, recebi, da superabundância de tua generosidade incomensurável, aquele dom memorável pelo qual, todas as vezes que recitava cinco versículos do salmo 'Bendize, ó minha alma [ao Senhor]', contemplava em espírito cada uma das chagas [impressas em meu coração], e nunca me senti defraudada por ter recebido dom tão especial.

4. Durante o primeiro verso, " *Abençoa minha alma*", recebi o poder de colocar nas feridas de teus pés sagrados toda a ferrugem dos pecados e o vazio dos prazeres mundanos.

No segundo verso: *Abençoe e não se esqueça,* lavei

naquela fonte de amor onde sangue e água fluíram para mim, toda mancha de prazer carnal e fugaz.

No terceiro verso: Que *seja perdoado,* fui rapidamente à ferida da mão esquerda para acalmar o espírito, como uma pomba que põe seu ninho na toca da rocha.

No quarto verso, " *Que liberta a vida da morte",* aproximei-me da chaga de tua mão direita e, dos tesouros ali encerrados, apropriei-me com confiança de tudo o que me faltava para a perfeição das virtudes.

Adornado com eles, purificada de toda desonra dos pecados, e *suprida* em mim com toda falta de mérito pelo quinto versículo: *Quem te enche de coisas boas*, mereceu desfrutar [pela ferida em teu lado] teus castos abraços em tua tão desejada e doce presença, da qual em mim sou indigna, mas em ti mais digna.

5. Admito que com esses versículos me foi concedido tudo o que é pedido naquela oração, ou seja, que eu aprenda com eles sua dor e seu amor. Mas, infelizmente, foi por um curto período de tempo. Eu não o acuso de tê-los tirado de mim; acredito que os perdi por minha própria ingratidão e negligência. No entanto, foi ocultado por tua imensa misericórdia e ternura copiosa, que preserva até o presente em mim, sem méritos próprios e imerecidamente, aquela primeira e mais presente impressão [em meu coração] de suas feridas. Pois tudo isso possa ser dado honra e domínio a ti, louvor e alegria para sempre.

CAPÍTULO V

A Ferida do Amor

1. Sete anos depois, poucos dias antes da Visita, por sua disposição, Autor de todo o bem, obriguei uma pessoa a acrescentar para mim todos os dias, na oração que ela fazia diante da imagem do crucifixo, as seguintes palavras: "Por seu Coração trespassado, amabilíssimo Senhor, trespasse seu coração tão profundamente com os dardos de seu amor, que não pode conter nada terreno e só é possuído pelo poder de sua divindade.

Provocado, como espero, por esta oração, o domingo em que *se canta Gaudete in Domino*: "Alegrai-vos no Senhor" durante a Missa, ao aproximar-me da comunhão do Teu Santíssimo Corpo e Sangue, com a permissão da tua misericórdia com a excessiva e copiosa superfluência da tua generosidade, inspiraste-me um desejo que me obrigou a irromper nestas palavras: "Confesso, Senhor, que por meus méritos não sou digna de receber o menor de teus dons. No entanto, peço tua compaixão pelos méritos e desejos de todos os presentes, para perfurar meu coração com o dardo de teu amor. Instantaneamente senti que o poder dessas palavras me aproximou ao teu divino Coração, quer pela infusão de uma graça interior, quer pelo testemunho de um sinal exterior à imagem do crucificado.

2. Ao me retirar para o lugar de oração depois de receber tais sacramentos vivificantes, pareceu-me que do lado direito de

um crucifixo pintado em uma folha, isto é, da ferida no lado, saía como um raio de sol na forma de um dardo afiado, que se dilatava e encolhia; assim por diante por um tempo, e ternamente excitou minha afeição. Mas o meu desejo ainda não se cumpriu senão na quarta-feira seguinte, quando, depois da Missa, os fiéis foram recordados da condescendência da tua adorável Encarnação e Anunciação. Embora não muito dignamente, também me juntei a eles. E eis que apareceste como que inesperadamente e abriste uma ferida no meu coração com estas palavras: "Que se concentre aqui a soma de todos os afetos do teu coração, por exemplo: a soma do prazer, da esperança, da alegria, da dor, do medo; Que todas as suas afeições estejam concentradas em meu amor.

3. Naquele momento lembro-me do que ouvi em alguma ocasião: é necessário aplicar loções, unções, curativos nas feridas. Não me ensinaste naquela época como eu deveria fazer isso. Me mostraste isso mais tarde com bastante clareza por outra pessoa que, para teu louvor, como espero, tem teus ouvidos espirituais muito mais acostumados do que os meus, infelizmente, a perceber os belos sussurros dos seus amores. Ela me aconselhou a aceitar com terna devoção o amor do seu Coração pendurado na cruz. Que daquela água da caridade que brotava do ardor de tão inefável amor, tomasse a água da devoção para a purificação de todos os pecados; daquele licor de ternura que produziu a doçura de um amor tão inestimável, ele tiraria a gratuidade da unção contra todo o mal; e, finalmente, a partir da eficácia daquela caridade que

produziu a força de um amor tão incompreensível, aplicarei os laços da justificação e, assim, com a firmeza de teu amor, dirigirei a ti todos os meus pensamentos, palavras e ações, para me unir indissoluvelmente a ti.

4. Tudo o que eu corrompi por minha maldade e perversidade nessas graças [que tu me concedeste] é suprido pelo poder daquele amor em que *habita toda a plenitude,* aquele que *estava assentado à sua direita* tornou-se *osso dos meus ossos e carne da minha carne.* Por meio dele, pelo poder do Espírito Santo, tu nos concedeste agir com nobres sentimentos de compaixão, humildade e reverência. Por meio dele ofereço-Te [meu Deus] a queixa de minhas infidelidades tão numerosas, contra Tua tão nobre e divina bondade que tanto e de tantas maneiras ultrajei por pensamentos, palavras e ações, e acima de tudo, por ter usado os dons relatados de maneira tão infiel, negligente e irreverente. Se tu tivesse me dado como lembrança apenas um fio de reboque, eu o teria pegado com a maior reverência.

5. Tu sabes, ó meu Deus, conhecedor dos segredos do meu coração, que esta foi a causa que me obrigou a escrever essas coisas, muito além da minha vontade e contra o meu prazer. Acho que isso não me serviu de nada, não posso acreditar que isso tenha sido feito apenas para mim, pois ninguém pode enganar sua sabedoria eterna. Portanto, Dispensador de todos os dons, que sem merecê-los livremente me concedeu tantas graças, conceda também àqueles que lêem estas coisas, que os corações de seus

amigos tenham compaixão de ti, que por teu zelo pelas almas manteve por tanto tempo uma pérola tão real no barro fedorento do meu coração. Com as palavras do meu coração e da minha boca louvo, imploro e exalto a tua misericórdia, dizendo: "*A ti, Deus Pai, de quem procedem todas as coisas. Eles te elogiam com justiça. A você honra, bênção e glória".* Desta forma, minha deficiência será *suprida* de alguma forma .

Aqui ela parou de escrever até outubro

CAPÍTULO VI

Visita especial do Senhor no dia de Natal

1. *Ó altura insondável* de admirável firmeza!

Ó profundidade do abismo da Sabedoria insondável! Ó imensa amplitude da caridade almejada! Com que ímpeto cresceram as torrentes de nectarina de Tua melíflua Divindade, para transbordar sobre mim, um verme que desliza a mais extrema vileza para a areia de minha negligência e defeitos! Que me seja permitido e possa desfrutar de narrar já neste exílio da minha peregrinação, de acordo com a minha capacidade limitada, o início das delícias mais doces e da doçura mais terna com que *aquele que se une a Deus se torna espírito com Ele*. Essa felicidade incomensurável, derramada de forma transbordante, foi-me concedida, um minúsculo grão de poeira, e me fez ousar lamber

pelo menos algumas gotas dessa felicidade.

2. Naquela noite santíssima, em que, com o doce orvalho da divindade, os céus destilaram mel por todo o mundo, o velo da minha alma, umedecido na eira da comunidade, tentou entrar na meditação e prestar, pela prática da devoção, algum serviço àquele nascimento mais do que celestial, que a Virgem deu à luz a seu filho, verdadeiro Deus e homem, como um raio [do sol]. Em um instante, pareceu-me que uma certa criança me foi oferecida e recebida em um lugar do coração como se tivesse nascido naquele momento, no qual estava escondido o dom da maior perfeição e do *dom mais precioso.* Enquanto eu o tinha dentro de minha alma, parecia ter sido transformado na mesma cor que ele, se é que você pode chamar de cor aquilo que não pode ser comparado a uma imagem visível. Então minha alma recebeu um certo conhecimento inefável daquelas palavras que destilavam doçura: *Deus será tudo em todas as coisas;* pois ela sentia que tinha que conter seu Amado nas profundezas de seu ser, e ela se divertia com a mais doce ternura, sem que a presença amorosa de seu esposo a deixasse. Assim, ele bebeu o cálice meloso daquelas palavras que lhe haviam sido divinamente comunicadas: "Como eu sou *a imagem da substância do Pai* na divindade, você será uma figura da minha substância no que diz respeito à humanidade, recebendo em sua alma divinizada as emissões da minha divindade como o ar recebe os raios do sol. Penetrado até a medula por sua força unitária, você estará preparada para uma união mais íntima comigo.

3. Ó mais nobre bálsamo da divindade, que tu podes em todos os lugares ribeiros de caridade, que florescem e florescem na eternidade, e no fim dos tempos tu te expandirás em todas as direções! Ó verdadeiro e insuperável poder da mão direita do Altíssimo, através de quem um vaso tão frágil, e por minha própria culpa lançado como ignominioso, conteve e preserva bebidas alcoólicas de tanto valor! Ó testemunho verdadeiramente irrefutável da ternura divina transbordante, que não se afastou de mim quando caminhei tão longe, vagando pelos caminhos de meus vícios, mas manifestou-me, na medida de minha capacidade, a doçura de sua união mais feliz!

CAPÍTULO VII

Nobre união da alma [desta serva] com Deus

1. Acamada na sacrossanta festa da Purificação por uma grave doença, entristecida em meu coração, lamentei ao amanhecer que não poderia receber a visita divina com a qual muitas vezes fui consolada naquele dia. A mediadora do *Mediador entre Deus e os homens* consolou-me com estas palavras: "Não te lembras de teres experimentado no teu corpo, por causa das tuas enfermidades, uma dor tão amarga como esta; saibam que vocês nunca receberam de meu Filho uma graça tão excelente como a atual. A recente doença do corpo roubou seu espírito para recebê-lo

dignamente. Aliviada por essas palavras e recebendo o alimento vivificante, quando a Procissão estava prestes a começar, contemplei Deus dentro de mim, vi minha alma como cera docilmente amolecida pelo fogo, oferecendo-se para ser impressa como um selo no peito do Senhor. No momento, minha alma parecia estar marcada nele, introduzida naquele tesouro em que *toda a plenitude da divindade habita corporalmente,* com o selo da Trindade resplandecente e sempre serena.

2. Ó meu Deus, *fogo devorador,* que contém, extrai e imprime um ardor vivo; que se alimenta inextinguível do solo úmido de minha alma escorregadia! Dissecaste nele o fluxo dos prazeres humanos, para suavizar mais tarde o rigor gelado de minha própria vontade, fortemente endurecido com o passar do tempo. Ó fogo, verdadeiro *consumidor,* que exerce tua força contra os vícios e mostra tua suave unção na alma! De ti, e absolutamente nenhum outro, recebemos esse poder para que possamos ser reformados de acordo com a imagem e semelhança de nossa origem. Ó fornalha ardente que ilumina a visão da verdadeira paz, e por sua ação poderosa transforma a escória em ouro puro e escolhido, como a alma, cansada de ilusões, busca finalmente com todas as suas energias o que só a verdade verdadeira vê de ti!

CAPÍTULO VIII

Rumo a uma união mais íntima

1. No domingo [cantado na entrada] "*Se para mim . . .*" *durante* a Missa, despertaste meu espírito e dilatou meu desejo por aqueles dons mais nobres que ias me comunicar, especialmente com duas palavras, cujos efeitos senti mais fortemente em minha alma, no versículo do primeiro Responsório: Bendigo-te *eu te abençoarei, etc.,* e o versículo do nono Responsório: A *ti e a teus descendentes darei estas regiões, etc.*. Então você tocou seu peito mais sagrado com sua mão santa e me mostrou quais eram as regiões que sua incomensurável generosidade prometia.

2. Ó região feliz e abençoada, uma fonte de felicidade, um jardim de delícias. O menor grão [de suas sementes] pode satisfazer transbordantemente a fome de todos os eleitos em tudo o que o coração humano pode imaginar desejável, gentil, delicioso, prazeroso e doce! Enquanto eu olhava cuidadosamente para as coisas que eu deveria olhar, se não como deveria, pelo menos o melhor que pude, *a bondade de Deus, nosso Salvador, e seu amor pelo homem apareceram, não por causa das obras de justiça*, que eu era indigna de merecer, *mas de acordo com sua* misericórdia inefável, que me conforta e reabilita com uma regeneração adotiva, acima de minha extrema e indigna baixeza, para que eu possa alcançar isso mais profundamente, a união celestial e inestimável contigo, verdadeiramente maravilhosa e terrível, digna de reverência e adoração.

3. Por que méritos, meu Deus, eu mereci essas graças, que

razões exigiram de ti? Sem dúvida, o amor "que ignora a sua própria dignidade e é rico de bondade". "Esse amor, repito, tão apaixonado, que não obedece à razão, nem é equilibrado pelo bom senso", obrigou a ti, meu amoroso Deus, como se eu estivesse embriagada, ousaria dizê-lo, a unir coisas tão diferentes. Pode ser dito mais apropriadamente do que a ternura inata e conatural de tua bondade, alcançada pela doçura da caridade pela qual não és apenas um amante, mas o próprio Amor, que dirigiu seu fluxo natural para a salvação da raça humana! Ela o impeliu a me tirar de minha criatura mais baixa, desprovida de méritos naturais e gratuitos, desprezível por seus hábitos, da mais baixa de minha vileza, para me associar à tua dignidade real, ou melhor, divina; para que a confiança possa ser aumentada em todos os que vivem aqui embaixo. Espero e desejo isso para cada cristão por respeito ao meu Senhor, para que ninguém seja inferior a mim na degradação dos dons de Deus e no escândalo [ou mau exemplo] do meu próximo.

4. Mas como *as coisas invisíveis de Deus* podem ser mostradas ao *intelecto através das obras criadas,* como já indiquei, o Senhor apareceu naquele lugar de Seu seio sagrado onde Ele havia recebido minha alma no Dia da Purificação, na forma de cera fortemente amolecida pelo fogo, que jorrou com força como gotas de suor, como se a substância da referida cera tivesse se dissolvido completamente devido à intensidade do calor que estava dentro [do

peito]. Aquele divino gazofilácio[2] absorveu aquela espécie de gotas com força admirável, inefável, direi, incompreensível, de modo que ficaria evidente que poder imponente concentrava um amor impossível de conter, onde sua capacidade, sua grandeza e sua profundidade impenetrável estavam presentes.

5. Ó solstício eterno, morada segura, lugar de todo deleite, paraíso de delícias eternas, onde brotam correntes de prazeres incalculáveis, que faz brotar a primavera florida com todas as variedades de aromas, que lisonjeia com a mais fina harmonia, ou melhor, recria suavemente doces melodias da música celestial, arrebata com o perfume odorífero de aromas intensos, intoxica com forte doçura de sabores íntimos, e imobiliza em sublime ternura os abraços mais íntimos!

Ó três vezes feliz, quatro vezes feliz, e se é lícito falar assim, centenas de vezes santo, aquele que, movido pela graça, mereceu aproximar-se daquele lugar *com mãos inocentes.*

Oh, como posso dizer o que vejo, o que ouço, o que respiro, o que provo, o que sinto! Por que minha língua impotente se esforça para balbuciar essas coisas, que, embora eu tenha sido admitido a esses favores pela benevolência divina, endurecido, no entanto, por meus próprios vícios e negligências, e envolto em pele de couro densa, não sou capaz de entender uma coisa dessas? Além disso, toda a ciência dos anjos e dos homens juntos não seria

[2] Refere-se a um **cofre ou caixa de ofertas** colocado no Templo de Jerusalém, onde os fiéis depositavam doações em dinheiro. É mencionado, por exemplo, no Evangelho de Marcos 12,41-44 e Lucas 21,1-4, na cena em que Jesus observa a oferta da viúva pobre, que "deu tudo o que possuía.

capaz de pronunciar uma única palavra que pudesse alcançar o mínimo da sublime grandeza [desta união].

CAPÍTULO IX

União inseparável da alma com Deus

1. Pouco tempo depois, em meados de junho, acamada por uma doença grave, certa manhã ela estava deitada sozinha enquanto as outras irmãs estavam ocupadas em suas ocupações. Apareceu o Senhor, que não abandona aqueles que carecem de consolações humanas para cumprir as palavras proféticas: "Eu *estarei com ele na tribulação*". Ele mostrou como se fluísse de seu lado esquerdo, das profundezas de seu santíssimo Coração, *um rio de água viva, brilhante e sólido como cristal, que jorrava* e cobria aquele peito abençoado como um colar dourado e roxo, cujas cores se entrelaçavam de várias maneiras. Assim, o Senhor acrescentou: "A doença de que agora sofres santificou tua alma, para que, em qualquer circunstância em que condescenderes com os outros por minha causa em pensamentos, palavras e ações, não te apartarás de mim, exceto o que te foi mostrado neste rio. E como esta cor dourada e roxa brilha por sua transparência cristalina, assim a cooperação dourada de minha divindade e a paciência brilhante de minha humanidade tornarão todas as tuas ações agradáveis aos meus olhos pela intenção correta.

2. Ó dignidade desse pó insignificante que a mais nobre jóia de toda a nobreza celeste escolheu da lama da vegetação rasteira para colocá-lo em si mesmo!

Ó excelência desta humilde florzinha, que os próprios raios do sol atraíram para ela de lugares pantanosos, para comunicar seu brilho! Ó felicidade daquela alma feliz e bem-aventurada, a quem o Senhor da majestade concedeu tanta dignidade, que, sendo todo-poderoso em criá-la e adorná-la com sua imagem e semelhança, está tão longe dele como o criador da criatura! Portanto, ela está mil vezes feliz por ter sido autorizada a permanecer naquele estado, no qual eu, infelizmente, temo não ter chegado nem por um instante. Mas desejo sinceramente que a clemência divina me conceda o dom de uma graça especial pelos méritos daqueles que, espero, ela preservou por tanto tempo naquele estado.

3. Ó dom acima de tudo, presente, poder saciar-se com tanta abundância nessa despensa dos perfumes da divindade! Intoxicar-se naquele porão cheio de prazeres deliciosos, onde o vinho da caridade jorra tão transbordante que não permite dar o menor passo em direção aos lugares onde se intui que a intensidade de tanta fragrância possa ser resfriada! Além disso, muitas vezes será necessário sair, sob a guia da caridade, para levar consigo os arrotos de tal embriaguez e poder distribuir os perfumes suaves da doçura transbordante das riquezas divinas.

Estou plenamente seguro de que tu, Senhor meu Deus, pode conceder este dom aos seus eleitos pelo poder de tua

onipotência, e não tenho a menor desconfiança de que queiras concedê-lo a mim também por causa de tua ternura amorosa. Mas como podes conceder isso a mim, que conheço minha indignidade? Não sou capaz de pesquisar sua sabedoria insondável! Eu glorifico e proclamo sua sábia e benevolente Onipotência. Eu louvo e adoro sua sabedoria onipotente e benigna. Abençoo e agradeço, meu Deus, à tua poderosa e sábia Bondade, porque tudo o que me foi concedido sempre recebi da tua generosidade transbordante acima do que eu merecia.

CAPÍTULO X

Fluxo divino. Forçado a escrever

1. Pareceu-me tão sem sentido publicar esses escritos que minha consciência não me permitiu aceitá-los, então adiei até a festa da Exaltação da Santa Cruz. Naquele mesmo dia, decidi durante a missa me dedicar a outras coisas. Mas tu, Senhor, fizeste-me mudar de ideia com estas palavras: "Sabei que não saireis da prisão do teu corpo até que pagueis o último cêntimo que vos resta".

Pensando que todos os dons descritos acima já haviam sido dedicados ao benefício do próximo, se não por escrito, pelo menos por palavras, o Senhor se opôs a mim com as mesmas palavras que ouvira na leitura das Matinas: "Se o Senhor tivesse dirigido sua

doutrina apenas aos de seu tempo, não haveria nada além de palavras, mas também foram escritos para a salvação de muitos." E acrescentou: "*Quero ter em seus escritos um testemunho incontestável de minha ternura divina por estes tempos. Estou disposto com eles a fazer o bem a muitas pessoas"*.

2. Oprimido por tais palavras, pensei comigo mesma como seria difícil, para não dizer impossível, encontrar a expressão e as palavras certas para comunicar o que eu havia dito tantas vezes, sem causar escândalo ao espírito humano. Para superar tal pusilanimidade, pareceu-me que o Senhor estava derramando uma chuva muito copiosa sobre minha alma, pela qual eu, uma pequena mulher vil, oprimida por tua descida impetuosa, caí como uma plantinha fresca e tenra, sem poder ser útil para o meu progresso, exceto por algumas palavras muito importantes que me era impossível compreender com meu senso natural.

Ainda mais desanimada com isso, perguntei que mensagem essas palavras poderiam me transmitir. Com a tua costumeira e doce ternura, meu Deus, tu aliviaste suavemente esse peso com as seguintes palavras que confortaram a minha alma: "Porque um aguaceiro tão transbordante te pareceu inútil, unir-te-ei ao meu divino Coração e derramar-me-ei ternamente em ti, com suaves e doces alternâncias na medida da tua capacidade.

3. Confesso, Senhor meu Deus, que cumpriste perfeitamente a tua promessa mais certa. Todos os dias, na hora mais conveniente da manhã, e durante quatro dias seguidos, me

comunicavas essas palavras com tanta riqueza e gentileza, sem o menor esforço, que até então pude escrever coisas desconhecidas para mim, como se estivessem gravadas em minha memória há muito tempo. Mas com tanta moderação, que uma vez que a parte correspondente fosse escrita, ele o faria todos os dias, mesmo que se esforçasse por todos eu não poderia acrescentar uma única palavra daquelas que vieram a mim no dia seguinte com tanta abundância e sem a menor dificuldade. Deste modo, ordenaste e moderaste o meu fogo, como ensina a Escritura: "*Não se deve entregar-se à ação de modo a negligenciar a aplicação à contemplação*". Deste modo, tu estavas sempre com ciúmes da minha salvação, para que eu pudesse dedicar tempo a desfrutar dos abraços ternos de Raquel, sem ser privado da fecundidade bem-aventurada de Lia.

Que o teu amor cheio de sabedoria me conceda dedicar ambas as ações ao teu prazer.

CAPÍTULO XI

A ousadia do tentador

1. Quantas vezes, em meio a essas coisas, Tu me fizeste sentir de várias maneiras o sabor de Tua presença salutar! Com que bênçãos de doçura Tu impediste constantemente minha pequenez naqueles primeiros três anos, e muito mais

especialmente quando fui admitida para participar da recepção de Teu bendito Corpo e Sangue! Uma vez que não posso de forma alguma retribuir-te nem mesmo um por mil, refugio-me naquela eterna, imensa e imutável gratidão com a qual tu, ó resplandecente e sempre serena Trindade, de ti mesmo, por ti mesmo e em ti mesmo, *toda dívida é totalmente suprida*, e entrando agora como uma poeira sutil através daquele que, sendo da minha natureza, está sentado à tua direita; ofereço-lhe as ações de graças que tornaste possível por meio dele em união com o Espírito Santo por todos os seus benefícios, e especialmente porque me mostraste minha loucura como um exemplo evidente de como eu perverti a pureza de teus dons.

2. Em uma ocasião, enquanto participava da missa em que ia receber a comunhão, por causa de sua admirável condescendência, te senti presente em mim, e tu usaste a seguinte semelhança para me instruir: como um sedento me pediu para te dar de beber. Não tendo nada para lhe oferecer, lamentei não ter conseguido extrair uma gota d'água de lugar nenhum, apesar de todos os meus esforços. Então pareceu-me que com suas próprias mãos você estava me oferecendo um cálice de ouro. Enquanto eu o tomava, meu coração derreteu instantaneamente em um fluxo suave, explodindo com ímpeto em um fluxo de lágrimas ferventes. Nesse ínterim, um ser desprezível foi colocado ao lado de minha mão esquerda, secretamente colocando em minha mão um objeto envenenado e amargo. Ele me assustou secretamente, mas com

grande veemência para contaminar a bebida do cálice com esse objeto. Então tal ímpeto de vanglória foi despertado em mim, que mostrei em uma luz clara que mentira o antigo inimigo era cruel para despertar a inveja de seus presentes.

3. Graças à tua fidelidade, graças à tua proteção, meu Deus, verdadeira e única divindade, uma e trina verdade, trina e uma divindade, que não nos deixas ser tentados além das nossas forças; que às vezes concedes ao inimigo para nos tentar a exercer nosso progresso, e se tu vês que lutamos com confiança em teu auxílio, tu fazes seu o combate que foi levantado contra nós, para reservar para ti a luta com sua generosidade transbordante, e para nós a vitória, se aderirmos a ti com o consentimento de nossa vontade. Sua graça nos preserva especialmente quando se trata de seus dons, para o crescimento dos méritos; Tu não permites que o inimigo possa tirar de nós o livre arbítrio que não queres tirar de nós de forma alguma.

4. Em outra ocasião, tu me ensinaste em outra semelhança que quanto mais facilmente o inimigo é tolerado, mais ousado ele é. A beleza de Tua justiça às vezes exige que o poder de Tua misericórdia seja de alguma forma ocultado, quando os perigos de nossa negligência nos colocam em maior perigo de cair. Portanto, quanto mais cedo resistirmos ao maligno, maior será a vantagem, o benefício e a felicidade.

CAPÍTULO XII

Deus suporta nossas faltas com paciência graciosa

1. Como já disse, agradeço-lhe também por outro exemplo não menos útil e salutar, pelo qual me ensinaste sua paciência amorosa em suportar nossas faltas, para que, uma vez corrigidas, nos possas fazer felizes.

2. Uma tarde tive um ataque de raiva. Na manhã seguinte, antes do amanhecer, tive um momento oportuno para orar. Você se apresentou a mim na forma de um mendigo que, por sua aparência, pensei que lhe faltava força e todos os recursos humanos. Então minha consciência começou a doer pela falta do dia anterior. Lamentei e pensei comigo mesmo como era indigna perturbá-lo, o autor da mais alta pureza e paz, com os incentivos de uma comoção viciosa. Então julguei e deliberei que seria melhor você se retirar da minha alma em vez de estar presente: pelo menos nos momentos em que eu era preguiçosa em rejeitar o inimigo quando ele me incitava a coisas tão contrárias a ti.

Em relação a essas coisas, recebi a seguinte resposta de você: "Como posso consolar o doente que merecia ser levado por outros para desfrutar dos raios benéficos do sol e surge uma tempestade repentina, senão dando-lhe a esperança de retornar ao seu antigo estado de serenidade? Da mesma forma, ao escolher minha morada em ti, vencido por teu amor, entre todas as tempestades de vícios que o inundam, tento alcançar a serenidade

de sua emenda e o porto da humildade.

3. Como não sou capaz de expressar com minha língua aquele dom transbordante que me concedeste naquela celebração por meio de tua graça permanente, imploro que o perceba com a afeição do meu coração e, das profundezas da humildade a que a condescendência do teu amor agora me leva, me ensine a direcionar o efeito da gratidão para a afeição de sua ternura.

CAPÍTULO XIII

A guarda dos afetos

1. Confesso mais uma vez por sua ternura, bendito Deus, que recorreste a outro meio para sacudir minha inércia. Tu começaste tomando outra pessoa como seu instrumento e realizou o trabalho por si mesmo com tanta misericórdia quanto com bondade. Quando esta pessoa me propôs que, segundo a narração evangélica, os primeiros a encontrar-te recém-nascido eram os pastores, acrescentou-me estas palavras que lhe foram transmitidas por ti: "Se eu quisesse realmente encontrar-te, devo vigiar diligentemente sobre os meus sentidos, como fazem os pastores sobre os seus rebanhos". Não aceitei o conselho com prazer, considerei-o imprudente para mim, porque sabia que havias tocado meu espírito com seu amor de uma maneira muito diferente e não que ele lhe serviria como pastor mercenário de teu dono.

Pensei nisso dentro de mim de manhã ao anoitecer com um espírito abatido. Ao me pegar depois das Completas no lugar da oração, me aliviaste minha tristeza com essa sugestão. Se às vezes a esposa alimenta os falcões do marido, ela não perde as carícias; Da mesma forma, eu não seria infiel à ternura de sua graça, se por seu amor eu trabalhasse com ousadia até suar na vigilância de meus desejos e meus sentidos. Para prová-lo, você me concedeu o espírito de medo sob a figura de um galho verde através do qual, sem sair por um momento das garras de seus abraços, eu poderia caminhar por regiões desérticas onde as paixões humanas costumam ser desviadas. E você acrescentou que, se alguma sedução se infiltrasse em meu espírito, tentaria atrair qualquer uma de minhas afeições para a direita, como alegria e esperança; ou à esquerda, como o medo, a dor ou a raiva, que a sedução ameaçaria instantaneamente com a vara do seu medo, e transformada pelo exercício dos sentidos em fogo do coração, servi-lo a ti como um cervo recém-nascido em um banquete.

Mas sempre que, por instigação maliciosa, quando surgia a ocasião, eu retomava por leviandade ou por impulso apaixonado, em palavras ou ações, o que eu havia oferecido anteriormente a ti, parecias-me arrebatá-lo de teus dentes e entregá-lo ao teu inimigo. Tu, no entanto, olhaste para mim com uma serenidade tão delicada que parecia não ter ouvido falar do meu engano, mas sim considerou-o como um sinal da minha ternura para contigo. Ao fazer isso, muitas vezes me comoveste meu espírito com tanta

doçura e emoção terna, que me pareceu que você não havia obtido tanto amor quando me aterrorizou com ameaças de me corrigir e, doravante, ser mais cauteloso.

CAPÍTULO XIV

Utilidade da compaixão

1. Numa certa circunstância antes da Quaresma, no domingo que se canta no início, Se *por mim",* tu deste-me a entender com as palavras deste cântico que pediste a morte do meu coração para repousar nele depois de ter sido atormentado e perseguido pela multidão. Toda vez que nos três dias seguintes eu entrava em meu coração, eu te via descansar no meu peito como um paciente exausto. Durante esses três dias, não encontrei nada que pudesse oferecer-lhe comida melhor do que me doar por seu amor à oração, ao silêncio, à mortificação pela conversão das pessoas mundanas.

CAPÍTULO XV

Gratidão pelos dons de Deus

1. Com a graça de sua piedade que iluminou minha mente, tu me revelaste muitas vezes que a alma, enquanto permanece no

corpo da fragilidade humana, é escurecida como em uma sala estreita, na qual recebe por todos os lados: de cima, de baixo, dos lados, uma névoa que emanava daquela sala como o vapor de uma panela fervente. E ainda: quando o corpo sofre de alguma dor, a alma recebe do membro dolorido como uma brisa inundada pelo brilho do sol pelo qual é maravilhosamente iluminada. Se a dor se espalha ou piora, uma luz purificadora maior é oferecida à alma. A aflição, o exercício do coração pela humildade, paciência e outras contradições aumentam a pureza da alma quanto mais de perto, efetivamente e saudavelmente a afetam. Mas, acima de tudo, torna-se mansa e radiante com obras de caridade.

2. Obrigado, amigo dos homens, que às vezes me exercitou dessa maneira com paciência! Mas, infelizmente, e mil vezes ai, por quão pouco e raramente eu era dócil à sua ação! Além do mais, nada; como na justiça deveria ter sido. Tu sabes, meu Deus, que eu quero *compensar* minhas faltas de alguma forma diante de ti com essa dor, confusão, desânimo de espírito e saudade do meu coração.

Em outra ocasião, quando eu estava me preparando para receber a comunhão na Missa, tu te derramaste mais generosamente sobre mim. Eu estava tentando saber como isso poderia corresponder, pelo menos em parte, à sua repetida condescendência. Tu, mestre mais sábio, propuseste-me o Apóstolo: *Eu queria ser réprobo para os meus irmãos.* Como eu sabia até este momento, instruído por ti, que a alma tem sua

morada no coração, me mostraste agora que ela também habita no cérebro, como mais tarde reconheci pelo testemunho das Escrituras, embora eu fosse anteriormente ignorante disso. Tu também me ensinou que era uma grande coisa para a alma deixar a doçura da fruição do coração por seu amor, vigiar a guarda dos sentidos corporais e trabalhar em obras de caridade para a salvação do próximo.

CAPÍTULO XVI

Revelações maravilhosas na festa do Nascimento do Senhor e da Purificação da Bem-Aventurada Virgem Maria

1. No dia santíssimo do teu nascimento, tirei-te, tenra criança, da manjedoura *onde estavas envolta em panos,* impressa no íntimo do meu ser, "para formar-me com todos os limites da tua infância um feixe de mirra, para o levar entre os meus seios" e para te oferecer ali o cacho da doçura divina, espremido nas profundezas do meu coração. Enquanto eu pensava que nunca poderia receber maior graça, tu que muitas vezes dás um presente prometido para ser sucedido por um maior, dignou-se a variar desta forma em meu favor o influxo transbordante de tua graça salutar.

2. No ano seguinte, no mesmo dia, durante o canto da Missa, "O *Senhor me disse",* ru te tirei do colo virginal de sua Mãe

sob a imagem de uma criança tenra e delicada. Ao carregá-lo por algum tempo em meu peito, parecia cooperar com essa graça recebida, com a compaixão que tinha antes desta festa ao acompanhá-lo com minhas orações a uma pessoa enlutada. Confesso, no entanto, ó tristeza, que quando recebi este presente não o guardei com a devoção que merecia. Não sei se isso se deveu a uma permissão de sua justiça ou à minha negligência. No entanto, espero que Tua justiça o disponha com a cooperação de Tua misericórdia, para que assim a própria indignidade possa aparecer mais claramente aos meus olhos, ou que eu possa temer que tenha cometido alguma negligência ao rejeitar pensamentos inúteis com solicitude. Mas qual foi a causa disso acontecer? Responda por mim, Senhor meu Deus.

Embora tenha concentrado os meus esforços para vos acolher com ternura amorosa, fiz muito pouco progresso, até que fui movida a rezar para que as almas dos pecadores ou dos aflitos fossem purificadas. Logo senti o efeito dessas orações. Especialmente uma tarde, quando coloquei a memória das almas em primeiro lugar, como costumava colocar diante da de meus parentes em oração: *Ó Deus que nos ordenou honrar pai e mãe, etc.* De agora em diante, eu colocaria seus amigos antes da oração: *Deus Todo-Poderoso e eterno, a quem você nunca deixa sem esperança, etc.* Achei que isso era mais do seu agrado.

Pareceu-me também que gostavas docemente quando eu colocava todas as minhas energias em cantar as notas com em tua

intenção, como alguém que não se sente seguro ao cantar e olha para o livro com o maior interesse. Mas quantas vezes ela foi descuidada nessas e em muitas outras coisas que ela sabia que eram agradáveis para ti! Confio-o a ti, Pai cheio de bondade, pela amargura da paixão do teu Filho inocente Jesus Cristo, no qual traíste o Evangelho de Deus.

Terminei de agradar-te quando disseste: '*Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.* Por meio dele, expresso minha intenção de emendar para que *toda a minha negligência* possa ser suprida por ele.

3. Quando, no dia da Santíssima Purificação, foi celebrada aquela Procissão, na qual tu, nossa salvação e redenção, escolheste ser levada ao templo com as ofertas sacrificais, durante a antífona: "*Quando eles entraram",* tua Mãe virginal me pediu para devolver a ela o filho amado de seu ventre, ela fez uma cara severa como se não tivesse gostado do meu comportamento contigo, que tu és a honra e a glória de sua virgindade imaculada. Lembrei-me da graça que me concedeste para a reconciliação dos pecadores e da esperança dos desesperados, e comecei a pronunciar-me com estas palavras: "Ó Mãe da bondade, foi-te concedida a fonte da misericórdia no teu Filho, para que a obtenhas para todos os necessitados, e para que a tua caridade abundante cubra a multidão das nossas culpas e dos nossos pecados". Enquanto eu dizia isso, ela ofereceu um semblante calmo e sereno, para provar que, se eu tivesse sido severa em exigir minhas faltas, estava cheia ao

máximo com as entranhas da caridade e cheia até o âmago com a doçura da caridade divina. Isso ficou evidente quando, em poucas palavras, essa severidade desapareceu e a doce serenidade que lhe era congênita emergiu naturalmente. Que esta ternura abundante de sua Mãe seja diante de sua misericórdia o mediador agraciado por todas as minhas faltas.

4. Por fim, tornou-se mais evidente do que a luz do dia que tu não podes conter o influxo transbordante de tua doçura quando, no ano seguinte, durante a mesma festa sagrada [de teu nascimento], tu me enriqueceste com um presente mais precioso, embora não diferente, como se eu o tivesse merecido de ti pela grande diligência de minha devoção no ano anterior; mas o que eu realmente merecia não era o próximo presente que me concedeste, mas o castigo por ter perdido o presente anterior.

Enquanto o Evangelho estava sendo lido: "*Ela deu à luz seu Filho primogênito", etc.,* sua Mãe Imaculada com suas mãos imaculadas me deu a ti, criança virginal, criança gentil que tentou com todas as suas forças obter meus abraços. Eu, infelizmente muito indigna, dei as boas-vindas a ti, criança tenra, que apertou meu pescoço com teus bracinhos. Sua boca exalou o hálito suave de seu doce Espírito que experimentei como alimento vivificante para mim. Portanto, Senhor meu Deus, *minha alma abençoa com razão a ti e a tudo o que há em mim em teu santo nome.*

5. Quando tua santíssima Mãe estava ansiosa para envolvê-lo nos panos da infância, implorei a ela que me envolvesse em mim

contigo, para que nem mesmo a leve delicadeza da fralda fosse separada de ti, já que teus abraços e beijos superam o mel em doçura. Então me parecias estar envolto no lençol branco da inocência e envolto na alça macia da caridade. É assim que eu queria ser embrulhada e embrulhado com você. Mas eu precisava me exercitar mais em total pureza de coração e em obras de caridade.

6. Graças a ti, Criador das estrelas, que vestes os luminares celestiais com luz, e as flores da primavera com multicoloridas, que, *embora não precises dos meus bens,* no entanto, depois dessas coisas, tu me pediste minha instrução no dia sagrado da Purificação, para que eu te vestisse, criança, antes de ser introduzido no templo, e do tesouro escondido de sua inspiração divina, você me ensinou como eu deveria fazê-lo. Tive que tentar com toda a força que sou capaz de exaltar a inocência imaculada de sua mais pura humanidade com devoção tão total e fiel, que se eu pudesse possuir em minha própria pessoa toda a glória, eu a daria de bom grado e com toda a gratidão à sua inocência mais benigna, para torná-lo mais digno de louvor por essa inocência. Por essa minha intenção, pareceu-me que você, cuja onipotência chama *o inexistente como aquilo que existe,* estava vestido com roupas brancas como as de uma criança recém-nascida.

Com a mesma devoção refleti sobre o abismo de sua humildade e pareceu-me vê-lo vestido com um manto verde como um sinal de que a flor de sua graça é sempre exuberante e nunca

murcha no vale da humildade. Ao recordar o incentivo que te moveu a criar todas as coisas, vi-te de novo envolto na referida forma, num manto púrpura, para mostrar que o verdadeiro manto real é a caridade, sem a qual ninguém entra no reino dos céus. Ao me lembrar dessas mesmas virtudes de acordo com minha capacidade em sua gloriosa Mãe, ele parecia vê-la vestindo as mesmas roupas. Como esta Virgem santíssima, que floresce como uma rosa sem espinhos e um lírio branco imaculado, contém e transborda as flores de todo o tipo de virtudes, que seja ela quem enriqueça a nossa pobreza, e nós pedimos-lhe que seja a nossa mediadora permanente.

CAPÍTULO XVII

Condescendência Divina

1. Um dia, depois de lavar as mãos para ir ao refeitório em comunidade, eu estava lá e observando a luz do sol em todo o seu esplendor. Pensei ansiosamente comigo mesma: "Se o Senhor que criou este sol, de quem se disse que *o sol e a lua admiram sua beleza,* que é *fogo devorador,* estivesse realmente em mim, como muitas vezes se manifesta a mim, como pode ser possível que eu possa viver entre os homens com um coração tão frio e de maneira tão desumana e até cruel?" Eis que, de repente, tu, *cuja fala é* sempre *doce, te* mostraste tanto mais doce para mim quanto mais

a instabilidade do meu coração precisava de ti, e me disseste: "*Como minha onipotência seria exaltada se em qualquer lugar que eu estivesse eu não me controlasse para me conter, e para me sentir ou me mostrar como é mais conveniente, dependendo do lugar, da hora ou da pessoa? Desde o início da criação do céu e da terra, em toda a obra da redenção, tenho usado a sabedoria do amor mais do que o poder da majestade. Essa benignidade da sabedoria é mostrada em plena luz quando suporto os pecadores até trazê-los, através da liberdade da vontade – livre arbítrio – ao caminho da perfeição*".

CAPÍTULO XVIII

Instrução parental

1. Ao aproximar-me da Sagrada Comunhão em um determinado dia de festa, vi muitas pessoas que se confiaram às minhas orações. Eu, impedida por uma doença corporal, e o que mais temo, rejeitada por minha indignidade, lembrei-me, meu Deus, de seus muitos benefícios. Comecei então a temer que o sussurro da vanglória pudesse secar em mim os eflúvios [que recebi] de sua graça divina, e desejei que você me infundisse com algum conhecimento para me imunizar no futuro.

Então fui tão instruída por sua ternura paterna, que sua afeição por mim me pareceu a de um pai de família que se alegra

com a felicidade de estar cercado por muitos filhos, que também são elogiados pela numerosa multidão de servos e vizinhos, entre os quais está um menino que ainda não atingiu a elegância dos outros. Sentindo pena dele com afeição paterna, ele mais frequentemente o apertava no colo e mostrava-lhe sua ternura de preferência aos outros com palavras e carícias.

Acrescentaste, além disso, que se eu chegasse a uma certa convicção de que me sentia mais imperfeita do que os outros, a torrente de sua divindade melíflua nunca deixaria de fluir em minha alma.

2. Agradeço-Te, meu Deus amantíssimo, amigo dos homens, por tua gratidão mútua na Trindade, sempre digna de veneração e adoração, por este e por muitos outros testemunhos com os quais Tu, o melhor dos mestres, ensinaste minha loucura muitas vezes. Apresento-vos a minha dor unida à paixão de Jesus Cristo, e ofereço-vos os seus sofrimentos e lágrimas por todas as minhas negligências com as quais apaguei em mim a efusão do Teu Espírito Santo. Peço-lhe, em união com a oração mais eficaz de seu amado Filho e com o poder do Espírito Santo, que repare todos os meus pecados e *supra* todas as minhas faltas. Digne-se conceder-me por aquele amor que o conteve, quando o único mais amoroso de seu amor paterno foi contado entre os malfeitores.

CAPÍTULO XIX

Louvor à Condescendência Divina

1. Dou graças, ó Deus amantíssimo, à Tua bondade misericordiosa e à Tua misericordiosa benignidade por me teres manifestado o testemunho da Tua ternura condescendente, por teres fortalecido a minha alma instável e vacilante quando, segundo o costume, Te pedi com grande desejo que me libertasse da prisão desta carne miserável, não para que eu não sentisse mais as minhas misérias, mas que Tua bondade possa ser libertada da dívida contraída pelo amor veemente de Tua própria Divindade para me libertar para a salvação de minha alma. Não é que tu, onipotência divina e sabedoria eterna, tenhas sido compelido a isso por qualquer necessidade. Foi o transbordamento de tua ternura generosa que te inclinou para mim, mais indigna e ingrata.

Parecia que tu, alegria e coroa da glória do céu, estavas descendo em minha direção do trono imperial de tua majestade por um movimento muito terno e manso. Derramaste essa humilhação como o fluxo de um licor muito doce que se espalhou pelo céu. Cada um dos santos se curvou alegremente para ele, beberam com alegre prazer do néctar daquela torrente e explodiram em melodias sonoras de louvor divino.

No meio destes louvores, ouvi a tua voz dizer-me: "*Considera atentamente como este louvor chega aos ouvidos da minha divina majestade e chega ao ponto de tocar o mais íntimo do*

meu coração amoroso, para que doravante não desejes a dissolução desta carne, na qual agora te concedo o dom da minha ternura gratuita. Pois quanto mais indigno for aquele a quem me curvo, maior será a honra que toda criatura justamente me concede".

2. Concedeste-me esta consolação ao aproximar-me para receber os teus sacramentos vivificantes, para os quais naturalmente dirigi a minha atenção. Acrescentaste também a revelação acima mencionada para me fazer compreender com que preparação e intenção se deve aproximar da santíssima comunhão do Teu Corpo e Sangue, até que eu esteja disposto por amor a desprezar o amor da tua glória e a receber neste sacramento a sua maior condenação, para que só a tua divina ternura resplandeça mais intensamente, pois não consideraste indigno te doar em comunhão a tal ser indigno.

Quando propus minha desculpa para isso em favor de alguém que, acreditando-se indigno da comunhão, se absteve, para não inferir precipitadamente irreverência ao sacramento, respondeste com estas palavras: "*Ninguém que se aproxima para receber a comunhão com essa intenção pode fazê-lo irreverentemente*". Por tudo isso, glória e louvor sejam para ti pelos séculos infinitos.

CAPÍTULO XX

Privilégios especiais concedidos a ela por Deus

1. Que o meu coração e a minha alma, com toda a substância da minha carne, com todas as minhas forças e com os sentidos do meu corpo e do meu espírito, com todas as criaturas do universo, te rendam louvores e ações de graças a ti, dulcíssimo Deus, fidelíssimo amante da salvação humana, por tua generosa misericórdia, que, em sua ternura, não considerou suficiente dissimular que eu me aproximasse tantas vezes, sem parecer irreverente, do excelentíssimo banquete do teu santíssimo Corpo e Sangue.

O abismal transbordamento da tua generosidade para comigo, o mais vil e inútil de todos os teus instrumentos, dignou-se acrescentar brilho aos teus dons ao dar-me a certeza da tua graça, pela qual todo aquele que deseja aproximar-se do teu sacramento e, por temor, se retrai com insegurança, se guiado pela humildade buscar ser animado por mim, que sou a última das tuas servas, tua incontenível ternura o julgará, por essa sua humildade, digno de tão grande sacramento, e o receberá como fruto da sua salvação eterna. Acrescentaste ainda que, se segundo tua justiça não se poderia considerá-lo digno de aproximar-se, jamais permitirias que ele se humilhasse a ponto de buscar meu conselho.

Ó exaltado Dominador que habita no alto e olha para as pequenas coisas! Qual foi o desígnio de tua divina condescendência quando me viste tantas vezes receber a comunhão indignamente e

merecer a condenação que tua justiça havia suspendido, porque querias que os outros fossem dignos com a virtude da humildade, mesmo que tivesses feito muito melhor sem mim? Mas a tua bondade teve em conta a minha pobreza, e quis fazê-lo através de mim. Deste modo, pude receber a Comunhão, por causa dos méritos daqueles que, seguindo o meu conselho, se alimentaram do fruto da salvação.

2. Oh, Deus de bondade! Como minha miséria precisava disso, sua compaixão não se satisfez com um único remédio. Portanto, tu primeiro me asseguraste, muito indigna, que se alguém com um coração arrependido e um espírito humilde declarasse sua culpa dolorosa para mim, e eu o considerasse em meus conselhos mais ou menos doloroso, tu, Deus misericordioso, o julgaria culpado ou inocente. E essa pessoa, por sua graça, teria a partir daquele momento a convicção de que nunca estaria em grave perigo de cair no mesmo defeito que sentira antes. Assim, em segundo lugar, tu também foste solícito com minha miserável miséria, que fui tão negligente durante toda a minha vida, e infelizmente nunca domei o menor defeito como deveria. Que ele merece pelo menos participar da vitória dos outros. Mas tu, meu bom Deus, te dignaste servir-te de mim, como teu mais vil instrumento, para comunicar a outros — amigos teus, mais dignos do que eu — por meio das minhas palavras, a graça da vitória.

3. Em terceiro lugar, a abundante generosidade de Tua graça enriqueceu a pobreza de meus méritos com tal certeza, que

quem quer que eu prometesse qualquer benefício ou o perdão de qualquer pecado confiando na piedade divina, Teu gracioso amor se comprometeu a mantê-lo tão firme de acordo com minhas palavras, como se Tu o tivesses verdadeiramente jurado com as benditas palavras de Tua boca. A certeza é tal que acrescentaste, se lhes parecesse que a graça tão salutar foi adiada por mais tempo do que o esperado, que eles deveriam insistir. Deste modo, cuidareis também da minha salvação, segundo as palavras do Evangelho: "Sereis *medidos pela medida em que medirdes".* Mas como infelizmente não cesso de cair muitas vezes em pecados ainda maiores, tu terias ocasião de julgar minhas faltas com maior bondade.

4. Em quarto lugar, tua acrescentaste que eu deveria fazer o bem. Me deste a garantia de que qualquer um que com intenção humilde e devota se confiasse às minhas orações alcançaria todos os frutos que eu esperava poder obter pela oração de alguém. Também nisto tenho em conta a minha preguiça, porque falhando tantas vezes nas minhas orações, tanto obrigatórias como gratuitas, pela Igreja, cujo fruto eu mesmo poderia aproveitar, segundo isto: *"A tua oração voltará ao teu interior",* e aos frutos dos teus eleitos, a quem fazes o bem por meio de minhas súplicas, embora muito indignas, tu me farás participar de alguma parte de tua *substituição*.

5. Em quinto lugar, não deixastes em segundo plano o crescimento da salvação que me concedeste como dom especial,

para que todo aquele que, com boa vontade, reta intenção e humilde confiança, seja movido pelas minhas palavras em benefício da sua alma, nunca se afaste de mim sem ter experimentado a edificação espiritual ou a consolação. A mesma coisa também convinha à minha indigência, pois muitas vezes, infelizmente, o talento da facilidade de fala que sua generosidade concedeu à minha indignidade, derramei palavras inúteis como se vagasse pelo mundo. Que eu possa pelo menos colher das reservas dos outros alguns pequenos frutos para meu benefício espiritual

6. Em sexto lugar, Tua generosidade, Deus gracioso, acrescentou-me um dom de todas as necessidades, assegurando-me que quem com fervorosa caridade orasse por mim, a criatura mais vil de todas as criaturas de Deus, ou se exercitasse em boas obras, e oferecesse orações para reparar os pecados e inadvertências de minha juventude, de *minha maldade e perversidade*, ele será recompensado com o prêmio de não deixar este mundo antes de receber a graça de uma vida tão agradável que tu possas encontrar em sua alma a fruição especial de tua intimidade. Tudo isso por causa de tua bondade paterna e minha grande necessidade, pois tu não sabes o quanto e quão grande é a necessidade que tenho de corrigir meus inúmeros pecados e negligência. Mas como tua misericórdia amorosa não pode me permitir perecer, nem o esplendor de Tua justiça pode permitir que eu seja salva porque fui tão descuidada, Tua providência quis para mim que, compartilhando os dons de muitos, eles voltassem ao

benefício de cada um.

7. Com a tua generosidade transbordante, Deus misericordioso, acrescentaste: se alguém, depois da minha morte, se lembrar de que, por causa da minha pobreza, a tua ternura se curvou tão bondosamente para com a minha vida, e por isso quiser recomendar-se às minhas orações, mesmo que indignas, ouvi-lo-eis com a mesma bondade com que ouves as orações de todos os que quiserem vir ter convosco. Se em reparação por sua negligência ele agradece com humilde devoção, especialmente por cinco benefícios:

1. Pelo amor com que sua ternura gratuita me pre-escolheu desde toda a eternidade. Este, confesso sinceramente, é de fato o presente mais gratuito de todos os outros dons gratuitos, uma vez que tu não ignoras a série de minha vida perversa, em particular a malícia, a loucura e o vício de minha ingratidão, a ponto de merecer ser tratada como os pagãos, e de me ter negado a beleza de ser uma criatura racional. Mas sua piedade, que supera infinitamente minha maldade, escolheu-me de preferência aos outros cristãos para me marcar com a vida consagrada [a vida monástica].

2º. Por me ter atraído para ti para me salvar. Confesso que isso se deve com toda a verdade à tua mansidão e bondade naturais, para atrair a ti com a mais doce ternura meu coração indomável, que merecia ser amarrado com

correntes de ferro. Assim, tu descansarás em mim para me tornar a consorte de sua mansidão e, unida a mim, desfrutará de alegria total.

3º. Porque me uniste intimamente a ti. Devo atribuir isso precisamente ao supérfluo transbordante de sua generosidade. Como se o número de todos os justos não bastasse para receber tua excessiva ternura, te dignaste a me chamar, a última em mérito, não para justificar sua capacidade de me tornar a mais engenhosa, mas para fazer o milagre de sua condescendência brilhar mais claramente naquele com menos habilidade.

4. Pela tua alegre fruição em mim. E isso, para dizer de alguma forma, só posso atribuir à loucura do teu amor. Não desdenhaste afirmar com tuas palavras que tua fruição alegre consiste no fato de que tua sabedoria onipotente se alegra em como às vezes é possível reunir de uma maneira tão incrível, o que é tão diferente e absolutamente desproporcional.

5. Pois te dignaste a me consumar feliz em ti. Aguardo humilde e fielmente este benefício da mais doce ternura de teu amor mais gracioso, que me aceitará, embora muito indigna, de acordo com a promessa fiel de tua verdade. Abraço-o com gratidão com a maior certeza, não por causa dos meus méritos, que são nulos, mas pela única clemência da tua misericórdia. Ó meu supremo, ainda mais, único,

todo, verdadeiro e eterno Bem!

8. Como cada um desses benefícios procede de uma condescendência tão extraordinária, totalmente indevida à minha pequenez, é impossível que as ações de graças que lhe presto sejam suficientes. Também nisso vieste em auxílio da minha miséria, quando moveu outros com promessas atraentes para agradecer. Seus méritos podem preencher e compensar minhas deficiências. Para todos que seja digno de louvor e ação de graças à tua condescendência, por todas as criaturas do céu, da terra e dos abismos.

9. A tudo isso, meu Deus, a virtude insondável de Tua caridade acrescentou para confirmar mais benignamente por um pacto os dons lembrados acima. Pois quando me lembrei deles um dia, e comparei tua ternura com minha impiedade, na qual eu abundava demais, fui levada a supor que não havias confirmado [a aliança], de mãos dadas, como fazem aqueles que prometem algo uns aos outros. Tua ternura envolvente prometeu graciosamente satisfazer essas objeções quando disseste: "*Pare de repreender, aproxime-se e receba a confirmação da minha aliança*". Imediatamente minha pequenez Te viu, como se Tu abrisses de par em par com as duas mãos aquela arca de Tua divina fidelidade e verdade infalível, a saber, Teu divino Coração, e me ordenasse, depravada, a colocar em minha mão direita como os judeus, e com ela já dentro, Tu fechaste a abertura e me disseste: "Veja, eu prometo manter em sua totalidade os dons que eu te concedi, a tal

ponto que, se por algum tempo eu te privar de seu efeito pelos desígnios de minha providência, eu me comprometo a restaurá-los a ti depois triplicados em nome da Onipotência, Sabedoria e Beneficência da Santíssima Trindade, em cujo seio eu, Deus verdadeiro, vivo e reinando para sempre."

10. Quando retirei minha mão após essas palavras de tua mais doce ternura, sete círculos de ouro apareceram nela na forma de sete anéis, um em cada dedo e três no dedo anelar, como um testemunho fiel de ser consignado os sete privilégios mencionados acima foram assinados. A tudo isso, o transbordamento de tua ternura acrescentou as seguintes palavras: "*Todas as vezes que você reconhece sua indignidade, confessa que não é digna de meus dons e, no entanto, confia em minha bondade, oferece-me o devido tributo por meus bens*".

11. Oh, quão delicadamente sua ternura paterna age para aliviar teus filhos degenerados por sua extrema vileza, quando, depois de desperdiçar as riquezas da inocência e, conseqüentemente, perder o amor desinteressado por ti, te dignaste a aceitar o acúmulo que não pode ser escondido: o conhecimento da indignidade de meus méritos!

Concedei-me, Doador de dons, de quem procede todo o bem, e sem o qual nada pode ser considerado consistente e bom, saber o que redunda em teu louvor e minha salvação. Confiar plenamente em tua bondade em relação a todos os teus dons, tanto interiores quanto exteriores, ou melhor, em todos os bens em

geral.

CAPÍTULO XXI

Efeito da Visão Divina

1. Lembrando-me dos bens gratuitos de tua gentil clemência para comigo, tão indigna, julguei que era totalmente injusto omitir com um esquecimento ingrato o que recebi em uma Quaresma por admirável condescendência de tua mais amorosa ternura. No segundo domingo da Quaresma, enquanto o responsório era cantado antes da Missa: *Eu vi o Senhor face a face, etc.,* minha alma foi iluminada com um brilho admirável e indescritível. Nesta luz da revelação divina, apresentou-se diante de mim um rosto que parecia estar unido ao meu rosto, como diz São Bernardo: "*O seu rosto não tem uma forma definida, mas está impresso na alma; não ofusca os olhos do corpo, mas alegra o coração; gratifica com o dom do amor, não com algo sensível*". Só tu sabes, minha doçura gentil, o quão longe penetraste não apenas minha alma, mas também meu coração com todos os seus sentidos, naquela visão melíflua em que seus olhos pareciam dois sóis cara a cara com os meus. É por isso que prestarei homenagem a ti enquanto vivo um serviço fervoroso.

2. Embora a rosa seja mais agradável para nós na primavera, quando floresce em todo o seu esplendor e se deleita

com seu perfume, do que no inverno, quando permanece seca, e diz-se que em tempos antigos ela espalhou um aroma doce, como se assim estimulasse o prazer lembrando a alegria do passado, também desejo declarar com o máximo de comparação possível, a doçura transbordante que minha pequenez sentiu naquela visão, para louvor de seu amor; de modo que, se alguém experimentar outros semelhantes ou até maiores ao lê-lo, ele pode ser estimulado pela memória a agradecer. Lembrando muitas vezes os presentes que recebi, posso também dissipar a obscuridade de minha negligência, agradecendo a este espelho solar cintilante.

3. Quando tu aplicaste ao meu rosto esse rosto infinitamente desejável, a imagem de toda felicidade, senti que de teus olhos divinos entrava pelos meus uma luz incomparável e suave que penetrava nas profundezas do meu ser e parecia exercer uma força admirável em todos os meus membros. Como se eu estivesse esvaziando toda a medula dos meus ossos, e depois aniquilando os mesmos ossos com sua carne, a tal ponto que toda a minha substância não parecia mais nada além daquele esplendor divino. Que, brincando consigo mesmo, mostrou à minha alma uma alegria de serenidade inefável.

4. O que mais posso dizer dessa visão mais doce, se posso chamá-la assim? Pois, em toda a verdade, parece-me que a eloqüência de todas as línguas não seria suficiente para descrever ao longo da minha vida esta ilustre maneira de contemplar-Te, mesmo na glória celestial, se a Tua condescendência, meu Deus, a

única salvação da minha alma, não me tivesse conduzido a ela por meio de experiência. Também tenho o prazer de confessar que, se acontecer às coisas divinas o que acontece às coisas humanas, a saber, que o poder do teu olho excede essa visão tanto quanto penso, direi com verdade que, se não fosse pelo poder divino, a alma não poderia permanecer no corpo ao qual foi concedido gozar de um favor semelhante, mesmo que apenas por um instante.

Não ignoro que tua onipotência inescrutável modera com o fluxo de sua ternura, como estás acostumado a fazer, tanto a visão quanto o abraço, o beijo e as outras expressões de afeto, de acordo com o lugar, o tempo e a pessoa, como experimentei muitas vezes. Por tudo isso, dou-lhes ação de graças em união com o amor mútuo da sempre adorável Trindade.

Muitas vezes experimentei a condescendência do teu beijo mais suave. Às vezes estando atento a ti no mais íntimo do meu ser, e outras vezes quando cantava as horas canônicas durante as vigílias ou no ofício dos mortos. Muitas vezes, durante o canto de um salmo, me carimbaste dez ou mais vezes um beijo muito doce nos meus lábios. Um beijo que supera todos os aromas e cada xícara de mel. Também muitas vezes surpreendi teu olhar fixo em mim e experimentei seu abraço muito próximo em minha alma.

Embora todas essas coisas tenhas feito com maravilhosa gentileza, confesso que nunca experimentei um efeito tão forte de tua força como naquele olhar sublime de que me lembrei. Por este dom e por outros, cujo efeito tu conheces apenas, pode ser

oferecida a ti aquela doçura que, na intimidade supercelestial da divindade, exalta de pessoa para pessoa uma fruição que ultrapassa todo sentido.

CAPÍTULO XXII

Ação de graças pelo grande dom da visita do Senhor

1. Igual ou até maior ação de graças seja dada a ti, se possível, por uma certa graça acima da excelência, conhecida apenas por ti. A grandeza de tua dignidade não me permite comunicá-la em palavras, nem me permite deixá-la intacta, para que a fragilidade humana, de alguma forma, mesmo indevidamente, a arrebatasse de minha memória, o que Deus me livre. Poderei pelo menos expô-lo nestes escritos para tua lembrança e gratidão.

Que a tua bondade benigna, meu Deus, totalmente separada de mim, a mais indigna das tuas criaturas, a loucura perversa de permitir voluntariamente, mesmo que por um instante, deixar de lhe agradecer o dom mais agradável da tua visita, que recebi tão livremente da tua incomensurável generosidade, e que guardei durante tantos anos, sem nenhum mérito meu.

Pois, embora eu seja a mais indigna de todas as criaturas, confesso que neste dom recebi uma graça maior do que qualquer homem pode merecer nesta vida. Espero da doçura de tua bondade

a mesma condescendência com que me concedeste este presente totalmente gratuito e imerecido por mim, para que tu também possas guardá-lo para teu louvor e por tua causa.

Ele produzirá tal fruto em mim, que sou *o refugo de todos,* que tu sempre sejas louvado por toda a criação; pois quanto mais claramente minha indignidade se manifesta, mais esplendor brilha a glória da condescendência de tua ternura.

CAPÍTULO XXIII

Ação de Graças e Orações por todos os benefícios antes e depois que ela foi capaz de experimentar.

1. Que a minha alma te abençoe, Senhor Deus, meu Criador; que a minha alma te abençoe, e do mais profundo do meu ser proclame as tuas misericórdias com as quais a tua ternura transbordante me envolveu sem merecê-la, ó meu mais doce amante!

Dou graças na medida do possível à tua imensa misericórdia. Com ele, meu louvor glorifica tua grande paciência. Por meio dela tu escondeste os anos da minha infância, adolescência e juventude até quase o final do vigésimo quinto ano da minha idade, que passei com uma cegueira tão insensata e agi sem remorso de consciência em pensamentos, palavras e ações. Ora, parece-me que tudo o que eu gostava era lícito para mim, se

não tivesses me avisado naturalmente, seja por um instinto natural de detestar o mal e deleitar-se com o bem, seja pela correção externa de meus vizinhos, eu teria vivido como uma pagã entre os pagãos, sem entender que tu, meu Deus, recompensa o bem e pune o mal. No entanto, me escolheste desde a infância, isto é, desde os cinco anos, para descansar contigo entre teus amigos fervorosos na mesa da santa religião [na vida monástica].

2. Ainda que a tua felicidade, meu Deus, não possa crescer nem diminuir, e não necessites de nossos bens, dir-se-ia que minha vida, tão culpável e negligente, transcorreu em detrimento do louvor que, com toda razão, meu ser inteiro deveria tributar-te sem interrupção e em todo momento, em união com toda a criação. Só tu conheces o que, sobre essas coisas, sente ou pode sentir o meu coração, comovido até os próprios fundamentos, desde que te inclinaste para ele com tua digníssima condescendência.

3. Penetrado por esta emoção, ofereço-Te, Pai Amoroso, para minha emenda, a Paixão de Teu amantíssimo Filho, desde aquela hora em que, deitado sobre a palha na manjedoura, deu seus primeiros gemidos, e depois sofreu as limitações da infância, os defeitos da infância, as adversidades da adolescência e as paixões da juventude, até aquela hora em que, com a cabeça inclinada na cruz, ele entregou seu espírito com um grande grito.

Eu também Te ofereço em *substituição* por todas as minhas negligências, Pai Amoroso, toda a vida santíssima e mais perfeita em todos os seus pensamentos, palavras e ações, desde a hora em

que Teu Unigênito, enviado do alto do trono [de Sua Majestade], entrou em nosso mundo pelo ouvido de uma virgem, até depois daquela hora em que Ele apareceu diante de Teus olhos paternos com a glória de Sua carne triunfante.

4. Como também é justo que o coração de teu amigo sofra contigo em toda tribulação, peço-lhe por meio de teu Filho Unigênito com o poder do Espírito Santo, que todo aquele que, convidado por mim ou movido de qualquer outra forma, incline tua vontade para o que tu queres para seu louvor e *suprir* minhas faltas, mesmo que seja apenas um gemido, ou outra coisa, por menor que seja, seja durante minha vida ou após a morte, receba por meio dele esta oblação da paixão e vida de teu amado Filho, para a emenda e *suprimento* de todos os teus pecados e negligências. Peço-lhe que consiga isso, para que meu desejo permaneça incansável em ti até o fim deste mundo, mesmo quando por tua graça reinar contigo no céu.

5. Da mesma forma, para agradecer-te, mergulho no abismo muito profundo de tua humildade. Louvo e adoro, em união com a sublime excelência da tua misericórdia, aquela dulcíssima condescendência com que Tu, *Pai de misericórdias,* tens para mim, tão perdida na vida, *desígnios de paz e não de aflição.* Tu me exaltaste com a multidão e magnificência de Teus benefícios, acima de todos os mortais, como se eu tivesse levado uma vida angelical na terra.

Tu começaste a fazer essas coisas no Advento que

precedeu a festa da Epifania em que o vigésimo quinto ano terminou, com uma tribulação que tocou profundamente meu coração e começou a me incomodar durante toda a minha juventude lasciva. Desta forma, preparaste meu coração para ti. Meu ano já começou.

No vigésimo sexto dia, na segunda-feira anterior à festa da Purificação, no crepúsculo daquele dia, após a Conclusão, tu, verdadeira luz que ilumina as trevas, pôs fim àquela noite da tribulação acima mencionada e também ao dia de minhas vaidades pueris obscurecidas com matizes de ignorância espiritual. Na verdade, te aproximaste de mim de uma maneira maravilhosa naquela hora com a mais clara condescendência e doçura transbordante acima de todas as medidas. Me uniste ao teu conhecimento e ao teu amor com a mais terna reconciliação e me introduziu em minha intimidade,

Tão desconhecido para mim antes daquela hora! Tu começaste a trabalhar em mim de maneiras maravilhosas e secretas, para que pudesse doravante ter tuas delícias em meu coração como um amigo as tem com seu amigo, direi mais, como um marido com sua esposa, em sua própria casa, assim tu com minha alma.

6. Por esta comunicação de ternura, visitastes-me em momentos diferentes e de maneiras diferentes, mas de modo especial e com mais bondade na Vigília da Santa Anunciação. Finalmente, um dia antes da Ascensão, essa presença foi mais

afetuosa; tu começaste de manhã e fez isso totalmente à tarde após as Completas. Me concedeste este presente maravilhoso, digno de veneração por todas as criaturas, a saber, que desde aquela hora até o presente momento eu nunca senti ou experimentei que tu estavas separado do meu coração mesmo por um piscar de olhos, mas sempre senti que estavas presente toda vez que voltei ao meu interior, exceto uma vez pelo espaço de onze dias.

É impossível explicar em palavras quantos e quantos bens, dignos de todo louvor, me concedeste; entre eles ter tornado tua presença em mim ainda mais saudável. Concedei-me, dispensador de todos os dons, oferecer-te por isto com humilde gratidão, um sacrifício digno de louvor. Acima de tudo por tê-lo preparado em meu coração com o teu prazer e a minha morada tão encantadora. Não li nem ouvi dizer que no templo de Salomão, ou no palácio de Assuero, havia algo preferível às delícias que, por tua graça, sei que tu mesmo preparaste para ti mesmo no mais íntimo do meu ser. Com eles me concedeste, a mais indigna, uma fruição contigo como a rainha tem com o rei.

7. Entre todas essas graças, prefiro especialmente duas: teres impresso em meu coração as reluzentes joias de tuas santas chagas, e, para realizá-lo, teres gravado nele a ferida do amor com tal clareza e força, que, mesmo que doravante não me concedesses mais nenhuma consolação interna nem externa, tamanha foi a bem-aventurança que me outorgaste com esses dois sóis, que,

ainda que vivesse mil anos, poderia, em cada momento, experimentar mais consolação, conhecimento e gratidão do que se pode desejar.

8. Acrescentastes também a intimidade inestimável da tua amizade, deste-me de vários modos a nobilíssima arca da tua divindade, isto é, o teu Coração divino, como compêndio de todas as minhas delícias: ou dando-me livremente as tuas, ou, como sinal maior de intimidade recíproca, trocando-as pelas minhas. Com esse Coração tu me manifestaste os segredos ocultos de teus segredos e tuas delícias, e derreteu minha alma tantas vezes com uma ternura tão delicada, que se eu ignorasse o influxo abismal e transbordante de tua bondade, ficaria surpresa ao ser surpreendida.

Seria uma pena considerar que tu derramaste apenas em tua Mãe, acima de todas as outras criaturas, o afeto da mais sublime ternura, naquela que reina contigo no céu

9. Com essa delicada ternura, às vezes tu me levavas ao reconhecimento salutar de meus defeitos. Mas evitaste meu rubor tão delicadamente que pareceria desnecessário dizer que perderia *metade de teu reino,* se movesse, mesmo que minimamente, meu rubor infantil. Assim, me revelaste, como se com uma rotunda suspeita, que não gostavas das falhas de algumas pessoas. Quando me olhei para esses defeitos, senti-me mais culpada do que aqueles que tu me mostraste, mas tu nunca me comunicaste com o menor sinal de que havia encontrado algo de tais defeitos em mim.

10. Além disso, com tais promessas fiéis, sugeriste à minha

alma quantos dons querias dar-me na morte e depois da minha morte. Mesmo que eu não tivesse recebido nenhum outro presente de ti, só por este eu lhe daria meu coração com a mais viva esperança. Mas mesmo com isso não esgotou o oceano de tua ternura transbordante para me ouvir com mais frequência com benefícios incríveis, quando eu imploro por pecadores, almas no purgatório ou por outras causas. Nunca encontrei um amigo a quem pudesse comunicar essas coisas como as via, sem a menor hesitação, dada a fragilidade do coração humano.

11. Ao cúmulo de benefícios acrescentaste ter-me dado tua amantíssima Mãe, a bem-aventurada Virgem Maria, como advogada, e ter-me confiado muitas vezes, com delicadeza, ao seu amor — como jamais o esposo mais fiel poderia confiar, com maior solicitude, a própria mãe à sua amada esposa.

12. Além disso, muitas vezes destinastes ao meu serviço especial os mais nobres príncipes do teu palácio, não só dos coros de anjos e arcanjos, mas também do mais alto, segundo a tua bondade, Deus mais benigno, julguei mais oportuno estimular-me a oferecer-te a veneração que eles consideravam mais adequada nas minhas práticas espirituais. Quando tu, buscando minha maior salvação, retiraste parcialmente de mim o prazer de teu prazer, eu, muito indignada, com minha ingratidão degenerada, esqueci instantaneamente teus dons como se eles não tivessem valor. Se depois de um tempo tua graça me convidasse a voltar para mim para buscar em ti o que eu havia perdido ou alguma outra graça,

imediatamente a devolvias intacta, como se eu a tivesse colocado em teu colo com a mais diligente solicitude para que pudesses guardá-la para mim.

13. Acima de todos esses presentes, tenho que lembrar que no dia de Natal, domingo: *eu sei por mim mesmo*, e outro domingo depois de Pentecostes tu me apresentante, ou melhor, me arrebataste em tal união contigo que estou mais surpresa do que se fosse um milagre, como posso viver depois dessas horas como um homem entre os homens. E a coisa mais estupenda, ou ainda mais horrenda sobre mim, é que depois, oh tristeza, não corrigi meus defeitos como deveria ter feito com justiça.

14. Em tudo isso a fonte de tua misericórdia não secou, ó Jesus, o mais amoroso de todos os amantes, ou melhor, o único que realmente ama gratuitamente os indignos.

15. Quando, com o passar do tempo, essas coisas começaram a ser insípidas para mim, mais vis, mais indignas e, a esse respeito, mais ingratas, quando com toda a razão o céu e a terra as exaltam sem interrupção em uma dança admirável, porque tu te elevaste tão infinitamente, dignaste curvar-te à coisa mais baixa; tu o Doador, Renovador e Preservador de tudo o que é bom, me excitaste que estava me refrescando, através de algumas pessoas que eu conhecia que eram mais devotadas e amigas tuas; Tu revelaste isso a eles sobre teus dons em mim. Eles vieram a saber com certeza o que era impossível saber por meio de qualquer homem. De tua boca, no entanto, ouvi palavras que experimentei

no segredo do meu coração.

16. Com estas palavras e outras que fervem na minha memória, devolvo-te o que é teu. Faço-os ressoar através do órgão sonoro do teu divino Coração com a força do Espírito Paráclito, e louvo-te, Senhor Deus, Pai digno de adoração, com louvores e ações de graças, em união com todas as criaturas do céu, da terra e dos abismos, e com todos aqueles que foram, são e existirão no futuro.

17. Assim como o ouro é o que mais brilha entre as diversas cores, e o contraste do negro é maior que o das demais por sua dessemelhança com o ouro, acrescento de minha parte a negrura da minha vida tão ingrata, diante do resplandecente esplendor divino dos inumeráveis benefícios que me concedeste. Como não podes conceder dons que não sejam dignos de ti, segundo tua generosidade régia, ingênita e divina, também eu, segundo minha ingênita rusticidade, não os recebi de outro modo senão conforme a vileza da minha depravada condição. Mas isso mesmo era dissimulado por tua mansidão régia, natural em ti. De tal forma que me parecia que nem por isso restringias fazer-me o bem.

Quando foste acolhido com doçura, como em um elevado palácio pela benignidade paterna, escolheste como hospedagem o domicílio da minha pobreza. Mas eu, hospedeira degenerada e descuidadíssima, fui negligente em cuidar do teu bem-estar, quando, por mera humanidade natural, deveria ter atendido com maior solicitude até mesmo a um leproso que, após ter-me causado

muitas e repetidas injúrias e incômodos, a necessidade o obrigasse a pedir-me acolhida.

18. Eu, a mais ingrata de todas, deduzi a ignomínia do desprezo de teus bens, a ti que vestes as estrelas do céu, buscar prazeres externos, e preferi-los muitas vezes com grande desrespeito ao teu maná celestial: como aquele benefício que me concedeste na agradável disposição de minha intimidade pela impressão de tuas santíssimas feridas. A revelação de teus segredos, a manifestação de teus parentes e carícias amorosas, todos esses dons em que tu me permitiste experimentar doçura espiritual, mais agradável do que tudo o que eu acho que poderia encontrar nas coisas materiais que dão a volta ao mundo de leste a oeste.

Eu expulso de mim mesmo, ó Deus da verdade!, os efeitos da esperança em tuas promessas como se tu fosses um homem mentiroso que nunca cumpre sua promessa.

19. Tu te curvaste benevolentemente às minhas orações indignas, mas eu, infelizmente, muitas vezes endureci meu coração contra a tua vontade a tal ponto (eu deveria confessá-lo com lágrimas) que às vezes fingia não entender a tua vontade, para não ser compelida pela consciência a fazê-lo.

20. Dignaste-te oferecer-me a intercessão da tua gloriosa Mãe e de todos os Espíritos benditos. Eu era miserável, muitas vezes os impedia, em buscar os recursos de meus amigos neste mundo, quando deveria me dedicar, como deveria, apenas a ti.

Seria justo, portanto, que, como tua delicadeza preserva os dons que me concedeste em meio à minha negligência, eu fosse estimulada a uma maior gratidão e maior cautela por minha negligência; mas, ao contrário, *retribuindo o mal com o bem*, por um costume tirânico e diabólico, prefiro a audácia de viver sem qualquer cautela.

Meu maior pecado acima dos referidos é que depois de uma união tão incrível contigo, conhecida apenas por ti, não tive escrúpulos em manchar minha alma novamente com aqueles pecados que me permitiste cometer para que, lutando, eu os vencesse com tua ajuda, e assim tivesse uma glória maior eternamente contigo no céu. Mas mesmo nisso eu não estava isenta de pecado, pois quando, para despertar gratidão em mim, revelaste meus segredos a teus amigos, eu dispensei o que tu pretendias, e me regozijei ainda mais humanamente, eu esqueci de retribuir a ti com a gratidão que merecias.

21. Ó mais gracioso Conhecedor do meu coração, que o gemido deste meu coração suba a ti neste momento, por estes e outros pecados dos quais a lembrança pode vir à minha mente, e receba o gemido que eu te ofereço por minhas misérias tão numerosas contra tua nobre bondade, com aquela nobre compaixão e reverência que tu nos fizeste conhecer através de teu Filho mais amoroso com o Espírito Santo em união com todas as criaturas do céu, da terra e do abismo.

Como me sinto totalmente incapaz de merecer frutos

dignos de emenda, imploro a tua bondade, meu dulcíssimo amante, que inspire aqueles corações que sabes que vivem unidos a ti com amorosa fidelidade, um holocausto de emenda que pode ser agradável a ti. Que por seus gemidos, orações e outras boas obras possam curar o vazio em mim para responder às tuas graças, para render a tio louvor devido somente a ti, Senhor Deus. Pois tu, que examinas meu coração, sabe claramente que foi apenas o puro amor pelo louvor de tua bondade que me obrigou a escrever essas coisas, para que muitos daqueles que depois de minha morte leram esses escritos possam ser movidos por tua misericórdia mais benigna. Nunca o teu amor desceu a uma baixeza tão profunda, para a salvação dos homens, como ao permitir que tão grandes e inumeráveis dons fossem ridicularizados como, ó tristeza, eu os desprezei em mim mesmo.

22. Ó benigníssimo conhecedor do meu coração, suba até ti neste momento o gemido deste meu coração, por estes e por outros pecados cujo lembrança possa vir à minha mente; e recebe o gemido que te ofereço por minhas inúmeras misérias contra tua nobilíssima bondade, com aquela nobre compaixão e reverência que nos manifestaste por teu amantíssimo Filho, com o Espírito Santo, em união com todas as criaturas do céu, da terra e do abismo.

Como me sinto totalmente incapaz de produzir frutos dignos de verdadeira emenda, rogo à tua bondade, dulcíssimo amado meu, que inspires àqueles corações que tu conheces

viverem unidos a ti com amorosa fidelidade um holocausto de arrependimento que te seja agradável. Que, com seus gemidos, orações e outras boas obras, possam suprir o vazio que há em mim de resposta às tuas graças, a fim de te tributar o louvor que é devido somente a ti, Senhor Deus.

Pois tu, que sondas o meu coração, sabes com clareza que foi somente o puro amor à exaltação da tua bondade que me impeliu a escrever estas coisas, para que muitos dos que lerem estes escritos depois da minha morte se comovam por tua benigníssima clemência.

Jamais teu amor desceu a uma baixeza tão profunda pela salvação dos homens como quando permitiste que dons tão grandes e inumeráveis fossem escarnecidos — como, ó dor!, eu os desprezei em mim mesma.

23. Dou-te graças, tanto quanto posso, por tua misericórdia clementíssima, Senhor Deus, Criador e Recriador, porque me asseguraste com plena certeza, desde o abismo da tua inesgotável bondade, que todo aquele que, mesmo sendo pecador, se lembrar de mim em teu louvor — com a intenção acima descrita de rezar pelos pecadores, agradecer pelos eleitos ou realizar qualquer boa obra com o maior fervor possível —, não terminará esta vida presente sem que tu o recompenses com a graça especial de uma vida que te seja agradável, e encontrarás em teu coração uma amizade jubilosa.

Por tudo isso, seja a ti tributado aquele louvor eterno que,

procedendo do Amor incriado, reflui perpetuamente para ti.

CAPÍTULO XXIV

Oferenda desses escritos

1. Este, amoroso Senhor, é o talento que a tua amizade condescendente confiou à extrema insignificância da minha indignidade por amor do teu amor. Eu o ofereço a t para o aumento de tua glória, tanto no que já foi escrito quanto no que se seguirá. Espero e até ouso assegurar com tua graça que não fui movida a escrever ou dizer essas coisas, exceto pela aceitação de tua vontade, o desejo de teu louvor e o zelo das almas. Assim, tu és testemunha de que foi o verdadeiro desejo de louvá-te e agradecer-te por não ter retirado tua ternura transbordante à minha indignidade. Desejo louvar-Te também para que aqueles que lêem algumas dessas coisas possam se regozijar na doçura de Teu amor e, atraídos para tua intimidade por essa doçura, possam experimentar graças maiores, como os alunos às vezes vêm do alfabeto para a filosofia. Que pela descrição dessas imagens eles são levados a provar o maná escondido dentro de si, o que não permite misturar com nenhuma das imagens corporais, mas apenas com quem o come ainda está com fome. Deus Todo-Poderoso, doador de todos os bens, digna-se alimentar-nos até à saciedade com este maná durante todo este exílio, até que, *contemplando com*

rostos descobertos como num espelho a glória do Senhor, sejamos transformados na própria imagem do Senhor, de claridade em claridade, pelo teu dulcíssimo *Espírito.*

2. Enquanto isso, de acordo com sua promessa fiel e o humilde desejo de minha intenção, conceda a todos os que lerem esses escritos com humildade, a alegria de tua condescendência, compaixão por minha indignidade, arrependimento por teu progresso espiritual. Dos áureos incensários de ouro de seus corações caridosos, que um perfume tão doce suba a ti, que supra abundantemente diante de ti todas as faltas de minha ingratidão e negligência.

LIVRO III

TESTEMUNHOS DE GRAÇAS RECEBIDAS

PRÓLOGO

1. Por uma revelação especial, soube que em breve sofreria uma adversidade para o aumento de seus méritos. Começou a preocupar-se, consciente de sua fragilidade humana. Deus, bondoso, condescende com sua fraqueza e lhe concede, como servidora benigna, sua misericordiosa Mãe, a ilustre Imperatriz dos céus, para que, quando experimentasse a fraqueza diante da prova que superava suas forças, tivesse sempre um recurso seguro na própria Mãe da misericórdia, e sentisse o alívio de sua intercessão.

2. Pouco tempo depois, sentiu grande angústia porque uma pessoa consagrada a Deus a obrigava a manifestar o que o Senhor lhe havia comunicado como dom especial na festa precedente. Por várias razões, ela considerava difícil fazê-lo. Por outro lado, temia contrariar a vontade divina se guardasse totalmente para si tal revelação. Recorreu então àquela que é o consolo dos aflitos, para que lhe ensinasse o que seria mais conveniente nesse assunto. Recebeu dela a seguinte resposta:

"Oferece o que tens, porque meu Filho é suficientemente rico para te restituir tudo o que entregares para sua glória."

Ela, que havia empregado todos os meios possíveis para

guardar seu segredo, não via como poderia revelá-lo com facilidade, e lançou-se aos pés do Senhor, suplicando-lhe que manifestasse o que mais lhe fosse agradável e lhe concedesse força para realizá-lo. Por essa atitude, mereceu receber da divina bondade esta resposta:

"Coloca o meu dinheiro no banco e, quando eu voltar, o recolherei com os juros" (cf. Lc 19,23).

Instruída dessa maneira, compreendeu que as motivações que ela julgava razoáveis e inspiradas pelo Espírito, na verdade, tinham origem em motivos humanos e em juízo próprio. Desde então, começou a ser mais flexível em seus julgamentos e, com razão — como diz Salomão —: "É glória dos reis ocultar sua palavra, mas a glória de Deus consiste em investigar seu sentido" (cf. Pr 25,2).

CAPÍTULO II

Os Anéis do Casamento Espiritual

1. Enquanto oferecia ao Senhor, numa breve oração, todos os sofrimentos que sentia tanto no corpo quanto na alma, e todas as alegrias, tanto espirituais quanto corporais, das quais se via privada, o Senhor lhe apareceu. Ele levava as duas coisas que ela havia oferecido — alegria e sofrimento — sob a imagem de dois anéis engastados com pedras preciosas, que adornavam ambas as

mãos. Quando compreendeu o significado dessa aparição, recitava muitas vezes essa oração. Passado algum tempo, enquanto a recitava, experimentou que o Senhor Jesus esfregava seu olho esquerdo com o anel da mão esquerda, que significava o sofrimento corporal. Desde então, sentia uma dor viva no olho que o Senhor tocou, e nunca mais recuperou plenamente a saúde.

Com isso, entendeu que assim como o anel é sinal de desposório, a adversidade tanto corporal quanto espiritual é sinal certo da eleição divina e do desposório da alma com Deus. Da mesma forma, quem sofre pode dizer com verdade e segurança: "Meu Senhor Jesus Cristo me deu como penhor o teu próprio anel" (Ofício de Santa Inês). Se, em meio às contrariedades, a alma não deixa de elevar-se agradecida a Deus com louvor e ação de graças, poderá continuar dizendo com alegria: "E me adornou com uma coroa como a uma esposa". Ser agradecido nas adversidades é belíssima coroa de glória, incomparavelmente mais preciosa que o ouro e o topázio (Salmo 118, 127).

CAPÍTULO III

Dignidade do sofrimento

1. Em certa ocasião, foi-lhe mostrado com toda clareza aquilo que até então não havia compreendido: que a contrariedade causada pela privação da alegria experimentada no sofrimento

contribui para aumentar a glória. Certo dia, próximo à festa de Pentecostes, sentiu uma dor no lado do corpo tão insuportável que os presentes achavam que ela morreria naquele dia, se não soubessem que já havia se recuperado daquela dor várias vezes. O benigno Amante e verdadeiro Consolador da alma comunicou-se com ela da seguinte maneira: Quando, por vezes, jazia desamparada pela negligência dos que a atendiam, vinha até ela o mesmo Senhor piedoso e aliviava sua dor com sua dulcíssima presença. Em contrapartida, quando a solicitude dos que a cuidavam era mais diligente, a dor aumentava, pois o Senhor se retirava. Com isso, deu-lhe a entender que quanto mais se é abandonado pelos homens, mais se é contemplado pela misericórdia divina.

2. Ao cair do dia, já ao entardecer, estava aflita pela violência da dor e esforçava-se para alcançar do Senhor algum alívio. O Senhor se apresentou, levantou os braços e mostrou-lhe no peito, como um adorno, o sofrimento que ela havia suportado durante o dia. Ao ver aquele adorno perfeito, sem nenhum defeito, esperava alegremente que cessaria a dor que sentia. Mas o Senhor acrescentou: "O que sofreres daqui em diante aumentará o brilho deste adorno". O adorno estava guarnecido de pérolas preciosas, mas brilhava pouco, como ouro escurecido. O sofrimento seguinte foi de peste, mais doloroso pela privação da alegria do que pela intensidade da dor.

CAPÍTULO IV

Desprezo pelos confortos temporais

1. Por ocasião da festa de São Bartolomeu, caiu em trevas tão profundas, devido à impaciência e à tristeza intensa, que lhe pareceu ter perdido em grande parte a alegria da presença divina, até que essa situação foi suavizada pela intervenção da virginal Mãe de Deus, quando se cantava em sua honra a antífona: *Maria, estrela do mar*. No domingo seguinte, enquanto se regozijava ao saborear as delícias de Deus e recordava sua anterior impaciência e outras faltas, começou a se desgostar profundamente consigo mesma e, abatida diante da multidão de grandes misérias que percebia em si, suplicava ao Senhor sua conversão com tal desespero, que rezava como desesperada:

"Ó Senhor, riquíssimo em misericórdia, dá fim a esses males para os quais eu não ponho medida nem fim. Livra-me, ó Deus, toma-me ao teu lado, e lute contra mim a mão de quem quiser" (cf. Jó 17,3).

Compadecido de sua desolação, o bondoso Senhor lhe mostrou um pequeno e estreito jardim, cheio de flores variadas e viçosas, rodeado de espinhos, por onde corria um riacho de mel, e lhe disse: "Preferirias este lugar aprazível, com a beleza destas flores, a mim?"

Ela respondeu: "De modo algum, Senhor meu Deus."

Então o Senhor lhe mostrou um jardinzinho lamacento, coberto por um verde raquítico, com algumas florezinhas sem valor, de cor apagada, e lhe perguntou também: "Preferirias este jardim a mim?"

Ela, voltando-se como indignada por tais palavras, respondeu: "Longe de minha alma tal coisa! Escolher o falso, o vil, o mau, em lugar de ti, o único verdadeiro, supremo, firme, estável e bom desde a eternidade?"

O Senhor replicou: "Por que desconfias, como se não tivesses a caridade, quando é certo que a possui aquele que é rico de tantos dons? Não confirma a Escritura que a caridade cobre uma multidão de pecados?" (cf. 1Pe 4,8).

"Não preferes tua vontade à minha, com a qual poderias viver de forma cômoda e honesta, sem contrariedade alguma, contando com o favor dos homens e com o reconhecimento da santidade. Eu te mostrei essa vida como um jardim florido, e o prazer de uma vida carnal como o viço de um lago pantanoso."

Ela respondeu: "Ah, quem dera que milhares e milhares de vezes eu tivesse renunciado completamente à minha própria vontade, no desprezo daquele jardinzinho florido que me mostraste! Temo que tenha sido a estreiteza [do jardim] o que me levou a rejeitá-lo com mais facilidade."

E o Senhor disse: "A desbordante delicadeza da minha ternura costuma estreitar, com o remorso, as comodidades temporais dos meus eleitos, para que assim as estimem em

pouco.”

Então ela rejeita com firmeza toda deleitação, tanto celeste quanto terrena, reclina-se sobre o peito do seu Amado com grande intensidade, une-se a Ele de tal forma que lhe parecia que nem todas as forças das criaturas seriam capazes de separá-la ou afastá-la, ainda que por um instante, daquele regaço, onde gozava do dom que lhe fora concedido: beber do lado do Senhor um sabor vivificante, mais abundante do que a suavidade do bálsamo.

CAPÍTULO V

O Senhor curvou-se diante dos abatidos

1. No dia de São Mateus Apóstolo, Deus a preveniu com a doçura de sua bênção (cf. Salmo 20, 4). Durante a elevação do cálice, ela o ofereceu ao Senhor em ação de graças. Mas logo começou a refletir em seu coração que de pouco serviria a oferta daquele cálice se ela mesma não estivesse disposta a oferecer seus sofrimentos por Cristo. Então, arrancou-se com ímpeto do regaço do Senhor, onde lhe parecia estar se regozijando, e lançou-se ao chão como um vil cadáver, dizendo: “Ofereço-me, Senhor, a suportar todos os sofrimentos que possam redundar em teu louvor.”

O Senhor se levanta imediatamente, lança-se ao chão, deita-se ao lado dela e, apertando-a contra si, diz: “Isto é meu.”

Reanimada pela força de sua presença, ela se ergue em direção ao Senhor e exclama: "Assim é, meu Senhor, sou obra de tuas mãos." E o Senhor responde: "Eu acrescento às tuas palavras: Meu amor está tão unido a ti que, sem ti, eu não poderia viver feliz."

Maravilhada com a infinita condescendência dessas palavras, ela responde ao Senhor: "Como podes falar assim, meu Senhor, se, após querer gozar com tuas criaturas, tens incontáveis seres tanto na terra quanto no céu com os quais podes viver feliz, mesmo que eu nunca tivesse sido criada?"

E o Senhor lhe responde: "Aquele que sempre careceu de um membro não sofre por ele como aquele a quem é amputado já em idade adulta. Isso acontece comigo: desde que pus meu amor em ti, nunca poderei suportar que nos separemos."

CAPÍTULO VI
Cooperação da alma com Deus

1. Durante a celebração da missa no dia de São Maurício, quando a hóstia estava prestes a ser consagrada em segredo, ela disse ao Senhor: "Ó Senhor, o que estais realizando neste momento merece uma reverência tão inestimável e excelsa, que minha pequenez não ousa sequer levantar os olhos para vê-lo. Por isso, levantar-me-ei e descerei ao mais profundo vale de humildade que puder encontrar, e ali esperarei a parte que me cabe, pois

dessa oblação provém a salvação para todos os eleitos.”

E o Senhor lhe respondeu: “Quando uma mãe habilidosa quer fazer um trabalho com seda ou joias, ela às vezes coloca seu filhinho em um lugar elevado para que lhe segure o fio, as joias, ou lhe preste alguma outra ajuda. Do mesmo modo, decidi colocar-te em um posto mais elevado para participares desta missa. Ora, se tu expandires tua vontade para que esta oblação, conforme sua dignidade, derrame com alegria sua plena eficácia sobre todos os cristãos vivos e falecidos — mesmo que, por vezes, isso te custe — então me terás ajudado conforme tuas possibilidades.”

2.

CAPÍTULO VII

A compaixão do Senhor por nós

1. Enquanto no dia dos Santos Inocentes se preparava para a comunhão, uma multidão de distrações queria impedi-la, e ela pedia o auxílio divino. Recebeu da misericórdia condescendente de Deus a seguinte resposta:

“Única é a minha pomba, escolhida entre mil, que com um só dos teus olhares transpassou o meu coração divino. Se eu pensasse que não poderia ajudá-la, haveria em meu Coração tal desolação que nem todas as alegrias do céu poderiam me consolar, porque todos os eleitos encontram um defensor em meu corpo unido à divindade, e isso me obriga a compartilhar com eles as

suas fraquezas.”

Ela respondeu: “Ai, meu Senhor! Como é possível que teu corpo imaculado, no qual jamais experimentaste qualquer desordem, possa ser obrigado a partilhar conosco os nossos abatimentos, tão diferentes?”

Respondeu-lhe o Senhor: “É fácil compreender isso, se refletires. O Apóstolo diz de mim: *‘Devia assemelhar-se em tudo a seus irmãos, para ser misericordioso’* (Hb 2,17).”

E acrescenta o Senhor: “Um dos olhares que transpassam o meu Coração é a confiança firme que se deposita em mim — confiança de que realmente posso, sei e quero estar fielmente presente em todas as suas necessidades. Essa confiança exerce tamanha força sobre minha ternura, que não posso afastar-me dela.”

Ela: “Se a confiança, meu Senhor, é um bem tão seguro, que ninguém pode possuir senão como dom teu, como pode desmerecer quem não a tem?”

O Senhor: “Todos podem vencer sua pusilanimidade com os testemunhos das Escrituras. Ainda que não com o coração, ao menos com a boca podem dirigir-se a mim com as palavras de Jó: *‘Mesmo que eu fosse lançado nas profundezas do inferno, tu me tirarás de lá’* (cf. Jó 30,23-24), ou: *‘Ainda que me mates, esperarei em ti’* (cf. Jó 13,15), e muitas outras semelhantes.”

CAPÍTULO VIII

Cinco partes da missa

1. Certo dia, não podia assistir à missa na qual devia comungar, por estar prostrada pela enfermidade. Disse ao Senhor com o coração aflito:

"Eis-me aqui, meu amadíssimo Senhor. Só por tua divina preordenação posso dizer que hoje me encontro impedida de assistir à missa. Como me preparar para receber teu santíssimo Corpo e Sangue, se me parece que minha melhor preparação é justamente a participação na missa?"

O Senhor lhe respondeu: "Já que me fazes essa acusação, escuta-me: vou cantar-te um poema nupcial doce e amoroso.

Escuta-me, redimida com meu sangue: considera que os trinta e três anos que passei com sofrimentos neste desterro por ti, fiz deles um legado para preparar meus desposórios contigo. Que isso seja para ti como a primeira parte da missa.

Escuta-me, enriquecida com meu Espírito: considera que naquela missão de que te falei, trabalhei com meu corpo trinta e três anos, e em meu espírito celebrei nupcias cheias de júbilo e desejo para unir-me a ti. Que isso seja para ti como a segunda parte da missa.

Escuta-me, repleta da minha divindade: reconhece que minha divindade pode conceder-te, mesmo entre os sofrimentos exteriores do corpo, suaves e confortantes delícias interiores e

espirituais. Estas serão para ti a terceira parte da missa.

Escuta-me também, santificada pelo meu amor: reconhece que nada tens de ti mesma, tudo recebes de mim, e é por isso que podes agradar-me. Esta será para ti a quarta parte da missa.

Escuta-me, por fim, elevada à tua união comigo: reconhece que me foi dado todo o poder no céu e na terra (cf. Mt 28,18), e nada pode impedir-me de elevar-te comigo, conforme meu beneplácito. Aquela que se une ao Rei no tálamo, merece ser chamada Rainha e ser honrada como tal. Alegra-te, pois, meditando nessas coisas, e não te lamentes mais por te veres privada da missa."

CAPÍTULO IX

Concedendo a Graça Divina

1. Deus revelou a uma pessoa que se dignara perdoar as penas de um grande número de almas pelas orações da comunidade; para isso, tinham sido pedidas orações especiais à comunidade. Aquela de quem trata este livro cumpriu, como todas as demais, a oração solicitada num domingo em que essa multidão de almas seria libertada de suas penas. Ela suplicava a Deus com o maior fervor pela salvação daquelas almas.

Então se aproximou mais do Senhor e o contemplou em

sua glória, como um rei que distribui prêmios. Não conseguia perceber claramente o que era aquilo que parecia ocupar tanto o Senhor, e perguntou: — "Deus benigníssimo, no ano passado, na festa de Santa Maria Madalena, revelaste-me intimamente, a mim, indigna, que, comovido por tua própria ternura, abaixaste toda a tua bondade até teus pés em favor de muitas pessoas que, a exemplo da bendita pecadora, mas tua verdadeira amante, naquele dia se lançassem com humildade a teus pés. Digna-te também agora revelar-me benignamente o que estás fazendo neste momento, pois isso está oculto aos olhos do meu espírito."

O Senhor respondeu: — "Distribuo dons." Ela entendeu por essas palavras que o Senhor distribuía as orações da comunidade em sufrágio das almas, mas não conseguia ver as almas, embora estivessem presentes.

Então o Senhor acrescentou: — "Queres oferecer-me o sufrágio dos teus méritos para que eu aumente estes dons?" Comovida docemente por tais palavras, sem saber que toda a comunidade estava fazendo o mesmo, convencida por aquela pessoa a quem havia sido prometida a libertação das almas, aceitou muito agradecida que o Senhor lho pedisse como algo particularmente especial e respondeu, jubilosa: — "Sim, Senhor. Não apenas os meus sufrágios, que são quase nulos, mas também os bens de toda a comunidade, que por tua graça possuo em comunhão com ela e faço plenamente meus, eu te ofereço, unida à tua perfeição, com livre vontade e imensa alegria."

O Senhor os aceitou com grande benignidade.

2. Então o Senhor, em plena atividade, estendeu por baixo como que uma nuvem, inclinou-se para aquela serva e, elevando-a com ternura até si, disse: — "Entrega-te somente a mim e alegra-te com a doçura da minha graça."

Ela respondeu: — "Por que, minha doçura, meu Deus, me privas do dom daquela revelação sobre as almas, que concedeste à mencionada pessoa com tanta clareza, se te dignas revelar-me misericordiosamente muitos dos teus segredos?"

O Senhor disse: — "Lembra-te de que com frequência te desprezas a ti mesma por te considerares indigna do dom da minha graça, e julgas que ele te é concedido como um pagamento ao mercenário por seu serviço; assim, privada desse dom, não me serias fiel. Por isso preferes outros a ti, que, sem terem recebido nenhum desses dons, mostram-se completamente fiéis a mim. A eles te tornei semelhante quanto a esses dons. E, mesmo que não conheças mais que os outros sobre as almas, ainda assim te entregas por elas; além disso, também não careces daquela dignidade que elogias nos outros."

3. Como arrebatada, fora de si por essas palavras, reconheceu com quão maravilhosa e inefável dignação a bondade divina condescende com o homem, infundindo-lhe às vezes sua graça de forma generosa e abundante, e outras vezes negando-lhe graças menores para que permaneça na humildade, fundamento e depósito das graças. E como também o Senhor, com uma e outra

graça, faz tudo cooperar para o bem da alma amante.

Fora de si, transportada por tão transbordante gratidão e admiração da infinita bondade de Deus para com ela, lançou-se ao peito do Senhor com estas palavras: — "Senhor meu, minha pobreza não pode suportar esse peso." Então o Senhor suavizou para ela a intensidade daquela iluminação.

Recuperadas as forças, disse ao Senhor: — "Deus clementíssimo, já que a inexplicável e incompreensível sabedoria da tua providência exige que eu careça deste dom, não quero mais desejá-lo daqui em diante."

4. E acrescentou: — "Senhor, acaso me escutas quando rogo por alguns dos meus amigos?" O Senhor confirmou-lhe como se jurasse: — "Com efeito, faço isso por meu divino poder." Ela respondeu: — "Então te peço desde já por aquela pessoa que muitas vezes me foi recomendada." No mesmo instante, ela viu brotar do peito do Senhor um regato como de pureza cristalina, que penetrava no íntimo daquela pessoa por quem orava.

Então perguntou ao Senhor: — "Senhor, que proveito pode trazer isso a essa pessoa, se ela não percebe sua influência?" O Senhor respondeu: — "Quando o médico dá a um doente uma bebida medicinal, os presentes não veem o doente recuperar a saúde no momento em que a toma, nem o próprio doente se sente curado de imediato; mas o médico, que conhece a eficácia da bebida, sabe muito bem o efeito que ela tem sobre o enfermo." Ela insistiu: — "Por que, Senhor, não tiras dessa pessoa suas más

inclinações e outros defeitos pelos quais tantas vezes te supliquei?” O Senhor respondeu: — “Quando eu era criança, foi dito de mim: 'Crescia em estatura, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens' (Lc 2,52). Do mesmo modo, essa pessoa irá crescendo de hora em hora, e transformará seus defeitos em virtudes. Eu lhe perdoarei tudo o que procede da fraqueza humana, para que, depois desta vida, receba tudo o que preparei para aquele homem a quem decidi exaltar acima dos anjos.”

5. Ao aproximar-se a hora de comungar, ela rogou ao Senhor que, naquele dia, associando aos coros celestiais as almas já libertadas das penas, o fizesse também com todos os pecadores que haveriam de se salvar. Mas não se atrevia a pedir que se dignasse adiantar o tempo da graça para os que seriam condenados.

O Senhor corrigiu sua pusilanimidade e disse: — “Não merece acaso a dignidade da presença do meu imaculado corpo e do meu precioso sangue que também os que estão em estado de condenação sejam reconduzidos a uma vida melhor?” Ela refletia sobre a imensidão dessas palavras e disse: — “Já que tua inestimável bondade se digna condescender tão generosamente com minhas súplicas, rogo à tua majestade, em união com o amor e o desejo de todas as tuas criaturas, que, segundo o número de almas que tiras do purgatório, concedas igual número de pecadores que vivem em estado de condenação que retornem à tua graça, seja em qualquer tempo ou lugar em que se

encontrem, pelos quais te dignaste ser rogado — sem preferir amigos, parentes ou consanguíneos.” O próprio Senhor lhe garantiu que aceitava isso com benevolência.

6. Ela disse: — “Gostaria de saber, Senhor, o que te agradaria que eu acrescentasse às minhas orações em favor deles.” Não recebendo resposta a essa pergunta, disse: — “Penso, Senhor, que por minha infidelidade não mereço resposta, porque tu, que conheces todos os corações (cf. Sl 7,10), sabes que, sendo eu tão negligente, talvez não cumprisse o que me fosse confiado.” Então o Senhor respondeu-lhe docemente com um olhar sereno: — “Somente a confiança pode alcançar tudo facilmente; mas se teu fervor não esmorecer e desejares acrescentar algo mais, reza 365 vezes o 'Louvai o Senhor, todas as nações' (cf. Sl 117,1), para suprir minha divina louvação descuidada por eles.”

CAPÍTULO X

Três oferendas

1. Ela havia decidido omitir a santa comunhão na festa de São Matias, impedida por muitos motivos. Durante a primeira missa, concentrava-se em Deus e em si mesma, e o Senhor se lhe mostrava com um afeto tão terno, como nenhum amigo jamais poderá expressar a outro.

Isso, no entanto, não a satisfazia, pois, acostumada a

receber favores maiores e de maneira mais nobre, desejava esquecer-se de si mesma e transformar-se no Amado — chamado Fogo Abrasador — para unir-se a Ele na mais íntima comunhão, derretida pelo ardor de sua caridade. Como lhe era impossível alcançar isso naquele momento, renunciou, para a glória de Deus, louvando-O como de costume.

Primeiro, exaltou a imensa bondade e condescendência da adorável Trindade, pelas graças que, de sua infinita plenitude, nunca cessaram de fluir em benefício de todos os bem-aventurados.

Segundo, por todas as graças concedidas à sua digníssima Mãe.

Terceiro, por toda a graça infundida na santíssima humanidade de Jesus Cristo.

Pediu a todos os bem-aventurados em geral, e a cada um em particular, que oferecessem um sacrifício à gloriosa e sempre serena Trindade, para suprir suas negligências com a solicitude e preparação com que se apresentaram perfeitamente santificados no dia em que foram levados ao céu, para contemplar a glória do Senhor e serem recompensados com prêmios eternos.

Eles cumpriram, recitando três vezes: "Louvai o Senhor, todas as nações" (cf. Sl 116). A primeira, em honra de todos os santos; a segunda, para honrar a gloriosa Virgem; a terceira, em honra do Filho de Deus.

Então o Senhor lhe disse: "Como pretendes recompensar

meus santos pelas súplicas que eles ofereciam por ti quando estavas prestes a interromper aquela oferta de ação de graças que costumavas fazer por eles?” Ela silenciou.

2. No momento da apresentação da hóstia, ela desejava ardentemente encontrar uma oferenda que pudesse apresentar dignamente ao Pai em louvor eterno.

Recebeu esta resposta do Senhor:

“Se hoje te dispuseres a receber o vivificante sacramento do meu Corpo e Sangue, receberás com toda certeza o triplo benefício que desejaste nesta missa: gozarás da minha doçura íntima, e, derretida pelo ardor da minha divindade, te fundirás comigo como o ouro se funde com a prata. Então terás esse precioso tesouro para oferecê-lo dignamente a Deus Pai em louvor eterno, e todos os santos terão sua recompensa completamente cumprida.”

Convencida por essas palavras, ela se inflamava em tal desejo de voar ao encontro de tão salvífico sacramento, que acreditava que não seria difícil consegui-lo, mesmo que tivesse que passar entre espadas.

Tendo recebido o Corpo do Senhor, enquanto rendia devotas ações de graças a Deus, o próprio Amante dos homens dialogava com ela desta maneira:

“Hoje decidiste por livre vontade oferecer-me, com os demais trabalhadores simples, palha, barro e tijolos (cf. Ex 5,7-8), mas eu te coloquei entre aqueles que se saciam felizes à minha

mesa real.”

Como, nesse mesmo dia, outra pessoa tivesse se abstido da santa comunhão sem motivo razoável, esta serva disse ao Senhor:

“Como permitiste, Deus misericordiosíssimo, que ela fosse tentada dessa maneira?”

O Senhor respondeu: “Sou eu acaso a causa de que ela tenha desviado seus olhos tão longe daquilo que cobria sua indignidade, a ponto de não poder perceber a ternura do meu afeto paternal?”

CAPÍTULO XI

Indulgência e desejo da vontade divina

1. Em certa ocasião, ela ouviu uma pregação sobre uma indulgência de muitos anos, como era costume, para arrecadar ofertas. Com coração piedoso, disse ao Senhor: “Se agora, Senhor, eu estivesse rica, ofereceria com toda generosidade grande quantidade de ouro e prata, e com essa indulgência me seriam perdoados os pecados, para glória e louvor do teu nome”.

O Senhor lhe respondeu com bondade: “Com a autoridade da minha divindade, concedo-te a remissão plena de todos os teus pecados e negligências”.

No mesmo instante, ela contemplou sua alma resplandecente com uma brancura nevada, livre de toda mancha. Poucos dias depois, ao recolher-se em si mesma e ver sua alma ainda resplandecente com aquela mesma brancura, começou a temer ter sido enganada naquela manifestação de inocência da sua alma, pensando que tal pureza era excessiva para ser verdadeira, pois acreditava que deveria aparecer com alguma mancha devido às quedas constantes em negligências e fraquezas da fragilidade humana.

O Senhor a consolou dessa desolação com estas palavras: "Por acaso não reservo para mim mais poder do que o que concedo às minhas criaturas? Se a este sol material concedi força tal que, ao cair alguma mancha sobre um pano branco, essa mancha, sendo apagada, o calor e o brilho do sol devolvem ao pano a brancura anterior — e até maior —, quanto mais eu, que sou o criador do sol, não dirigirei o olhar da minha misericórdia à alma, podendo conservá-la incontaminada de toda mancha de pecado ou negligência, consumindo nela, com a força do meu amor ardente, tudo o que estiver manchado?"

2. Em outra ocasião, ao considerar sua indignidade e pusilanimidade, desanimou-se tanto que não conseguia exercer o louvor divino nem se dedicar à fruição da contemplação como costumava; foi finalmente tão comovida pela misericórdia gratuita de Deus, unindo-se à vida santíssima de Jesus Cristo, que lhe pareceu apresentar-se, conforme seu desejo, diante do Rei dos reis

— como Ester se apresentou diante do rei Assuero.

Então a amorosa graça do Salvador lhe falou com estas palavras: "O que pedes, minha rainha e senhora?"

Ela respondeu: "Peço e desejo com todo o coração que, segundo teu melhor agrado, se realize em mim a tua santíssima vontade."

O Senhor chamou pelo nome cada uma das pessoas que se haviam recomendado às suas orações, e lhe disse: "O que pedes para esta, para aquela e para aquela outra, que hoje se recomendaram de modo especial às tuas orações?"

Ela respondeu: "Não me agrada pedir outra coisa, Senhor, senão que em todas elas se realize a tua sereníssima vontade."

Depois disso, o Senhor insistiu: "E o que queres que eu faça por ti?"

Ela respondeu: "Acima de todas as alegrias, desejo que se realize em mim e em todas as criaturas a tua sereníssima e louvável vontade. Para que isso se cumpra, estou totalmente disposta a oferecer cada um dos meus membros a qualquer sofrimento."

Então, a benigníssima piedade de Deus, que a havia precedido, inspirando-lhe tais desejos e ajudando-a a realizá-los, respondeu com estas palavras: "Por ter promovido com tanta devoção e diligência a minha vontade, vê: segundo minha habitual benevolência, premio teus esforços com o seguinte dom: poder apresentar-te diante dos meus olhos como se nunca, nem no mais

mínimo, tivesses posto minha vontade em segundo plano.”

CAPÍTULO XII

A Transfiguração que Traz a Graça

1. Enquanto se cantava a antífona: “Sobre o meu leito…” (cf. Ct 3,1), na qual, entre outras coisas, se repetem quatro vezes as palavras: “Aquele a quem minha alma ama”, pareceu-lhe que isso se referia a quatro maneiras pelas quais a alma fiel busca a Deus:

Na primeira, isto é: “No meu leito, durante a noite, procurei aquele a quem minha alma ama” (Ct 3,1), compreendeu-se o primeiro caminho, no qual a alma busca a Deus no leito da contemplação, por meio da exaltação do louvor. A antífona continua: “Procurei-o, mas não o encontrei”; porque a alma, envolta na carne mortal, não pode expandir-se plenamente no louvor a Deus.

A segunda maneira é expressa no trecho seguinte: “Levantar-me-ei e percorrerei a cidade por ruas e praças, procurando aquele a quem minha alma ama”; aqui se entende a solicitude no agradecimento, pelo qual a alma percorre as ruas e praças — ou seja, as diferentes formas pelas quais Deus favorece sua criatura. Mas também aqui não é possível oferecer louvores de maneira digna, por isso se repete: “Procurei-o, mas não o

encontrei”.

A terceira é: “Encontraram-me os guardas que rondam a cidade”, e compreendeu-se que a justiça e a misericórdia de Deus convidam a alma a entrar dentro de si mesma, considerar sua indignidade diante dos benefícios de Deus, gemer e fazer penitência por suas más ações, e buscar a misericórdia divina dizendo: “Encontraste aquele a quem tua alma ama?” Desconfiando assim de seus próprios méritos, a alma retorna com humilde confiança à bondade de Deus, e a alma fiel encontra aquele a quem ama pela oração fervorosa ou pela inspiração da graça.

2. Terminada a antífona, com a qual a bondade divina lhe permitiu saborear essas graças — e outras que seria impossível expressar por escrito —, sentiu seu coração como que tomado por uma força tão intensa, que até cada um de seus membros experimentou a comoção, parecendo que haviam perdido o vigor. Então ela disse ao Senhor:

“Agora sim me parece que posso dizer com toda verdade: Olha, meu Amado! Não apenas minhas entranhas, mas todos os meus membros foram comovidos pela tua presença” (cf. Gn 43,30).

E o Senhor respondeu:

“Eu sinto e conheço perfeitamente tudo o que de mim sai e a mim retorna. Mas tu, ainda envolta na carne mortal, nunca poderás compreender como toda a doçura da minha dignidade foi comovida por ti.”

E acrescentou:

"Sabe, no entanto, que por graça dessa comoção recebeste uma glorificação diante de mim semelhante àquela que meu corpo recebeu no monte Tabor, na presença de três dos meus discípulos, para que eu, comovido pela doçura do amor, possa dizer com propriedade: Este é o meu Filho amado, em quem pus toda a minha complacência (Mt 17,5). Pois a tal graça convém que tanto o corpo quanto a alma sejam admiravelmente iluminados com uma glória resplandecente."

CAPÍTULO XIII

Reparação digna

1. Em certa ocasião, enquanto se dobravam os paramentos, caiu uma hóstia e havia dúvida se estava consagrada ou não. Ela consultou o Senhor a respeito e, instruída por Ele, compreendeu que a hóstia não estava consagrada. Alegrou-se muito por não ter sido cometida negligência; no entanto, como ardia em zelo pela glória divina, disse ao Senhor:

"Embora a tua imensa bondade tenha cuidado para que neste caso não houvesse nenhuma ofensa ao Sacramento do altar, tantas vezes recebes ultrajes semelhantes — não só dos teus inimigos, pagãos ou judeus, mas, ó dor!, também dos teus melhores amigos, dos fiéis redimidos com teu sangue e, digo-o com lágrimas, às vezes até de sacerdotes e religiosos — eu jamais

revelarei que essa hóstia não estava consagrada, para que por minha causa não vos falte a devida reparação."

2. E acrescentou: "Concede-me, Senhor Deus, saber qual reparação te é mais agradável por qualquer ofensa. Aceitá-la-ia com imensa alegria, mesmo que exigisse todas as minhas forças, para o louvor e a glória do teu amor."

Ela compreendeu que o Senhor aceitaria que se recitassem 225 Pai-nossos em honra de seus santíssimos membros, e que se realizassem outras tantas obras de caridade ao próximo em reverência Àquele que disse: *"O que fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes"* (Mt 25,40), em união com aquele amor pelo qual Deus se fez homem por nós. Devem também ser oferecidas outras tantas renúncias a prazeres vãos e inúteis, em honra do seu gozo divino.

Oh, quão grandes e inefáveis são a misericórdia e ternura do Senhor, que nos ama, aceita e até recompensa com tanto agrado tais ofertas! Pois, se não lhe fossem oferecidas, o justo castigo ainda assim permaneceria.

CAPÍTULO XIV

Dois meios para purificar a alma

1**.** O Senhor, sempre zeloso da salvação de teus eleitos, costuma às vezes tornar difíceis até mesmo as coisas pequenas para aumentar seus méritos. Assim, certo dia, confessar-se

pareceu-lhe tão penoso que acreditava não poder fazê-lo por si mesma, e o confiou ao Senhor em oração com todo o fervor possível.

Recebeu esta resposta do Senhor: "Queres confiar-me esta confissão com plena confiança, sem fazer daqui por diante nenhum esforço para realizá-la?"

Ela respondeu: "Confio plenamente e absolutamente na tua bondade onipotente, meu Senhor. Mas me parece desrespeitoso, depois de te ter ofendido com meus pecados, não lutar com a amargura da alma para te oferecer um arrependimento eficaz."

O Senhor aceitou com agrado. Ela então se mergulhou na consideração de seus pecados. Parecia-lhe estar diante de si mesma com a pele dilacerada, como se tivesse rolado entre espinhos. Apresentava seu estado miserável ao Pai das misericórdias, para que Ele a curasse como médico experiente e seguro. O Senhor inclinou-se docemente para ela e lhe disse: "Aquecerei para ti com meu sopro divino o banho da confissão e, uma vez purificada conforme o meu agrado, te apresentarás a mim sem mancha alguma."

Ela quis despir-se para entrar nesse banho e disse ao Senhor: "Despojo-me de todo prestígio humano por amor à tua honra, meu Senhor, e estaria disposta, se necessário, a revelar todos os meus pecados ao mundo inteiro."

Então o Senhor, como se a visse sem vestes, a cobriu com sua túnica, aconchegou-a em seu regaço e a fez esperar até que o

banho estivesse preparado.

2. Quando se aproximava o momento da confissão, ela foi fortemente atormentada por pensamentos e disse ao Senhor: "O terno Coração da tua misericórdia paternal sabe o quanto me custa fazer esta confissão; por que, Deus bondoso, permites que eu seja tão atormentada por esses pensamentos?"

O Senhor respondeu: "As jovens que tomam banho costumam ser ajudadas por aquelas que lhes fazem massagens; do mesmo modo, serás fortalecida pelo sofrimento das tribulações."

Ela então viu um banho preparado à esquerda do Senhor, do qual saía um vapor finíssimo. O Senhor lhe mostrou também, à sua direita, um jardim precioso de delícias, com uma variedade de belas flores. Porém, destacavam-se sobretudo rosas belíssimas sem espinhos, que exalavam um perfume vivificante com tanta força que atraíam maravilhosamente os que se aproximavam. O Senhor lhe insinuou que poderia entrar naquele agradável jardim, se o preferisse ao banho que lhe parecia tão difícil.

Ela replicou: "De forma alguma, Senhor. Entrarei sem hesitar no banho que preparaste para mim com teu sopro divino."

E o Senhor respondeu: "Seja este o teu caminho de salvação eterna."

3. Ela compreendeu que aquele jardim simbolizava a suavidade interior da graça divina, que, levada pelo leve e suave sopro do amor, derramava na alma fiel o orvalho perfumado de lágrimas de amor. De imediato, essa graça a tornava branca como

a neve, com plena certeza não apenas do perdão dos pecados, mas também de estar repleta de méritos abundantes.

Ela compreendeu, então, que eram muito agradáveis ao Senhor as dificuldades que havia assumido por amor a Ele, rejeitando o caminho mais cômodo. Após a confissão, ao retirar-se para o lugar de oração, sentiu o Senhor aproximar-se com muito contentamento — Ele mesmo que havia permitido que a confissão lhe fosse tão penosa — ao contrário de outras pessoas, que proclamam suas faltas publicamente com vanglória e sem qualquer vergonha.

4**.** Convém saber que a alma se purifica de todos os pecados principalmente por dois meios:

1. Pela amargura da penitência e tudo o que a acompanha, simbolizada pelo **banho**.

2. Pela lenta combustão do amor divino e seus efeitos, simbolizados pelo encantador jardim.

Após a confissão, ela permaneceu na contemplação da chaga da mão direita do Senhor, como se repousasse no vapor purificador do banho sacramental, enquanto cumpria a penitência imposta pelo sacerdote. Mas como essa penitência teria que ser adiada por algum tempo, preocupava-se muito em talvez não receber a íntima e generosa visita do dulcíssimo e amantíssimo Senhor até que a cumprisse. Por isso, durante a Missa, na qual o sacerdote imola a sacrossanta hóstia — verdadeira e eficaz expiação de todos os pecados humanos — ela ofereceu a mesma

oblação ao Senhor, em ação de graças pelo banho purificador e pela propiciação expiatória de todas as suas culpas.

Sua oferta foi aceita e ela foi acolhida no regaço bondosíssimo do Pai, experimentando em si mesma que era realmente visitada pelo Sol nascente do alto, com as entranhas de sua misericórdia e sua verdade.

CAPÍTULO XV
A Árvore do Amor

1. No dia seguinte, no momento da elevação da hóstia durante a missa, estava como sonolenta, com pouca atenção à oração. Ao som da sineta, viu o Rei e Senhor Jesus (cf. Is 6,5). Ele segurava com ambas as mãos uma árvore que parecia ter sido cortada rente ao chão, mas estava coberta de frutos deliciosos. Cada uma de suas folhas emitia raios de luz como estrelas de uma brancura maravilhosa. O Senhor sacudiu a árvore no meio da corte celestial, que se deleitava com seus frutos maravilhosos.

Depois, o Senhor plantou a árvore no centro do jardinzinho do coração de sua serva, para que ela a fizesse produzir frutos ainda mais abundantes e pudesse descansar sob sua sombra refrescante. Uma vez acolhida e plantada a árvore em seu coração, para que os frutos crescessem, ela começou a rezar por uma pessoa que recentemente lhe havia causado sofrimento. Pedia ao

Senhor para sofrer novamente aquela grande dor que havia sentido, a fim de que Ele derramasse graças ainda mais abundantes sobre essa pessoa. Enquanto orava dessa forma, percebeu, no topo da árvore, uma flor de cor maravilhosa que se transformava em fruto à medida que ela colocava sua boa vontade em prática.

Essa árvore significava a caridade, que não apenas produz frutos de boas obras, mas também flores de bons desejos e até folhas radiantes de santos pensamentos. Por isso os cidadãos do céu se alegram quando alguém se compadece do outro e procura aliviar as necessidades de seus irmãos segundo suas possibilidades.

Nesse mesmo momento da elevação da hóstia, ela recebeu um maravilhoso ornamento de ouro (cf. Sl 44,10), sobre a túnica de cor rosada que havia vestido no dia anterior, enquanto repousava no peito do Senhor.

2. Naquele mesmo dia, durante a Hora Nona, o Senhor apareceu a ela sob a figura de um jovem elegante e delicado. Pedia-lhe que colhesse nozes daquela árvore e as oferecesse a Ele. Para isso, o Senhor a levantou e a sentou sobre um galho.

Ela disse: "Ó amantíssimo jovem! Como me pedes isso a mim, que sou fraca tanto em virtudes quanto por causa do sexo? Seria mais apropriado que tu mesmo me oferecesses essas nozes."

Ele respondeu: "Não. A esposa que está em sua casa, na casa de seus pais como se fosse a sua própria, pode agir com mais confiança do que o esposo pudoroso que a visita apenas de tempos

em tempos. Mas se a esposa trata com delicadeza o esposo quando ele a recebe em sua casa, ele sempre a acolherá com todo carinho e ternura.”

Assim ela compreendeu que é inaceitável o argumento daqueles que dizem: “Se Deus quisesse que eu fizesse isso ou aquilo, me daria a graça para realizá-lo.” Pois é justo que o homem nesta vida submeta seu juízo em todas as coisas por amor de Deus, sem ceder nenhum gosto próprio à sua própria vontade. Isso, no futuro, lhe será gratificante.

Quando ela quis oferecer as nozes ao Senhor, o jovem subiu na árvore e, sentando-se ao lado dela, pediu que as descascasse, retirasse a casca e as preparasse para comer. Com isso, quis ensinar que não basta ao homem apenas submeter seu juízo para fazer o bem ao inimigo, se não buscar também a ocasião e o modo de realizá-lo.

Com esse exemplo das nozes, o Senhor quis ensiná-la a fazer o bem aos seus perseguidores. Ele mostrou, na mesma árvore, tanto as nozes — que são amargas e de casca dura — quanto as maçãs. Pois o amor aos inimigos deve ser entrelaçado com a doçura do amor de Deus, pelo qual se deve estar até mesmo disposto a suportar a morte por Jesus Cristo.

CAPÍTULO XVI

A utilidade da desolação e da comunhão espiritual

1. Enquanto a comunidade cantava a missa *Salve, santa Mãe de Deus*, para honrar a Mãe de Deus no último dia em que se celebravam os ofícios divinos, ela disse ao Senhor durante a coleta: "Como nos consolarás, Deus benigníssimo, desta tribulação presente?"

Respondeu-lhe o Senhor: "Aumentarei minhas delícias contigo. Assim como o esposo desfruta mais livremente da esposa na câmara nupcial do que em público, assim também serão para mim um deleite os teus suspiros e desolações. E em ti crescerá o progresso no meu amor, como o fogo se alastra num espaço fechado. Mais ainda, para o aumento de ambas as coisas, assim como a água, ao crescer, se lança com ímpeto, do mesmo modo minhas delícias se lançarão com ímpeto sobre ti, e teu amor sobre mim."

Ela pergunta: "Por quanto tempo durará este interdito[3]?" Responde o Senhor: "Enquanto ele durar, também durarão estas graças."

Ela acrescenta: "É vergonhoso para os grandes da terra admitir em sua intimidade pessoas de condição vil e baixa. Da mesma forma, pareceria indigno que tu, Rei dos reis, abrisses a mim, a mais vil de todas as criaturas, os segredos de teus desígnios divinos. Aqui acredito encontrar a razão de não teres

[3] *Este capítulo faz referência ao interdito lançado contra o mosteiro pelos cônegos de Halberstadt durante a vacância episcopal por questões econômicas por volta do ano 1296. Este fato é relatado pelas três místicas escritoras de Helfta: Matilde de Magdeburgo, Matilde de Hackeborn e Gertrudes a Magna.*

dado uma resposta clara à minha pergunta, embora antes mesmo de eu fazê-la, já conheças o fim de todas as coisas." "Não é assim", respondeu o Senhor, "é o meu grande cuidado pela tua salvação. Se às vezes te elevo pela contemplação para admitir-te em meus segredos, outras vezes te excluo deles para conservar tua humildade. Quando os recebes, sabes o que és por mim; quando os careces, reconheces o que és por ti mesma."

Enquanto no ofertório da missa se cantavam as palavras *Lembrai-vos, Virgem Mãe, de pedir bens para nós*, esta serva dirigia-se à Mãe de toda graça. Disse-lhe o Senhor: "Não é necessário que alguém interceda por ti, eu por mim mesmo sou completamente a teu favor."

Ela lembrava-se de muitas faltas, suas e de outras irmãs, e duvidava que o Senhor pudesse afirmar estar completamente favorável. Então ouviu o Senhor dizer-lhe com ternura: "A minha bondade natural me inclina a ver o melhor de cada alma, e abraço essa alma com toda a minha divindade, conduzindo o que nela é imperfeito a uma maior perfeição."

Ela disse: "Ó Deus esplêndido! Como pudeste conceder-me agora, tão indigna e despreparada, tantos e tão consoladores dons da tua graça?" O Senhor respondeu: "O amor me obrigou."

Ela: "Onde estão agora aquelas manchas que contraí há pouco com a impaciência do meu coração e manifestei até com palavras?" O Senhor: "Foram completamente consumidas pelo fogo da minha divindade, como consumo toda mancha disforme em toda

alma para a qual me inclino gratuitamente com a minha benignidade.”

Ela: “Ó Deus clementíssimo! Como tua graça tantas vezes se antecipou à minha indignidade, gostaria de saber se essas faltas, como a impaciência mencionada e outras semelhantes, deverão ser purificadas por minha alma após a morte.” O Senhor, por sua bondade, parecia não ter escutado. Ela insistiu: “Verdadeiramente, Senhor, se assim o exige a honra da tua justiça, desceria alegre e espontaneamente até o inferno para te oferecer uma reparação mais digna. Mas se tua bondade natural e misericórdia glorificam mais teu nome ao consumir essas faltas no fogo do teu amor, exigirei com absoluta liberdade que teu amor purifique todas as manchas da minha alma além do que mereço.”
E o Senhor aceitou bondosamente, segundo a abundância de sua divina ternura.

No dia seguinte, enquanto se celebrava a missa para o povo, ao aproximar-se o momento da comunhão, ela disse ao Senhor: “Não vos compadecereis de nós, Pai clementíssimo, que por causa dos bens [temporais] com os quais devemos nos sustentar para te servir, nos vemos privadas do dom tão precioso do teu corpo e do teu sangue?”

Respondeu-lhe o Senhor: “Como não me compadeceria de minha esposa, se ao levá-la ao lugar florido e encantador do banquete, antes a retiro a um lugar mais sóbrio para, com minhas próprias mãos, ajustar os defeitos que eu possa encontrar em sua

túnica ou enfeites, e assim introduzi-la com mais decoro?”

Ela: “Como podem ter tua graça, Senhor meu, aqueles que nos afligiram com esse prejuízo?”

O Senhor: “Deixa-os, eu mesmo tratarei disso com eles.”

Ao chegar o momento da oferta da hóstia salvífica, ela ofereceu a mesma hóstia ao Senhor em louvor eterno, para salvação de toda a comunidade. O Senhor a recebeu em si mesmo e, exalando uma suavidade vivificante do mais profundo de seu ser, disse: “Embriagá-las-ei com o alimento desta aspiração divina.”

Ela então disse ao Senhor: “Agora, Senhor meu, agora vos entregareis em comunhão a toda a comunidade?”

Ele respondeu: “Não, somente às que o desejam e anseiam por esse desejo. No entanto, como as demais também pertencem à comunidade, receberão como fruto um desejo intenso, à semelhança de quem tem pouco interesse por esse alimento, mas, atraído por seu suave perfume por longo tempo, começa a sentir prazer em saboreá-lo.”

No dia da Assunção, durante a elevação da hóstia, ouviu o Senhor dizer: “Venho oferecer-me em sacrifício a Deus Pai pela salvação dos meus membros.” Ela respondeu: “Acaso permites, Senhor meu amantíssimo, que nós, teus membros, sejamos amputadas de ti pelo anátema com que nos ameaçam aqueles que tentam tomar nossos bens?”

O Senhor: “Aquele que fosse capaz de arrancar a medula do meu mais profundo íntimo, por onde estais ligadas a mim, esse

sim vos separaria de mim.”

E o Senhor acrescentou: “O anátema [excomunhão] que vos foi imposto por essa causa não vos fará mais dano do que faria um que tentasse cortar um objeto com uma faca de madeira: não penetraria nada e só deixaria uma pequena marca.”

Ela disse então ao Senhor: “Ai, Senhor Deus! Se tu, que és a verdade infalível, me revelaste intimamente, a mim, tão indigna, que havias decidido aumentar entre nós tuas delícias e fazer crescer nosso amor por ti, por que agora algumas se queixam de terem esfriado no teu amor?”

Respondeu o Senhor: “Eu possuo em mim todos os bens e, no momento oportuno, distribuo a cada um o que lhe convém.”

CAPÍTULO XVII

A condescendência do Senhor e a comunicação de sua graça

1. No domingo em que coincidiam a celebração das festas de São Lourenço e da dedicação da Igreja, enquanto orava durante a primeira missa por algumas pessoas que se haviam encomendado piedosamente às suas orações, viu descer do trono celeste até a terra uma videira verde; as saliências das folhas, como degraus, permitiam subir das profundezas até as alturas. Compreendeu que essa escada ascendente era a fé, pela qual os eleitos são elevados

às realidades celestes.

Na hora em que a comunidade deveria comungar, se não estivesse impedida pelo interdito, reconheceu no céu muitas irmãs da comunidade que estavam à esquerda do trono, e viu também o Filho de Deus de pé, com grande reverência, diante do Pai Celestial. Essa serva teve grande desejo de que a ela, assim como às demais presentes, fosse oferecido espiritualmente, pela clemência divina — à qual nenhum poder humano pode resistir — o vivificante Sacramento.

Então viu o Senhor Jesus como se molhasse no coração de Deus Pai a hóstia que segurava na mão. Ao retirá-la, estava avermelhada, como tingida de sangue. Comovida por essa visão, refletia dentro de si o que isso poderia significar, já que o vermelho representa a Paixão, e o Pai nunca havia apresentado um sinal da Paixão.

Concentrada nesses pensamentos, deixou de experimentar o efeito do desejo anterior. Só mais tarde compreendeu que o Senhor havia feito de seu lugar de repouso os corações e as almas de cada uma daquelas que ela vira elevadas (à esquerda do trono), embora não soubesse exatamente o significado desse fato.

2. No meio desses pensamentos, lembrou-se de uma pessoa que, antes da missa, se havia recomendado com humildade e devoção às suas orações, e rogou ao Senhor por ela, para que também fosse participante da mesma graça.

Recebeu então esta resposta: "Ninguém poderia subir até

lá pela escada da fé mostrada, se não fosse elevada pela virtude da confiança, da qual essa pessoa por quem oraste tinha muito pouca."

Ela respondeu: "Senhor, me parece que essa pouca confiança vem de sua humildade, pela qual Tu costumas derramar graças ainda mais abundantes."

E o Senhor respondeu: "Descerei e comunicarei meus dons a ela e a todos os que se encontrarem no vale [da humildade]."

Então lhe pareceu ver o Senhor das virtudes descendo por uma escada pintada de vermelho e, pouco depois, apareceu no centro do altar da igreja, revestido com ornamentos pontificais. Tinha nas mãos um cálice semelhante aos usados para conservar a hóstia consagrada. Durante toda a missa, até o prefácio, permaneceu sentado diante do sacerdote.

Havia tal multidão de anjos ao seu serviço, que toda a igreja, à direita do Senhor (isto é, ao norte), parecia cheia. Os anjos demonstravam uma alegria especial por estarem com tanto afeto naqueles lugares onde seus concidadãos, ou seja, a comunidade, haviam tantas vezes oferecido suas fervorosas orações.

À esquerda do Senhor, isto é, ao sul, estava apenas o coro dos Anjos; após eles, o coro dos Apóstolos, depois o dos Mártires, em seguida o dos Confessores, e por fim o das Virgens. Ela contemplava tudo isso com admiração, recordando que, segundo a Escritura, a pureza aproxima de Deus (cf. Sb 6,20).

Entre o Senhor e as santas virgens, contemplou uma luz especial, radiante com a brancura da neve, que unia as virgens ao Senhor com preferência aos demais santos, em ternura suavíssima, alegria e maravilhosa familiaridade. Viu também alguns raios de esplendor extraordinário projetando-se sobre as irmãs da comunidade, como se não houvesse nenhum obstáculo entre o Senhor e elas, embora estivessem materialmente separadas da igreja por muitas paredes.

3. Maravilhada com tudo isso, essa serva, cheia de deleite, e preocupada com as demais irmãs da comunidade, disse ao Senhor:

"Agora que tua ternura transbordante, Senhor, me concedeu uma graça de doçura tão incrível, o que concederás àquelas que, talvez ocupadas com trabalhos exteriores, desfrutam menos de graças semelhantes?"

O Senhor respondeu: "Eu as unjo com bálsamo, mesmo que estejam sonolentas."

Ela examinou a força do bálsamo e admirou-se muito de que aquelas que se ocupavam com obras espirituais e as que não o faziam pudessem obter frutos semelhantes. Pois o bálsamo torna incorruptíveis os corpos ungidos, pouco importa se são ungidas dormindo ou acordadas.

Recebeu esta comparação de forma ainda mais clara com o seguinte exemplo: Quando o homem come, todo o corpo é fortalecido em cada um de seus membros, mas somente a boca

desfruta o sabor da comida. Do mesmo modo, quando uma graça especial é concedida aos eleitos pela bondade transbordante de Deus, todos os membros crescem em méritos, especialmente se pertencem à mesma comunidade, exceto os que se impedem a si mesmos por inveja ou má vontade.

4. Assim sendo, enquanto se cantava o "Glória a Deus nas alturas", o Senhor Jesus, Sumo Pontífice, exalou um suspiro como uma chama ardente ao céu, para glorificar o Pai.

Com as palavras "e paz na terra aos homens de boa vontade", derramou esse mesmo suspiro sobre as presentes em forma de resplendor branco como neve. Depois, ao ser proclamado: "Corações ao alto", o Filho de Deus se levantou e com grande força atraiu para si os desejos de todas as presentes.

Em seguida, voltado para o oriente, cercado por todos os lados por incontáveis anjos que o serviam, permaneceu com as mãos erguidas e, por meio das palavras do prefácio, ofereceu ao Deus Pai os votos dos fiéis.

Ao início do canto: "Cordeiro de Deus", derramou-se com sua inescrutável sabedoria no mais íntimo de cada uma das presentes, e elevando-se ao mais alto dos céus, enquanto se cantava o terceiro "Cordeiro de Deus", apresentou pessoalmente ao Pai os votos e desejos de todos.

Assim deu a paz a todos os santos presentes com sua boca bendita, transbordante de doçura, mas concedeu esse privilégio ao coro das virgens com especial predileção, de modo que depois de

beijá-las na boca, também lhes dava um doce beijo no peito.

A seguir, o Senhor, como se fluísse todo o amor melífluo da divindade, comunicou-se Ele mesmo à comunidade com estas palavras: "Sou todo teu. Que cada uma se alegre em mim conforme seus desejos."

Então ela disse ao Senhor: "Agora, Senhor, estou saciada com uma doçura inacreditável; no entanto, embora estejas no altar, pareces distante de mim. Que na bênção desta missa minha alma se sinta total e intimamente unida a Ti."

E o Senhor realizou isso com tal força que ela se sentiu apertada ao seu peito em união divina, pelo abraço do Senhor tão terno quanto forte.

CAPÍTULO XVIII

Preparar-se para receber o corpo de Cristo

a) Exercício de preparação para a comunhão.

1. Aproximava-se um dia para receber o vivificante Sacramento e, enquanto na antífona *Goza e alegra-te* se cantavam as palavras *Santo, Santo, Santo*, lançada ao chão com humildade de coração, ela suplicava ao Senhor que se dignasse prepará-la para poder participar dignamente do banquete celestial, para sua glória e proveito de todo o mundo. Imediatamente, o Filho de Deus se inclinou para ela como um amante terno e imprimiu um suavíssimo beijo em sua alma. Enquanto se cantava o segundo

Santo, disse-lhe: "Olha, com este beijo unido a este *Santo* que é oferecido em honra da minha pessoa, concedo-te toda a santidade, tanto da minha divindade como da minha humanidade, para que possas te aproximar [da comunhão] dignamente preparada."

2. No dia seguinte, que era domingo, enquanto dava graças a Deus pela recepção desse dom, apareceu o Filho de Deus, mais belo que milhares de anjos, tomou-a nos braços como quem se orgulha dela e a apresentou alegremente a Deus Pai com a perfeição de sua santidade, que Ele mesmo lhe havia comunicado de sua própria pessoa. Então, Deus Pai teve tanta complacência nela, por causa de seu Unigênito, que, como se não pudesse conter-se, Ele mesmo, com o Espírito Santo, lhe concedeu o seu próprio *Santo*, para que ela alcançasse a plenitude da bênção de toda a sua santidade, de sua Onipotência, e também de sua Sabedoria e Bondade.

b) O Senhor lhe assegura sua presença permanente.

3. Em outra ocasião, ao se preparar para comungar, viu muitas irmãs que, por diversos motivos, estavam impedidas de receber a comunhão. Com espírito alegre e desde o mais profundo amor do seu coração, disse ao Senhor: "Dou-te graças, meu Deus, amante amabilíssimo, por me teres levado a tal estado em que nem parentes nem outras causas podem impedir-me de participar do teu felicíssimo banquete." O Senhor, com a doçura habitual de sua benignidade, respondeu da seguinte maneira: "Assim como tu

reconheces que nada pode impedir-te, deves saber que absolutamente nada, nem no céu, nem na terra — e nem mesmo julgamento ou condenação — poderá impedir-me, segundo o supremo gozo do meu divino Coração, de realizar o bem em ti.”

4. Ao aproximar-se novamente da comunhão, desejava ardentemente que o Senhor a preparasse dignamente. O Senhor a acariciava doce e ternamente com estas palavras: “Olha, me revisto de ti para poder estender a mão sem feri-la aos pecadores espinhosos e fazer-lhes o bem; e te revisto de mim mesmo, para que todos os que em tua memória fores trazendo à minha presença — mais ainda, todos os que por natureza são semelhantes a ti — sejam elevados a tal dignidade que eu possa fazer-lhes o bem segundo minha real generosidade.”

c) A acolhida favorável das três divinas Pessoas.

5. Em outro dia, ao preparar-se para participar dos divinos mistérios, lembrava os benefícios que Deus lhe havia concedido, e veio-lhe à mente aquele texto do livro dos Reis: “Quem sou eu e o que é a casa de meu pai?” Mas deixando de lado a expressão “o que é a casa de meu pai”, como se se tratasse de homens que em seu tempo viveram segundo a ordenação de Deus, considerava a si mesma como uma pequena planta que recebia os benefícios divinos pela proximidade ao fogo inextinguível do Coração divino, e ardia como que naturalmente dentro de si. Por causa de sua negligência, por momentos se enfraquecia pelos pecados das suas omissões, até

se reduzir a nada, prostrada como um tição apagado. Então, voltou-se para o amabilíssimo mediador Jesus Cristo, Filho de Deus, e suplicou-lhe que se dignasse apresentá-la, reconciliada, a Deus Pai, do modo que fosse possível.

Parecia que o próprio Jesus, amorosíssimo, a atraía para si com o sopro do amor de seu Coração transpassado, e a lavava com a água que dali jorrava. Em seguida, aspergia-a com o sangue vivificante de seu Coração. Diante disso, ela se reergue daquele insignificante carvão e converte-se em árvore frondosa, cujos ramos se abriam em três, como lírios. O Filho de Deus tomou essa árvore e a apresentou com gratidão e glória à sempre adorável Trindade. Uma vez apresentada, toda a santa Trindade inclinou-se para ela com tamanha benevolência, que Deus Pai, com sua divina onipotência, colocou nos ramos mais altos todos os frutos que aquela alma teria produzido se tivesse confiado devidamente na onipotência divina. Igualmente, parecia que o Filho de Deus e o Espírito Santo colocavam nos outros dois ramos os frutos da sabedoria e da bondade.

6. Depois de receber o Corpo de Cristo e, como dito, contemplar sua alma semelhante a uma árvore cujas raízes estavam mergulhadas na ferida do lado de Jesus Cristo, ela experimentou que da própria ferida, como por uma raiz, subia uma seiva nova e maravilhosa até os ramos, folhas e frutos, para comunicar a todos a força da humanidade e da divindade. Dessa maneira, o fruto de toda a vida [do Senhor] adquiria nessa serva

novo esplendor, como o ouro através do cristal. Por isso, não apenas a santa Trindade, mas também todos os santos experimentaram a alegria de um júbilo admirável. Todos se levantaram em sinal de reverência à santa Trindade, dobraram os joelhos e ofereceram seus méritos em forma de coroas que penduraram nos ramos da árvore mencionada, para louvor e glória d'Aquele que, resplandecendo por meio dela, dignava-se alegrá-los com nova alegria.

Depois, esta serva orou ao Senhor por todos os que estão no céu, na terra e no purgatório — que, sem dúvida, teriam se beneficiado de seus trabalhos se ela não tivesse sido preguiçosa —, suplicando que ao menos agora lhes concedesse participar dos bens recebidos da bondade divina. Então, cada uma dessas obras representadas nos frutos da árvore começou a destilar um licor generoso. A parte que se derramava sobre os que estavam no céu enchia-os de alegria; a que caía no purgatório mitigava suas penas; a que se derramava na terra aumentava nos justos a doçura da graça e, nos pecadores, a dor da penitência.

d) Vantagens da participação na missa

7. No momento da elevação da hóstia na missa, enquanto oferecia a Deus Pai essa mesma hóstia sacrossanta como devida reparação por todos os seus pecados e como suplência por todas as suas negligências, ela compreendeu que sua alma tinha sido apresentada diante da divina majestade com a mesma

complacência com que Jesus Cristo — esplendor e imagem da glória do Pai, Cordeiro sem mancha — se ofereceu a si mesmo naquele momento a Deus Pai, para a salvação de todos, sobre o altar. Com efeito, Deus Pai a contemplava através da humaníssima inocência de Jesus Cristo, pura e imaculada; através de sua altíssima divindade, enriquecida e ornada com toda a força que da mesma gloriosa divindade floresceu por meio de sua santíssima humanidade.

8. Enquanto oferecia ações de graças ao seu Senhor, segundo suas possibilidades, jubilosa por tamanha condescendência da divina bondade, recebeu do próprio Senhor a seguinte iluminação: todas as vezes que alguém participa da missa unindo-se a Deus, que se oferece a si mesmo no Sacramento para a salvação de todos os homens, esteja certo de que ele próprio é acolhido por Deus Pai com a mesma complacência com que é acolhida a hóstia que lhe foi oferecida — à semelhança daquele que, estando na escuridão, é tocado por um raio de sol e de repente fica totalmente iluminado.

Então ela perguntou ao Senhor: "Meu Senhor, acaso no instante em que alguém cai em pecado, perde essa graça, como quem passa da luz do sol para as trevas ao perder o agradável brilho da luz?"

O Senhor respondeu: "Não. Embora ao pecar ele interponha de algum modo uma sombra entre si e a luz da misericórdia divina, minha bondade conserva sempre nele um

vestígio da bem-aventurança do homem para a vida eterna, a qual se acumula e se multiplica tantas vezes quantas ele procura participar com devoção dos santos mistérios".

e) Os pecados da língua impedem a comunhão

9. Certa vez, após ter comungado, ela refletia sobre o cuidado que se deve ter com a língua, pois é justamente esse membro que tem a honra especial de receber os preciosos mistérios de Cristo. Foi então iluminada com a seguinte comparação: quem não guarda a língua de palavras vãs, mentirosas, desonestas, difamadoras e semelhantes, e se aproxima da sagrada comunhão sem arrependimento, recebe a Cristo — na medida em que depende dele — como quem recebe um hóspede cobrindo-o de pedras à porta da casa ou dando-lhe uma tranca na cabeça.

10. Quem ler isso, considere com lágrimas de compaixão com quanta benignidade foi repreendida tamanha crueldade, e como aquele que veio com tamanha mansidão para salvar os homens foi perseguido com tanta maldade por aqueles mesmos que deveriam ser salvos. O mesmo pode ser dito de qualquer outro pecado.

f) Preparação da alma para a comunhão

Certo dia, ao se aproximar da comunhão, ela não se sentia suficientemente preparada, e o momento era iminente. Disse então

à sua alma: "Vê que já te chama o teu Esposo — como sairás ao teu encontro sem estar adornada com os méritos necessários para recebê-lo?"

Então ela recriminava ainda mais sua indignidade, aumentava a desconfiança em si mesma, e, pondo sua esperança na bondade de Deus, dizia consigo: "O que espero? Ainda que me preparasse mil anos com toda diligência, não estaria preparada como convém, pois da minha parte nada posso oferecer que tenha valor para uma preparação tão sublime."

"Sairei ao seu encontro com humildade e confiança, e quando me vir de longe, comovido por teu próprio amor e movido por seu poder, enviará ao meu encontro os bens que possam preparar-me dignamente para me apresentar diante dele." Com esses sentimentos caminhava ao encontro de Deus, com os olhos do coração fixos em sua desordem e falta de decoro.

11. Mal tinha dado alguns passos quando o Senhor lhe apareceu, olhando-a com olhos de compaixão e até de ternura, e enviou para prepará-la dignamente: sua Inocência, para que ela se vestisse com ela como uma túnica delicada e suave; sua Humildade, com a qual se digna unir-se aos indignos, para que ela a usasse como manto violeta; também sua Esperança, com a qual deseja e se inflama de amor por abraçar a alma, adornando-a com uma cor verde brilhante; seu Amor, com o qual envolve a alma e a reveste com um vestido dourado; sua Alegria, com a qual se alegra na alma, coroando-a com uma coroa engastada de pedras

preciosas; finalmente sua Confiança, com a qual se digna calçar o vil pó da fragilidade humana — ele que pôs suas delícias em estar com os filhos dos homens —, e assim prepará-la dignamente para recebê-lo na comunhão.

g) Amor com que o Senhor se entrega na Eucaristia

12. Enquanto recolhida em sua intimidade após a comunhão, foi-lhe mostrado o Senhor na figura de um pelicano — como costuma ser representado — perfurando seu Coração com o bico. Surpresa, ela perguntou: "Senhor meu, o que queres me ensinar com esta imagem?" O Senhor respondeu: "Que consideres como ofereço este inestimável dom movido por grandes impulsos de amor, a tal ponto que, se não fosse impróprio falar assim, preferiria permanecer morto após a entrega deste dom a negá-lo a uma alma amante. Que consideres também de que excelente maneira tua alma é vivificada uma vez recebido este dom, para uma vida que durará eternamente — assim como o filhote do pelicano é vivificado com o sangue do coração de seu pai."

h) Transbordamento da bondade divina na Eucaristia

13. Certa vez, durante uma pregação em que se falava longamente sobre a justiça divina, ela prestou tanta atenção ao que era dito que, assustada, tremia ao se aproximar dos divinos sacramentos. Foi então encorajada pela benignidade do Senhor com estas palavras: "Se desprezas contemplar com os olhos

interiores a minha bondade, que tantas vezes e de muitos modos te manifestei, olha ao menos com teus olhos corporais como saio ao teu encontro encerrado num cálice tão pequeno. E tem por certo que o rigor da minha justiça está tão encerrado na mansidão da minha misericórdia quanto o que benignamente mostro à humanidade ao oferecer-lhe este sacramento."

14. Outra vez, em circunstâncias semelhantes e com não menor ternura, a bondade divina a animou a saborear a doçura de sua bondade com estas palavras: "Repara na pequenez da forma desta substância na qual te apresento toda a minha divindade e humanidade; compara sua quantidade com o volume do corpo humano, depois avalia a grandeza da minha condescendência. Assim como o corpo humano excede em volume ao meu corpo — isto é, à quantidade da espécie do pão sob a qual estou presente — com essa mesma magnitude meu amor e minha misericórdia me atraem para este Sacramento, permitindo que a alma amante se manifeste mais poderosa que eu, assim como o corpo humano é maior que meu corpo eucarístico."

15. Quando, em outro dia, lhe foi oferecida a hóstia da salvação, o Senhor manifestou novamente sua desbordante condescendência com estas palavras: "Você notou como o sacerdote que oferece a hóstia usa ornamentos que lhe cobrem até os braços, em reverência ao Sacramento, mas toca meu corpo com as mãos descobertas? Compreenda, assim, que embora eu olhe com bondade – como é próprio de mim – para tudo o que é feito

para minha glória: orações, jejuns, vigílias e outras práticas semelhantes, ainda que os menos dotados não percebam, eu me faço presente com amor mais compassivo aos meus eleitos quando, impulsionados pelas fraquezas humanas, refugiam-se na minha misericórdia. Assim você vê, ao receber a comunhão, que a mão de carne do sacerdote está mais próxima do meu corpo do que os ornamentos".

i) A humildade agrada mais a Deus que a devoção

16. Em outra ocasião, quando tocava o sino para a comunhão e já começava o canto, esta serva, sentindo-se menos preparada do que devia, disse ao Senhor: "Eis que vens a mim, Senhor meu. Por que não me enviaste com teu poder os ornamentos da devoção para que eu pudesse te receber com mais dignidade?" O Senhor respondeu: "Às vezes, o esposo se alegra mais ao ver o pescoço da esposa sem adornos do que coberto de colares; e sente mais prazer em apertar com as mãos as mãos nuas da esposa do que ao vê-las muito adornadas com luvas. Assim também eu, às vezes, me deleito mais na virtude da humildade do que na graça da devoção".

17. Certo dia, muitas irmãs da comunidade não puderam comungar, mas ela sim. Ela agradecia ao Senhor com grande devoção, dizendo: "Convidada ao teu banquete, venho te dar graças". O Senhor respondeu com palavras ternísssimas, mais doces que o mel e o favo: "Esteja certa de que eu te desejava com todo o meu coração". E ela disse: "Que glória tão doce, Senhor, pode

obter tua divindade em que eu triture com meus indignos dentes teus imaculados sacramentos?" O Senhor respondeu: "O amor que sente o coração torna doces as palavras do amigo; assim também meu próprio amor me faz regozijar nas palavras dos meus eleitos, mesmo que às vezes nem eles mesmos percebam".

j) Como se saboreia a Deus no Sacramento

18. Certa vez, desejava contemplar a hóstia durante a distribuição do sacramento, mas a multidão a impedia. Pareceu-lhe que o Senhor a convidava ternamente, dizendo: "O doce segredo que se realiza entre nós deve permanecer oculto àqueles que se afastam de mim. Mas se quiseres experimentar a alegria de conhecê-lo, aproxima-te, e experimentarás não por ver, mas por saborear, a doçura desse maná escondido".

19. Ao ver uma irmã se aproximar dos sacramentos com nervosismo, e ela mesma se afastar com ansiedade e indignação, o Senhor lhe disse delicadamente: "Não consideras que a mim é devida tanto a reverência da honra como a ternura do amor? Ora, como pela fraqueza humana não é possível realizar ambos sentimentos ao mesmo tempo, e sendo vocês membros uns dos outros, é conveniente que o que falta a um seja suprido pelo outro. Por exemplo: quem sente mais comoção pelo amor presta menos atenção à reverência, e se alegra que outro a complemente com mais atenção à reverência, desejando também que este receba o consolo da doçura divina".

k) Deus deve ser servido às nossas custas

20. Em outra ocasião, ao ver uma irmã preocupada pelo mesmo motivo, ela rezava por ela. O Senhor respondeu: "Desejaria que meus eleitos não me considerassem cruel, mas acreditassem e aceitassem que tenho por bom, e até excelente, todo serviço que me oferecem por sua conta. Por exemplo, aquele que me oferece um sacrifício sem sentir o gosto da devoção não diminui em nada seu serviço a Deus nas orações e exercícios semelhantes, e pode confiar que minha misericórdia benevolente aceitará essas coisas com grande complacência".

l) Por que falta devoção na comunhão

21. Rezava também por uma irmã que se queixava de sentir menos graça de devoção nos dias em que comungava do que em dias comuns.

O Senhor respondeu: "Isto não ocorre por acaso, mas por disposição divina. Quando, em dias comuns ou momentos inesperados, infundo a graça da devoção, é para elevar o coração humano que talvez esteja letárgico. Mas quando retiro minha graça em festas ou momentos de comunhão, os corações dos eleitos são mais estimulados pelos desejos ou pela humildade. Assim, esse zelo e humilhação às vezes são mais proveitosos para a salvação do que a graça da devoção".

m) Faltas leves não impedem a comunhão

22. Rezava também por uma irmã que se abstinha da

comunhão por uma leve falta, para não escandalizar as outras. Recebeu esta resposta: "Assim como uma pessoa que percebe uma mancha nas mãos as lava imediatamente, e após lavá-las não apenas a mancha desaparece, mas as mãos ficam mais limpas, do mesmo modo, quando permito que meus eleitos caiam em alguma falta leve, eles, ao se arrependerem, tornam-se mais agradáveis a mim pela humildade. Mas há aqueles que, por esse benefício, se afastam de mim, negligenciando a beleza interior que concedo após o arrependimento, e se preocupam com uma limpeza exterior baseada no julgamento humano. Por exemplo, preferem não receber minha graça – que poderiam obter ao comungar – para não parecerem menos preparados aos olhos dos homens".

n) O Senhor supre nossa pobreza

23. Em outro dia, ao ir comungar, sentiu como se o Senhor a convidasse ao palácio celestial, para se sentar junto a Deus Pai e comer com Ele à mesma mesa. Sentindo-se indigna e desordenada, ficou perturbada e queria recuar. Mas o Filho de Deus veio ao seu encontro e a acolheu intimamente. Parecia lavar-lhe as mãos, perdoando seus pecados com o poder de sua Paixão. Depois, tirava os próprios adornos – colares, braceletes, anéis – e os colocava nela, para que, devidamente adornada, se aproximasse com dignidade, e não como uma tola despreparada. Com isso, entendeu que aqueles que, conscientes de seus defeitos, suplicam ao Senhor que supra suas faltas, mas depois permanecem

tímidos por não confiarem plenamente em sua generosidade, se comportam como tolos.

n) Graças concedidas por uma boa comunhão

24. Em outra ocasião, ao oferecer a hóstia pela alma dos que estavam no purgatório, percebeu o grande alívio que essas almas experimentaram.

Surpresa, disse ao Senhor: "Já que tu, meu benigníssimo Senhor – falo assim por tua graça – te dignas me visitar e até habitar em mim com tua presença, ainda que eu seja tão indigna, por que não realizas sempre os efeitos que experimento hoje ao receber teu santíssimo corpo?"

E o Senhor respondeu: "Quando um rei está em seu palácio, nem todos têm fácil acesso a ele. Mas quando, vencido pelo amor à rainha que mora perto, ele sai à cidade para visitá-la, todos os habitantes se alegram e têm mais fácil acesso à sua generosidade. Assim também eu, vencido pela ternura do meu Coração, me inclino por meio do Sacramento do altar a todo fiel que não esteja em pecado mortal, e concedo, por essa graça, benefícios aos do céu, da terra e do purgatório".

o) A comunhão alivia as almas do purgatório

25. Em outro dia, desejando mergulhar no vale profundo da humildade por reverência à condescendência do Senhor que se dá aos eleitos, foi-lhe mostrado o abismo da humilhação pela qual o

Filho de Deus desceu ao limbo. Ela se uniu a essa descida e pareceu ir ao purgatório.

Lá, ouviu o Senhor dizer: "Eu te introduzo tão profundamente em mim quando comungas, que levas contigo todos os que são alcançados pelo perfume dos teus desejos".

Depois dessa promessa, e tendo recebido a comunhão, ela desejava que o Senhor lhe concedesse libertar do purgatório tantas almas quantas partículas a hóstia se dividisse em sua boca. Tentava dividi-la em muitas partes, e o Senhor lhe disse: "Para que compreendas que minhas misericórdias superam todas as minhas obras e que nada pode esgotar o abismo da minha bondade, estou disposto a te conceder, pelo valor deste sacramento, muito mais do que disseste".

p) Maravilhosa união com Cristo pela Eucaristia

27. Em outro dia, ao ir comungar, humilhava-se mais do que de costume e pedia que o Senhor recebesse pessoalmente a hóstia nela e a unisse a si. Pedia também que Ele soprasse sobre ela continuamente o doce sopro do seu Espírito, conforme sua fraqueza.

Então, repousou por um momento no regaço do Senhor, como acolhida à sombra de seus braços, de modo que seu lado esquerdo parecia acoplado ao lado direito do Senhor. Depois, ao se aproximar para comungar, parecia que o próprio Senhor recebia a hóstia em sua boca divina, e que ela penetrava em seu interior e saía pela ferida do lado de Cristo.

Ela se ajustou a essa ferida viva como um emplastro. O Senhor lhe disse: "Veja, esta hóstia te une a mim de tal modo que uma parte toca tua cicatriz e outra, minha ferida; entre ambas se realiza nosso emplastro. Tu o renovarás cada dia, tocando-o enquanto cantas devotamente o hino *Jesus, nossa redenção*". Depois disso, o Senhor quis que, para aumentar o desejo da comunhão, ela rezasse esse hino cada dia: uma vez no primeiro dia, duas no segundo, três no terceiro, e assim por diante, até o dia da próxima comunhão.

CAPÍTULO XIX

Como rezar e saudar a Mãe de Deus

1. Durante um recolhimento na hora da oração, perguntava-se o que seria mais agradável ao Senhor naquele momento. O Senhor lhe respondeu: "Coloca-te junto de minha Mãe, que está sentada ao meu lado, e louva-a fervorosamente."

Ela então saudou devotamente a Rainha do Céu com estas palavras: "Paraíso de delícias, etc.", e a louvava por ter sido o ditosíssimo tabernáculo no qual a inescrutável sabedoria de Deus — que habita nas alegrias do Pai e conhece todas as criaturas — a escolheu para nEle habitar. Pede à Rainha do Céu que lhe conceda um coração tão atraente pela variedade das virtudes, que Deus também encontre Suas delícias em habitar nele.

Então, pareceu-lhe contemplar a Santíssima Virgem

inclinando-se para plantar em seu coração vários ramos de flores de virtudes: a rosa da caridade, o lírio da castidade, a violeta da humildade, o girassol da obediência, e outras semelhantes. Com isso, quis mostrar-lhe o quanto está disposta a ouvir as súplicas dos que a invocam.

2. Ao saudá-la novamente com o verso: "Alegra-te, modelo de costumes honestos", exaltava nela uma diligência superior à de todos os homens para ordenar seus afetos, costumes, sentimentos e todos os seus movimentos. Assim, ofereceu ao Senhor uma disponibilidade puríssima, digna de hospedá-lo, a tal ponto que nunca cometeu a mais mínima incorreção em pensamento, palavra ou ação. Pede então à Rainha do Céu que também lhe conceda isso.

Então, pareceu-lhe que a Mãe virginal lhe enviava seus próprios sentimentos sob a figura de delicadas donzelas, com a missão de unirem os afetos da suplicante aos dela, para juntos servirem ao Senhor e suprirem o que nela houvesse de deficiência. Com isso, queria dar a entender que sempre está pronta a ajudar os que a invocam.

Interrompido por um momento esse diálogo, ela diz ao Senhor: “Meu Irmão, fizeste-te homem para remediar todas as fraquezas humanas; digna-te agora suprir em mim aquilo que encontrares de imperfeito nos louvores à tua Santíssima Mãe.”

A essas palavras, o Filho de Deus se levanta com grande reverência, coloca-se diante de sua Mãe, dobra os joelhos e a

saúda com respeito e amor, com uma inclinação da cabeça — homenagem que, com razão, deveria ser-lhe muito agradável, pois supria copiosamente sua imperfeição por meio de seu amantíssimo Filho.

3. Enquanto orava da mesma forma no dia seguinte, apareceu a mesma Mãe virginal, sempre na presença da adorável Trindade, sob a imagem de um lírio branco com três pétalas, como costuma ser representado — uma pétala erguida e as outras duas inclinadas. Compreendeu então por que a bem-aventurada Mãe de Deus é chamada com razão de "lírio branco da Trindade": porque recebeu da adorável Trindade, plena e dignamente mais que qualquer outra criatura, virtudes que nunca foram manchadas com o menor traço do pecado venial.

A pétala erguida representa a Onipotência de Deus Pai; as duas inclinadas, a Sabedoria e a Bondade do Filho e do Espírito Santo, às quais ela tanto se assemelhava.

A Virgem bem-aventurada também lhe ensinou que, se alguém a saudar devotamente com estas palavras: "Lírio branco da Trindade e rosa brilhante do candor celestial", ela mostrará de modo especial o poder que recebeu da onipotência do Pai; revelará os recursos que recebeu da sabedoria do Filho para obter a salvação do gênero humano; e a inestimável abundância de misericórdia que encheu suas entranhas pela bondade do Espírito Santo.

A tudo isso, a Bem-Aventurada Virgem acrescentou:

"Quando a alma que assim me saúda sair deste mundo, eu me manifestarei a ela e lhe oferecerei a beleza celestial para seu maravilhoso consolo."

Por tudo isso, decidiu saudar a bendita Virgem ou sua imagem com estas palavras: "Salve, lírio branco da radiante e sempre serena Trindade, rosa brilhante de beleza celestial, da qual quis nascer e alimentar-se com teu leite o Rei dos céus! Alimenta nossas almas com fluxos divinos.

CAPÍTULO XX

O amor especial de Gertrudes por Deus e pela Bem-Aventurada Virgem Maria

1. Ela tinha o costume, como os enamorados, de referir ao seu Amado tudo o que é deleitoso e agradável. Por isso, tudo o que ouvia ler ou cantar em louvor e saudação à Santíssima Virgem ou aos demais santos — e que despertava mais ternamente o seu afeto — ela sempre referia com maior devoção ao Rei dos reis, seu Senhor, preferido com razão acima de todos os outros santos, como seu único Amado e Eleito, mesmo quando se celebrava a festa ou memória de algum deles.

Aconteceu que, na festa da Anunciação do Senhor, a Santíssima Virgem foi louvada muitas vezes durante a pregação, sem se fazer qualquer menção à obra salvífica da encarnação do

Senhor. Ela suportou isso com grande desconforto e, ao sair da pregação, passou diante do altar da gloriosa Virgem. Ao saudá-la, percebeu que não se comovia com a plenitude de um amor terno para com a Mãe de toda graça, mas sim que, ao saudá-la e louvá-la, sua atenção se dirigia com mais afeto a Jesus, bendito fruto de seu ventre. Por isso, começou a temer que estivesse atraindo sobre si a indignação de tão poderosa Rainha.

O doce Consolador dissipou sua inquietação, dizendo-lhe ternamente: "Não temas, minha muito querida, pois a saudação ou louvor que fazes à minha querida Mãe, preferindo a mim, é muito agradável a ela. No entanto, já que tua consciência te repreende por isso, cuida doravante de saudar com mais fervor a imagem de minha Mãe imaculada quando passares diante de seu altar, sem saudar a minha imagem."

Ela respondeu: "Longe de mim isso, ó Senhor, meu único — mais ainda, todo o meu bem! Meu coração não pode consentir em te abandonar, a ti de quem depende toda a minha salvação, mais ainda, a vida da minha alma, para dirigir meu amor a outro, ainda que seja apenas para saudá-lo."

E o Senhor, com ternura, lhe respondeu: "Une-te a mim, amada minha! Sempre que saudares assim a minha Mãe sem me saudar, aceitarei igualmente isso e te recompensarei com aquela perfeição que a alma verdadeiramente fiel me entrega de bom grado — a mim, que sou o cêntuplo de todos os cêntuplos — para minha maior exaltação."

CAPÍTULO XXI
O descanso do Senhor

1. No primeiro domingo depois da festa da Santíssima Trindade, o Senhor lhe apareceu em um jardim frondoso e encantador, como se repousasse ao meio-dia, e sentado em trono real, como vencido pelo vinho do amor, dormia placidamente. Ela se lançou a seus pés, os beijou muitas vezes como de costume e acariciou de muitas formas o seu Amado. Contudo, durante três dias não pôde gozar de sua presença como de costume. Assim, no quarto dia, durante a missa, não podendo mais suportar que Ele permanecesse dormindo, levantou-se de seus pés e se lançou com ardente ímpeto sobre o peito do Senhor, com o fogo do desejo, tentando interromper com sua força amorosa o sono de seu Amado.

Então, o Senhor, como se despertasse de surpresa, a abraçou ternamente com ambos os braços e, apertando-a fortemente, lhe disse:

"Agora possuo o que desejava. Assim como a raposa que deseja caçar os pássaros se deita de costas como se estivesse morta, e as aves, voando livremente sobre ela, ao começarem a bicá-la são por ela capturadas — do mesmo modo Eu, abrasado pelo teu amor, tomei essa aparência, para que, quando te

lançasses toda a mim, Eu te possuísse por completo.”

CAPÍTULO XXII

Doença e intimidade

1. Em certa ocasião, impedida pela doença, ela não podia observar o rigor da Ordem e estava sentada para ouvir as Vésperas. Com o coração dominado ao mesmo tempo pelo desejo e pela tristeza, disse ao Senhor: “Senhor, não seria mais glorioso para ti se eu estivesse agora no coro com a comunidade, dedicada à oração e aos outros exercícios regulares, em vez de desperdiçar tanto tempo por causa desta enfermidade?”

O Senhor lhe respondeu: “Achas que o esposo se alegra menos com a esposa quando está com ela na câmara nupcial para desfrutar do seu doce repouso e de seus ternos abraços, do que quando a vê sair enfeitada para ser espetáculo diante do mundo?”

Com isso, ela compreendeu que a alma aparece como enfeitada diante do público quando realiza boas obras para a glória de Deus, e descansa com o Esposo na câmara nupcial quando, impedida pela enfermidade corporal, se vê livre desses trabalhos exteriores. Pois, assim privada dos atrativos dos sentidos, entrega-se unicamente à vontade de Deus. Por isso, tanto mais Deus se compraz no ser humano quanto menos este encontra em si mesmo motivo para se alegrar ou se vangloriar em vão.

CAPÍTULO XXIII

Tríplice bênção

Certa vez, enquanto participava da Missa da melhor forma que podia, ao chegar à parte do "Senhor, tende piedade", pareceu-lhe que o anjo que Deus lhe havia designado como guarda a tomava nos braços como a uma criança e a apresentava a Deus Pai para que a abençoasse, dizendo: "Abençoa, Senhor Deus Pai, a tua filhinha."

Como Deus Pai demorava a responder, como se considerasse indigno que uma criatura tão insignificante fosse apresentada a Ele, ela voltou-se para dentro de si mesma e, envergonhada, começou a repreender sua própria pequenez e indignidade. Então, o Filho de Deus se levanta e, como suplência de sua pequenez, oferece todos os méritos de sua santíssima vida. Ela então se via adornada com vestes brilhantes e formosas, crescendo assim na medida da idade da plenitude de Cristo (cf. Ef 4,13).

Deus Pai então se inclina para ela com misericordiosa bondade e lhe concede uma tríplice bênção, perdoando todos os pecados cometidos em pensamento, palavra e ação contra sua divina onipotência. Em ação de graças, ela ofereceu também a Deus Pai toda a santíssima vida de seu Filho unigênito.

As pérolas que pareciam adornar suas vestes soavam entre si com uma melodia finíssima e agradabilíssima, em louvor eterno a Deus Pai — sinal de quanto Lhe agrada quando alguém Lhe oferece a vida perfeitíssima de seu Filho.

Depois disso, o anjo a apresentou de maneira semelhante ao Filho de Deus, dizendo: "Bendize, ó Filho do Rei, a tua irmã."

Ela recebeu d'Ele também uma tríplice bênção, para remissão de todos os pecados cometidos contra a sabedoria de Deus.

Por fim, o anjo a apresentou ao Espírito Santo, dizendo: "Bendize, ó amigo dos homens, a tua esposa."

E também d'Ele recebeu uma tríplice bênção, para remissão de todos os pecados cometidos contra a bondade de Deus.

Assim, quem desejar poderá meditar nessas nove bênçãos durante o canto do: 'Senhor, tende piedade'.

CAPÍTULO XXIV

Frutos de estar atento na salmodia

1. Enquanto, na festa de um santo, ela se empenhava com grande zelo em cantar com a máxima devoção as Horas Canônicas em louvor a Deus e ao próprio santo, todas as palavras que cantava lhe apareceram como lanças afiadas que partiam de seu

coração em direção ao Coração de Jesus Cristo e, penetrando-o docemente, o comoviam de modo inefável com suavíssima delectação.

Da ponta da lança pareciam irradiar raios como de estrelas brilhantíssimas, que, ao tocarem cada um dos santos, os enriqueciam maravilhosamente com novos fulgores de glória. No entanto, o santo cuja festa se celebrava naquele dia aparecia revestido com um esplendor ainda mais admirável.

Da parte inferior da lança, parecia descer uma chuva impetuosa, que trazia aumento de graça aos habitantes da terra e alívio refrescante às almas do purgatório.

CAPÍTULO XXV

O serviço do Coração divino aos homens

1. Em outra ocasião, enquanto se esforçava por pronunciar com o máximo de atenção as palavras e notas do Ofício Divino — o que frequentemente se tornava difícil por causa da fragilidade humana — disse a si mesma, com tristeza: "Que proveito posso tirar de tamanho esforço com tanta inconstância?"

Não suportando tanta tristeza, o Senhor lhe apareceu, tendo em suas mãos o próprio Coração divino em forma de uma lâmpada ardente, e lhe disse: "Olha, coloco diante dos olhos da tua alma o meu dulcíssimo Coração, órgão da sempre adorável Trindade, para que o peças com toda confiança que supra, por ti,

tudo aquilo que não consegues realizar. Assim, todas as tuas obras aparecerão aos meus olhos como perfeitamente realizadas. Pois assim como o servo fiel está sempre disposto a servir ao seu senhor em tudo o que possa agradá-lo, do mesmo modo o meu Coração unir-se-á a ti para suprir, doravante e em todo momento, todas as tuas negligências."

2. Uma condescendência tão inaudita da parte do Senhor a encheu de assombro e admiração, ao refletir como era totalmente desproporcional que o Coração de seu Senhor — o único tesouro santíssimo da divindade, receptáculo de todos os bens — se dignasse a servi-la, a ela, tão insignificante, como um servo serve a seu senhor, suprindo todas as suas fraquezas.

O Senhor, então, saiu amavelmente ao encontro de sua timidez e se dignou animá-la com essa mesma comparação: "Se tu tivesses uma voz sonora e bem modulada, sentirias grande prazer em cantar. E, se estivesses diante de alguém que cantasse mal, com voz rouca e desafinada, e que apenas com muito esforço conseguisse pronunciar algumas palavras, certamente te indignarias se não confiassem a ti o canto, que poderias realizar rapidamente e com perfeição, ao invés de deixá-lo a quem o faz com tanta dificuldade.

Da mesma forma, o meu Coração divino, conhecedor da fragilidade e instabilidade humanas, deseja e espera sempre, com anseio ardente, que tu lhe encomendes — se não com palavras, ao menos com algum sinal — que ele supra e realize em teu lugar

aquilo que te sentes incapaz de realizar. Como Ele pode fazê-lo facilissimamente com sua força onipotente, e conhece perfeitamente o que é necessário com sua inescrutável sabedoria, deseja ardentemente realizá-lo, com a alegria que traz inscrita na ternura da sua bondade."

CAPÍTULO XXVI

Transbordamento do Coração de Deus na alma

1. Um certo dia, enquanto recordava interiormente com gratidão tão magnífico dom, ela perguntou com anseio ao Senhor até quando Ele se dignaria conservá-lo. O Senhor lhe respondeu: "Enquanto quiseres conservá-lo, não precisarás lamentar que eu o tire de ti."

Ela então perguntou: "Como pode ser, ó Deus, Criador de tantas maravilhas, que eu contemple teu divino Coração como uma lâmpada suspensa no centro do meu, embora este, infelizmente, seja tão indigno? E, no entanto, quando por tua graça mereço aproximar-me de ti, sinto a alegria de encontrar meu coração dentro do teu, que me preenche com a abundância de todas as tuas delícias?"

O Senhor respondeu: "Quando queres pegar algo, estendes a mão e, ao tomar o que desejas, recolhes tua mão para ti. Da mesma forma, eu — que te sigo, desfalecendo de amor (Ct 5,8) —

quando te entregas às coisas exteriores, estendo meu Coração para ti, a fim de atrair-te a mim; e, igualmente, quando decides recolher-te interiormente para me acolher, torno a recolher meu Coração em mim mesmo contigo, e te ofereço nele o gozo de todas as virtudes."

2. Sem sair de seu assombro e gratidão, ela reconhece tão gratuita benignidade de Deus para com ela, contempla a multiplicidade de suas faltas e se lança com grande desprezo de si mesma no profundo vale de sua reconhecida humildade, considerando-se indigna de toda graça.

Depois de permanecer oculta por algum tempo, o Senhor — que, embora habite nas alturas dos céus (cf. Sl 112,5), tem prazer em derramar sua graça sobre os humildes — parecia estender de seu Coração uma espécie de cânula de ouro, que, à semelhança de uma lâmpada, permanecia suspensa sobre aquela alma que tanto se abaixava no vale da humildade. Por essa cânula, Ele derramava nela, de modo admirável, o transbordamento de todas as graças desejáveis.

Por exemplo: – Se ela se humilhava ao recordar suas faltas, imediatamente o Senhor, compadecido, fazia fluir para ela uma florada de suas virtudes divinas, que destruíam todos os seus defeitos e não permitiam que mais aparecessem diante dos olhos de sua divina bondade. – Se desejava uma paz serena ou qualquer bem agradável e deleitável que o coração humano possa imaginar, logo tudo isso lhe era comunicado por meio daquela cânula, com

grande alegria e ternura**.**

3**.** Há algum tempo já, ela desfrutava suavemente dessas delícias e, pela graça de Deus, parecia estar convenientemente adornada, perfeita com todas as virtudes — não suas, mas do seu Senhor.

Então, com o ouvido do coração, ouviu uma voz dulcíssima, como a de um citarista que faz soar uma suave harmonia ao tocar sua cítara (cf. Ap 14,2), e as seguintes palavras:

"Vem a mim, tu que és minha; tu que és meu bem, entra em mim; tu que és meu próprio ser, permanece em mim."

Do próprio Senhor recebeu a explicação desse doce cântico:

- "Vem a mim, tu que és minha", porque te amo como a esposa mais amada e desejo que estejas sempre unida a mim, por isso te chamo.

- "Tu que és meu bem, entra em mim", porque tenho minhas delícias em ti e desejo que entres em mim, como um jovem deseja encontrar em si mesmo a perfeita alegria do seu coração.

- "Tu que és meu próprio ser, permanece em mim", porque eu, Deus-Amor, te escolhi, e desejo que permaneças comigo em união indissolúvel — tal como aquele que deixa de respirar não pode mais viver.

Em meio a todos esses dons, ela experimentou uma ternísima doçura, quando de maneira maravilhosa e inefável se introduziu no Coração do Senhor por meio da já mencionada

cânula.

Assim, encontrou-se felizmente na mais profunda intimidade de seu Esposo, seu Senhor e seu Deus.

O que sentiu, o que viu, o que ouviu, o que saboreou ou o que tocou ali? Só ela pôde saber — e Aquele que se dignou acolhê-la em tão sublime e transbordante união consigo: Jesus, esposo da alma amante, que é sobre todas as coisas, Deus bendito pelos séculos (Rm 9,5).

CAPÍTULO XXVII

Sepultamento do Senhor na Alma

1. Quando, na Sexta-feira Santa, após o Ofício, se celebrava o sepultamento do Senhor, e ela suplicava ao Senhor que se dignasse ser sepultado em sua alma para habitar ali para sempre, o Senhor, benignamente condescendente, lhe disse:
"Eu mesmo, que sou chamado Rocha, serei a pedra à porta de todos os teus sentidos, e colocarei guardas para te proteger — a saber, os meus próprios afetos — que, de agora em diante, guardarão o teu coração de todos os maus desejos e agirão em ti segundo o meu poder, para a minha glória eterna."

2. Passado algum tempo, ela julgou com severidade certa ação que presenciou em outra pessoa — ou ao menos temeu tê-lo

feito — e, arrependida, disse ao Senhor: "Senhor, tu colocaste guardas à entrada do meu coração, mas infelizmente temo que esse lugar tenha ficado desprotegido, pois julguei com tanta dureza a ação do meu próximo."

O Senhor lhe respondeu: "Como podes dizer que o lugar está desprotegido, se neste mesmo julgamento percebeste o poder dos guardas? Quem deseja unir-se a mim, é justo que não sinta complacência naquilo que me desagrada."

CAPÍTULO XXVIII

O claustro [monastério] do Corpo do Senhor

Enquanto se cantava nas Vésperas o versículo: "Vi a água que jorrava do templo", o Senhor lhe disse: "Olha o meu Coração — ele será o teu templo. Percorre também as demais partes do meu corpo e escolhe nelas lugares regulares nos quais possas viver tua vida, porque, de agora em diante, o meu corpo te servirá como monastério."

Ela respondeu: "Senhor, não sei buscar nem escolher outras coisas, pois, ao te dignares chamar-me de 'meu templo', encontrei no teu dulcíssimo Coração uma abundância tão deliciosa que, fora dele, não posso admitir nem repouso nem alimento — coisas necessárias num monastério."

O Senhor então lhe disse: "Se assim desejas, poderás

encontrar efetivamente essas duas coisas em meu Coração. Ouviste falar de alguns que nunca se afastavam do templo, comiam e até dormiam nele, como Santo Domingos. Escolhe, se quiseres, outras partes do meu corpo nas quais possas viver tua vida de retiro."

Ela obedeceu a esse convite e escolheu, como lugar ou claustro para caminhar, os pés do Senhor; como lugar de trabalho, as suas mãos divinas; como locutório ou sala capitular, a sua boca; como lugar de estudo e leitura, os seus olhos divinos; e, para confessar suas faltas, os ouvidos do Senhor.

O Senhor também a ensinou como deveria subir a esse tribunal após cada falta, por cinco degraus de humildade, expressos nestas cinco palavras: "Sou vil, pecadora, pobre, má e indigna; venho a ti, fonte transbordante de bondade, para ser lavada de toda mancha e purificada de todo pecado. Amém."

Refere-se a Santo Domingos, do qual se dizia que, por vezes, passava as noites inteiras na igreja. Se o sono o vencia, dormia alguns momentos sobre uma pedra e logo retomava suas vigílias. A espiritualidade dos dominicanos era muito presente em Helfta, sendo os dominicanos os conselheiros e diretores espirituais das monjas, especialmente visível nos escritos das místicas helftianas, como Matilde de Magdeburgo.

CAPÍTULO XXIX

União e abraço do Senhor

1. Em certa ocasião, ela se recordava de vários atos de inconstância e, voltando-se ao Senhor, disse: "É bom para mim unir-me somente a ti, meu Amado" (cf. Sl 72,28). O Senhor se inclinou e a abraçou, dizendo: "Para mim é sempre doce unir-me a ti, minha amada". Ao dizer isso, todos os santos se levantaram e colocaram todos os seus méritos diante do trono em sinal de reverência ao Senhor, para que Ele os oferecesse a essa alma e preparasse nela uma morada mais digna. Com isso, ela compreendeu com que facilidade o Senhor se inclina para a alma e com que alegria o coro dos Santos a serve, suprindo sua indignidade com os méritos deles.

2. Por isso, quando exclamava com ardente desejo: "Eu, vil mulherzinha, te saúdo, ó Deus amantíssimo", recebeu a seguinte resposta da dulcíssima bondade de Deus: "Retribuo-te a saudação, minha amantíssima". Com essas palavras, entendeu que sempre que alguém diz a Deus, com verdadeira devoção: "Meu Amado, meu dulcíssimo ou amantíssimo", ou outras expressões semelhantes, com frequência recebe uma resposta que lhe garante uma glória especial no céu — como João Evangelista teve uma glória especial na terra por ter sido chamado "o discípulo a quem Jesus amava" (Jo 21,7).

CAPÍTULO XXX

Ensinamentos sobre várias virtudes

a) A boa vontade

1. Durante a missa: *Vem e mostra-nos* (antigo cântico de entrada do sábado das Témporas do Advento), o Senhor apareceu-lhe todo melífluo com a doçura da graça divina, exalando de si um sopro vivificante e divino. Descia do sublime trono de sua glória imperial como para derramar com mais abundância sobre os que desejam o fluxo de sua graça divina na festa de seu doce Nascimento.

Então ela rogou por todos que haviam se encomendado às suas orações, pedindo ao Senhor que concedesse a cada um graças mais abundantes. Recebeu do Senhor a seguinte resposta: "Presenteei a cada um com uma cânula de ouro com o poder de extrair de meu Coração divino tudo o que desejar."

Compreendeu então que essa cânula simbolizava a própria vontade, com a qual o homem pode buscar para si todos os bens espirituais — celestiais e terrenos. Por exemplo: se uma pessoa, inflamada pelo desejo, quiser dentro de suas possibilidades oferecer a Deus louvores, ações de graças, obediência e fidelidade como o fizeram os santos, a imensa bondade de Deus aceitará essa vontade como se já tivesse sido realizada.

Essa cânula é decorada em ouro quando o homem agradece a Deus por lhe ter concedido vontade tão nobre, capaz de alcançar infinitamente mais do que o mundo inteiro poderia realizar

por suas próprias forças.

Com essa imagem, ela viu todas as irmãs da comunidade ao redor do Senhor, cada uma munida de uma cânula, atraindo para si a graça divina segundo sua disposição. Umas pareciam extrair diretamente da fonte secreta do divino Coração, outras a recebiam das mãos do Senhor. Quanto mais se afastavam do Coração, mais difícil era obter o que desejavam. Mas quando se esforçavam por aproximar-se, quanto mais perto do Coração do Senhor, mais facilmente, docemente e abundantemente recebiam.

Assim, aquelas que bebiam diretamente e de perto do Coração do Senhor representavam as que se conformam e se submetem incondicionalmente à vontade de Deus, desejando acima de tudo que a sua santíssima vontade se cumpra nelas — tanto nas coisas espirituais quanto corporais. Essas almas comovem profundamente e com eficácia o Coração divino, e no tempo predeterminado pelo Senhor, recebem o torrente de sua bondade divina com tanto mais abundância e doçura, quanto mais plenamente se entregam à sua vontade.

As que tentavam beber por meio de outros membros do Senhor representavam aquelas que buscavam dons da graça e virtudes conforme seus próprios desejos e vontade. Essas obtinham com mais dificuldade, pois quanto mais se apoiavam em sua própria vontade, menos confiavam na Providência divina.

b) A perfeita oferta do coração a Deus

2. Em certa ocasião, ela oferecia seu coração ao Senhor com estas palavras: "Olha, Senhor, eu te ofereço meu coração com toda minha vontade, desapegado de toda criatura. Peço-te que o laves com a água poderosa de teu santíssimo lado, que o adornes dignamente com o precioso sangue de teu ternísssimo Coração, e que o perfumes com o aroma do sopro de teu amor divino."

Então, o Filho de Deus lhe apareceu oferecendo seu coração ao Pai, unido ao divino Coração sob a figura de um cálice. Suas duas partes estavam unidas com cera.

Ao contemplar isso, ela rezou devotamente: "Concede-me, Deus amantíssimo, que meu coração esteja sempre em tua presença, como os vasos oferecidos nos banquetes dos poderosos, para que, conforme teu beneplácito, o conserves puro e bebas dele sempre que desejares, e o ofereças a quem te aprouver."

O Filho de Deus aceitou com alegria e disse ao Pai: "Pai Santo, que esse coração derrame para tua eterna glória as riquezas que o meu Coração continha em sua humanidade, para serem distribuídas [aos homens]."

Depois dessa experiência, ela frequentemente oferecia seu coração ao Senhor com essas palavras. Parecia-lhe que o coração se enchia de tal modo que, às vezes, se derramava em louvores e ações de graças, aumentando a alegria dos habitantes do céu; outras vezes, sua efusão contribuía para o progresso espiritual dos que ainda estavam na terra.

A partir de então, entendeu que agradava ao Senhor que escrevesse essas coisas para o proveito de muitos.

c) Eficácia da misericórdia divina

3. No responsório do Advento: "Olhai que vem o Senhor, nosso protetor, o Santo de Israel", compreendeu que, se alguém decidisse com toda sua vontade ordenar sua vida — tanto na prosperidade quanto na adversidade — conforme a muito louvável vontade de Deus, honraria o Senhor com esse pensamento tanto quanto quem impõe uma coroa sobre a cabeça de um imperador.

4. Nas palavras de Isaías: "Desperta, desperta, levanta-te, Jerusalém" (Is 51,17), entendeu o quanto a Igreja militante se beneficia com a santidade dos eleitos. Porque, quando uma alma apaixonada se volta ao Senhor com todo o coração e sincera vontade, ao ponto de desejar, se fosse possível, reparar com alegria todas as ofensas feitas à glória de Deus, sua ternura — inflamada de amor na oração — comove o Senhor e o aplaca a ponto de, às vezes, reconciliar e perdoar o mundo inteiro.

É isso que significam as palavras: "Bebeste do cálice até o fundo" (Is 51,17), porque, por esse meio, a severidade da justiça é plenamente transformada na mansidão da misericórdia. "Bebeste até as fezes" indica que, para os condenados que mereceram o restante da justiça, já não é possível redenção.

d) Abster-se de palavras inúteis

5. Nas palavras de Isaías: “Serás glorificado se não seguires teus caminhos” (Is 58,13), compreendeu que quem planeja obras ou palavras, e, advertido de que não seriam úteis, renuncia ao prazer que poderiam lhe dar, alcança três benefícios:

- Primeiro, encontrará maior alegria no Senhor, conforme o versículo: “Te alegrarás no Senhor” (Is 58,14).
- Segundo, os maus pensamentos terão menos força sobre ele: “Eu te elevarei sobre as alturas da terra” (Is 58,14).
- Terceiro, o Filho de Deus lhe comunicará com maior plenitude, na vida eterna, os frutos de sua santíssima vida, com os quais resistirá e dominará gloriosamente todas as tentações, como está escrito: “Te alimentarei com a herança de teu pai Jacó” (Is 58,14).

Nas palavras de Isaías: “Acompanhará sua recompensa” (Is 40,10), entendeu que Deus, com seu amor, é o prêmio dos eleitos, comunicando-se a eles tão docemente que a alma amante pode afirmar com toda certeza sentir-se plenamente recompensada, além de todo mérito.

“Sua obra está diante dele” (Is 40,10), porque confia plenamente na divina Providência, busca a vontade de Deus em todas as suas obras, e desde já se apresenta, pela graça perfeita, diante de Deus.

e) O arrependimento purifica e renova

6. Pelas palavras: "Santificai-vos, filhos de Israel", ela

compreendeu que, se alguém se arrepende sinceramente de todas as suas ações e omissões, e se inclina com pureza de coração ao cumprimento dos mandamentos divinos, será verdadeiramente santificado diante de Deus, e preparado como o leproso a quem o Senhor disse: "Quero, fica limpo".

7. Do mesmo modo, pelas palavras: "Cantai ao Senhor um cântico novo", compreendeu que quem canta a Deus um cântico novo, o faz com intenção devota, pois, ao receber a graça de Deus para ter reta intenção, já foi renovado e tornou-se agradável a Deus.

f) Deus castiga os seus eleitos para curá-los – A Divindade é inesgotável

8. Nas palavras: "O Espírito do Senhor está sobre mim", e nas seguintes: "Para curar os de coração arrependido", compreendeu que, ao ser enviado o Filho de Deus pelo Pai para curar os de coração contrito, Ele costuma permitir que os seus eleitos passem por provações, leves ou até externas, para lhes dar ocasião de cura. Quando se aproxima da alma nessa situação, não a cura da provação em si — pois ela não é prejudicial —, mas sim de tudo o que encontrar de perigoso nela.

9. Pelas palavras: "Nos esplendores dos santos", compreendeu que a luz da divindade é tão imensa e incompreensível que, se cada um dos santos, desde Adão até o último homem, recebesse dela um conhecimento pleno, profundo e

claro como nunca criatura alguma poderia alcançar, mesmo assim nenhum outro poderia compartilhar esse conhecimento. E se o número dos santos fosse mil vezes maior, ainda assim a divindade permaneceria infinitamente inesgotável e acima de toda inteligência. Por isso, não se diz: “Te gerei no esplendor”, mas sim: "Nos esplendores dos santos, eu mesmo te gerei em meu seio antes da aurora".

g) É necessário levar a cruz para seguir a Jesus Cristo

10. Enquanto se cantava sobre um mártir: "Quem quiser vir após mim", ela viu o Senhor caminhando por um caminho verdadeiramente delicioso, coberto pela beleza das flores, mas ao mesmo tempo estreito e cheio de espinhos. Viu que o Senhor era precedido por uma espécie de cruz que afastava os espinhos dos dois lados, abrindo caminho. O Senhor voltou o rosto sereno para os seus e os convidou a segui-lo, dizendo: "Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me." Com essas palavras, compreendeu que a cruz de cada um é a sua própria tentação. Por exemplo: para alguns, é obedecer a ordens contrárias aos seus gostos; outros, sobrecarregados pelas doenças, não conseguem fazer o que gostariam; para outros, são outras provações. Cada um, portanto, deve tomar sua cruz aceitando voluntária e alegremente as contrariedades que precisa suportar, sem desprezar, na medida do possível, aquilo que contribui para a glória de Deus.

h) A correção severa atrai a misericórdia de Deus e aumenta os méritos

11. Enquanto se cantava o versículo do salmo: "As palavras dos malvados">, ela compreendeu que, se alguém comete uma falta por fraqueza humana e é corrigido com palavras duras, essa severidade provoca a misericórdia de Deus em favor do corrigido, e essa dureza se transforma em aumento de méritos para ele.

i) Provações de Deus aos bons

12. Enquanto cantava a *Salve Regina*, ao chegar às palavras: "Teus olhos misericordiosos", ela sentiu o desejo de receber a cura do corpo. O Senhor, sorrindo com ternura, lhe disse: "Não sabes que com meu olhar de misericórdia vejo o quanto sofres no corpo ou és perturbada na alma?"

12. Do mesmo modo, durante a festa de alguns mártires, quando se cantava: "Derramaram seu sangue glorioso", compreendeu que, embora o sangue seja algo repugnante por natureza, é louvado na Escritura quando derramado por Cristo. Assim também, o descuido de alguns religiosos em sua observância, quando motivado pela obediência ou pelo amor fraterno, é tão agradável a Deus que pode com razão ser chamado de glorioso.

13. Em outra ocasião, pareceu-lhe que Deus permite, em seus desígnios ocultos, que um malvado tente enganar os eleitos

para extrair deles algum segredo. Por isso, às vezes recebe uma resposta que o endurece ainda mais em seu erro, o que resulta em mal para ele e benefício para os eleitos. Por isso, o profeta Ezequiel diz: "Quem deposita suas maldades em seu coração e coloca diante dos olhos o escândalo de sua maldade, se for ao profeta para perguntar em meu nome, eu, o Senhor, lhe responderei segundo a multidão de suas maldades, para apanhá-lo em seu próprio coração."

j) Confiança do pecador em Deus

14. Pelas palavras cantadas sobre São João: "Este bebeu veneno mortal", compreendeu que, se a virtude da fé preservou São João do veneno, também a constância da vontade preserva a alma pura, por mais venenoso que seja o mal que tente penetrar no coração contra ela.

15. No versículo: "Digna-te, Senhor, neste dia", compreendeu que, em qualquer circunstância em que o homem se confie a Deus pedindo para ser preservado do pecado, ainda que lhe pareça — por juízo oculto de Deus — ter cometido falta grave, não cairá verdadeiramente se a graça de Deus o sustentar, e sempre encontrará mais facilmente o caminho do arrependimento.

k) Como devemos bendizer a Deus e corrigir o irmão

16. Enquanto se cantava o responsório: "Bendizendo", ela se apresentou ao Senhor como se fosse Noé, pedindo uma bênção.

Tendo-a recebido, o Senhor voltou-se para ela e pareceu pedir-lhe também uma bênção. Com isso, compreendeu que o homem bendiz a Deus quando se arrepende de tê-lo ofendido e pede sua ajuda para não cair mais. Então, o Senhor se inclina com alegria para receber essa bênção e a considera tão agradável como se, por ela, tivesse sido realizada a remissão total dos pecados.

17. Nas palavras: "Onde está teu irmão Abel?", compreendeu que o Senhor pedirá contas a cada religioso pelas faltas cometidas por um irmão contra a regra, que poderiam ter sido evitadas se tivessem sido advertidas ou comunicadas aos superiores. A desculpa que alguns usam — "Não me cabe corrigir os outros" ou "Sou pior do que ele" — tem tão pouco valor diante de Deus quanto teve a de Caim: "Acaso sou eu o guardador do meu irmão?" Cada um tem o dever de afastar o irmão do mal e estimulá-lo ao bem. Quem negligencia essa voz da consciência peca contra Deus. Não adianta dizer que não foi encarregado disso, pois, na verdade, foi Deus quem o encarregou — sua própria consciência o mostra. Se negligenciar isso, Deus pedirá contas à sua alma, às vezes mais do que à do superior, que não estava presente ou não percebeu o erro. A Escritura diz: "Ai daquele que faz o mal; ai, ai daquele que o consente!". Quem consente incorre na culpa que teria ajudado a corrigir ao declará-la, contribuindo para a glória de Deus.

l) Defender a justiça é vestir a Deus

18. No responsório: "O Senhor me vestiu", ela compreendeu que quem promove a religião e defende legitimamente a justiça com palavras e ações, é como se estivesse revestindo o Senhor com um manto belo e digno. O Senhor recompensará essa pessoa na vida eterna com generosidade real: a vestirá com o manto da santidade e a adornará com a coroa de glória celestial. De modo particular, ela entendeu que quem sofre contrariedades por promover o bem e a religião, é tanto mais querido a Deus quanto mais um pobre se alegra com um manto que o cobre e aquece. E mesmo que seu trabalho pareça sem proveito, por causa dos que o rejeitam, isso não diminuirá em nada sua recompensa diante de Deus.

19. Enquanto se cantava o responsório: "O Anjo do Senhor chamou", ela contemplou como os exércitos de anjos, cujos serviços são perfeitamente suficientes, cercam os eleitos para protegê-los. Mas o Senhor, em sua providência paterna, às vezes suspende essa proteção, permitindo que os eleitos sofram tentações. Dessa forma, ao triunfarem com o próprio esforço, sem o auxílio direto dos anjos, serão recompensados com ainda mais glória.

ll) Bens da obediência e das adversidades

21. Enquanto se cantava naquele mesmo dia: *O Anjo do Senhor chamou Abraão* (cf. Gn 22,11), ela compreendeu que assim como Abraão mereceu, com o braço já levantado para cumprir a

obediência, ser chamado pelo Anjo, do mesmo modo, se o eleito inclina sua mente por amor a Deus para cumprir alguma obra difícil, e a ela se adere com plena vontade, no mesmo instante experimentará a aprovação do favor da graça divina e merecerá ser consolado pelo testemunho de sua própria consciência. Com essa doação, a incontenível generosidade de Deus antecipa o prêmio eterno que cada um receberá pelos méritos que houver adquirido com suas obras (cf. 1 Cor 3,8).

22. Certa vez ela refletia sobre as adversidades que suportara no passado e perguntou ao Senhor por que permitira que alguns a tivessem molestado. O Senhor respondeu: "Quando a mão do pai quer corrigir o filho, não se pode resistir à vara. Por isso quero que meus eleitos jamais condenem aqueles por meio dos quais são purificados, mas que contemplem sempre meu afeto paternal, que jamais permitiria que contra eles soprasse a mais leve brisa, se não fosse para a salvação eterna que receberão como recompensa. Devem, antes, compadecer-se daqueles que, ao fazê-los sofrer, frequentemente se mancham a si mesmos".

m) A oferta mais agradável ao Pai

23. Em outra ocasião, sentindo dificuldade especial para realizar um trabalho, disse a Deus Pai: "Senhor, ofereço-te este trabalho por meio de teu Filho único, na virtude do Espírito Santo, para tua eterna glória". Compreendeu então o valor dessas palavras: tudo o que se oferece com tal intenção é elevado com

especial dignidade, acima de toda estimativa humana, e se torna agradável a Deus Pai. Assim como parece verde aquilo que se vê através de um cristal verde, ou vermelho através de um cristal vermelho, e assim por diante, da mesma forma tudo o que é oferecido a Deus Pai por meio de seu Unigênito torna-se de extremo agrado e aceitação.

n) A oração perseverante sempre produz fruto

24. Durante sua oração, ela perguntava ao Senhor que proveito teria orar tantas vezes por seus amigos, se não percebia nenhum fruto visível disso neles. O Senhor a instruiu com esta comparação: "Quando um menino é despedido da presença do imperador enriquecido com a posse de imensos feudos, quantos dos que veem hoje a imagem daquele menino são capazes de perceber o valor daquela doação, se a grandeza e a magnitude das riquezas concedidas lhes é oculta? Assim também, não deves estranhar por não veres fisicamente o fruto de tuas orações, pois eu as ordeno conforme minha eterna sabedoria para um bem maior. Quanto mais frequentemente se ora por alguém, mais essa pessoa se santifica, pois nenhuma oração devota fica sem recompensa, ainda que o modo como isso acontece permaneça oculto aos homens".

n) Mérito e recompensa dos pensamentos santos

25. Ela desejava saber qual o fruto obtido por dirigir os

pensamentos a Deus. Foi instruída assim: quando o homem volta seus pensamentos a Deus, por meio da meditação ou do desejo, ele apresenta diante do trono da glória de Deus uma espécie de espelho de maravilhoso resplendor, no qual o Senhor contempla com imenso agrado sua própria imagem, pois é Ele quem envia e orienta todos os bens. Se, por obstáculos, o homem realiza tais atos com mais dificuldade, quanto maior for o esforço, mais claro e deleitável se torna esse espelho diante da adorável Trindade e de todos os santos. E ele permanecerá assim eternamente, para a glória de Deus e exaltação perpétua da alma.

o) Obstáculos à devoção nos dias festivos

26. Em certa festa, uma dor de cabeça a impedia de cantar, e ela perguntou ao Senhor por que isso acontecia frequentemente nesses dias. Recebeu esta resposta: "Para que não aconteça que, envaidecida pelo prazer da melodia, estejas menos preparada para receber minha graça". Ela respondeu: "Mas tua graça, Senhor, poderia proteger-me contra esse perigo". O Senhor replicou: "É muito proveitoso ao homem que se lhe retire a ocasião de cair, por meio da humilhação da provação; com isso, ele adquire duplo mérito: o da paciência e o da humildade".

p) Importância da boa vontade

27. Arrebatada um dia por um forte impulso afetivo, disse ao Senhor: "Quem me dera, Senhor, sentir tal ardor que pudesse

derreter minha alma em líquido finíssimo e derramá-la toda ternamente diante de ti!". O Senhor respondeu: "Tua vontade é para ti esse fogo". Ela entendeu com essas palavras que o homem pode realizar, por meio de sua vontade, todos os desejos que se dirigem a Deus.

q) Frutos da tentação

28. Frequentemente ela buscava alcançar do Senhor a extinção dos vícios, tanto em si mesma como nos outros. No entanto, experimentava muitas vezes que não lhe seria possível obtê-la completamente, a não ser que a bondade divina atenuasse a pressão exercida pelo hábito depravado. Com sua ajuda, seria fácil resistir à má inclinação, impedindo que crescesse a força da resistência por causa do costume, que costuma ser chamado de uma "segunda natureza". Nisso ela reconheceu também o admirável desígnio da bondade divina sobre a salvação humana: pois Deus permite que o homem seja fortemente tentado por muitos vícios, para aumentar nele a glória eterna e fazê-lo gozar mais plenamente da vitória.

r) Assistência de Deus na última hora

29. Certa vez, ao ouvir numa pregação que ninguém se salva sem amor a Deus — e que é necessário ao menos um mínimo desse amor, para que se arrependa e se abstenha do pecado por amor —, ela refletia em seu coração como muitos pareciam morrer

mais arrependidos por medo do inferno do que por amor de Deus. O Senhor respondeu: "Quando vejo agonizar aqueles que, ao menos uma vez, se lembraram de mim com amor ou realizaram alguma obra meritória, eu me mostro a eles naquele mesmo instante da morte de modo amável e com tanta ternura, que sentem no mais profundo do coração o pesar de haverem me ofendido. E por tal arrependimento são salvos. Quero que meus eleitos me glorifiquem por esses benefícios gerais, e também me deem graças por este em particular".

s) Quanto agrada a Deus o amor!

30. Um dia, durante a meditação, começou a tomar consciência de sua deformidade interior e a sentir por isso tal desprezo de si mesma que, ansiosa e vacilante, pensava como poderia agradar algum dia a Deus, que via nela tantas manchas. Onde ela percebia uma, o olhar penetrante da divindade via infinitas.

Foi divinamente consolada a respeito disso com a seguinte resposta: "O amor faz com que uma alma me seja agradável." Disto, tirou a seguinte lição: se o amor tem tanta força entre os homens neste mundo que, mesmo com defeitos, tornam-se agradáveis aos que os amam por causa do amor — e tanto mais agradáveis quanto mais os que amam desejam assemelhar-se àqueles que amam —, como se poderia duvidar de que Deus, que é Amor, não poderia, pela força do amor, fazer agradáveis a Si aqueles que Ele ama?

t) Prêmio da santa conformidade

31. Em outra ocasião, desejava ardentemente, conforme o Apóstolo, ser separada do corpo para estar com Cristo (Fl 1,23). Por isso, queixava-se ao Senhor do mais profundo do coração com muitos gemidos. Em certa ocasião, foi consolada com esta resposta: "Quantas vezes expressares com coração sincero o desejo de te veres livre da prisão desta morte (cf. Rm 7,24) e tua vontade aceitar permanecer no corpo (cf. Fl 1,24), o Filho de Deus unirá outras tantas vezes sua vida santíssima à tua vida. Assim, tua vida se apresentará maravilhosamente perfeita diante de Deus Pai."

u) Excesso da generosidade divina

32. Em outro dia, refletindo interiormente sobre a variedade das múltiplas graças que a amorosa generosidade de Deus lhe havia infundido, considerava-se miserável e indigna de todo bem por haver dilapidado de forma descuidada tantos dons recebidos de Deus, a ponto de parecer-lhe não haver tirado nenhum proveito deles (cf. Lc 8,14), nem para si mesma, pela fruição e agradecimento, nem para os outros, que, se os conhecessem, seriam edificados ou cresceriam no conhecimento de Deus.

Foi consolada com a seguinte iluminação: o Senhor, por vezes, derrama os dons de suas graças sobre os eleitos não para obrigá-los a produzir frutos que a fragilidade humana é incapaz de dar. Mas a bondade e generosidade de Deus, tão transbordantes, não podem ser contidas. E, ainda que saiba que o homem não pode

corresponder plenamente a cada um desses dons, Ele aumenta continuamente o acúmulo de suas graças para aplicar-lhes futuramente a superabundância de sua felicidade.

É o que costuma acontecer na terra: às vezes se dá a uma criança coisas cuja utilidade ela só compreenderá quando for adulta e possuir abundantes bens. Do mesmo modo, o Senhor concede a seus eleitos graça nesta vida, para prepará-los e enriquecê-los com aqueles bens que desfrutarão com eterna fruição no céu.

v) A boa vontade supre a falta de bons desejos

33. Em certa ocasião, lamentava em seu coração não sentir desejo suficiente de louvar a Deus. Foi divinamente instruída que Deus se compraz plenamente no homem que, não podendo mais, mantém a vontade de ter grandes desejos; quanto maior for o que ele quer desejar, maior é o que já possui aos olhos de Deus. Pois Deus encontra mais complacência em habitar no coração que tem esse desejo — isto é, a vontade de desejar — do que o homem pode sentir por habitar em um jardim ameno e florido na primavera.

33. Outra vez, sentia-se indolente em sua atenção a Deus por causa da doença. Recuperando a consciência e, arrependida, procurava confessar com devoção e humildade essa falta ao Senhor. Temia que teria de se esforçar por longo tempo antes de recuperar a doçura da graça divina. Subitamente, em um instante, experimenta que a bondade de Deus se inclina e a abraça

ternamente, enquanto lhe diz: "Filha, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu" (Lc 15,31).

Por essas palavras, compreendeu que, embora o homem, por fragilidade humana, às vezes descuide de dirigir sua intenção a Deus, a piedosa misericórdia de Deus não deixa de considerar todas as nossas obras como dignas de recompensa eterna, desde que a vontade não se afaste de Deus e o homem se arrependa com frequência de tudo o que lhe pesa na consciência.

34. Em uma festa, sentia o peso da enfermidade e desejava que o Senhor a aliviasse ao menos até passar a celebração, para não se ver privada dela. No entanto, submeteu-se totalmente à vontade divina. Então recebeu do Senhor a seguinte resposta: "Já que me pedes isso, mas o entregas à minha vontade, é como se me conduzisses a um jardim de delícias entrelaçado de sebes floridas, onde encontro minhas complacências. Mas deves saber que, se te atendo para que celebres a festa sem dificuldades, dedicada ao meu serviço, serei eu quem te segue ao jardim onde mais te regozijas. Se não te atendo e perseveras pacientemente [em teus sofrimentos], serás tu quem me segue ao jardim das minhas maiores complacências, pois encontro mais agrado em ti quando inflamas teu desejo na dor do que quando desfrutas de devota alegria."

x) Os sentidos impedem o gozo espiritual

36. Uma vez refletia sobre por que alguns abundam de

tanta riqueza espiritual no serviço de Deus e outros vivem em aridez. Recebeu esta iluminação: "O coração foi criado por Deus para conter os gozos espirituais como o vaso para conter a água. Se o vaso tem pequenas rachaduras, a água escapa e o vaso acaba seco. Assim também o coração humano, que contém os gozos espirituais, pode esvaziar-se através dos sentidos corporais, como olhar, ouvir ou realizar com os outros sentidos o que lhe agrada, mesmo que sem proveito espiritual. Nesse caso, o coração pode se esvaziar e não ser mais capaz de desfrutar de Deus. Cada um pode experimentar isso por si mesmo. Se alguém gosta de olhar algo ou dizer alguma coisa, e o faz sem proveito espiritual, sente que se perdeu — como se a água tivesse escorrido. Pelo contrário, se se contém por amor a Deus, cresce tanto o gozo no coração que mal pode ser contido. Assim o homem aprende a se dominar nessas provas e se acostuma a se alegrar em Deus; quanto mais duro for o esforço para isso, com mais proveito começa a alegrar-se em Deus."

37. Em outra ocasião, sentiu uma tristeza insuportável por algo de pouca importância. Ofereceu tal desolação a Deus no momento da elevação da hóstia, em louvor eterno. Então lhe pareceu que o Senhor a atraía para si através daquela hóstia sacrossanta como por uma grade delicada e reclinava docemente o peito dela sobre o Seu próprio peito, falando-lhe ternamente com estas palavras: "Olha, aqui poderás repousar neste lugar de descanso livre de toda dor; mas todas as vezes que te afastares

dele, serás invadida novamente por essa amargura profunda, que te servirá como remédio salutar.”

y) Como Deus presenteia a alma

38. Certa vez, sentindo-se desfalecer e sem forças, ela perguntou ao Senhor: — “Meu Senhor, o que será de mim? O que pretendes fazer comigo?” E o Senhor lhe respondeu: — “Como uma mãe consola seus filhos, assim eu te consolarei” (cf. Is 66,13).

E acrescentou: — “Já viste alguma mãe acariciando seu filho?” Como ela permaneceu em silêncio, por não se lembrar, o Senhor lhe disse que havia apenas meio ano desde que vira uma mãe acariciando seu filho, e Ele lhe recordou três coisas que, ao observar, ela não tinha notado:

Primeiro, que a mãe pedia muitas vezes ao filho que a beijasse; e o menino, por causa da ternura de seus membros, tentava se erguer. E o Senhor acrescentou que também ela devia se elevar com grande esforço, pela contemplação, à fruição de Seu terníssimo amor.

Segundo, que a mãe testava a vontade do filho dizendo: “Queres isto? Queres aquilo?”, mas não lhe dava nem uma coisa nem outra. Do mesmo modo, Deus por vezes prova o homem induzindo-o a grandes aflições que nunca chegam a concretizar-se. No entanto, quando o homem as aceita voluntariamente, agrada imensamente a Deus, que o torna digno de recompensa eterna.

Terceiro, que ninguém entre os presentes, exceto a mãe, compreendia os balbucios do menino que ainda não podia formar palavras. Assim também, só Deus compreende a intenção do homem, e a julga conforme ela é, muito diferentemente dos homens, que só veem as aparências.

z) O valor da paciência

39. Certa vez, o peso da lembrança de seus pecados passados a deixou tão abatida e confusa, que ela tentava se esconder de todas as formas. Mas o Senhor se inclinou para ela com tal condescendência, que toda a corte celestial, admirada, tentava afastá-lo. E o Senhor respondeu: — "De nenhuma maneira posso me conter quando com tão fortes laços de humildade atrai o meu Coração divino para si."

40. Um dia, ela perguntou ao Senhor o que Ele gostaria que ela fizesse naquele momento. E o Senhor respondeu: — "Quero que aprendas a paciência." Naquele momento, ela estava bastante preocupada com alguma razão.

Ela perguntou: — "Como? De que maneira poderei aprendê-la?"

O Senhor a estreitou contra si, como um bom mestre acolhe em seu colo o pequeno discípulo, e lhe apresentou, como se fossem três letras, três motivos que deveriam animá-la a ter paciência:

Primeira letra: "Observa com que familiaridade é chamado

pelo rei aquele que mais se assemelha a ele entre todos os demais; assim, valoriza o quanto cresce meu amor por ti, que por meu amor sofres humilhações semelhantes às que eu mesmo sofri" (cf. At 5,41).

Segunda letra: "Vê como todos os que estão no palácio honram aquele que é confidente do rei e o mais parecido com ele em tudo; assim, considera a glória que te está sendo preparada no céu por tua paciência."

Terceira letra: "Pensa quanto consolo pode oferecer a um amigo a terna compaixão de seu amigo fidelíssimo; por isso, avalia com que doçura e ternura eu mesmo te consolarei no céu pelos mais mínimos pensamentos que agora te afligem."

CAPÍTULO XXXI

Procissão com o Crucifixo

1. Ao retornar a comunidade ao coro, precedida do crucifixo, durante a procissão estabelecida para evitar tempestades, ela ouviu o Filho de Deus dizer, a partir daquela imagem: — "Olha, venho, ó Deus Pai, suplicar-te com todos os meus exércitos, revestido da natureza com a qual reconciliei todo o gênero humano."

Com essas palavras, ela compreendeu que o Pai Celestial havia sido aplacado com uma bondade tão benigna, que parecia como se todos os pecados dos homens tivessem sido reparados cem vezes mais do que o necessário. Parecia-lhe também que Deus Pai elevava a imagem da cruz acima das nuvens com estas palavras: — "Esta será a sinal da aliança entre mim e a terra" (cf. Gn 9,13).

2**.** Em outra ocasião, quando o mau tempo afligia muito as pessoas, e ela, com outras pessoas, implorava com insistência pela misericórdia de Deus sem obter resultado, ela disse finalmente ao Senhor: — "Como podes, ó amante benigníssimo, adiar por tanto tempo os desejos de tantas pessoas, quando eu, mesmo indigna de tua bondade, tenho tal confiança, que sozinha poderia inclinar tua misericórdia até para coisas maiores?"

E o Senhor respondeu: — "Não é de se admirar que um pobre permita que seu filho lhe peça uma moeda, se o pai está disposto a dar-lhe cem. Tampouco deves te surpreender que eu demore em vos ouvir neste caso, pois todas as vezes que me invocais por isso, mesmo com excesso de palavras e discursos, em igual número eu vos recompenso com bens eternos muito superiores a cem moedas."

CAPÍTULO XXXII

Desejos frequentes do bem e tentações do inimigo em

sonhos

1**.** Durante a missa de defuntos, ao cantar-se o Trato: Como a corça (cf. Sl 41,2), ela refletiu sobre sua tibieza espiritual nas palavras: Minha alma tem sede, etc., e disse ao Senhor: — "Ai, Senhor, quão fracos são meus desejos por ti, meu Bem! Por isso, raramente posso te dizer com propriedade: minha alma tem sede de ti."

E o Senhor respondeu: — "Não digas 'raramente', mas sim que com frequência tua alma tem sede de mim, pois a ternura do amor que tenho pela salvação dos homens me inclina a crer que me desejam em todos os bens que os meus eleitos desejam. Porque todo bem está em mim e de mim procede.

Por exemplo, se alguém deseja saúde, segurança, bem-estar, sabedoria e coisas semelhantes, quero aumentar o mérito de sua recompensa, porque em tudo isso está me desejando a mim. Exceto quando se afastam conscientemente de mim, como no caso de desejar sabedoria para se envaidecer ou saúde para praticar o mal."

E acrescentou o Senhor: — "Costumo afligir frequentemente meus eleitos com doenças do corpo, desolação interior e coisas semelhantes, para que, ao desejarem os bens opostos, o zelo amoroso do meu Coração os premie com maior abundância, conforme o beneplácito da minha generosidade."

2. Em outra ocasião semelhante, ela compreendeu por inspiração divina que o Senhor, que tem suas delícias em estar com

os filhos dos homens (cf. Pr 8,31), às vezes não encontra no homem nada que o atraia por sua benevolente dignação, e então o aflige com tribulações e sofrimentos, corporais e espirituais, para dar-lhe a oportunidade de estar com Ele. Como diz a Escritura, infalivelmente: — "O Senhor está perto dos que têm o coração atribulado" (Sl 34,19), e também: — "Estou com ele na tribulação" (Sl 90,15).

A consideração dessas e outras verdades semelhantes estimulava a gratidão da pequenez humana, que se sentia impulsionada a exclamar com as palavras do Apóstolo: — "Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos!" (Rm 11,33)

3. Certa noite, enquanto dormia, foi visitada ternamente pelo Senhor em sonho, com tanta emoção que, pela intimidade da presença divina, parecia estar se banqueteando com manjares delicadíssimos. Ao despertar, deu graças ao Senhor dizendo: — "Senhor, o que mereci eu, a mais indigna entre todos, quando tantos outros são atormentados por sonhos a ponto de, às vezes, assustar os demais com gritos?"

E o Senhor respondeu: — "Quando minha providência paternal decidiu santificá-los por meio de provações, eles procuram durante o dia satisfazer seu corpo com prazeres e assim se privam de oportunidades de mérito. Por isso, eu, por divina compaixão, lhes envio provações durante o sono, para que possam adquirir

algum mérito.”

Ela perguntou: — “Isso poderá lhes servir de mérito se sofrem sem intenção e como que contra a vontade?”

E o Senhor: — “É a minha benignidade que realiza isso. Assim como entre os leigos alguns se enfeitam com cristais coloridos e pérolas de cobre e são admirados por seus adornos, enquanto outros se apresentam com ouro e pedras preciosas e são tidos como ricos — assim também acontece com essas almas.”

4**.** Certa vez, enquanto rezava as horas canônicas com pouca atenção, percebeu ao seu lado o antigo inimigo da humanidade, que zombava e repetia o salmo: Teus preceitos são admiráveis (Sl 118,129), atrapalhando-se de propósito nas sílabas. Ao terminar o versículo, o demônio disse: — “Como teu Criador, teu Salvador e teu amante te dotou bem, ao te conceder grande facilidade de fala! Com que desenvoltura pronuncias qualquer discurso que queiras! Falas com tanta pressa que só neste salmo já omitiste muitas letras, sílabas e palavras.”

Ela compreendeu que o astuto inimigo havia contado em segredo cada letra e sílaba daquele salmo, para poder acusar depois da morte os que se habituaram a rezar o Ofício Divino com pressa e sem devoção.

Outra vez, enquanto fiava, girava o fuso com grande agilidade e alguns fiapos de lã se desprendiam. Ela oferecia esse trabalho ao Senhor. Viu então que o demônio recolhia esses fiapos para acusá-la de negligência. Ela invocou o Senhor sobre isso, e o

próprio Senhor expulsou o demônio, repreendendo-o por se intrometer numa tarefa que ela já havia consagrado a Ele desde o início.

CAPÍTULO XXXIII

O Senhor não se deixa vencer em generosidade

1. Em uma ocasião em que ela sentia-se abrasar em um desejo mais intenso de amor pelo Senhor, disse:
— "Ai, meu Senhor, se eu pudesse rezar a Ti neste momento!"

O Senhor, bondosíssimo, lhe respondeu com ternura:
— "Sim, minha rainha e senhora, é claro que podes ordenar-me com todo direito; obedecerei à tua vontade e ao teu direito em todas as coisas, com maior prontidão do que a de um servo para com sua senhora."

Ela respondeu: — "Salvaguardando a palavra da tua bondade condescendente, benigníssimo Senhor, Tu te dignas mostrar-te sempre disposto para comigo, a mais indigna. Por que, então, pergunto-te, minha oração tantas vezes carece de efeito?"

O Senhor respondeu: — "Quando a rainha diz a seu servo: 'Traz-me o fio que pende por trás do meu ombro esquerdo', acreditando que seja assim, porque não pode ver o que há atrás de si, e o servo, buscando o que lhe foi pedido, percebe que o fio não

pende do ombro esquerdo, mas sim do direito, então o toma de onde o encontra e o entrega à sua senhora, considerando mais apropriado isso do que arrancar um fio da túnica no lado esquerdo apenas para cumprir ao pé da letra o que lhe foi mandado. Da mesma forma, se eu, que sou a Sabedoria insondável, às vezes não escuto tuas súplicas segundo teus desejos, é porque as ordeno sempre — e sem erro — para te conceder coisas mais proveitosas, já que tu, impedida pela fragilidade humana, não podes discernir o que é melhor."

CAPÍTULO XXXIV
Utilidade da oferta do Senhor e dos santos em favor do homem

1. Certa vez, ao se preparar para receber o Corpo de Cristo, lamentava não estar suficientemente preparada. Rogou à Santíssima Virgem e a todos os santos que oferecessem ao Senhor, em seu nome, toda a dignidade com a qual cada um deles se teria preparado para receber alguma graça. Rogou também a nosso Senhor Jesus Cristo que Ele próprio se dignasse a oferecer por ela aquela perfeição que possuía no momento da Ascensão, ao se apresentar diante de Deus Pai para receber a glorificação. Depois de algum tempo, enquanto refletia sobre o que teria conseguido com essa oração, o Senhor lhe respondeu:

— "Conseguiste aparecer já diante de todos os moradores do céu adornada com aquilo que pediste."

E acrescentou: — "Por que desconfias de que Eu, Deus onipotente e benigníssimo, possa fazer aquilo que qualquer homem na terra é capaz de fazer? Por exemplo, aquele que tem uma túnica ou veste preciosa pode vesti-la, ou vestir outra semelhante, em seu amigo e fazer com que esse amigo se apresente diante dos demais com tanto decoro e ornamento quanto ele mesmo."

2. Mais tarde, ela se lembrava de ter prometido a algumas pessoas que naquele dia receberia a comunhão por elas. Pediu ao Senhor que lhes concedesse a mesma graça, e recebeu esta resposta: — "Eu concedo, mas deixo à vontade delas o se revestirem dessa graça, quando quiserem."

Ela insistiu sobre com que solicitude deveriam desejar tão grande graça. O Senhor respondeu: — "A qualquer momento que, a partir de agora, voltarem a mim com coração puro e vontade reta e me pedirem essa graça com o menor suspiro ou uma lágrima, se apresentarão diante de mim revestidas com a beleza que pediste para elas em tuas orações."

CAPÍTULO XXXV

Frutos da comunhão do Corpo do Senhor

1. Ela também pedia ao Senhor que, na hora da sua morte, a última refeição fosse a recepção, em seu corpo, do vivificante Sacramento do Corpo de Cristo. Recebeu em espírito a resposta de que o que pedia não era o mais conveniente para sua salvação. Pois nenhuma necessidade do corpo pode diminuir os efeitos desse Sacramento, e muito menos o alimento que, em situação tão penosa, o doente recebe contra a sua vontade, para sustentar a vida para a glória de Deus. Se todos os bens do homem recebem maior valor pela união que o Sacramento da Eucaristia cria entre ele e Deus, muito mais meritórios serão, na hora da morte, os atos que, depois de receber a comunhão, se realizam com pura intenção: como a paciência, o comer, o beber e outros semelhantes, que, pela união com o Corpo de Cristo, se acumulam como méritos eternos.

CAPÍTULO XXXVI

Vantagens da comunhão frequente

1**.** Em outra ocasião, quando ia receber a Sagrada Comunhão, disse ao Senhor: — "Ó Senhor! O que me vais dar?"

O Senhor respondeu: — "A mim mesmo, totalmente, com todo o meu poder divino, como me recebeu minha Mãe virginal."

Ela insistiu: — "O que mais receberei eu, em relação aos que te receberam ontem juntamente comigo e hoje não te

recebem, já que sempre te entregas por completo?”

O Senhor respondeu: — “Se era costume entre os antigos que quem recebesse duas vezes o cargo de cônsul precedesse em honra a quem o recebeu apenas uma vez, como não receberá mais glória na vida eterna quem me recebeu muitas vezes durante a vida terrena?”

Então ela exclamou, entre soluços: — “Oh! Com quanta glória me precederão os sacerdotes que, por seu ministério, comungam todos os dias!”

O Senhor respondeu: — “Brilharão certamente com grande glória os que se aproximam da comunhão dignamente. Mas é mais profundo o amor da experiência do que a glória da aparência. Por isso, uma será a recompensa dos que se aproximam da comunhão com grande desejo e amor; outra, a dos que se aproximam com temor e reverência; e outra ainda, a dos que se preparam para a comunhão com diligência e exercício das virtudes. Nenhuma dessas recompensas será dada àquele que celebra apenas por rotina.”

CAPÍTULO XXXVII

Como o Senhor corrige a alma

1**.** Depois de receber graças e dons especiais numa festa da Santíssima Virgem, ela voltou-se para si mesma e começou a refletir, com a alma abatida, sobre sua ingratidão e negligência. Parecia-lhe ter mostrado pouca veneração à Mãe do Senhor e aos

demais santos de Deus, a quem com razão deveria ter exaltado mais naquele dia pelas graças recebidas.

O Senhor a acariciou com sua ternura habitual e disse à sua Santíssima Mãe e aos demais santos: — "Não vos parece que eu mesmo reparei suficientemente suas faltas ao comunicar-me com ela com o fluir da suave delectação da minha divindade em tua presença?"

Eles responderam: — "Assim é. A satisfação que recebemos supera tudo o que era exigido com justiça."

Então o Senhor voltou-se ternamente para ela e disse: — "Estás satisfeita com essa reparação?"

Ela respondeu: — "Plenamente, Senhor meu, se não me faltasse uma coisa: quando reparas minhas negligências passadas, logo acrescento outras, consciente da minha inclinação a cair."

O Senhor: — "Eu me darei a ti de tal modo que não apenas repararei tuas negligências passadas, mas também as futuras. Depois de receberes a Comunhão, deves cuidar de te manter limpa de toda mancha de pecado."

Ela replicou: — "Ai, Senhor! Temo não conseguir fazer isso como deveria. Peço a ti, o mais compassivo dos mestres, que me ensines a limpar as manchas que contraia."

O Senhor respondeu: — "Não permitas que essas manchas permaneçam em ti por qualquer tempo, mas assim que te sentires manchada, recita com o coração devoto o versículo *Misericórdia, ó Deus meu*, ou este: *Ó Cristo Jesus, minha única salvação, concede-*

me apagar todos os meus pecados por tua morte salvadora."

Ao aproximar-se e receber o Corpo de Cristo, ela contemplou sua alma como um cristal mais brilhante que a neve, e, ao receber em si mesma a divindade de Jesus Cristo, brilhava milagrosamente como ouro engastado em vidro. Tudo isso produzia nela operações de maravilhosas delícias, acima de qualquer compreensão. Oferecia sempre à adorável Trindade e a todos os santos tais atrativos deleites que, neles, compreendeu o que diz a Escritura: toda perda espiritual pode ser recuperada com a recepção digna do Corpo de Cristo. Aquela operação da divindade parecia de um gozo tão extraordinário que toda a corte celestial testemunhava as delícias que aspirava aquela alma, na qual se realizavam tais maravilhas.

O que também foi dito anteriormente — que o Senhor prometera reparar suas futuras negligências — deve ser entendido no sentido de que, assim como através do cristal se vê de ambos os lados o que há dentro, do mesmo modo, através desta alma se via a referida operação divina, que a estimulava ao exercício das boas obras, ou que, por fraqueza humana, era negligente com relação a elas. Exceto quando era obscurecida pelas pequenas nuvens dos pecados, que são as únicas que impedem a realização nela de tão salutar e verdadeiramente digníssima operação.

CAPÍTULO XXXVIII

Desejo de comunhão e os efeitos do olhar de Deus

1. Era frequente nela o fervor e o desejo de receber o Corpo de Cristo. Certa vez, preparou-se com mais devoção do que nos dias anteriores para a Comunhão, mas, na noite de domingo, sentiu tal fraqueza física que lhe pareceu que não conseguiria comungar. Segundo seu costume, perguntou ao Senhor o que seria mais conveniente fazer.

O Senhor respondeu com bondade: — "Assim como o esposo, saciado de pratos variados em uma boa refeição, desfruta mais ao repousar com sua esposa na alcova do que sentado com ela à mesa, assim também Eu, nesta ocasião, me deleito mais se, por prudência, deixares de comungar do que se te aproximasses da Comunhão."

Ela então disse: — "E como podes, Senhor amantíssimo, dignar-Te afirmar que ficarás totalmente saciado desta forma?"

O Senhor respondeu: — "Confesso-te que me sinto perfeitamente saciado, como se fosse por pratos dos mais exquisitos e variados, cada vez que te absténs de palavras, do uso de todos os teus sentidos, bem como de alguns desejos, orações e atos da tua vontade com os quais procuras te preparar para receber meu Sacratíssimo Corpo e Sangue."

2. Quando se dirigia muito debilitada à missa e ansiava pela comunhão espiritual, aconteceu que o sacerdote, que havia levado o Corpo de Cristo a um doente, voltava da vila. Ao perceber isso

pelo toque do sino, ela disse ao Senhor, inflamada de desejo ardente: — "Com que alegria te receberia agora, ao menos espiritualmente, ó vida da minha alma, se eu tivesse um pouco de tempo para me preparar!"

O Senhor respondeu: — "O olhar da minha ternura divina te preparará da maneira mais perfeita."

Dito isso, ela sentiu como se o Senhor dirigisse à sua alma um olhar semelhante aos raios do sol, e dizia:
— "Fixarei meus olhos em ti." (Salmo 31,8)

Por essas palavras, ela compreendeu o triplo efeito que o olhar divino produz na alma, semelhante ao sol, bem como as três formas pelas quais a alma deve se preparar para recebê-lo:

- O primeiro olhar da bondade divina, como o sol, torna a alma branca, purificando-a de toda mancha e tornando-a mais branca do que a neve. Esse efeito é alcançado pelo reconhecimento humilde dos próprios defeitos.

- O segundo olhar da bondade divina amolece a alma e a prepara para receber os dons espirituais, assim como a cera se amolece ao calor do sol, ficando pronta para receber qualquer selo. Esse efeito se alcança pela intenção reta.

- O terceiro olhar da bondade divina fecunda a alma com o florescimento das virtudes, como o sol fecunda a terra para que produza frutos das mais variadas espécies. Esse fruto é alcançado pelo abandono confiante da alma que se entrega totalmente a Deus, com plena segurança na bondade divina,

que em todas as coisas — prósperas ou adversas — concorrerá para o seu bem.

3. Enquanto a comunidade comungava nas duas missas, o Senhor se fez presente com tanta ternura que parecia que Ele mesmo, com a própria mão, oferecia a cada irmã, ao se aproximar, a adorável Hóstia da salvação, enquanto o sacerdote traçava sobre cada hóstia o sinal da cruz. Parecia também que o Senhor Jesus, em cada hóstia comungada, dava a cada comungante uma generosa bênção.

Admirada com isso, Gertrudes exclamou:
— "Será que recebem maiores frutos, Senhor, aquelas que Te receberam sacramentalmente do que eu, a quem preveniste gratuitamente com tantas bênçãos divinas?"

O Senhor respondeu: — "É considerado mais rico aquele que está adornado com pérolas e joias preciosas, ou aquele que guarda escondida uma grande quantidade de ouro fino?"

Com essas palavras, o Senhor queria dar a entender que, embora aquele que comunga sacramentalmente receba sem dúvida abundantes frutos de salvação — tanto para o corpo quanto para a alma, segundo a fé da Igreja —, no entanto, aquele que, por obediência e justo discernimento, se abstém de receber sacramentalmente o Corpo de Cristo por pura reverência a Deus e, inflamado em desejo e amor divino, comunga espiritualmente, merece receber uma bênção da bondade divina como se tivesse

comungado sacramentalmente naquele momento. E ainda mais: alcança maiores graças diante de Deus, embora isso permaneça oculto à compreensão humana.

CAPÍTULO XXXIX

Beneficie-se da lembrança da Paixão do Senhor

1. Um dia, ao contemplar sua indignidade, ela perdeu a confiança no valor de seus méritos e começou a se deter no caminho espiritual que deveria percorrer em direção a Deus. O Senhor se inclinou para ela com amabilíssima ternura e disse: — "Por lei matrimonial, o rei deve visitar prontamente a rainha no lugar que ela escolhe para descansar."

Com essas palavras, ela compreendeu que o Senhor se sente como que obrigado, por amor, a aproximar-se da alma que medita frequentemente sobre a Sua Paixão com todo o fervor que lhe é possível, assim como o rei se sente obrigado para com a rainha por causa da lei do matrimônio. Dessa forma, ela entendeu que merecera essa condescendente visita do Senhor porque, na sexta-feira anterior, havia se aplicado com diligência à meditação da Sua Paixão. Compreendeu também que, mesmo que arrefeça na devoção, é sempre contemplada com benevolência pelo Senhor, enquanto não omitir a celebração da memória da Paixão.

CAPÍTULO XL

O Filho de Deus intercede diante de Deus Pai

1. Em outra ocasião, ela se esforçava por escolher, entre as diversas graças que o Senhor se dignara conceder-lhe generosamente, aquela que seria a mais proveitosa para ensinar aos homens. O Senhor interveio em seus pensamentos e desejos e lhe respondeu: — "O mais proveitoso para os homens é comunicar-lhes que o que mais lhes convém é lembrar-se sempre de que Eu, o Filho da Virgem, estou na presença de Deus Pai intercedendo pela salvação do gênero humano. E todas as vezes que pecam em seu coração por fragilidade humana, Eu ofereço meu Coração imaculado a Deus Pai em seu favor, para obter o perdão.
Se pecam com a boca, apresento minha boca santíssima; se pecam com as mãos, apresento minhas mãos traspassadas. Da mesma forma, seja qual for o pecado cometido, imediatamente minha inocência aplaca a Deus Pai, para que os que fazem penitência obtenham o perdão. Por isso, quero que meus eleitos, sempre que obtiverem o perdão dos pecados que cometeram, deem graças por terem alcançado com tanta facilidade aquilo que Eu pedi por eles."

CAPÍTULO XLI

Contemplação do Crucificado

1. Numa sexta-feira, já ao cair da tarde, ela contemplava a imagem do Crucificado e, comovida, disse ao Senhor: — "Ai, meu doce Amado! Quantas e quão amargas coisas sofreste neste dia pela minha salvação! E eu, ó dor!, infielíssima, desprezava tudo isso, passando este dia ocupada com outras coisas, sem me lembrar a cada momento do que Tu, minha eterna Salvação, padeceste por mim; e Tu, Vida que a todos dá vida, foste morto por amor do meu amor."

O Senhor respondeu da cruz: — "Eu supri por ti o que desprezaste. Em cada momento, recolhi em meu Coração o que deverias ter recolhido no teu. Por isso, tamanha foi a plenitude do meu Coração, que esperei com grande ânsia esta hora em que me chegaria essa tua súplica; quero oferecer com ela a Deus, meu Pai, tudo o que neste dia supri por ti, pois sem teu pedido não teria podido contribuir tanto para tua salvação."

Pode-se perceber nisso o fidelíssimo amor de Deus pelo homem, pois aquilo que foi desprezado, e que deveria ser para seu prejuízo, o Senhor reparou diante de Deus Pai, suprindo todos os seus defeitos com uma plenitude que não podemos compreender. Por isso, é justo que todos os homens louvem a Deus.

2. Em outra ocasião, ao estreitar devotamente a imagem de Jesus Cristo crucificado, ela compreendeu que, se alguém contempla a imagem da cruz de Cristo com piedosa intenção, é olhado por Deus com tamanha misericórdia que sua alma recebe,

como um espelho brilhante do fruto do amor divino, uma imagem tão preciosa que toda a corte celestial se compraz nela. Isso lhe redundará, sempre que o fizer na terra, em glória eterna no futuro.

3. Em outra ocasião, foi-lhe ensinado que, quando uma pessoa contempla o Crucifixo, nosso Senhor Jesus Cristo fala com ternura ao seu coração, dizendo: — "Olha, por teu amor estive pendurado na cruz, nu, desprezado, com todo o corpo ferido e meus membros deslocados. Desde então, meu Coração se inclina a ti com tal efusão de amor que, se fosse necessário para tua salvação — sem outro meio possível de te salvar — sofreria por ti sozinha aquilo que não serias capaz de compreender que sofri pela salvação do mundo inteiro."

Que essa meditação mova o coração de todos à gratidão, pois na verdade ninguém pode olhar para o Crucifixo sem a graça de Deus. Por isso, não está isento de culpa o cristão que despreza com ingratidão tão alto preço de sua salvação, assim como também não ficará sem recompensa quem contempla o Crucifixo com piedosa intenção.

4. Em outra ocasião, enquanto seu espírito se ocupava na contemplação da Paixão do Senhor, ela compreendeu que, quando alguém medita sobre as orações ou leituras da Paixão, adquire um mérito de virtude infinitamente maior do que com outros exercícios piedosos. Assim como é impossível alguém que trabalha com farinha não se cobrir de pó, também é impossível meditar sobre a Paixão do Senhor, mesmo que com pouca devoção, sem receber

algum proveito. Mais ainda: mesmo que uma pessoa se limite a ler algo sobre a Paixão, com isso já dispõe sua alma para receber alguma graça. Quanto mais intensa for a atenção de quem recorda frequentemente a Paixão de Cristo, mais fruto obterá em comparação com quem a medita distraidamente. Cuidemos, portanto, de ruminar com mais frequência algo sobre a Paixão de Cristo, para que ela seja para nós mel no paladar, melodia aos ouvidos e alegria no coração.

XLII

O monte de mirra

1. Certa noite, enquanto tinha junto ao seu leito a imagem de Cristo crucificado, e essa imagem, que parecia cair, se inclinava em sua direção, ela a levantou e falou com ternura:
— "Oh docíssimo Jesusinho, por que te inclinas?"

Ele respondeu: — "É que o amor do meu divino Coração me atrai para ti."

Ela tomou a imagem, colocou-a sobre o coração, apertou-a com doces abraços e, beijando-a com ternura, disse:
— "Saquinho de mirra é o meu Amado para mim" (Ct 1,12).

No mesmo instante, o Senhor, sem deixá-la terminar, completou: — "Que repousa entre meus seios."

Com isso, deu-lhe a entender que cada pessoa deve envolver diligentemente na sua santíssima Paixão todas as contrariedades e sofrimentos, tanto do coração quanto do corpo, como quem introduz um bastão em uma bolsinha. Por exemplo, se alguém, abatido pelas adversidades, se sente tentado à impaciência, deve recordar a admirável paciência do Filho de Deus que, levado como um mansíssimo cordeiro para ser imolado por nossa salvação, não abriu a boca (cf. Is 53,7), nem proferiu sequer uma palavra de impaciência.

Se, por vezes, a pessoa tem a oportunidade de vingar com palavras ou ações o mal que lhe foi feito, deve procurar recordar com quanta doçura de coração o seu Amado jamais devolveu o mal com o mal, nem proferiu uma só palavra de vingança. Ao contrário, tudo o que suportou, sublimemente recompensou ao redimir, com sua Paixão e morte, os próprios que o haviam perseguido até a morte (cf. At 22,4). Assim instruído pelo exemplo do Senhor, o homem deve sempre retribuir o mal com o bem.

Mais ainda, se alguém sente nascer o ódio contra quem o ofendeu (cf. Sl 22,5), deve recordar a doçura transbordante com que o amantíssimo Filho de Deus, entre as dores acerbas da Paixão e as angústias da morte, rezou pelos que o crucificavam, dizendo: — "Pai, perdoa-lhes..." (Lc 23,34). E unido a esse amor, deve também ele orar por seus inimigos.

2. O Senhor acrescentou: — "Aquele que recolhe suas adversidades e sofrimentos, os introduz na bolsinha da minha Paixão

e se identifica com os meus exemplos por meio da imitação, esse verdadeiramente repousa entre os meus seios (Ct 1,12). A tal pessoa, por meu afeto especial, concederei, para aumento de seus méritos, tudo o que prometi com minha paciência e demais virtudes."

Ela então perguntou: — "Como acolhes, Senhor meu, aqueles que se unem com tanto amor à imagem da tua Cruz?"

O Senhor respondeu: — "Acolho-os com imensa alegria. Mas aqueles que se unem à minha imagem e não imitam os exemplos da minha Paixão, comparo a uma mãe que enfeita sua filha com as vestes que agradam a si mesma, sem oferecer aquelas que agradariam mais à jovem, chegando até a negá-las com aspereza. Enquanto a mãe contrariar os desejos da filha, esta não aceitará de bom grado o que mais a mãe lhe der, pois crê que a mãe a adorna para sua própria glória, e não por amor à filha.

Assim também, todos os afetos, honras e reverências prestadas à imagem da minha Cruz não me agradam plenamente, enquanto não houver empenho verdadeiro em imitar os exemplos da minha Paixão."

CAPÍTULO XLIII

A imagem do Crucifixo

1. Certa vez, Gertrudes desejava ardentemente obter uma

imagem da Santa Cruz, para poder venerá-la com mais frequência por amor ao seu Deus. No entanto, sentia um escrúpulo na consciência, temendo que tal ocupação pudesse impedir o desfrute dos dons interiores de Deus.

Sobre isso, recebeu do Senhor a seguinte resposta: — "Não temas, caríssima, de maneira alguma isso te impedirá de gozar dos bens espirituais, pois só Eu sou a causa da tua contemplação. Além disso, confesso que me é muito agradável a solicitude da devoção com a qual alguém se une à imagem da minha crucifixão.

Às vezes acontece que um rei tem uma esposa ternamente amada, mas não pode estar frequentemente com ela, e a confia a um parente muito querido. Todos os gestos de ternura e amizade que a esposa dirige a esse amigo, o rei os considera como dirigidos a si mesmo, ciente de que ela faz isso não por amor ilícito ao outro, mas por puro zelo de amor ao seu esposo.

Assim também Eu me deleito nas manifestações de veneração à minha Cruz, que têm por causa o meu amor — a não ser que a pessoa se contente apenas em possuir uma cruz, sem recordar o amor e a fidelidade com que por ela aceitei a amargura da Paixão, ou que busque mais a própria satisfação do que venerar os exemplos da minha Paixão por meio da imitação."

CAPÍTULO XLIII

A imagem do Crucifixo

1. Certa vez, desejou ardentemente obter uma imagem da Santa Cruz para venerá-la com mais frequência por amor ao seu Deus. Por outro lado, retirou-se em sua consciência por medo de que tal ocupação o impedisse de desfrutar dos dons interiores de Deus.

A isto recebeu do Senhor a seguinte resposta: «Não tenhais medo, minha querida, isso não vos impedirá de gozar dos bens espirituais, porque só Eu sou a causa da tua contemplação. Confesso ainda que estou muito satisfeito com a solicitude de devoção com que alguém se junta à imagem da minha crucificação.

Acontece, às vezes, que um rei tem uma esposa ternamente amada, mas não pode conviver com ela com a frequência que desejaria, e então a confia a algum de seus parentes muito estimado. Todos os gestos de ternura e amizade que a esposa dirige a esse amigo, o rei os considera como feitos a si mesmo, consciente de que ela age assim não por afeto ilícito a esse estranho, mas por puro zelo de amor ao esposo.

Assim também Eu me deleito com as demonstrações de veneração à minha Cruz, que são fruto do meu amor — a não ser que o homem se contente apenas com possuir uma cruz, sem se lembrar do amor e da fidelidade com que, por ele, aceitei a amargura da Paixão; ou que busque mais a própria satisfação do que a verdadeira veneração dos exemplos da minha Paixão por

meio da imitação.

CAPÍTULO XLIV

Como a ternura divina atrai a alma

1. Certa noite, enquanto se ocupava com maior devoção na recordação da Paixão do Senhor e como que arrastada e sem freios para o abismo dos desejos, sentiu seu coração fortemente inflamado pelo excessivo ardor desses desejos e disse ao Senhor:
— "Dulcíssimo Amor meu, se os homens sentissem o que agora sinto, diriam com razão que eu deveria me abster de tal fervor para preservar a saúde do corpo. Mas a ti, que conheces meus segredos mais profundos, está plenamente claro que eu não seria capaz de conter, com todas as forças e sentidos, essa comoção do teu amor que me atravessa."

O Senhor respondeu: — "Quem, senão aquele que carece de discernimento, pode ignorar que a eficácia imensurável da doçura da minha divindade supera de modo incompreensível todo deleite humano e carnal? Pois comparar o prazer corporal com a doçura divina é como comparar uma gotícula de orvalho com a imensidão do oceano. Mas às vezes os homens são arrastados com tal força pelo deleite humano que não conseguem conter-se de fazer certas coisas, mesmo sabendo que podem cair em perigo eterno, não só do corpo, mas também da alma. Muito menos pode conter a força do

meu amor a alma que está penetrada da doçura da minha divindade, e que sabe que essa experiência a conduz à felicidade eterna.”

2. Ela então disse: — “Talvez alguns digam que, tendo professado numa Ordem cenobítica, eu deveria moderar o fervor da devoção para poder observar o rigor da observância.”

O Senhor dignou-se instruí-la com a seguinte comparação: — “Se alguns servos estivessem colocados diante da mesa do rei para servi-lo com diligente respeito, e em algum momento o rei — já idoso ou debilitado — chamasse um dos servos para repousar apoiado nele por algum tempo, seria inadequado que esse servo, escolhido pelo rei para lhe dar apoio, se levantasse bruscamente e o deixasse cair sob o pretexto de que foi nomeado para servir à mesa. Do mesmo modo, é ainda mais incorreto aquele a quem, por pura graça, Eu atraio para fazê-lo gozar da contemplação, se ele se abstém dela para seguir o rigor de uma Ordem na qual professou. Se Eu sou o Criador e Renovador de tudo, alegro-me infinitamente mais com uma alma amante do que com todo o trabalho e exercício corporal, os quais às vezes podem ser realizados sem amor nem reta intenção.”

E acrescentou o Senhor: — “Se alguém não é atraído com plena certeza pelo meu Espírito à quietude da contemplação e, ainda assim, descuida da observância da Ordem para buscá-la, assemelha-se àquele que, sem ser chamado, se senta à mesa do rei, quando sua missão é estar diante dele para servi-lo.

Por isso, o servo que se senta à mesa do rei sem ser convidado, não recebe honra, mas desprezo, por sua falta de respeito. Do mesmo modo, aquele que, negligenciando a observância regular, busca por si mesmo alcançar a fruição da contemplação divina — que ninguém pode obter sem uma graça especial minha — acabará tendo mais prejuízo do que proveito. Pois não progride na contemplação e ainda esfria nas suas obrigações. Comporta-se como aquele que, chamado para servir à mesa do rei, vai limpar o estábulo do cavalo e se suja grosseiramente."

CAPÍTULO XLV

O Senhor aceita a reverência pelo Crucifixo

1. Numa sexta-feira, passou toda a noite sem dormir, consumida em meditações e desejos. Por fim, lembrou-se com quanto afeto havia arrancado os cravos de uma imagem do crucifixo que mantinha sempre junto de si, substituindo-os por outros cravos aromatizados. Disse ao Senhor:

— "Ó dulcíssimo Amado, como aceitas que eu arranque os cravos das doces chagas de tuas mãos e pés, e coloque amorosamente cravos perfumados que exalam fragrância?"

O Senhor lhe respondeu:

— "Aceitei esse amor porque, por meio dele, derramei o

nobilíssimo bálsamo da minha divindade em todas as feridas dos teus pecados. Assim, todos os santos se alegrarão eternamente de forma maravilhosa, pois tuas feridas se tornarão para eles fonte de júbilo, por terem sido ungidas com tão precioso unguento."

Ela então perguntou:

— "Senhor meu, agirás da mesma maneira com aqueles que realizarem essa mesma obra?"

E o Senhor respondeu:

— "Não com todos. Àqueles que o fizerem com o mesmo amor que tu, conceder-lhes-ei o mesmo dom. Aos que, estimulados pelo teu exemplo, o fizerem com toda a devoção de que forem capazes, recompensá-los-ei também com generosa largueza."

2. Ela tomou então a imagem do crucifixo, acariciou-a das mais variadas formas com doces beijos e apertados abraços. Após longo tempo sem dormir, tomada pela ternura do coração, afastou-se da cruz e exclamou:

— "Adeus, meu Amado, que tenhas uma boa noite; deixa-me dormir um pouco para recuperar as forças que perdi quase por completo nesta meditação contigo."

Tendo dito isso, afastou-se da cruz com o desejo de repousar. Enquanto assim descansava, o Senhor estendeu sua mão direita desde a cruz até seu pescoço, como para abraçá-la, e aproximando seus lábios rosados ao ouvido dela, lhe disse num terno sussurro:

— "Escuta-me, minha amada, vou cantar-te melodias

amorosas, mas não segundo os modos do mundo.”

E então entoou com voz sonora, na melodia do hino *Rex Christe factor*, a seguinte estrofe:

Am*or meus continuus,*
Tibi languor assiduus,
Amor tuus suavissimus,
Mihi sapor gratissimus.

Meu amor constante,
Teu sofrimento incessante,
Teu amor suavíssimo,
É para mim manjar gratíssimo.

Terminando o canto, disse:

— “Agora, amada minha, em vez do *Kyrie eleison* que se diz ao final de cada estrofe do hino *Rex Christe*, acrescenta a petição que desejares, e ela te será concedida.”

Ela então fez suas preces devotas por algumas intenções e foi benignamente atendida.

3. Em seguida, o Senhor cantou novamente a mesma estrofe e, ao final, voltou a convidá-la a rezar. Cantou várias vezes a mesma estrofe, sem permitir que ela conciliasse o sono, até que, quase exausta, dormiu um pouco antes do amanhecer.

Então, o Senhor Jesus — que jamais se afasta e está sempre atento aos que O amam — apareceu-lhe em sonhos,

estreitando-a com delicadeza em seu regaço. Parecia então preparar-lhe um banquete deliciosíssimo na doce ferida do seu bendito lado, e com inefável ternura colocava com a própria mão os bocados na boca dela para alimentá-la.

Delicadamente recreada durante o sono, despertou, e sentindo suas forças restauradas, deu graças devotas ao Senhor.

CAPÍTULO XLVI

As Sete Horas do Ofício da Virgem.

1. Uma noite, ela estava acordada, entregue à meditação amorosa da Paixão do Senhor. Estava cansada, ainda não havia rezado Matinas, e sentia como se tivesse perdido quase todas as suas forças. Então disse ao Senhor: "Vê, meu Senhor, sabes que minha fragilidade humana não pode passar sem um momento de descanso. Ensina-me agora como oferecer à tua santíssima Mãe a devida honra e serviço, pois não posso rezar as Horas que lhe são devidas."

O Senhor lhe respondeu: "Louva-me pela doce harmonia do meu Coração, pela inocência da puríssima virgindade com a qual ela me concebeu sendo virgem, me deu à luz virgem e permaneceu virgem após o parto. Ela imitou minha inocência com a qual, nas primeiras horas da manhã, fui preso para a redenção do gênero humano, fui amarrado, esbofeteado, flagelado e ofendido de muitas

formas sem compaixão, com opróbrios e ultrajes.”

Enquanto ela fazia isso, parecia-lhe que o Senhor oferecia seu Coração divino como um cálice de ouro à sua Mãe virginal para que ela bebesse. Uma vez que ela bebeu aquele licor doce como o mel até se saciar — mais ainda, até se embriagar de forma transbordante e ser penetrada até a medula — parecia deleitar-se cheia de delícias.

2. Então, ela também começou a louvar a Santíssima Virgem: “Eu te louvo e saúdo, Mãe de todas as delícias, Sacrário digníssimo do Espírito Santo. Por meio do dulcíssimo Coração de Jesus Cristo, Filho amadíssimo de Deus Pai e teu, peço-te que nos socorras em todas as nossas necessidades e na hora da nossa morte. Amém.” Ela compreendeu ainda que, quando alguém, como está prescrito, louva a Deus e também louva a Bem-aventurada Virgem acrescentando este verso — “Eu te louvo e saúdo, Mãe de toda bem-aventurança”, etc. — é como se tantas vezes oferecesse à própria Mãe Virgem o dulcíssimo Coração de Jesus Cristo, seu Filho amadíssimo, para que ela beba desse cálice. Então a Rainha Virgem aceitará com sumo agrado e recompensará ternamente cada um, segundo a generosidade de sua piedade maternal.

3. O Senhor acrescentou ainda: “Louva-me na hora de Prima pela doce harmonia do meu Coração, com aquela sereníssima humildade com que a Virgem imaculada se preparava cada vez mais para me receber. Ela também me imitou na humildade com que eu, juiz dos vivos e dos mortos, me dignava a

estar humildemente diante de um pagão para ser julgado, na hora de Prima, pela redenção do gênero humano."

4. "Louva-me na hora de Terça com aquele ardentíssimo desejo que me levou, Filho de Deus, do seio do Pai excelso ao seio virginal de minha Mãe. Ela também me imitou naquele mesmo desejo ardente com o qual desejei a salvação humana, fui ferido com cruéis flagelos, coroado de espinhos e me dignei, na hora de Terça, a levar com tanta mansidão e paciência uma cruz ignominiosa sobre os ombros exaustos e torturados."

5. "Louva-me na hora de Sexta com aquela seguríssima esperança com que a Virgem celestial aspirava sempre ao meu louvor, com sua boa vontade e santa intenção. Ela também me imitou quando, pendurado no alto do madeiro da cruz, desejava com todas as minhas forças — no meio das amarguíssimas dores da morte — a redenção do gênero humano. Por isso eu clamava: 'Tenho sede' — sede da salvação da alma humana, ao ponto de que, se fosse necessário suportar suplícios ainda mais duros e amargos, eu me ofereceria livremente a todos eles para redimir o homem."

6. "Louva-me na hora de Nona por aquele mútuo e ardentíssimo amor do Coração divino e da Virgem imaculada, que uniu ternamente a altíssima divindade e conviveu inseparavelmente com a humanidade no seio virginal. Ela me imitou a mim, que sou a vida de todos os viventes, na hora Nona, quando morria de amor na cruz, com a amargura de uma morte amarguíssima, pela

redenção humana.”

7. “Louva-me nas Vésperas com aquela fé inabalável com que a Santa Virgem permaneceu sozinha e incomovível na verdadeira fé no momento da minha morte, enquanto os Apóstolos estavam afastados e todos haviam perdido a esperança. Ela me imitou naquela fidelidade com que, já morto e descido da cruz, eu segui o homem até mesmo ao limbo inferior, o arranquei de lá com a mão onipotente da minha misericórdia e o levei às alegrias do paraíso.”

8. “Louva-me em Completas com aquela admirável perseverança pela qual minha dulcíssima Mãe perseverou em todo o bem e em todas as virtudes até o fim. Ela me imitou com total solicitude em realizar a obra da redenção humana, depois de ter obtido, com uma morte amarguíssima, a verdadeira libertação do homem. Nem sequer omiti que meu corpo incorruptível fosse sepultado como fazem os homens, para demonstrar que não há nada tão vil que eu tenha recusado, se fosse para a salvação do homem.”

CAPÍTULO XLVII

Manifestação da amizade do Senhor

1. Sentia muitas vezes grande tédio das relações humanas (pois, para quem ama a Deus, tudo o que está fora d'Ele parece ser

fonte de uma dor inconsolável). Por isso, acontecia frequentemente que ela se levantasse bruscamente, impelida pelo fervor do espírito, e se retirasse ao lugar de oração exclamando: "Vê, Senhor meu Deus, neste momento sinto tédio de todas as criaturas; só encontro prazer em falar contigo e em gozar da tua amizade. Por isso deixo tudo e volto para ti, único e total bem, alegria do meu coração e da minha alma."

Depois, beijava cinco vezes as cinco chagas vermelhas do Senhor e lia cinco vezes este versículo: "Eu te saúdo, ó Jesus, esposo florido com o encanto da tua divindade; eu te saúdo e abraço com o amor de todo o universo, e te beijo com a ferida do amor." Parecia que, ao recitar esse versículo junto às chagas do Senhor, todo o tédio se dissipava e ela era recriada com as delícias da devoção.

2. Muitas vezes repetia este exercício. Um dia, perguntou ao Senhor como Ele o acolhia, pois às vezes o fazia por pouco tempo.

Respondeu-lhe o Senhor: "Cada vez que te voltas para mim com essa intenção, eu te recebo como um amigo receberia outro amigo que deseja ser hospedado por um dia em sua casa. Toda a amizade que lhe pudesse ser expressa em palavras, gestos, até mesmo exemplos, seria acolhida com jubilosa benignidade e maravilhosa ternura. Assim também, entre tais manifestações de ternura, viria com frequência à mente do amigo como poderia ele, por sua vez, corresponder dignamente, se o outro desejasse ser

hóspede em sua casa.

Da mesma forma, eu penso com ternura e disponho com toda diligência, sem interrupção, em meu divino Coração, como te recompensarei na vida eterna por cada uma das vezes que me acariciaste na terra, segundo a real generosidade da minha Onipotência, Sabedoria e Benignidade — com minha ternura e carinho mil vezes multiplicados.”

CAPÍTULO XLVIII
Efeitos da compunção

1. Certa vez, a comunidade temia os inimigos que, dizia-se, já estavam próximos ao mosteiro, fortemente armados. Nessa situação, rezavam o Saltério em comunidade, separando cada salmo com o verso: *Ó Luz beatíssima* e a antífona: *Vinde, Espírito Santo*. [Gertrudes] se entregava fervorosamente à oração com as demais irmãs. Compreendeu em espírito que o Senhor, por meio daquela oração, moveu pelo Espírito Santo o coração de algumas irmãs para que reconhecessem suas próprias faltas e fizessem penitência, com a firme vontade de se emendarem dali em diante e se aplicarem com mais cuidado conforme suas possibilidades.

Quando se arrependiam dessa maneira, ela via como se fluísse do coração de cada uma — assim arrependida pela ação do Espírito — um certo vapor que inundava o claustro e os arredores,

expulsando para longe das irmãs todos os inimigos. Na medida em que cada coração experimentava um arrependimento mais profundo e se inclinava à boa vontade, o vapor que dele fluía afastava com mais força e mais longe todo poder inimigo.

Por isso, compreendeu que o Senhor queria, com aquele temor e ameaça dos inimigos, atrair a Si os corações daquela comunidade escolhida, para que, quebrantados pelas tribulações e purificados de todas as suas faltas, se refugiassem em sua proteção paternal e ali encontrassem o auxílio mais eficaz da consolação divina.

2. Uma vez compreendidas essas coisas, ela disse ao Senhor: "Por que, amantíssimo Senhor, as coisas que por tua gratuita bondade te dignas revelar-me tão frequentemente são tão diferentes das revelações que fazes a outras pessoas? Frequentemente, alguns as reconhecem, quando eu preferiria mais escondê-las do que manifestá-las."

Respondeu o Senhor: "Se um mestre fosse interrogado por muitas pessoas de línguas diferentes e respondesse a todos com uma única língua, certamente não seria útil a ninguém, e não seria aceito por ninguém. Mas se respondesse a cada um em sua língua — em latim ao latino, em grego ao grego — sua sabedoria seria tanto mais reconhecida quanto melhor ele respondesse a cada um em seu próprio idioma.

Do mesmo modo, quanto maior a variedade com que comunico a alguém meus dons, com tanto maior brilho se

manifesta a insondável profundidade da minha sabedoria, com a qual respondo a cada um segundo a conveniência de sua capacidade, e revelo o que quero conforme a inteligência que lhes concedi. Por exemplo, falo aos simples por meio de comparações corpóreas, e aos de maior capacidade intelectual, proponho imagens mais ocultas e misteriosas."

CAPÍTULO XLIX

A oração que agrada a Deus.

1. Em outra ocasião, por uma necessidade semelhante, a comunidade recitava o Salmo *Bendize, ó minha alma, ao Senhor*, com orações apropriadas em cada um dos versículos. [Gertrudes] uniu-se às demais com maior devoção. Apareceu-lhe o Senhor cheio de encanto e beleza. A cada versículo que a comunidade recitava prostrando-se ao chão para pedir perdão, parecia-lhe que o Senhor vinha ao seu encontro e, com o braço esquerdo levantado, lhe oferecia a dulcíssima ferida de seu santíssimo lado para que a beijasse; como ela a beijava repetidamente, o Senhor lhe mostrou que aceitava esse gesto com grande complacência.

Então ela disse ao Senhor: "Experimentando de Ti, amantíssimo Senhor meu, tamanha ternura e gratidão, peço-Te que me ensines uma breve oração pela qual tua bondade acolha com igual benignidade qualquer pessoa que a recite com devoção".

Inspirada divinamente, compreendeu então que todo aquele que recitar cinco vezes a Deus, com intenção devota, em honra das cinco chagas, os três versos:

– "Jesus, Salvador do mundo, para quem nada é impossível, senão não poder compadecer-Te dos miseráveis, escuta-nos."

– "Ó Cristo, que pela tua cruz redimiste o mundo, ouve-nos."

– "Salve, Jesus, doce Esposo, te saúdo abraçando-te com o gozo de tua divindade, com o amor de toda a criação, e beijo-te na ferida do teu amor."

– "O Senhor é minha fortaleza e meu canto, Ele se tornou minha salvação, etc."

… e beijar com devoção essas cinco chagas rosadas, acrescentando as preces ou orações que desejar, e confiando-se com isso ao dulcíssimo Coração de Jesus Cristo, órgão da Santíssima Trindade, o Senhor dignar-se-á aceitá-lo como a oração mais perfeita e cuidadosamente preparada.

2**.** Enquanto recitava o mesmo salmo em outra ocasião, apareceu-lhe nosso Senhor Jesus Cristo. Das chagas de um crucifixo que, conforme o costume, era colocado diante da comunidade, saíam como chamas ardentes que se elevavam até Deus Pai intercedendo pela comunidade. Com isso, Ele mostrava o desejo incontenível e o amor ardentíssimo de seu Coração, que se unia a Deus Pai pela salvação da comunidade.

CAPÍTULO L

O deleite que Deus encontrava nesta alma

1. Certo dia, ao se preparar para comungar, sentiu grande fraqueza, causada por uma enfermidade que a preocupava, o que fazia com que sentisse menos devoção. Disse então ao Senhor: "Ó doçura da minha alma, reconheço tristemente o quanto sou indigna de receber teu santíssimo Corpo e Sangue. Se eu pudesse encontrar em alguma criatura, fora de Ti, o consolo de alguma doçura, eu deixaria de comungar hoje. Mas como não encontro, de Oriente a Ocidente, nem do Sul ao Norte, absolutamente nada cujo deleite me traga algum alívio no corpo ou na alma fora de Ti, venho a Ti, fonte viva, ardente, sedenta, correndo ansiosa de desejo."

O Senhor se dignou aceitar essa oferenda segundo sua bondade, recompensou tamanha solicitude amorosa e respondeu: "Se afirmas com segurança que não podes encontrar deleite em nenhuma criatura além de Mim, eu te confirmo com meu divino poder que também não quero encontrar gozo em nenhuma criatura além de ti."

2. Mas ela pensava em seu coração: ainda que o Senhor, por sua bondade, tenha se dignado dizer que não queria deleitar-se em nenhuma outra criatura além dela, poderia, no entanto, algum dia mudar de ideia.

O Senhor se intromete então em seus pensamentos e lhe responde: "Meu querer é o mesmo que meu poder, e por isso só posso o que quero."

Ela: "Mas, Amantíssimo, que deleite podes encontrar em mim, que sou o lixo de todas as criaturas?"

O Senhor responde: "O olhar da minha divindade se compraz inestimavelmente ao contemplar-te, pois te criei para Mim mais acolhedora que qualquer outra criatura, com dons de graça tão variados e numerosos. Também meu ouvido divino se comove com todas as palavras de tua boca como doce música de instrumentos finíssimos, que me enchem de ternura quando rezas pelos pecadores e pelas almas do purgatório, quando corriges, ensinas, ou pronuncias qualquer palavra em minha honra. Mesmo que o que fazes não traga nenhum benefício direto a outras pessoas, tua boa vontade e reta intenção, dirigida a Mim, soam melodiosamente aos meus ouvidos e tocam com inefável doçura o mais profundo do meu Coração divino. Também tua esperança, que verdadeiramente anseia por Mim, exala ao meu olfato um perfume de suavíssimo deleite. Igualmente, todos os teus gemidos e desejos são mais doces ao meu paladar que todos os perfumes. Teu amor me oferece o prazer do mais terno abraço."

3**.** Então ela começou a desejar que o Senhor se dignasse restituir-lhe logo a antiga saúde, para poder se entregar com mais devoção às austeridades da Ordem.

O Senhor respondeu com bondade: "Por que queres

importunar-me, esposa minha, contrariando a minha vontade?”

Ela respondeu: “Julgas, Senhor, que meu desejo Te é contrário, quando, a meu ver, busco apenas tua glória?”

O Senhor respondeu: “Esse discurso que estás promovendo eu tolero como algo infantil; mas, se insistires com importunação, não o aceitarei.”

Com essas palavras do Senhor, ela compreendeu que, embora desejar estar com saúde para servir melhor ao Senhor seja algo bom, é muito mais perfeito entregar-se inteiramente à vontade divina, e crer firmemente que tudo o que Deus dispuser – seja próspero ou adverso – será sempre o mais conveniente para sua salvação.

CAPÍTULO LI

O pulsar do Coração de Jesus

1. Ela via como as outras irmãs se apressavam para assistir a um sermão e, com amorosa queixa, disse ao Senhor: “Tu sabes, meu amado, com que gosto eu escutaria o sermão com todo o meu coração, se a enfermidade não me impedisse.”

O Senhor lhe respondeu: “Queres, caríssima, que eu mesmo te pregue?” Ela respondeu: “Com imenso prazer.”

Então o Senhor a reclinou sobre o Seu Coração, de tal

modo que o coração da alma se encaixava ao Seu Coração divino. A alma repousou ali docemente por algum tempo e sentiu no Coração do Senhor dois batimentos admiráveis e sumamente suaves.

Disse-lhe o Senhor: "Com cada um desses dois batimentos se realiza, de forma tripla, a salvação do homem:

— o primeiro batimento realiza a salvação dos pecadores,

— o segundo, a dos justos.

Com o primeiro, falo sem cessar a Deus Pai, apaziguo-O e o inclino à misericórdia para com os pecadores.
Em segundo lugar, falo a todos os meus santos, apresentando o pecador com a fidelidade de um irmão e os incentivo a orar por ele.
Em terceiro lugar, falo ao próprio pecador, atraio-o misericordiosamente ao arrependimento e aguardo com inefável desejo a sua conversão.

2. Com o segundo batimento: — convido primeiramente a Deus Pai a alegrar-se comigo por ter sido pago de forma tão eficaz o preço do meu sangue pela redenção dos justos, e agora me regozijo ao encontrar em seus corações tantas e variadas delícias.

— em segundo lugar, convido toda a milícia celestial a celebrar com louvores a vida louvável dos justos, que me demonstrem sua gratidão por todos os benefícios que lhes concedi e os que ainda concederei.

— em terceiro lugar, convido os próprios justos e os incentivo de diversas maneiras, com grande ternura, a progredirem dia após dia, hora após hora, com perseverança.

Assim como os batimentos do coração humano não são interrompidos pela visão, pela audição ou por qualquer trabalho humano, e nada impede que sigam seu ritmo, da mesma forma, nem o governo e a ordenação do céu, da terra, de todo o universo poderá suspender, moderar ou impedir, nem por um instante até o fim do mundo, esses dois batimentos do meu Coração divino.

CAPÍTULO LII

O Senhor aceita as preocupações do amigo

1**.** Depois dessas coisas, passou quase toda uma noite sem conseguir dormir, e enfraqueceu-se de tal maneira que perdeu todas as forças. Segundo seu costume, ofereceu esse desfalecimento ao Senhor para Sua eterna glória e para a salvação de todo o universo.

2**.** Compadecendo-se benignamente dela, o Senhor a instruiu para que o invocasse com estas palavras: "Rogo-te, ó Deus de infinita misericórdia, que pela sereníssima doçura com que repousavas desde toda a eternidade no seio de Deus Pai, pelo amabilíssimo repouso que tiveste durante nove meses no seio virginal e materno, e pelo jubiloso gozo que às vezes dignas ter nas almas amantes, concedas-me algum repouso — não por minha comodidade, mas para tua eterna glória — por meio do qual os membros fatigados do meu corpo recuperem sua atividade."

3**.** Enquanto dizia essas palavras, pareceu-lhe que por meio delas subia certos degraus e se aproximava do Senhor. Então o Senhor lhe mostrou um assento confortável à Sua direita e lhe disse: "Vem, minha eleita, descansa em meu Coração e vê se meu amor ardente te permite repousar."

Enquanto ela se reclinava sobre o melífluo Coração do Senhor e sentia com mais intensidade os seus dulcíssimos batimentos, disse ao Senhor: "Ó dulcíssimo Amado, o que querem me dizer agora esses batimentos?"

Respondeu-lhe o Senhor: "Quando alguém, em qualquer circunstância, se encontra fatigado e exausto de forças por ter velado por amor a mim, que me rogue com aquelas três palavras que há pouco te inspirei para dizer em minha glória, a fim de que eu lhe conceda um descanso que restaure suas forças. Se eu não o escutar, e ele se abraçar à paciência e suportar com humildade esse sofrimento, minha divina mansidão e benignidade o acolherão com ainda maior ternura.

Um amigo receberia com alegria que seu amigo mais íntimo, mesmo sentindo muito sono, fizesse o sacrifício de levantar-se com diligência alegre, unicamente para desfrutar da conversa com ele. Isso lhe agradaria mais do que se outro de seus amigos, que normalmente já passa a noite acordado, se levantasse mais por costume do que por amor. Assim, é infinitamente mais agradável para mim aquele que, tendo esgotado suas forças na enfermidade por estar em vigília, sofre esse quebrantamento com

humildade e paciência e mo oferece, do que aquele que, gozando de boa saúde, passa a noite toda em oração, pois este pode fazer esse bem com facilidade.”

CAPÍTULO LIII

Confiança amorosa na vontade divina

1. Retida pela enfermidade, após suar, ora a febre subia, ora diminuía. Numa noite em que o suor a inundava, começou a pensar, preocupada, se por causa disso a doença pioraria ou melhoraria.

Apareceu-lhe o Senhor Jesus como uma flor formosa, trazendo na mão direita a saúde e na esquerda a enfermidade. Ofereceu-lhe ambas as mãos para que escolhesse o que mais desejasse. Ela, porém, recusa as duas e se lança com espírito ardente aos braços do Senhor, aproxima-se daquele dulcíssimo Coração no qual sabia que se escondia a plenitude de todo bem, e nele busca a sua santíssima vontade.

O Senhor a acolhe ternamente, encanta-a docemente e a reclina para que repouse em seu Coração. Mas ela afasta bruscamente o rosto do Senhor, recua com a cabeça, reclina-se sobre o peito do Senhor e diz:

“Vê, Senhor, agora afasto de Ti o meu rosto porque desejo

de todo o coração que não olhes a minha vontade, mas a tua, para que em tudo realizes com perfeição aquilo que mais Te apraz.”

2. Pode-se observar em tudo isso que essa alma fiel confiava-se completamente e com absoluta entrega, a si mesma e todas as suas coisas, às disposições divinas, a ponto de se alegrar em não saber o que o Senhor decidisse a seu respeito, para que quanto mais pura fosse a complacência da vontade divina, mais perfeita ela fosse nela.

Então o Senhor fez brotar de ambos os lados de seu melífluo Coração dois riachos, que fluíam como de uma taça transbordante e inundavam o regaço de Gertrudes, enquanto dizia:

“Desde que renunciaste totalmente à tua própria vontade e, assim, Me escondeste o teu rosto, volto-me para ti e derramo em ti toda a doçura e complacência do meu divino Coração.”

Ela lhe responde:

“Quero saber, dulcíssimo Amor meu, que frutos devo produzir pelas vezes em que, de tantas formas, me entregaste teu Coração divino — e que agora novamente me ofereces com tamanha generosidade.”

Responde-lhe o Senhor:

“A fé católica não ensina que a quem comunga uma só vez Eu mesmo me entrego para sua salvação, com todos os bens contidos nos tesouros da minha divindade e da minha humanidade? Pois quanto mais vezes o homem comunga, tanto mais se multiplica e aumenta o acúmulo de sua bem-aventurança.”

CAPÍTULO LIV

Complacência sensível da alma em Deus

1. Muitas pessoas lhe aconselhavam que se abstivesse da contemplação até recuperar sua saúde anterior. Ela, que segundo seu costume, costumava dar mais crédito à opinião dos outros do que à sua própria, aceitou tais advertências, sob a condição de poder manter a alegria exterior que sentia ao ornamentar as imagens da cruz de Cristo.

Como se estivesse brincando com essa ocupação, realmente se afastava dos cuidados interiores da contemplação, mas a representação exterior da imagem de Cristo lhe permitia manter a lembrança contínua de seu único Amado.

Assim, numa noite, enquanto se entretinha pensando em como poderia preparar um sepulcro confortável para seu Crucificado, a ser guardado na sexta-feira ao entardecer, em memória da Paixão do Senhor, o Senhor benigno — que olha mais para a intenção do que para a obra de sua amada — imiscui-se nessa ocupação e lhe diz: "Alegra-te no Senhor, caríssima, e Ele te concederá o que teu coração pede." (*Salmo 36, 4*)

Por essas palavras, ela compreendeu que, quando alguém por amor a Deus busca alegrias que agradam ao Senhor, Ele mesmo se regozija no coração dessa pessoa — como um pai de

família se alegra com as habilidades de um comediante que diverte os convidados, e a ele próprio, num momento de lazer.

A petição que Deus coloca no coração do homem, que por sua glória se diverte inocentemente com as coisas exteriores, é aquela que brota espontaneamente do coração humano quando Deus encontra sua alegria nele.

Ela pergunta: "Ó Deus amantíssimo, que utilidade pode haver na complacência que serve mais para fomentar a sensualidade do que o espírito?"

Responde-lhe o Senhor: "Assim como um avarento se sentiria mal por perder a chance de ganhar ainda que fosse um único denário, Eu — que decidi ter minhas delícias em ti — sentiria ainda mais por perder um único pensamento, ou mesmo o movimento de teu dedo mínimo, feito para a minha maior glória e tua salvação eterna."

Ela diz: "Se tua imensa bondade se digna em alegrar-se tanto com essas pequenas coisas, quanto mais não se alegrarás com aquele poema que compus em teu louvor, com escritos dos santos, no qual recordo toda a tua adorável Paixão?"

Responde-lhe o Senhor: "Se alguém se alegra por ver seu amigo levá-lo em ternos abraços a um jardim encantador, para aspirar ali o suavíssimo aroma de uma brisa tênue, deleitar-se maravilhosamente com o perfume das flores frondosas, e comover-se com a doce harmonia de um canto suavíssimo — muito mais te recompensarei Eu, com todos esses gozos, e com esse poema

frequentemente recitado por ti no caminho régio que leva à vida eterna.” (*Cf. Mateus 7, 14*)

CAPÍTULO LV

Desmaio de amor

1. Pouco tempo depois, ela adoeceu pela sétima vez. Numa noite, enquanto meditava no Senhor, Ele se inclinou para ela com uma ternura delicadíssima e lhe disse: “Dize-me, minha amiga, tu que estás enferma de amor por mim.”

Ela respondeu: “Como posso eu, que sou indigna, presumir e dizer que estou enferma de amor por ti?”

Respondeu-lhe o Senhor: “Todo aquele que voluntariamente oferece sofrer algo por mim, pode, com verdade, gloriar-se e dizer-me que desfalece de amor por mim, enquanto sofre com paciência e volta para mim sua intenção.”

Ela então perguntou: “Que proveito pode trazer-te, ó amantíssimo, tal declaração?”

E o Senhor respondeu: “Essa declaração alegra minha divindade, honra minha humanidade, deleita meus olhos e é melodia para meus ouvidos.”

E acrescentou: “Aquele que me dirige tal palavra será abundantemente recompensado. Mais ainda: a proclamação do

meu amor me comove com tal força que me impele a curar os corações quebrantados, que desejam a graça e anseiam por pregar aos cativos, anunciar a misericórdia aos pecadores, libertar os prisioneiros, redimir as almas do purgatório."

2. Então ela disse ao Senhor: "Acaso, Pai das misericórdias, vais dignar-te finalmente restituir-me a saúde antiga depois desta sétima enfermidade?"

Respondeu o Senhor: "Se na primeira enfermidade Eu te tivesse revelado que cairias doente sete vezes, assustada talvez por tua fragilidade humana, terias caído na impaciência. E, do mesmo modo, se agora Eu te prometesse que esta seria a última enfermidade, avançarias confiante rumo ao fim, e, por isso mesmo, teu mérito seria menor.

Por isso, a providência paternal da minha sabedoria incriada dispõe de modo conveniente que ignores ambas as coisas — tanto o fim quanto o número — para que te sintas sempre chamada a recorrer a mim de todo o coração e me confies, com plena confiança, todas as tuas dores interiores e exteriores. Eu, que te contemplo com tanta ternura e cuido fielmente de ti, para que não sejas provada além de tuas forças, pois conheço bem a fragilidade de tua delicada paciência.

Podes perceber com clareza meridiana que, na primeira enfermidade, experimentaste maior fraqueza do que agora, nesta sétima. Ainda que isso pareça impossível à razão humana, acima dela está a minha onipotência divina.",

CAPÍTULO LVI

Indiferença diante de viver ou morrer

1. Numa noite em que expressava sua ternura ao Senhor de muitas maneiras, ela Lhe perguntou, entre outras coisas, por que, embora estivesse há tanto tempo doente, não sentia absolutamente nenhum interesse em saber se sua enfermidade terminaria com a morte ou com a cura. Na verdade, tanto morrer quanto viver lhe eram indiferentes.

O Senhor lhe respondeu: "Quando o esposo leva a esposa a um jardim de rosas para entrelaçar uma guirlanda, a esposa se compraz tanto com o doce colóquio do esposo que jamais pergunta qual rosa ele deseja colher. Ao chegarem ao jardim, qualquer rosa que o esposo colha e lhe ofereça para compor a guirlanda, ela a recebe com pronta alegria, sem pensar em mais nada.

Da mesma forma, a alma fiel, cujo maior gozo é a minha vontade e nela se deleita como num jardim florido, aceita com igual docilidade tanto que Eu me agrade em devolver-lhe a saúde quanto em pôr fim à sua vida presente, pois se entrega com total fidelidade à minha disposição paternal."

CAPÍTULO LVII

Ira do diabo sobre algumas uvas

1. Outra noite, quando a múltipla consolação da presença do Senhor e o intenso exercício da meditação espiritual a haviam deixado muito enfraquecida, ela tomou algumas uvas e se alegrava com a intenção de que fosse o próprio Senhor quem se reconfortasse nela.

O Senhor aceitou com encanto e lhe disse: "Confesso-te que agora me sinto aliviado daquela amargura que bebi da esponja na cruz por teu amor, pois em troca dela sorvo agora do teu coração uma doçura inefável. Quanto mais pureza infundes ao teu corpo para meu louvor, mais reconfortado me sinto na minha alma."

2. Como depois ela jogasse no meio do quarto as cascas e sementes das uvas que tinha na mão, Satanás, inimigo de todo o bem, apareceu e tentou recolher o que ela havia lançado, para acusá-la por ter comido antes dos maitines, violando a observância.

Apenas tocou as cascas com a ponta de dois dedos e, abrasado por um ardor de tormento insuportável, precipitou-se furioso para fora do mosteiro, soltando uivos terríveis, ao mesmo tempo em que tomava extremo cuidado de não tocar nada com os pés para não experimentar novamente a dor daquele tormento. (*cf. Jó 1,6*)

CAPÍTULO LVIII

Utilidade dos próprios defeitos

1. Numa outra noite, examinando-se interiormente, reconheceu que tinha o defeito de dizer com frequência: "Deus já sabe!", por hábito e sem necessidade. Repreendeu esse defeito em si mesma, desejou que Deus o corrigisse totalmente e que lhe concedesse a graça de nunca mais pronunciar levianamente o seu doce Nome.

O bondoso Senhor respondeu com ternura: "Por que queres que Eu te prive da honra de um prêmio infinito, que ganharias todas as vezes que reconheces esse ou outro defeito e te propões corrigi-lo por amor a Mim? Sempre que alguém deseja dominar seus defeitos por Meu amor, honra-Me com tanta fidelidade quanto um soldado honraria seu senhor se, enfrentando corajosamente os inimigos, os vencesse e derrubasse com o valor e a força de seu braço."

2. Então ela sentia como se repousasse no regaço do Senhor, experimentando a profunda indignidade do seu coração, e disse:

"Vê, amantíssimo Senhor, ofereço-Te meu pobre coração com todos os seus afetos e desejos, para que nele encontres tuas delícias segundo o teu beneplácito."

E o Senhor respondeu: "Aceito com mais alegria o teu frágil

coração, oferecido com tanto amor, do que aceitaria o coração cheio de coragem de outra pessoa; assim como se saboreia mais a carne de uma fera abatida numa caçada cansativa do que a carne de um animal doméstico, pois a carne da fera é ao paladar mais tenra e saborosa."

CAPÍTULO LIX

Serviço que o Senhor pede

1. Frequentemente, devido à enfermidade, ela não podia ir ao coro. Ainda assim, muitas vezes se esforçava para ouvir o canto das Horas, exercitando seu corpo no serviço de Deus. Como pensasse que Deus não valorizava essa devoção fatigada tanto quanto ela desejava, desanimada, queixava-se disso frequentemente ao Senhor, dizendo:

"Que honra podes receber, meu amantíssimo Senhor, do fato de eu, tão descuidada e inútil, estar aqui sem quase prestar atenção a uma ou duas palavras e às notas da música?"

Finalmente o Senhor respondeu-lhe em uma ocasião: "E como te sentirias se um amigo teu te oferecesse uma ou duas vezes uma bebida dulcíssima, um hidromel recém-preparado, do qual esperavas grande fortalecimento? Pois saiba que Eu encontro ainda mais prazer em cada uma das palavras e neumas musicais com que agora Me louvas."

2. Durante a missa, suas forças falhavam e ela sentia preguiça de se levantar para a proclamação do evangelho. Por isso se repreendia, sem saber qual seria o proveito daquela prudência — se se poupasse daquele esforço — já que não esperava recuperar sua antiga saúde. Conforme seu costume, perguntou ao Senhor o que seria melhor para a sua glória.

E o Mensageiro da ternura divina respondeu: "Quando fazes algo que ultrapassa tuas forças para meu louvor, Eu o aceito como se precisasse disso para a minha honra; mas quando, deixando de fazer esse esforço, te concedes um alívio ao corpo e me diriges tua intenção, aceito como se Eu mesmo estivesse enfermo e não pudesse prescindir desse alívio. Por isso, recompensarei ambas as atitudes para glória da minha divina magnificência."

CAPÍTULO LX

Renovação dos Sacramentos

1. Enquanto um dia fazia exame de consciência, percebeu algumas faltas que com prazer teria confessado, mas como não podia dispor de um confessor, refugiou-se naquele que, segundo seu costume, era seu único consolo: nosso Senhor Jesus Cristo, a quem expôs a angústia que sentia.

O Senhor respondeu-lhe: "Por que te perturbas, m inha amada? Sempre que desejares algo de Mim, Eu, Sumo Sacerdote e

verdadeiro Pontífice, estarei à tua disposição e renovarei em tua alma, cada vez, a graça dos sete sacramentos de uma maneira muito mais eficaz do que poderia fazê-lo um sacerdote ou pontífice sete vezes, porque:

– Eu te batizarei com meu preciosíssimo sangue;

– Eu te confirmarei com a força da minha vitória;
– Eu te desposarei comigo com a fidelidade do meu amor (cf. Os 2,20);

– Eu te consagrarei (ordenarei) com a perfeição da minha vida santíssima;

– Eu te absolverei de todo vínculo de pecado com a ternura da minha misericórdia;

– Eu te alimentarei com meu próprio ser, com o transbordamento do meu amor, e me saciarei ao me deleitar em ti;

– Eu penetrarei com a suavidade do meu Espírito o mais íntimo da tua alma com uma unção tão eficaz, que farei destilar através de todos os teus sentidos e movimentos a essência da devoção.

Deste modo, serás continuamente preparada e santificada para a vida eterna.”

CAPÍTULO LXI

Efeitos da caridade

1. Em outra ocasião, levantou-se para os Maitines com grande fraqueza. Após o término do primeiro noturno, uma outra irmã enferma, por caridade, leu novamente os Maitines com muito esforço.

Durante a Missa, enquanto estava mais absorta no Senhor, contemplou sua alma adornada com grande beleza e pedras preciosas que brilhavam maravilhosamente. Por iluminação divina, compreendeu que merecera tais adornos por ter lido novamente, com humildade em favor da irmã mais jovem, aquela parte dos Maitines já anteriormente recitada. E brilhava com tantos adornos quantas letras havia relido por caridade.

Lembrou-se então de algumas negligências não confessadas por falta de confessor, e expôs sua dor ao Senhor.

Ele respondeu: "Por que te afliges com tuas negligências, estando tu tão gloriosamente envolta no manto da caridade, que cobre a multidão dos pecados?" (cf. 1Pd 4,8)

Ela disse:

"Como posso me consolar com o fato de que a caridade cubra meus pecados, se me reconheço manchada por eles?"

E o Senhor respondeu:

"A caridade não apenas cobre os pecados, mas, à semelhança do ardor do sol, consome e destrói em si todas as negligências dos pecados veniais, e enche a alma de méritos."

CAPÍTULO LXII

Zelo pela observância regular

1. Em certa ocasião, viu uma pessoa agir com descuido em algumas observâncias regulares. Temia incorrer em alguma falta diante de Deus se, sabendo disso, fosse negligente em corrigir. Ao mesmo tempo, por fraqueza humana, temia que outras, mais complacentes, dissessem que se preocupava demais com insignificâncias.

Conforme seu costume, ofereceu essa situação ao Senhor para sua eterna glória.

Ele mostrou-se muito satisfeito em aceitá-la e disse: "Quantas vezes suportares esse tipo de crítica ou outras semelhantes por amor a Mim, outras tantas te protegerei com fortaleza e te cercarei como uma fortaleza contra todas as preocupações que poderiam impedir-te de vires a Mim — como uma cidade cercada por fossos e muralhas.

Além disso, acrescentarei aos teus méritos todos os méritos que qualquer um poderia alcançar se obedecer com humildade e diligente devoção às tuas recomendações feitas para a minha glória."

CAPÍTULO LXIII

Fidelidade de Deus à alma

1. Costuma acontecer que se sintam mais as injúrias vindas de um amigo do que as de um inimigo (cf. Sl 54,13). [Gertrudes] compreendeu que uma pessoa à qual dedicava especial solicitude e fidelidade pela salvação de sua alma não lhe correspondia com igual lealdade — e até agia com certo desprezo contra suas orientações.

Aflita com isso, refugiou-se no Senhor, que a consolou com ternura, dizendo: "Não te entristeças, minha filha. Permiti essas coisas para a tua salvação. Eu me deleito imensamente em conversar e permanecer contigo, e gostaria de usufruir disso o máximo possível.

A mãe que tem um filho ternamente amado desejaria tê-lo sempre a seu lado. Se o filho quer se afastar para brincar com os colegas, a mãe coloca por perto espantalhos ou algo assustador, para que o menino corra, apavorado, de volta ao seu colo.

Assim também Eu desejo que nunca te afastes de Mim. Por isso permito que teus amigos te façam sofrer, para que não encontres segurança completa em nenhuma criatura e te voltes com mais ardor a Mim — aquele em quem sabes que encontrarás a plenitude mais estável de todos os deleites e seguranças."

2. Então o Senhor a apertou contra seu peito como a um

terno menino, e a acariciou de mil maneiras. Aproximou seus divinos lábios de seu ouvido e sussurrou com ternura:

"Como uma mãe carinhosa costuma beijar amorosamente seu tenro filhinho para suavizar suas dores, também Eu desejo aliviar todas as tuas dores e contrariedades com o ternísssimo sussurro de palavras de amor."

Assim, deleitada durante algum tempo e de muitas maneiras no regaço do Senhor, com a infinita ternura dos divinos consolos, o Senhor lhe ofereceu seu Coração e disse:

"Sonda, minha amada, as profundezas ocultas do meu Coração e considera cuidadosamente com quanta fidelidade Eu dispus e ordenei tudo o que fizeste para Me agradar, de modo que fosse utilíssimo e imensamente proveitoso para a salvação da tua alma.

Considera, por fim, se podes Me acusar de ter sido infiel para contigo, ainda que fosse com uma só palavra."

Tendo feito isso, ela sentiu que o Senhor a adornava com flores como de ouro maravilhoso e brilho radiante, em recompensa pelos sofrimentos mencionados.

Então, recordou-se de várias pessoas conhecidas que estavam sobrecarregadas por diversos sofrimentos e disse ao Senhor: "Ó Pai misericordioso, elas sim merecem ser recompensadas com prêmios muito mais nobres do que os meus e embelezadas com ornamentos muito mais preciosos, pois, ao sofrerem duras provações, não foram consoladas com nenhuma

dessas ternas palavras e consolações com que eu, embora indigna, sou confortada — e mesmo assim, ai de mim, não suporto com a devida paciência todas as coisas que me ocorrem.”

E o Senhor respondeu: “Em tudo isso, como em todas as outras coisas, manifesto o zelo delicado do meu amor terníssimo por ti, como uma mãe ama seu tenro filhinho. Com grande alegria, ela o adornaria com prata e ouro, mas como sabe que ele não suportaria o peso desses ornamentos, enfeita-o com flores suaves que o embelezam sem o sobrecarregar.

Do mesmo modo, suavizo os teus sofrimentos para que não sucumbas sob o seu peso, sem que por isso percas o mérito da paciência.”

3. Então ela reconheceu a grandeza da bondade divina na obra de sua salvação e, tomada por gratidão, explodiu em fervorosos louvores.

Compreendeu que aqueles adornos que lhe foram mostrados — semelhantes a flores delicadas e resplandecentes — se transformavam num ramalhete ainda mais belo devido ao agradecimento que expressava a Deus com seus cânticos de louvor pelos sofrimentos.

Também entendeu que a graça de poder louvar a Deus em suas doenças compensava de forma ainda mais elevada o peso de suas dores — como uma joia de ouro é mais preciosa do que uma de prata, mesmo que seja apenas para adorno exterior.

CAPÍTULO LXIV

Frutos da boa vontade

1. Chegou ao mosteiro a delegação de um senhor para levar algumas irmãs de nossa comunidade e estabelecer a vida monástica em outro mosteiro. Ao saber da notícia, Gertrudes, cheia de boa vontade e sempre disposta ao beneplácito divino — ainda que desprovida de forças físicas, mas estimulada pelo zelo da glória divina — ofereceu fervorosamente diante de um crucifixo seu coração a Deus, como louvor eterno, para realizar em corpo e alma tudo o que Ele dispusesse.

O Senhor mostrou-se tão ternamente agradado com essa oblação, que pareceu descer da cruz com imenso gozo e ternura carinhosíssima, acolhendo-a entre os mais ternos abraços, exultando de modo inefável, como um doente quase desenganado que recebe o remédio há muito tempo desejado e esperado, pelo qual espera recuperar plenamente sua antiga saúde. Aplicou-o com ternura à chaga do seu santíssimo lado e exclamou:

"Bem-vinda, minha muito amada! Tu és o calmante suavíssimo das minhas feridas e o dulcíssimo alívio de todas as minhas dores."

Com essas palavras, ela compreendeu que, quando alguém oferece toda a sua vontade ao agrado divino — mesmo sabendo que provas se aproximam —, o Senhor o aceita como se essa

pessoa tivesse aplicado suavíssimos bálsamos em todas as feridas da sua Paixão.

2. Ela insistia na oração e organizava no coração muitos propósitos que desejaria promover e realizar para a glória de Deus e o crescimento da vida monástica, conforme suas possibilidades, caso fosse enviada à nova fundação. Enquanto se ocupava com esses pensamentos, vários deles lhe vieram ao coração. Mas, ao recolher-se em si mesma, se repreendia por ter perdido tempo com imaginações que provavelmente não teriam efeito, pois se sentia tão fraca que parecia estar mais próxima da morte do que da partida. E pensava: se fosse mesmo partir, ainda haveria tempo para fazer planos.

Então apareceu-lhe Nosso Senhor Jesus Cristo, como revestido de grande glória, no centro de sua alma, rodeado de flores belas, como uma rosa na primavera, como um lírio junto a uma fonte, e lhe disse:

"Vê: as boas disposições da tua vontade me glorificam como o esplendor de estrelas brilhantes e candelabros de ouro, como João viu no Apocalipse: um semelhante ao Filho do Homem entre candelabros de ouro, com sete estrelas na mão direita. Acolho a diversidade de pensamentos que fluem ao teu coração como a doçura e o prazer de rosas e lírios frescos."

3. Ela respondeu: "Ai, Deus do meu coração, por que enches meu espírito com desejos tão diversos que acabarão sendo estéreis? Há poucos dias inclinaste minha mente e estimulaste meu

desejo a pedir o Sacramento da Unção. Enquanto me preparava de várias formas para recebê-lo, encheste-me de muitas consolações. E agora, ao contrário, despertas em mim o desejo de fundar um mosteiro em outro lugar, quando me sinto tão fraca que mal poderia sequer fazer o caminho até lá?”

O Senhor respondeu: “A razão disso é que, como te predisse no início deste livro, decidi propor-te como luz das nações — ou seja, luz para a iluminação de muitas pessoas. Por isso é conveniente que diversas pessoas encontrem em teu livro temas variados para instrução e consolo, conforme suas situações. Às vezes, os amigos encontram grande prazer em conversar sobre diferentes assuntos, sem que disso resulte algo prático. Outras vezes, um amigo propõe ao outro questões difíceis para testar sua fidelidade e aprecia grandemente a boa vontade que este manifesta.

Assim também eu me alegro em propor a meus eleitos algumas provas que nunca ocorrerão, para provar o amor e a fidelidade que me têm, e recompensá-los com dons infinitos, que jamais poderiam merecer por suas obras, pois considero como realizadas as intenções da boa vontade.

Desse modo, em um momento provoquei em teu espírito o desejo da morte, e disso nasceu a celebração da Unção. Daí também a tua devota preparação — com pensamentos e ações — para ambos os caminhos, e tudo isso guardo nas profundezas do meu Coração divino para tua salvação eterna.

Assim se deve entender o que está escrito: 'Ainda que o justo morra prematuramente, encontrará o descanso'. E mesmo que, por qualquer causa, morresses de repente ou recebesses o Sacramento da Unção inconsciente — como acontece frequentemente com meus eleitos —, não terias qualquer prejuízo. Porque tudo o que tens feito durante anos para te preparares para a morte florescerá na primavera da minha eternidade imarcescível, será frondoso com a força da minha cooperação divina, e produzirá para ti o fruto da salvação eterna."

CAPÍTULO LXV

Frutos produzidos pelos dons de Deus

1. Uma pessoa lhe havia pedido que oferecesse ao Senhor tudo o que, por sua bondade, Ele se dignara realizar nela gratuitamente para a salvação daquela que havia feito o pedido. Imediatamente, apareceu diante do Senhor — que estava sentado num trono de glória — a pessoa por quem ela orava. O Senhor tinha sobre os joelhos uma túnica maravilhosamente decorada, que estendeu diante dessa pessoa, mas sem vesti-la com ela.

Admirada com essa visão, ela disse ao Senhor: "Há poucos dias, enquanto te oferecia uma oferenda parecida, levaste sem demora às sublimes alegrias do céu a alma de uma

pessoa simples por quem eu orava naquele momento. Por que agora, bondosíssimo Deus, pelos dons que me concedeste a mim, tão indigna, não adornas esta outra, que deseja ardentemente, com aquela túnica que lhe mostraste?”

O Senhor respondeu: “Quando algo me é oferecido por caridade em benefício das almas dos fiéis defuntos, Eu, por minha piedade inata — que sempre me move a compadecer-me e perdoar — sabendo que já não podem ajudar-se a si mesmas, concedo-lhes imediatamente aquilo que se faz por elas, seja para absolvição e alívio, seja até para que alcancem o cume da eterna bem-aventurança, conforme o estado ou mérito de cada uma. Quando me fazem as mesmas oferendas pelos vivos, Eu as reservo para que obtenham a salvação, mas como ainda podem aumentar sua salvação com boas obras, com o desejo e a boa vontade, é conveniente que aquilo que desejam alcançar pelos méritos dos outros procurem merecer com seu próprio esforço.”

2**.** “Por isso, se a pessoa por quem rezas deseja se adornar com a túnica dos dons que concedi a ti, que ela se esforce por alcançar espiritualmente três coisas:

1. Que se incline com humildade e gratidão para receber essa túnica, isto é, que confesse humildemente precisar dos méritos dos outros, e me dê amorosamente graças por me dignar suprir sua indigência com a abundância alheia.

2. Que receba essa túnica com esperança e confiança, isto é, que confie, com segurança na minha bondade, alcançar

grande progresso diante de mim para a salvação de sua alma.

3. Que se vista com essa túnica pela prática da caridade e das demais virtudes.

Faça o mesmo todo aquele que quiser participar dos benefícios e virtudes dos outros. Certamente então progredirá."

– Hino final

3. Pouco antes do início da Quaresma, foi-lhe feito um sangramento, e com frequência vinham-lhe à mente palavras como: "Ó excelentíssimo Rei dos reis, ó ilustríssimo Príncipe", e outras semelhantes. Certa manhã, recolheu-se no oratório e disse ao Senhor: "Ó amantíssimo Senhor, o que queres fazer com essas palavras que se cravam em minha mente e em meus lábios tão insistentemente?"

O Senhor lhe mostrou então um colar de ouro que tinha nas mãos, formado por quatro peças. Enquanto ela se perguntava o que significariam essas quatro partes, foi-lhe inspirado divinamente:

- a primeira representa a divindade de Jesus Cristo;
- a segunda, a alma de Jesus Cristo;
- a terceira, a alma de todo fiel com a qual o Senhor se desposa por seu próprio sangue;
- a quarta, o corpo imaculado de Jesus Cristo.

Que a alma do fiel estivesse colocada nesse colar entre a

alma e o corpo de Jesus Cristo, significava a indissolúvel fusão de amor que o Senhor concede à alma fiel com seu próprio corpo e alma divinos.

Assim que terminou de contemplar esse colar, foi arrebatada com veemência e lhe foram inspirados estes versos:

Tu és a vida da minha alma,
A ti se une o afeto do meu coração
Derretido pelo ardor do amor.
Que a alma fique como sem vida
Para tudo o que buscar sem ti.

Tu és, entre as cores, a beleza;
entre os sabores, a doçura;
entre os perfumes, a fragrância;
entre os sons, o deleite;
entre os abraços, a ternura suave.

Tu fazes o prazer delicioso,
A efusão copiosa,
A atração jubilosa,
A comunicação amorosa,
Tu, fonte transbordante da divindade,
Rei nobilíssimo dos reis,
Imperador excelentíssimo,
Príncipe ilustríssimo,
Soberano suavíssimo,
Protetor firmíssimo.

Tu, pérola vivificante da nobreza humana,
Ourives habilíssimo,
Formador amabilíssimo,
Conselheiro sapientíssimo,
Colaborador benigníssimo,
Amigo fidelíssimo.

Tu, saborosa união de íntima doçura,
Acariciador delicadíssimo,
Atraente finíssimo,
Amante ardentíssimo,
Esposo dulcíssimo,
Guardião castíssimo.

Tu, flor primaveril de beleza natural,
Ó irmão amabilíssimo,
Jovem belíssimo,
Companheiro encantador,
Hóspede generosíssimo,
Servo atentíssimo.

Eu te prefiro a toda criatura,
Por ti renuncio a todo prazer,
Por ti enfrento toda adversidade,
Só a tua glória busco em tudo.

Com o coração e os lábios te proclamo
Promotor de todos os bens.

Em virtude do teu fervor,

Uno a intenção da minha devoção
À eficácia da tua oração,
Para que, pela pureza da união divina,
Extinto todo movimento de rebelião,
Eu alcance o cume mais elevado da perfeição.

4. Cada uma dessas aspirações brilhava como uma pérola preciosa engastada no colar de ouro.

No domingo seguinte, durante a missa em que comungaria, recitou essas aspirações com mais fervor ainda, e lhe pareceu ver como o Senhor se alegrava nelas. Então lhe disse: "Ó Deus amantíssimo, desde que percebi que tanto te agradas dessas palavras, quero aconselhar a todos que puder, que as ofereçam a ti em suas orações como se fossem um colar."

O Senhor respondeu: "Ninguém me dá o que é meu, mas a todos os que recitarem devotamente essas orações aumentarei a graça do meu conhecimento, e eles receberão o resplendor da minha divindade, que se comunica a eles com a eficácia dessas palavras — como quem expõe ao sol uma lâmina de ouro e vê refletido no lado oposto seu brilho."

Ela sentiu imediatamente o efeito dessas palavras e, ao terminar a recitação da oração, a face de sua alma apareceu iluminada por um raio mais brilhante que a luz, e — segundo lhe pareceu — ela recebeu o gosto mais delicioso do conhecimento divino.

Convém aqui acrescentar algumas das coisas mais úteis que Deus revelou a essa alma quando ela orava por outras pessoas.

CAPÍTULO LXVI

O Senhor infundiu graça por intercessão de [Gertrudes] como um canal

1. Certa vez, apareceu-lhe o Senhor Jesus e lhe pediu o coração: "Dá-me, amada, o teu coração" (cf. Provérbios 23,26). Ela o ofereceu com alegria, e lhe pareceu como se o Senhor o aplicasse ao seu Coração divino, à semelhança de um canal que chegava até a terra. Por esse canal, Ele derramava generosamente as efusões de sua incontível bondade e lhe dizia:

"Vê, doravante me alegrarei em usar sempre o teu coração como um canal, por onde derramarei — sobre todos os que se dispuserem com generosidade a receber essa infusão da graça e te pedirem com humildade e confiança — os transbordantes eflúvios de consolo divino do torrente do meu Coração melífluo."

Os efeitos admiráveis dessas palavras serão manifestados a seguir.

Capítulo LXVII

Humilhação sob o castigo de Deus

1. Certo dia, Gertrudes orava por algumas pessoas que haviam causado prejuízos ao mosteiro com seus roubos e continuavam praticando muitos males. Então, o Senhor lhe apareceu com bondade e misericórdia, com um braço dolorido e torcido para trás, como se os nervos estivessem entorpecidos.

Disse-lhe o Senhor: "Considera quanta dor me causaria alguém que me desferisse socos neste braço. Pois bem, entende que a mesma dor me causam aqueles que não têm compaixão do mal que podem causar às almas ao corromperem meus amigos. Proclamam muitas vezes seus defeitos e as injúrias que deles receberam, sem considerar que também eles são membros meus.

Todos os que, movidos por compassiva devoção, imploram a minha clemência para que, por misericórdia, eu os converta de seus erros a uma vida melhor, são como quem unge meu braço com suavíssimos bálsamos. Aqueles que, com conselhos e exortações, os induzem com bondade à correção e à reconciliação, são como sábios médicos que, tratando meu braço com delicadeza, o recolocam no lugar devido."

2. Enquanto ela admirava a inefável bondade do Senhor, perguntou: "Por que razão, Deus benigníssimo, pode chamar de teu braço gente tão indigna?"

O Senhor respondeu: "Porque pertencem ao corpo da

Igreja, da qual me glorifico por ser a Cabeça.”

Ela insistiu: “Mas, Senhor meu, se já — ai, que dor! — foram separados pelo decreto da Igreja, pois foram excomungados publicamente pelas injúrias infligidas ao nosso mosteiro?”

Respondeu o Senhor: “Mesmo assim, ainda podem ser reconciliados pela absolvição da Igreja. Obrigado pela minha própria compaixão e solícito pela salvação deles, desejo com um anseio indescritível que se convertam a mim pela penitência.”

Então, ela pediu ao Senhor que se dignasse proteger a comunidade com sua paternal proteção contra as injúrias desses homens.

E o Senhor disse: “Se te humilhares sob a minha poderosa mão (cf. 1 Pedro 5,6), e reconheceres em teu coração diante de mim que mereces ser castigada conforme exigem tuas negligências, eu te conservarei ilesa, com minha misericórdia paternal, de toda incursão dos inimigos. Mas, se por orgulho te levantares com fúria contra aqueles que te prejudicam, com desejos e imprecações de lhes devolver mal por mal, minha justiça — por permissão do meu justo juízo — prevalecerá neles contra ti, e te causará ainda maiores danos.”

CAPÍTULO LXVIII

Aceitação dos trabalhos

1. Um ano, quando a comunidade estava muito angustiada por causa de uma dívida, ela insistia com mais fervor ao Senhor e lhe pedia que, por sua bondade, movesse os fornecedores do mosteiro a devolverem o que deviam. O Senhor a acariciou docemente e disse: — "O que eu ganharia ajudando vocês nisso?"

Ela respondeu: — "Que, uma vez superada essa situação, as irmãs se dediquem com mais empenho e devoção às práticas espirituais."

O Senhor respondeu: — "Que frutos poderia obter disso, se eu não necessito dos seus bens? Tanto me faz que se dediquem aos exercícios espirituais ou que trabalhem arduamente em atividades externas, contanto que tua vontade se dirija a mim com intenção livre. Se eu apenas me deleitasse nos seus exercícios espirituais, teria reformado a natureza humana de tal modo após a queda, que ela não precisaria de comida, vestuário e outras necessidades da vida, que o homem se esforça para obter e realizar.

Um poderoso imperador não se alegra apenas por ter moças elegantes e nobres em seu palácio, mas também se cerca de príncipes, generais, soldados e outros servos habilidosos em diversas atividades, e os mantém sempre à disposição para confiá-los a diferentes tarefas.

Da mesma forma, eu não apenas me deleito nas alegrias interiores dos contemplativos, mas também nas diversas práticas

de trabalhos úteis que me trazem honra e amor, e me estimulam a habitar e conviver alegremente com os filhos dos homens, porque assim eles se exercitam mais na caridade, paciência, humildade e outras virtudes."

2. Então, ela viu o principal intendente do mosteiro diante do Senhor, como reclinado sobre seu braço esquerdo. Com esforço, ele se erguia muitas vezes e oferecia ao Senhor, com a mão esquerda sobre a qual repousava, uma moeda de ouro com uma pérola preciosa engastada.

O Senhor lhe disse: — "Olha, se eu aliviasse a aflição daquele por quem oras, ele perderia essa pérola preciosa na moeda, que tanto me agrada, e ficaria sem recompensa, pois me ofereceria com a mão direita apenas a moeda sem a pérola. Ele ofereceria apenas uma moeda simples, pois deseja cumprir toda a minha vontade em suas obras, mas sem contrariedades. Porém, quem aceita a contrariedade em todas as suas obras e não se afasta da minha vontade, oferece ao Senhor uma moeda de ouro com uma pérola de grande valor."

3. Como ela rogasse ao Senhor com mais insistência que aliviasse os encarregados do mosteiro daquela dívida, o Senhor respondeu: — "Por que te parece duro que alguém sofra por minha causa, se sou o único verdadeiro amigo cuja fidelidade nunca falha?

Quando o ser humano se vê desprovido de todo auxílio e consolo humano e é levado ao extremo, e alguém se lembra de ter recebido dele algum sinal de fidelidade, sente grande tristeza por

não poder ajudá-lo. Mas eu, que sou o verdadeiro amigo, venho à alma desolada por essa aflição com as flores primaveris de todas as boas obras que essa pessoa praticou algum dia em pensamento, palavra e ação.

Todas essas obras florescem em minhas vestes como rosas e lírios.

Com o frescor vivo da minha presença divina, a alma renasce na esperança da vida eterna, à qual se sente convidada e recompensada por cada uma de suas obras. Com esse deleite, a alma se sente aliviada, e assim, livre da carne, pode também alcançar a felicidade eterna e exclamar com verdadeira alegria e louvor aquilo do Gênesis: *'O aroma do meu amado é como o aroma de um campo florido.'*

Assim como o corpo é formado por diversos membros, também a alma é composta de afetos como: temor, dor, alegria, amor, esperança, ódio e pudor. Na medida em que o ser humano os exercita para o meu louvor, encontra em mim tal prazer inestimável, alegria indizível e segurança, que se sente preparado e apto para a bem-aventurança eterna."

4**.** "Quando, na futura ressurreição, este corpo mortal se revestir de imortalidade, cada um dos membros humanos receberá seu próprio prêmio pelos trabalhos e obras que realizou em meu nome e por amor a mim. Mas a alma receberá uma nobreza excelente, incomparavelmente maior, por cada um dos exercícios e afetos santos nos quais tantas vezes se dedicou, se comoveu e nos

quais até mesmo colaborou seu corpo."

Comovida por um dos mais fiéis intendentes do mosteiro, ela orava insistentemente ao Senhor para que o recompensasse pelos trabalhos e contrariedades sofridos tantas vezes em assuntos da comunidade.

O Senhor respondeu: — "O corpo que tantas vezes se fatigou por mim nesses trabalhos é para mim como um cofre no qual deposito tantas dracmas de prata quantas vezes algum de seus membros se move para realizar o que lhe foi confiado.

E seu coração é para mim como uma arca na qual gosto de guardar tantas dracmas de ouro quantas vezes se estimula a prover com zelo, para minha glória, aquilo que lhe foi confiado."

Admirada, ela disse ao Senhor: — "Senhor, não me parece que essa pessoa seja tão perfeita a ponto de empreender todas as suas obras unicamente para tua glória; creio que há outras motivações que o movem, como o lucro temporal e, consequentemente, o conforto corporal. Então, como, meu Deus — tu que és pureza sem mancha — podes ter, como dizes, tais delícias em seu coração e em seu corpo?"

O Senhor, benignamente, respondeu: — "Porque sua vontade está tão unida à minha que eu sou sempre a principal razão de todas as suas obras. Por isso, ele obtém fruto inestimável em cada um de seus pensamentos, palavras e ações.

No entanto, se ele colocasse uma intenção mais pura e devota em cada um de seus afazeres, elevaria cada um de seus

trabalhos e obras a uma nobreza tanto maior quanto o ouro supera a prata em valor.

Se ele se esforçasse para dirigir a mim seus pensamentos e preocupações com intenção mais pura e devota, eles se tornariam ainda mais nobres, assim como o ouro puro e refinado vale mais do que o ouro velho e escurecido."

CAPÍTULO LXIX

O mérito da paciência

1. Certa vez, uma pessoa se feriu inesperadamente durante um trabalho e sofria muito. [Gertrudes] compadeceu-se e pediu ao Senhor que o membro ferido não corresse perigo por ser uma tarefa obrigatória. O Senhor lhe respondeu com bondade: "Não correrá nenhum perigo, antes receberá uma recompensa incomparável por essa dor. Todos os membros que se moverem para socorrê-lo, aliviar sua dor e curá-lo, receberão uma recompensa eterna. Assim como um pano tingido de açafrão transmite sua cor a qualquer objeto que nele caia, do mesmo modo, quando um membro sofre (cf. 1 Cor 12,26), todos os demais que o aliviam serão recompensados com ele com glória eterna."

2. Ela perguntou: "Senhor meu, como podem merecer tanto os que ajudam mutuamente, se não o fazem para que o ferido suporte o sofrimento com mais ânimo e paciência por amor a Ti,

mas apenas para aliviar a dor?”

O Senhor lhe respondeu com inestimável consolo: “O sofrimento que o ser humano suporta com paciência por meu amor, mesmo sem conseguir alívio apesar de seus esforços, eu santifiquei com as palavras que dirigi ao Pai no último momento da minha vida: ‘Pai, se é possível, afasta de mim este cálice’ (cf. Mt 26,39). Por essas palavras, o ser humano recebe um mérito e prêmio incomparáveis.”

3. Ela prosseguiu: “Não te agrada mais, meu Deus, aquele que oferece com paciência por teu amor tudo o que lhe acontece, do que aquele que é paciente apenas porque não pode evitar o sofrimento?”

O Senhor respondeu: “Isso está oculto no abismo dos meus juízos divinos e ultrapassa todo entendimento humano. Mas, na medida em que se pode compreender, a diferença entre essas duas atitudes é como a diferença entre duas cores belíssimas: há tanta beleza em ambas que dificilmente se pode discernir qual merece maior apreço.”

Então ela expressou ao Senhor o desejo de que Ele consolasse aquela pessoa com essas palavras, revelando-as a ela.

O Senhor respondeu: “Saibas que mantenho essas coisas em silêncio por desígnios ocultos da minha sabedoria divina, para que essa pessoa seja provada e especialmente recomendada em três virtudes:

- Na paciência, porque se experimentasse o efeito da

consolação que tu já sentes, todo o sofrimento se aliviaria e, com isso, diminuiria o mérito da paciência.

• Na fé, para que creia mais no testemunho de outro aquilo que ela própria não sente, pois, segundo São Gregório Magno, "não tem mérito a fé que é evidenciada pela razão."

• Na humildade, para que reconheça que outro, por divina inspiração, conhece o que ela mesma não merece conhecer." (cf. S. Gregório, Homilia 26 sobre o Evangelho)

Capítulo LXX

Proclamação dos benefícios de Deus

1. Enquanto orava por uma pessoa, comovida ao ouvi-la expressar impaciência diante das provações que dizia não merecer, o Senhor disse a Gertrudes: "Pergunta-lhe que provações ela acredita que lhe seriam mais convenientes e dize-lhe que não se pode ganhar o Reino dos Céus sem algum sofrimento; que escolha ela mesma o sofrimento que considerar mais apropriado e veja se, diante dele, seria capaz de conservar a paciência."

Compreendeu então, pelas palavras do Senhor, que é extremamente perigoso imaginar que se teria paciência em outras situações, mas não nas provações que Deus envia. Pelo contrário, deve-se confiar que aquilo que Deus permite é o melhor. Se negligenciar a paciência diante disso, deve humilhar-se.

2. Com terna bondade, o Senhor acrescentou:

"E tu, o que pensas? Achas que te envio provações inoportunas?" Ela respondeu: "De modo algum, meu Senhor. Confesso — e confessarei enquanto viver — que me trataste no corpo e na alma, nas coisas prósperas e nas adversas, da maneira mais oportuna. Nenhuma outra sabedoria teria sido capaz de fazê-lo, desde o princípio até o fim do mundo, senão tu, dulcíssimo Deus meu, única Sabedoria increada, que com vigor alcanças de um extremo ao outro e governas tudo com firmeza e suavidade." (cf. Sabedoria 8,1)

3. Então, o Filho a toma ternamente, apresenta-a ao Deus Pai e lhe pede que receba sua adoração. Ela declara: "Dou-te graças, Pai Santo, segundo minhas forças, por Aquele que está à tua direita, pelos dons tão magníficos que recebi de tua generosidade; reconheço que nunca me teria sido possível receber tais dons sem teu poder divino, que rege e dá vigor a toda criatura."

Depois, o Filho a apresenta ao Espírito Santo para que ela também louve sua bondade. E ela exclama: "Dou-te graças, Santo Espírito Paráclito, por Aquele que, com tua colaboração, se fez homem no seio virginal. Porque me preveniste com tanta suavidade em tudo, a mim, tão indigna, com as bênçãos de tua gratuita doçura, estou certa de que nenhuma outra benignidade o teria realizado sem tua inefável ternura, na qual se esconde, de onde procede e com a qual se recebe todo bem." (cf. Salmo 20,4)

4. Finalmente, o Filho de Deus a abraça com amor intensíssimo e, ao beijá-la, diz: "Assim, depois dessa tua confissão, acolho-te sob minha especial custódia, acima de qualquer outra, a qual me é devida por direito de criação, de redenção e de especial amor."

Com isso, ela compreendeu que, quando alguém louva a bondade divina, confiando e entregando-se com gratidão à sua providência, o Senhor o acolhe com um cuidado especial — do mesmo modo que um superior se sente obrigado a atender a um súdito após sua profissão.

CAPÍTULO LXXI

Efeitos da Oração

1. Enquanto orava em outra ocasião pelas pessoas que lhe haviam sido confiadas, e lembrava com especial afeto de uma delas, disse ao Senhor: "Escuta, amabilíssimo Senhor, segundo a doçura do teu afeto paternal, a oração que te dirijo por ela." Respondeu-lhe o Senhor: "Eu te escuto com frequência quando me pedes por ela." Ela: "Então por que ela se dirige a mim tantas vezes com palavras duvidosas, como se nunca tivesse recebido de ti nenhuma consolação, recordando sempre sua indignidade?" O Senhor: "Isso é um delicadíssimo gesto de minha esposa, que comove grandemente meu afeto por ela. É um adorno oportuno e

muito agradável para mim que ela se sinta insatisfeita com sua situação, e esse adorno cresce ainda mais à medida que tu rezas por ela.”

2. Quando em outra ocasião rezava por ela e unia em oração outra pessoa, o Senhor respondeu: “Aproximou-as mais de mim, por isso convém que sejam purificadas com provas maiores, como uma menina delicada que, devido ao grande carinho pela mãe, deseja sentar-se a seu lado na mesma cadeira; necessariamente estará sentada de maneira mais desconfortável que as demais filhas, que tomam para si cadeiras próprias junto à mãe. Além disso, o olhar terno da mãe não poderá dirigir-se tão diretamente a ela como às que estão sentadas diante dela.”

CAPÍTULO LXXII

Eficácia da oração

a) A falta de fé retarda o efeito da oração

1. Em uma ocasião em que devia rezar por muitas pessoas e encomendar diversas causas, lançou-se devotamente aos pés de nosso Senhor Jesus Cristo e, após imprimir os mais ardentes beijos – quanto lhe permitia o fervor – naquelas salvíficas chagas, confiou ao Senhor as pessoas e causas que lhe haviam sido confiadas. Depois disso, viu um regato brotar do Coração do próprio Filho de

Deus, inundando tudo ao redor. Compreendeu então que o Senhor, por meio daquele regato, havia atendido a todos os pedidos que ela havia depositado a seus pés. Disse então ao Senhor: "Que aproveita, Senhor meu, àqueles por quem roguei, se eles não percebem o efeito de minhas petições e, por isso, não acreditarão nem receberão consolação alguma?"

O Senhor respondeu com esta comparação: "Quando um rei concede a paz após uma longa guerra, os que estão longe não podem saber disso até que lhes seja comunicado no momento oportuno; do mesmo modo, os que estão longe de mim por desconfiança ou outros defeitos não podem experimentar que se está pedindo por eles." Ela: "Há alguns, Senhor, entre os que agora roguei, que sei – e tu és testemunha – não estão longe de ti." O Senhor respondeu: "É verdade. Mas quando o rei quer comunicar suas decisões não por meio de um mensageiro, mas por si mesmo, deve-se esperar até que ele ache oportuno. Do mesmo modo, decidi comunicar-lhes pessoalmente os efeitos das tuas orações no momento mais oportuno para eles."

3. Então rogou de modo mais especial por certa pessoa que, em algum momento, a havia incomodado. Recebeu esta resposta: "Assim como é impossível que alguém fira os pés sem que o coração sinta, também é absolutamente impossível que minha compaixão paternal não olhe com os efeitos de minha misericórdia para aquele que, carregado com o peso de seus próprios erros, se reconhece necessitado da medicina da divina

misericórdia e, movido pelo afeto da caridade, não deixa de pedir pela salvação de seus próximos.”

b) O que se deve pedir pelos enfermos

4. É próprio da humanidade rezar muitas vezes pelos enfermos. Em uma ocasião em que devia rezar por um doente, perguntou ao Senhor o que mais lhe agradaria que pedisse por ele. Respondeu o Senhor: “Pede por ele com coração devoto apenas duas coisas: Primeira, que lhe conserve a paciência; Segunda, que em cada um dos momentos pelos quais tiver de passar, ele seja conduzido a um maior louvor a mim e maior proveito de sua enfermidade, conforme o que minha caridade preordenou desde toda a eternidade em meu Coração paternal para sua salvação.” Acrescentou o Senhor: “Quantas vezes repetires essas palavras, tantas vezes aumentarão teus méritos e os do enfermo, como quando um pintor retoca o quadro e aumenta o brilho das cores.”

c) O que se deve pedir pelos superiores

5. Enquanto orava pelos dignitários da Igreja, compreendeu que o que mais agrada ao Senhor nos superiores é que, mesmo tendo autoridade, se comportem como se não a possuíssem; ou seja, que usem o poder do cargo como algo concedido apenas por um dia ou por um momento, dispostos em todo instante a renunciar a ele, mas sendo sempre diligentes em aumentar com

suas obras o louvor divino, conforme suas possibilidades. Como se constantemente exclamassem em seu coração: "Vamos, apressa-te, não sejas negligente em promover a glória de Deus; assim poderás deixar livremente o peso do ofício quando tiveres feito, segundo tuas possibilidades, tudo o que julgaste ser para glória de Deus e proveito do próximo."

d) Efeitos do pedido de orações

6. Enquanto orava por uma pessoa que se havia recomendado a suas orações – tanto por meio de outros como por si mesma com grande humildade e fervor – contemplou o Senhor inclinando-se benignamente para ela e envolvendo-a totalmente com o resplendor de certa luz celestial. Através desse resplendor, o Senhor lhe infundia gratuitamente tudo o que ela esperava alcançar pelos méritos das orações de [Gertrudes].
Deste modo, o Senhor lhe ensinou que quando alguém se encomenda à oração de outro com plena confiança de alcançar a graça divina pelos méritos dessa pessoa, o Senhor benigníssimo derrama com toda certeza seus benefícios sobre essa pessoa, conforme seu desejo e sua fé – mesmo que aquele a quem foi feito o pedido descuide de rezar devotamente por ela.

CAPÍTULO LXXIII

Vários tipos de pessoas

a) Comparada com a águia

1. Enquanto orava por uma pessoa que tinha grandes desejos, [Gertrudes] recebeu a seguinte resposta: "Dize-lhe de minha parte que, se deseja unir-se a mim com íntimo amor, cuide de, à semelhança da águia, construir um ninho aos meus pés, feito com os ramos de sua própria vileza e os sarmentos da minha dignidade. Nele descanse permanentemente com a lembrança da sua baixeza, pois o homem mortal está sempre inclinado por natureza ao mal e é preguiçoso para o bem, se não for prevenido pela graça. Medite frequentemente na minha misericórdia e recorde que estou paternalmente disposto a acolher, após a queda, aquele que volta a mim pela penitência. Quando desejar sair do ninho em busca de alimento, venha ao meu regaço e recorde com amoroso agradecimento os diversos benefícios que lhe concedo gratuitamente, pelo transbordamento da minha ternura. Se quiser se elevar mais alto no voo e levantar as asas dos seus desejos a coisas mais elevadas, eleve-se como águia veloz acima de si mesma rumo à contemplação das coisas celestiais, e voe direto sobre asas de serafins com o audaz impulso do amor, para contemplar o Rei em sua beleza[171] com o olhar radiante da alma."

2. Mas como, na vida presente, não se pode permanecer muito tempo no cume da contemplação, que, segundo São Bernardo, dificilmente pode ser alcançado nesta vida, e mesmo assim por breves instantes[172], recolha novamente suas asas com a

lembrança da sua vileza, volte constantemente ao seu ninho e descanse nele até experimentar novamente o gozo de voar, por meio da ação de graças, aos verdes pastos. Assim, alcançará, como resultado da saída de si mesma, o cume da contemplação divina. Dessa forma, com essas frequentes alternâncias[173] — ora entrando em si pela consideração da própria fragilidade, ora saindo de si ao receber meus benefícios, ou se elevando na contemplação das coisas celestes — encontrará sempre os deleites das alegrias do céu.

b) Semelhante a três dedos do Senhor

3. Lembrou-se também de uma pessoa que lhe havia sido confiada com grande fervor. Consumida a flor da sua primeira juventude, renunciou ao mundo e se consagrou ao serviço do Senhor sob o hábito religioso. Voltando-se ao Senhor, apresentou-lhe seu próprio coração para que, por meio dele, à maneira de canal[174] — como lhe havia sido prometido e consta em passagens anteriores —, derramasse os benefícios de suas divinas consolações sobre os que as buscassem com humildade, por meio dela, e que se dignasse a realizá-lo também agora para maior louvor, consolo e proveito daquela pessoa. Imediatamente contemplou seu coração elevar-se à maneira de um canal, sendo aplicado ao suavíssimo Coração do amabilíssimo Jesus, Filho de Deus, que lhe apareceu sentado em seu trono real.

4. Então viu a pessoa por quem orava aproximar-se e

ajoelhar-se reverentemente diante do Senhor. O Senhor estendeu sua mão direita sobre ela e disse: "Eu a receberei na minha incompreensível onipotência, na minha inescrutável sabedoria e dulcíssima benignidade." Com essas três palavras parecia que o Senhor tocava aquela pessoa com três dedos de sua mão direita: o indicador, o médio e o anelar. Essa pessoa então voltava-se ao Senhor e unia os três mesmos dedos da sua mão esquerda — isto é, ajustava harmoniosamente seu anelar com o anelar do Senhor, o médio com o médio, e o indicador com o indicador. Feito isso, o Senhor virou sua mão bendita de modo que os dedos da pessoa ficassem por baixo, e os dele por cima. Com isso queria-se dar a entender três modos pelos quais essa pessoa deveria ordenar sua vida.

5. Em primeiro lugar, quando empreendesse alguma obra, que o fizesse adaptando-se com humildade de coração à divina onipotência, considerando-se um servo inútil por ter consumido inutilmente o vigor da juventude e dado pouca atenção ao próprio Senhor e Deus, Criador e Amante. Desejaria e suplicaria que, por meio da onipotência divina, lhe fosse concedida força para fazer o bem.

Em segundo lugar, apresentar-se-ia diante da inescrutável sabedoria de Deus como indigna de receber o fluxo do conhecimento divino, por ter negligenciado desde a infância o uso dos sentidos para conhecer as coisas divinas, e por tê-los usado muitas vezes para a vaidade humana ou para uma glória efêmera.

Ao mergulhar-se dessa maneira no profundíssimo vale da humildade, poria todo o cuidado em afastar-se das coisas terrenas e dedicar-se à contemplação divina. Deveria também, conforme o tempo e o lugar, comunicar com caridade aos outros tudo o que tivesse recebido dos transbordantes eflúvios da superabundante generosidade divina.

Em terceiro lugar, deveria aceitar com profunda ação de graças o fato de o Senhor lhe ter concedido gratuitamente uma boa vontade para realizar as duas disposições anteriores.

6. Parecia também que o Senhor trazia no dedo anelar da mão esquerda um anel feito de material frágil, no qual estava engastada uma pedra preciosa de grande valor, como um rubi flamejante. Compreendeu-se que o anel simbolizava a vida descuidada que essa pessoa ofereceu ao Senhor ao abandonar o mundo e consagrar-se ao seu serviço na vida religiosa[176]. A pedra preciosa simbolizava a bondade da liberalidade divina, que inclinava o Senhor a infundir boa vontade nessa pessoa pela sua bondade gratuita; assim, realizava perfeitamente diante de Deus todas as suas obras. Desse modo, a única intervenção dessa pessoa deveria ser louvor e ação de graças por tão digno benefício da generosidade divina.

Compreendeu-se também que, todas as vezes que essa pessoa realizasse com a ajuda do Senhor uma boa obra, o Senhor a receberia como um precioso anel em sua mão direita e o mostraria a todo o exército celestial para gloriar-se do presente de sua

esposa, como se o tivesse recebido daquela alma. Por isso, todos os cidadãos do céu experimentariam por ela um afeto maior do que qualquer príncipe poderia sentir pela esposa do seu rei, e lhe prometeriam tanta fidelidade e amor quanto se espera dos príncipes para com a eleita do seu senhor. Além disso, tudo o que a Igreja triunfante pode oferecer no céu em favor da Igreja peregrina na terra, também seria oferecido a essa pessoa, sempre que fosse movida a isso pelo próprio Deus, como foi dito.

c) O Coração de Jesus como ninho da alma

7. Enquanto orava com maior fervor por outra pessoa, recebeu uma instrução segundo a qual deveria ordenar toda a sua vida. Assim, poderia estabelecer seu ninho nas cavernas da rocha do santíssimo lado de nosso Senhor Jesus Cristo e repousar no mais profundo de sua cavidade, para extrair o mel da rocha, isto é, a doçura das aspirações do divino Coração de Jesus. Medite, então, com suma diligência nas Sagradas Escrituras, na vida de Jesus Cristo, e aplique-se com empenho em imitar todos os seus exemplos, especialmente em três coisas:

Primeiro, o Senhor passava muitas noites em oração; assim, ela deverá sempre refugiar-se na fortaleza da oração em todas as suas tribulações e adversidades.

Segundo, assim como o Senhor percorria cidades e povoados pregando, ela deverá procurar edificar o próximo com o

bom exemplo, não apenas com palavras, mas também com todas as suas obras, gestos e qualquer movimento de seu corpo.

Terceiro, como nosso Senhor Jesus Cristo derramava seus benefícios sobre os necessitados, ela também deverá fazer o bem da seguinte forma: quando for falar ou realizar alguma obra, encomende-a ao Senhor e faça-a com a intenção de unir-se às suas obras infinitamente perfeitas, para que seja ordenada conforme a sua adorável vontade para a salvação de todos os homens. Depois de realizada, ofereça-a ao Filho de Deus com a mesma intenção, para que Ele a aperfeiçoe e a apresente dignamente a Deus Pai para sua eterna glória.

8. Também compreendeu [Gertrudes] que, quando essa pessoa desejasse sair desse ninho, deveria usar três apoios: subiria pelo primeiro, apoiaria sua mão direita no segundo e a esquerda no terceiro.

O primeiro apoio será uma caridade ardente; com ela, esforçar-se-á, segundo suas possibilidades, em conduzir todos os homens a Deus e servi-los para a sua glória, unida ao amor com que o Senhor realizou a salvação de todo o gênero humano.

O segundo apoio, para sustentar sua mão direita, será a humilde sujeição a todo homem por amor a Deus. Terá grande cuidado para não escandalizar a ninguém, superior ou inferior, com suas palavras ou ações.

O terceiro apoio, para sua mão esquerda, será uma vigilância diligente sobre si mesma; assim, conservar-se-á imune

de toda mancha em pensamentos, palavras e obras, que poderiam incorrer em algum defeito de ofensa a Deus.

d) Construir um trono diante de Deus

9. Quando orava por outra pessoa, foi-lhe revelada a vida dessa pessoa da seguinte maneira: ela apareceu diante do trono de Deus. Construía para si um magnífico trono com pedras preciosas quadradas; no lugar de cimento, usava ouro puro. Às vezes sentava-se, como para descansar, sobre o trono que construía; outras vezes levantava-se e tentava edificar o trono em maior altura. Com isso, compreendeu [Gertrudes] que as pedras preciosas representavam as diversas provações destinadas a conservar e enobrecer o dom de Deus naquela alma. O Senhor faz seus eleitos percorrerem um caminho difícil nesta vida, para que não suceda que, enquanto desfrutam aqui, esqueçam as alegrias da pátria celestial. O ouro que unia as pedras preciosas simbolizava a graça espiritual que possuía. Com ela deveria sempre compor todas as adversidades e sofrimentos, tanto interiores quanto exteriores, com plena e segura confiança de progredir no caminho da salvação. Levantar-se e construir novamente significava o exercício contínuo das boas obras, com o qual essa pessoa progride e se eleva dia a dia à perfeição.

e) A imagem de podar uma árvore

10. Enquanto pedia por outra pessoa, foi-lhe revelado o

estado de sua vida na figura de uma árvore formosa que estava diante do trono da glória da Majestade divina. O tronco e os ramos eram robustos, e suas folhas brilhavam como ouro. A pessoa por quem ela orava subia a essa árvore; com uma podadeira, cortava os raminhos que começavam a secar. Uma vez cortados, aparecia outro ramo novo, tão belo quanto os mais belos. Esse novo ramo procedia do trono de Deus e brilhava com novo viço. Mal era enxertado, tornava-se robusto e parecia produzir um fruto vermelho; a pessoa o colhia, oferecia-o ao Senhor e experimentava um maravilhoso deleite.

11. A árvore simbolizava a vida religiosa que essa pessoa abraçara para servir a Deus. As folhas de ouro simbolizavam as boas obras realizadas na vida religiosa. Por mérito de um parente seu, fora levada ao mosteiro e recomendada a Deus com seus desejos e piedosas orações, e suas obras superavam em valor assim como o ouro supera os demais metais.
A podadeira com que cortava os ramos que começavam a secar simbolizava a consideração de seus defeitos, que, uma vez reconhecidos, eram cortados com digna penitência. O ramo oferecido desde o trono de Deus para substituir o cortado simbolizava a perfeição da santíssima vida de nosso Senhor Jesus Cristo, que, pelos méritos desse parente, supre de maneira suficiente todos os defeitos daquela pessoa. O fruto colhido e oferecido ao Senhor simbolizava a boa vontade sempre presente em corrigir seus defeitos, o que agradava imensamente ao Senhor,

pois Ele prefere a boa vontade de um coração sincero à maior obra feita sem retidão de intenção.

f) Como os três apóstolos do Tabor

12. Depois desses acontecimentos, ao orar por duas pessoas piedosamente confiadas a ela, cuja vida interior desconhecia, disse ao Senhor: "Tu, Senhor, que conheces os corações de todos, digna-te revelar-me, embora eu não o mereça, algo sobre essas duas pessoas que seja agradável à tua vontade e útil para sua salvação." Então o Senhor lhe revelou com grande benignidade duas revelações que pouco antes havia feito sobre outras duas pessoas pelas quais então ela orava; uma era instruída e a outra ignorante, mas havia renunciado ao mundo como a anterior. Disse-lhe que as revelações feitas sobre aquelas pessoas poderiam ser aplicadas também a estas para sua instrução.

Acrescentou o Senhor: "Nas cinco revelações precedentes e nestas duas seguintes, qualquer pessoa, de qualquer estado ou profissão, poderá encontrar algo útil para sua instrução".

13. Eis a revelação sobre a vida interior daquela pessoa que não tinha instrução. Enquanto orava por ela, o Senhor lhe disse: "Eu a elevei com os Apóstolos à montanha da nova luz. Por isso, deverá ordenar sua vida segundo a interpretação dos nomes dos Apóstolos que subiram à montanha:

– Pedro significa 'o que conhece'. Ela deverá empenhar-se ao máximo para buscar diligentemente o conhecimento de si

mesma em tudo o que ler; por exemplo, se ler algo sobre os vícios ou as virtudes, examine-se cuidadosamente e veja se encontra algo disso em si mesma; quanto às virtudes que encontrar, procure progredir nelas.

– Com esse maior autoconhecimento, deverá, segundo a interpretação do nome Tiago, que significa 'suplantador', dominar todo vício em si mesma, lutar com valentia e esforçar-se por progredir fielmente nas virtudes que lhe faltam.

– João significa 'o que tem a graça'. Que ela se esforce todos os dias, ao menos uma hora de manhã e outra à noite, ou nos momentos que julgar mais oportunos, para recolher-se em si mesma, desligada de tudo o que é exterior, dedicando-se a mim e buscando conhecer a minha vontade. Tudo o que então lhe for inspirado, seja para louvar-me, agradecer pelos benefícios concedidos a ela e ao mundo, ou para rezar pelos pecadores e pelas almas do purgatório, ela deverá praticar com grande fervor, segundo suas possibilidades e o tempo que tiver determinado para isso".

g) A verdadeira instrução: fazer tudo por amor, glória e louvor de Deus

14. Revelação sobre a pessoa sem instrução. Ela estava preocupada, pois lhe parecia que as atenções exigidas por seu ofício eram um obstáculo à oração. Quando [Gertrudes] orava por ela, recebeu do Senhor a seguinte resposta: "Não a escolhi para

que me sirva apenas uma hora por dia, mas para que esteja o dia inteiro e continuamente em minha presença, isto é, que realize todas as suas obras para minha glória, com a mesma intenção com que desejaria dedicar-se à oração. Que acrescente, por devoção, o desejo de que todas as obras que realiza em seu ofício e todas as pessoas que delas se beneficiam, sejam alimentadas não apenas no corpo, mas espiritualmente atraídas ao meu amor e confirmadas em todo bem. Quantas vezes ela fizer isso, suas ações e trabalhos serão para mim como pratos preparados e temperados com um molho deliciosíssimo".

CAPÍTULO LXXIV

O Corpo da Igreja de Cristo

1. Quando, em outra ocasião, orava por uma pessoa, apareceu-lhe o Rei da glória, nosso Senhor Jesus Cristo. Seu corpo mostrava o corpo místico da Igreja, da qual Ele se digna ser e chamar-se esposo e cabeça. O lado direito de seu corpo parecia adornado com magníficas vestes reais, enquanto o lado esquerdo estava nu e coberto de chagas. Ela compreendeu que o lado direito

do Senhor simbolizava a Igreja com todos os santos, que, pelo dom da graça e pelos méritos das virtudes, foram prevenidos pelo Senhor com as bênçãos de sua doçura. Pelo lado esquerdo eram designados os imperfeitos, que ainda permanecem em seus defeitos. Os ornamentos que embelezavam o lado direito do Senhor significavam os dons e benefícios que alguns, por especial devoção, oferecem àqueles que reconhecem por se destacarem com especial privilégio de virtudes ou por uma graça especial de intimidade divina. Porque todas as vezes que alguém faz o bem aos eleitos de Deus com a graça que lhes foi concedida, tantas outras o lado direito do Senhor aparece adornado com novo esplendor.

Há alguns que com prazer fazem o bem aos homens bons por amor a Deus, mas reprimem com dureza os defeitos dos maus ou dos imperfeitos; assim contribuem mais para feri-los com suas impaciências do que para animá-los à emenda. É como se batessem furiosamente com os punhos nas chagas do Senhor, das quais espirrasse de repente pus no rosto daqueles que assim repreendem, manchando-o e desfigurando-o. Mas o Senhor, benigno, vencido por sua própria ternura e movido pelo amor de seus amigos mais íntimos — aos quais essas pessoas fizeram o bem — age como se nada visse. Olha apenas os benefícios recebidos por seus amigos, e com os ornamentos que adornam seu lado direito, ou seja, com os méritos de seus escolhidos, limpa as manchas do rosto dos outros.

O Senhor acrescentou: "Quem dera que alguns, ao menos

para curar as chagas de seus amigos, se dignassem a aprender como curar as feridas do meu corpo, que é a Igreja — isto é, os defeitos do próximo! Primeiramente, tratá-los com mansidão, ou seja, buscando com caridade e conselhos delicados a correção dos defeitos do próximo. Se perceberem que desse modo não se consegue nada, procurem a cura com correções progressivamente mais firmes.

Mas há aqueles que parecem não se preocupar com minhas chagas. São os que, conhecendo os defeitos do próximo, os escarnecem e os jogam na cara, mas não dizem uma só palavra para corrigi-los, a fim de não se causarem incômodos. Aplicam sobre minhas feridas um emplastro não para curá-las, mas para que se corrompam e se encham de vermes. Enquanto isso, com seu silêncio, deixam crescer os defeitos do próximo, que talvez pudessem ter sido corrigidos com algumas palavras."

"Alguns manifestam os defeitos do próximo para que se corrijam, mas se veem que não se corrigem ou não se arrependem como gostariam, irritam-se e, indignados, decidem no coração não dizer mais nada nem corrigir ninguém, pois lhes parece que suas observações não são minimamente atendidas. No entanto, repreendem duramente o próximo em seu interior; outras vezes se deixam levar pela maledicência, mas não dizem uma palavra para advertir à emenda. Parece que esses colocam um emplastro sobre minhas feridas que cobre o inchaço por fora, mas por dentro tortura minhas chagas, lacerando-as dolorosamente como com um

tridente de fogo.”

“Os que poderiam corrigir o próximo, mas se abstêm mais por negligência do que por malícia, são como os que pisam meus pés. Os que fazem de bom grado a própria vontade, sem se preocupar em escandalizar algum dos meus eleitos, contanto que satisfaçam seus desejos, transpassam cruelmente minhas mãos com agulhas de fogo.”

Há também outros que amam com sincero afeto seus superiores bons e religiosos, e, como é justo, os exaltam e reverenciam com palavras e obras; mas desprezam os superiores rebeldes e imperfeitos, denigrem todas as suas obras e os menosprezam com dureza de coração, julgando-os severamente. Esses parecem adornar dignamente o lado direito da minha cabeça com pérolas e pedras preciosas, mas rejeitam impiedosamente e golpeiam com punhos o lado esquerdo e chagado da minha cabeça, que eu desejava repousar sobre eles para descansar. Outros adulam as más obras dos prelados e superiores para ganhar sua amizade e conseguir maior liberdade para servir aos caprichos de sua vontade. Esses parecem virar dolorosamente minha cabeça para trás, insultar sarcasticamente minha dor e alegrar-se com os vermes que corroem minha cabeça.”

Se por esta revelação nosso Senhor Jesus Cristo se identifica tanto com sua Igreja, a ponto de os bons serem como o lado direito de seu corpo e os maus o lado esquerdo, todo cristão deve empenhar-se ao máximo para ajudar tanto o membro sadio

quanto o enfermo do corpo de Cristo. Porque seria verdadeiramente abominável que um amigo desse socos, aplicasse emplastros envenenados, rejeitasse sua cabeça reclinada sobre si ou a torcesse violentamente para trás.

Por isso, cada um deve rejeitar interiormente o ter tratado com tanta crueldade seu Senhor Deus, Criador e Redentor, ao invés de tê-lo servido. Deve cuidar de ordenar sua conduta de tal maneira que deseje mais ser útil do que causar dano ao seu fidelíssimo Remunerador em todas as suas ações, conforme a medida de suas forças. Faça todo o bem que puder aos mais perfeitos para maior glória de Deus, incentivando-os a fazer o bem. Empenhe-se em mover os imperfeitos à conversão.

Mais ainda, submeta-se com sincero amor a seus superiores. Procure obedecer e ser solícito em todo o bem, e suportar com bondade os defeitos, mas não adulando os culpados. Se não puder corrigi-los com palavras, procure melhorá-los, conforme suas possibilidades, com constantes desejos e orações oferecidas a Deus do íntimo de seu coração.

CAPÍTULO LXXV

Exploração Espiritual

1. Uma pessoa se encomendou a [Gertrudes] com especial fervor. Ao chegar, como de costume, ao oratório para começar sua

oração, ela desejava alcançar do Senhor que fizesse essa pessoa participar de tudo o que o Senhor queria realizar nela, embora indigna, por meio de suas vigílias, jejuns, orações e demais atos de piedade.

O Senhor lhe respondeu: "Eu, certamente, lhe comunicarei todos os benefícios que minha bondade transbordante te concede e concederá gratuitamente até o fim da tua vida."

Ela replicou: "Toda a tua santa Igreja participa de todos os dons que por mim e, embora indigna, por meu intermédio e pelo de outros eleitos, te dignas realizar. O que deve, então, essa pessoa receber de especial da tua bondade, se desejo com especial afeto torná-la participante de todos os benefícios que de ti recebi?"

O Senhor respondeu com esta comparação: "Uma jovem nobre, habilidosa em adornar artisticamente diversos enfeites com pérolas e pedras preciosas, que se adorna a si mesma e enfeita também sua irmã com eles, é motivo de glória e honra para seu pai, sua mãe e todos os seus parentes. Se ela mesma confecciona os colares e braceletes, ainda que não sejam tão requintados como os próprios, recebe louvor e apreço por parte das pessoas, mais do que suas outras irmãs que não se adornam assim.
Do mesmo modo, ainda que a Igreja participe dos benefícios concedidos a cada fiel, quem os recebe pessoalmente obtém o maior proveito; e aquele a quem, por especial afeto, se deseja fazer participante desses benefícios, recebe o máximo fruto e vantagem."

2. Então [Gertrudes] disse ao Senhor que essa mesma pessoa, durante a doença da cantora Dona M [Matilde de Hackeborn, recentemente falecida], a havia ajudado muitas vezes com seus próprios recursos, mas estava entristecida por não ter sido correspondida com os mesmos cuidados. Mais ainda, sentia-se aflita por mal ter falado com ela sobre a salvação de sua alma, por medo de distraí-la ou cansá-la.

O Senhor respondeu: "Pela boa vontade com que tantas vezes fez o bem à minha amada com alegre generosidade, com o desejo de ajudá-la — e me serve todos os dias à mesa como um príncipe ilustre serviria ao seu imperador —, eu me comprazo em tudo o que (Matilde) me serviu fervorosamente com as forças que lhe foram dadas pela ajuda dessa pessoa (Gertrudes?). Em tudo o que ela (Matilde) comeu, bebeu, pensou, disse ou fez, aplicando-se a ajudar minha escolhida em suas necessidades, me alegro. Quanto à falha que lamentava — de raramente ter falado com ela — eu mesmo a suprirei, como um esposo apaixonado que, ao ver sua esposa docemente delicada, às vezes não se atreve a pedir o que deseja ardentemente por timidez; em outras ocasiões, ele se compadece de sua reserva e lhe concede com simplicidade o dobro do que ela esperava. Assim também eu suprirei, por mim mesmo, tudo o que lhe falta."

3. "Pela feliz congratulação com minha escolhida por todos os benefícios que lhe concedi, sua alma receberá no céu, dessa alma — minha esposa —, uma alegria incomparável por toda a

eternidade, o brilho de todos os meus benefícios e o fulgor imensurável que minha luz divina projeta sobre ela. Como o sol que brilha na água reflete seu resplendor na parede, assim brilhará o resplendor dos meus benefícios nas almas às quais concedi dons especiais na terra, com as bênçãos da minha divina doçura. Esse resplendor se refletirá eternamente nas almas daqueles que, com especial alegria, compartilham essa alegria com os outros — como um espelho limpo reflete com maior nitidez a imagem do que está diante dele."

CAPÍTULO LXXVI

Utilidade da tentação

1. Enquanto suplicava ao Senhor por uma pessoa tentada, ela recebeu esta resposta: "Envio e permito essa tentação para que reconheça e se arrependa de um defeito; ao arrepender-se, cuide de dominá-lo. Se não conseguir, humilhe-se. Com essa humilhação, quase todas as outras faltas que ainda não percebeu serão apagadas aos meus olhos. Costuma acontecer com alguns que, ao notarem uma mancha visível nas mãos, lavam-nas por completo, e assim acabam limpando outras manchas que não teriam limpado se não tivessem sido impulsionados por aquela mais visível."

CAPÍTULO LXXVII

A Deus agrada a comunhão frequente

1. Uma pessoa, movida por zelo pela justiça, irritava-se contra outras que considerava menos preparadas e devotas, mas que, ainda assim, se aproximavam frequentemente da comunhão. Por vezes, as repreendia publicamente, a ponto de assustá-las com suas palavras, fazendo com que não se atrevessem mais a comungar.

Enquanto [Gertrudes] orava por ela, perguntou ao Senhor como via essa atitude naquela pessoa. O Senhor respondeu: "Tenho minhas delícias em estar com os filhos dos homens (cf. Pr 8,31) e deixei este Sacramento com tanto amor para que fosse renovado em minha memória e comemorado com grande zelo; por isso, comprometi-me a permanecer com os fiéis até o fim do mundo (cf. Mt 28,20). Quem, com palavras ou persuasões, exceto em caso de pecado mortal, impede alguém de se aproximar deste Sacramento, interrompe ou dificulta que eu tenha minhas delícias com ele. Assemelha-se a um preceptor severo que proibisse ao filho do rei a companhia e diversão com outros meninos de sua idade, menos nobres ou mais pobres, com os quais o filho do rei se alegraria imensamente. Esse preceptor pensa que ao seu pupilo convém mais preservar sua dignidade do que brincar na praça com outras crianças."

Ela perguntou: "Se esse homem se propusesse a não fazer isso no futuro, o Senhor lhe perdoaria o que fez até agora nesse

assunto?”

O Senhor respondeu: “Não apenas o perdoaria, mas o acolheria, assim como o filho do rei acolheria seu preceptor se este, com terna serenidade, lhe permitisse brincar com seus amigos íntimos, que antes lhe havia proibido com dura severidade.”

CAPÍTULO LXXVIII

Como deve ser feita a correção fraterna

1. Quando Gertrudes orava por uma pessoa preocupada, temendo ter ofendido a Deus ao se aborrecer com as negligências de alguns — por recear que seu exemplo prejudicasse o progresso da vida regular e a observância — foi instruída pelo melhor dos mestres com estas palavras:

“Quem deseja que seu zelo seja, para mim, um sacrifício de louvor e de grande proveito para sua alma, deve cuidar de três coisas:

- Primeiro: manter sempre um semblante amável com a pessoa cujos defeitos corrige, e usar palavras e ações cheias de caridade conforme a necessidade.
- Segundo: evitar comentar essas negligências em lugares ou com pessoas onde não espera obter nenhuma emenda, nem da pessoa envolvida nem de quem escuta.
- Terceiro: se, em consciência, julgar que deve corrigir

algo, não se cale por respeito humano, mas procure com simplicidade a ocasião oportuna, para glória de Deus e salvação das almas, e exponha com caridade e proveito o defeito observado. Assim, será recompensado segundo o seu esforço, e não segundo o resultado obtido. Se nenhum fruto resultar, o prejuízo não será seu, mas daqueles que não aceitaram ou resistiram à correção."

2. Em outra ocasião, quando orava por duas pessoas que discutiam — uma por pensar que defendia a justiça, e a outra por crer que promovia a caridade com o próximo —, o Senhor lhe respondeu:

"Quando um bom pai vê seus filhos pequenos brincando e se entretendo em lutas amigáveis, por vezes dissimula e até sorri. Mas se percebe que um deles se levanta contra o outro com dureza, o pai intervém imediatamente e corrige severamente o culpado. Do mesmo modo eu, Pai das misericórdias, quando as vejo debaterem pacificamente e com boa intenção, dissimulo, embora preferisse que ambas gozassem de serenidade de coração. Mas se uma delas age com dureza contra a outra, não poderá evitar ser corrigida com o cajado da justiça paterna."

CAPÍTULO LXXIX

Benefício da oração no futuro

1. Uma pessoa se queixava frequentemente de não obter nenhum proveito das orações feitas por ela. [Gertrudes] apresentou isso ao Senhor e lhe perguntou qual era a causa.

2. O Senhor respondeu: "Pergunta-lhe o que ela consideraria mais proveitoso para seu primo ou qualquer outro de seus parentes, caso desejasse que lhe fosse concedido algum benefício eclesiástico: que lhe fosse concedido apenas o título do benefício eclesiástico ou também as rendas (mesmo que fosse apenas um jovem estudante), podendo ele dispor desse dinheiro como quisesse? A razão humana julgará que é muito mais proveitoso conceder ao jovem apenas o benefício eclesiástico, que lhe proporcionará grandes rendas quando alcançar a idade do discernimento. Se agora lhe forem dadas as rendas, poderá desperdiçá-las inutilmente por sua imaturidade e acabará ficando como antes — pobre e desventurado. Portanto, deve confiar na minha sabedoria e bondade divinas. Eu, que sou seu Pai, irmão e amante, disponho com maior solicitude e fidelidade o progresso de sua alma e de seu corpo do que qualquer parente poderia fazê-lo. Guardarei com diligente fidelidade até o momento oportuno preestabelecido, e o fruto de todas as orações e desejos oferecidos a mim por sua salvação, lhe será entregue de forma íntegra quando ninguém mais puder imprudentemente corrompê-lo ou diminuí-lo. Isso lhe será mais proveitoso do que se eu lhe concedesse algum consolo imediato logo após ser feita oração por ele, pois poderia ser

ofuscado pela vanglória, inflamado pelo orgulho, ou receber alguma prosperidade terrena que se tornasse ocasião de queda.”

CAPÍTULO LXXX

Vantagens da obediência

1. Enquanto uma hebdomadária (leitora semanal) recitava de memória a *capitula* nos maitines (orações noturnas), revelou-se a [Gertrudes] que ela o fazia por mandato de sua Regra, a qual exigia que essa leitura fosse feita de memória. Por isso, adquiriu tanto mérito como se tantas pessoas quantas palavras ela proclamou com esforço estivessem orando por ela diante de Deus. Com isso, entendeu as palavras que, segundo Bernardo, farão um homem dizer nos últimos momentos de sua vida acerca das obras realizadas durante ela: “Tu nos fizeste, somos obra tua; não te deixaremos, estaremos sempre contigo e contigo nos apresentaremos no julgamento.” Então, Deus permitirá que todos os atos de obediência apareçam como tantas pessoas ilustres que consolarão quem os realizou e intercederão por ele diante do Senhor. Assim, toda boa obra feita por obediência e com reta intenção alcançará ao homem o perdão de suas negligências, e isso será um grande consolo para o agonizante.

CAPÍTULO LXXXI

Oração pela hebdomadária que lia o Saltério

1. Outra hebdomadária, encarregada de ler os salmos designados pela comunidade, pediu a [Gertrudes] que rezasse por ela. Enquanto o fazia, [Gertrudes] viu em espírito o Filho de Deus tomando consigo aquela hebdomadária para apresentá-la ao trono do Pai. Pedia a seu Pai celestial que concedesse àquela pessoa a intenção de fidelidade e o amor com que o próprio Filho de Deus desejava que a glória do Pai e a salvação do gênero humano fossem dadas a ela — para que, com essa ajuda, ela alcançasse todos os seus desejos.

Enquanto o Filho do Pai supremo fazia tal súplica, parecia que a pessoa por quem se orava estava adornada com vestes semelhantes às do Filho.

Assim como o Filho de Deus está diante do Pai intercedendo pela Igreja, também [Gertrudes], como a rainha Ester, estava diante do Senhor Deus Pai com seu Filho para interceder pelo povo — ou seja, por sua comunidade.

Enquanto estava nesse estado, lendo o que estava prescrito em seu Saltério, o Pai celestial recebia cada uma de suas palavras de duas maneiras:

— Como um senhor que recebe de seu fiador o pagamento das dívidas em lugar dos devedores;

— E como um senhor que agradece ao seu procurador por lhe entregar o dinheiro destinado aos seus amigos mais queridos.

Parecia também que o Senhor concedia muitas vezes à

referida pessoa [Gertrudes] tudo o que ela desejava alcançar com suas orações pela comunidade. Ele a colocava em Sua presença para, por meio dela, conceder às outras irmãs tudo quanto desejassem, caso alguma lhe pedisse orações.

CAPÍTULO LXXXII

Beneficie-se da submissão

1. Ela rezava para que o próprio Senhor corrigisse certo defeito de um superior seu. Recebeu a seguinte resposta: "Acaso não sabes que não apenas essa pessoa, mas todos os que governam esta comunidade — tão querida por mim — têm alguns defeitos? Não é possível que exista alguém nesta vida sem faltas. Permito isso por causa da abundância da minha ternura, doçura e amor, com os quais escolhi esta comunidade, para que seus méritos cresçam de modo admirável. É maior virtude submeter-se àquele cujos defeitos são conhecidos do que àquele cujas obras parecem aceitas por todos."

Ela respondeu: "Embora, Senhor meu, eu me alegre com os méritos dos súditos, desejo que também os superiores estejam isentos de faltas, e temo que às vezes caiam nelas por fraqueza."

E o Senhor respondeu: "Eu, que conheço todos os seus defeitos, permito que às vezes se manifestem nas diversas preocupações que enfrentam; de outro modo, talvez nunca

chegariam a tamanha humildade. Por isso, assim como os méritos dos súditos aumentam tanto com os progressos quanto com os defeitos dos superiores, também os méritos dos superiores crescem tanto com os defeitos quanto com os progressos dos súditos — assim como, num corpo, os diversos membros contribuem entre si para a perfeição do corpo todo.”

Essas palavras a fizeram compreender a transbordante bondade da sabedoria divina, que com tanta habilidade dispõe todas as coisas para a salvação dos eleitos, permitindo defeitos a fim de conduzir a maiores progressos. Isso lhe parecia tão evidente que, mesmo se a bondade de Deus se manifestasse apenas nisso, todas as criaturas não seriam capazes de louvá-lo dignamente.

CAPÍTULO LXXXIII

A verdadeira purificação do homem

1. Quando orava por uma pessoa aflita, recebeu esta resposta: “Não percas a confiança, pois de modo algum permito que meus eleitos sejam provados acima de suas forças. Eu os acompanho sempre, levando em conta suas possibilidades. Como uma mãe que deseja aquecer seu filho ao fogo e sempre mantém a mão entre o fogo e o filho, assim também eu reconheço que é útil que meus eleitos sejam purificados pela tribulação — e não o faço para destruí-los, mas para prová-los e salvá-los.”

Ela também orava por outra pessoa, a quem tinha visto cair

em falta. No ardor de seus desejos, disse ao Senhor: "Senhor, eu, a mais insignificante das criaturas, ainda assim rogo por esta pessoa para tua glória. Tu, que és tão poderoso e estás acima de tudo, por que não me escutas?"

O Senhor respondeu: "Com minha onipotência, estou acima de todas as coisas; com minha sabedoria insondável, discirno tudo, e nada faço que não seja conveniente. Como um rei da terra, que tem força e vontade e deseja manter limpo seu estábulo, mas não o faz com as próprias mãos por não parecer apropriado — assim também eu não converto ninguém do mal no qual caiu por sua própria vontade, se essa pessoa não fizer esforço para mudar sua própria vontade e se apresentar a mim de forma disponível e digna."

CAPÍTULO LXXXIV

O Senhor supre o que falta ao homem

1**.** Um dia, ela viu uma irmã andando pelo coro durante os Maitines (ofício da noite), para advertir outras irmãs a observarem certas cerimônias, cujo esquecimento poderia causar confusão no ofício divino. Ela perguntou ao Senhor como Ele aceitava essa diligência.

E o Senhor respondeu: "Eu mesmo supro tudo o que possa faltar na devida devoção e atenção daquela que, com o desejo de glorificar-me, se empenha em evitar toda negligência no ofício

divino — e procura fazer com que os outros também façam o mesmo.”

CAPÍTULO LXXXV

Oferecendo adversidade

1. Ela orava por uma pessoa aflita com a doença de um familiar que temia perder em breve. Foi instruída pelo Senhor com estas palavras: “Quando alguém teme perder ou perde um amigo querido — daquele que não apenas lhe oferecia o consolo da amizade, mas também conselho para o progresso de sua alma — e essa pessoa me oferece com reta vontade a amargura que oprime seu coração; se, podendo razoavelmente manter esse amigo por perto, aceita voluntariamente ficar sem ele para minha glória, e prefere que minha vontade se cumpra com a perda do amigo, ao invés da sua própria vontade que se realizaria mantendo-o, pode ter certeza de que, se conservar essa disposição mesmo que por apenas uma hora, depois dessa hora minha vontade divina guardará essa oferta com a mesma nobreza e perfeição que ela manteve em seu coração naquele momento. E tudo o que ela sofrer posteriormente por causa da fragilidade humana contribuirá para sua salvação eterna. Todos os pensamentos que amargurarem seu coração — como pensar no consolo, na ajuda, no alívio que poderia ter naquele amigo de quem foi privado — esses e outros

pensamentos semelhantes que, por fraqueza humana, afligem o homem, depois dessa oferta inicial, servirão para preparar em sua alma um lugar para a consolação divina. Pois quero infundir em sua alma tantas consolações quantos forem os pensamentos dolorosos que consentiu em seu coração após ter feito essa oferta.

Quase que por necessidade, minha bondade natural me obriga a agir assim — como um artesão que se vê compelido a preencher a peça de ouro ou prata que criou com tantas pérolas preciosas quantas configurações em forma de pérola havia feito nela anteriormente. Minha consolação pode ser comparada às pérolas preciosas, pois se diz que algumas delas têm propriedades especiais. Da mesma forma, toda consolação divina que o homem adquire ao preço de um sofrimento passageiro tem uma força tão grande que jamais alguém deixaria de lado algo tão valioso, se minha consolação divina não lhe restituísse o cêntuplo nesta vida, multiplicado na outra.” (*cf. Mt 19, 29*)

CAPÍTULO LXXXVI

As manchas da virgindade

1. Em outra ocasião, [Gertrudes] orava por uma pessoa que desejava ardentemente possuir diante do Senhor o mérito da virgindade, mas temia ter contraído alguma mancha por fragilidade humana. Essa pessoa apareceu a ela nos braços do Senhor, vestida

com uma túnica branca como a neve, mas com pregas indecorosas. Sobre isso, o Senhor a instruiu com estas palavras:

"Quando, por fragilidade humana, a virgindade adquire alguma mancha e o homem se arrepende verdadeiramente disso, minha bondade transforma essa falha em ornamento da alma; assim, essas manchas embelezam a virgindade como os pliegues embelezam uma vestimenta. Mas, como não pode deixar de se cumprir a Escritura que diz: 'A incorrupção aproxima de Deus' (*Sb 6,19*), essas mesmas manchas podem vir de pecados tão graves que impeçam a doçura do amor divino, como o excesso de roupas numa esposa que, de certo modo, dificultam os abraços do esposo."

CAPÍTULO LXXXVII

Obstáculos à efusão da graça

1. Em outra ocasião, enquanto orava por uma pessoa que desejava alcançar a graça da consolação divina, [Gertrudes] recebeu esta resposta do Senhor:

"Ela mesma é um obstáculo para si, que a torna incapaz de receber a doçura da minha graça. Pois quando eu atraio os meus eleitos com o sopro do gosto pela intimidade do amor, aquele que se obstina em seu próprio juízo se torna impedimento para si mesmo — como quem cobre o nariz com as vestes para não sentir

o perfume. Mas aquele que, por amor a mim, renuncia aos seus próprios gostos para seguir a opinião alheia, aumenta seus méritos tanto mais quanto mais fortemente luta contra si mesmo. Nisso há não só humildade, mas também a força da vitória. Por isso diz o Apóstolo: 'Não será coroado senão aquele que lutar conforme as regras'" (*2Tm 2,5*).

CAPÍTULO LXXXVIII

A boa vontade é como uma obra já realizada

1. Também orava por uma pessoa que sofria muito com certo trabalho que lhe havia sido imposto. [Gertrudes] foi instruída pelo Senhor com esta resposta:

"Se alguém, por amor a mim, deseja realizar um trabalho penoso — mesmo temendo que isso se torne um obstáculo à sua devoção — mas ainda assim prefere que se cumpra a minha vontade, apesar da dificuldade para sua alma, eu valorizo essa vontade como se fosse uma obra já realizada e já em andamento, mesmo que nunca venha a ser completada. Isso é, para mim, um fruto tão grande como se todo o trabalho fosse efetivamente realizado sem a menor negligência."

CAPÍTULO LXXXIX

As coisas externas não devem ser preferidas às coisas internas

1. Ela rezava por outra pessoa que se afligia com frequência por certas atitudes tomadas por ela mesma. [Gertrudes] recebeu esta resposta: "Com essa contradição, eu a purifico da negligência em que caiu ao condescender demasiadamente de forma humana com essas atitudes, e por, de certo modo, ter preferido o proveito das coisas exteriores ao progresso das coisas interiores."

Ela replica: "Já que não podemos viver sem a ajuda dos bens exteriores, que falta cometeu ao se ocupar deles, se inclusive lhe tinham sido especialmente confiados?"

O Senhor respondeu: "Pertence à honra e dignidade de uma jovem nobre usar sob o manto roupas de finas peles. Se ela as veste do avesso, aquilo que antes realçava sua dignidade e elegância torna-se agora ignomínia e confusão. Por isso, a mãe que não suporta ver sua filha ridicularizada, se nada mais puder fazer, ao menos a cobre com outro manto, para que não a tomem por louca. Assim também eu, que amo ternamente esta minha filha, cubro esse defeito com diversas contrariedades que frequentemente permito que lhe aconteçam pela mesma razão, sem que ela tenha culpa direta disso.

Além disso, eu a revisto com especial decoro pela sua paciência. Pois ordenei no Evangelho que se buscasse primeiro o

Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6,33) — ou seja, o progresso das coisas interiores. Quanto às coisas exteriores, não disse que fossem buscadas em segundo lugar, mas prometi que seriam acrescentadas às primeiras.”

Todo religioso que deseja ser um amigo especial de Deus, considere com grande atenção a importância destas palavras.